
UNIVERSITY OF TORONTO
3 1761 01453710 4


Julio
Diniz
INÉDITOS E
ESPARSOS

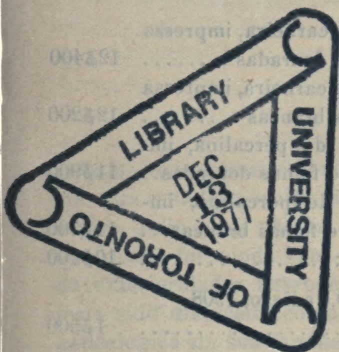

AS·PUPILLAS·DO
SENHOR·REITOR
UMA·FAMILIA·INGLEZA
OS·FIDALGOS·DA·CASA
·MOURISCA
A·MORGADINHA·DOS
·CANNAVIAES
SERÕES·DA·PROVINCIA
INEDITOS
POESIAS





JULIO DINIZ

INÉDITOS E ESPARSOS



PALAVRAS PRELIMINARES
DE SOUSA VITERBO



TERCEIRA EDIÇÃO



DO MESMO AUCTOR

Grande edição illustrada d'**As Pupillas do Senhor Reitor,** com 30 aguarellas a côres e 127 gravuras originaes de Roque Gameiro, 1907.

Encadernado com capa de carneira, impressa a ouro e verde e folhas douradas .... 12$400
Encadernado com capa de carneira, impressa a ouro e verde e folhas brancas .... 12$200
Encadernado com capa de percalina, impressa a ouro e verde e folhas douradas.. 11$900
Encadernado com capa de percalina, impressa a ouro e verde e folhas brancas... 11$700
Em brochura .... 10$200

A Morgadinha dos Canaviaes, 9.ª edição, 1908.
1 vol. enc. .... 1$500

Os Fidalgos da Casa Mourisca, 8.ª edição, 1907.
1 vol. enc. .... 1$500

Serões da Provincia, 7.ª edição, 1908.
1 vol. enc. .... 1$000

Uma familia Ingleza, 9.ª edição, 1910, com o retrato do auctor.
1 vol. broch. 900
1 vol. enc. .... 1$200

As Pupillas do Senhor Reitor, 14.ª edição, 1909, com o retrato do auctor.
1 vol. broch. 900
1 vol. enc. .... 1$200

Poesias, 4.ª edição, 1909, com o retrato do auctor.
1 vol. broch. 900
1 vol. enc. .... 1$200

Palavras preliminares

I

Se o genio é uma vesania, um producto de degenerescencia, um estado morbido do espirito, uma loucura sublime emfim, Julio Diniz não foi um escriptor genial. E ainda bem que o não foi, ainda bem que se não revelou por uma serie de exterioridades nevropathicas, d'outro modo a sua vida teria sido dissecada como uma peça anatomica e a arvore genealogica da sua familia teria sido sujeita ao mais minucioso exame critico, para n'ella se descobrir a origem e o encadeamento da sua tara avoenga. *Triste e irrisorio dom!* chamou um poeta á intelligencia funesta, (1) e com effeito aquelles em cujo cerebro desabrochou mais exhuberante esta flôr maldita, bem devem ter sentido, a par dos mais inebriantes perfumes, os mais venenosos efluvios. Recreiam-se com a sua forma deliciosa os olhos dos que passam; ferem-se com os seus espinhos os proprios que a alimentam.

Outrora os homens eminentes, já pelo saber, já por outras qualidades notaveis, eram o ludibrio das paixões contemporaneas, das rivalidades mesquinhas, da malquerença dos emulos, dos odios da inveja. Com o derradeiro suspiro des-

(1) Claudio José Nunes, *Scenas contemporaneas, A Intelligencia,* poesia dedicada a Latino Coelho.

appareciam quasi sempre os motivos da acrimoniosa lucta e concorrencia pessoal, e a corôa do martyrio convertia-se em corôa de louros. O *pó levantado* tinha emfim um remanso na paz do sepulchro e, findas as batalhas da vida, não se levantavam, como agora, as tempestades da morte, que revolvem e dispersam o *pó caído*. Não se discute, não se aprecia unicamente a obra que nos encheu de commoção ou de espanto; trata-se sobretudo de investigar as causas mais ou menos pathologicas que poderiam ter concorrido para a creação d'essa maravilha. O genio não é a constante depuração da intelligencia, o grau supremo da perfectibilidade mental, antes parece, pelo contrario, resultar do concurso de muitas circumstancias anormaes, d'uma degenerescencia, que se vem manifestando, de geração em geração, por diversos caractéres. O homem de genio quasi que chega a ser um criminoso, e justo é que elle expie a culpa de possuir essa faculdade excepcional, como se a febre do talento que o devora não bastasse a amargurar-lhe a existencia convulsionada. A psychiatria, no seu ardôr de prescrutar os segredos da natureza humana, o funccionamento do seu organismo mais intimo, tem exigencias crueis que fazem d'ella uma nova inquisição. O Santo Officio, impulsionado pelo fanatismo, recorria ao potro e á fogueira para extrair dos christãos novos as particulas judaicas ou de qualquer outra seita e raça infecta. O fanatismo scientifico é sugestionado por outros sentimentos e por outras ideias, no intuito exclusivo de apurar a verdade, mas vê-se fatalmente constrangido a cair n'uma intolerancia identica. As consequencias a que nos conduzem as suas doutrinas não são por certo as mais consoladoras. Christovam Colombo, para alguns não passa d'um charlatão ou impostôr, para outros ainda é menos que um visionario, é um demoniaco possuido da phobia de descobrir um novo mundo. E o proprio Christo, depois de ter subido o Golgotha, é agora crucificado em novo Calvario, sugeito a mais dura condemnação que a da lei farisaica e da justiça de Pilatos. Ah! como devem estar satisfeitos e esfregar as mãos de contentes os mediocres, que

descem á vala commum, sem um episodio na vida que os realce, um numero apenas, e não um epitaphio, na sua humilde lousa! Se são felizes os povos que não teem historia, mais felizes se devem considerar os homens desprovidos de talento, os pobres de espirito a quem as Bemaventuranças promettem o reino do céu.

Julio Diniz não necessitou de se exteriorisar phenomenalmente para perpetuar o seu nome, e dár ás suas obras uma popularidade merecida. O genio não é sempre uma anomalia, uma explosão de degenerescencias hereditarias. A sua vida decorreu geralmente serena, semelhante ao lago crystalino, cujas aguas nunca se increspam pela tormenta, reflectindo apenas as sombras d'algumas nuvens passageiras. Diversas circumstancias contribuiram para este resultado, não sendo a menor a do seu temperamento, solidamente constituido, insensivel ás fortes commoções perturbadôras. O seu espirito recto, bem equilibrado, como que parecia obedecer ás ponderações do calculo. Effectivamente, quem bem attentar na marcha evolutiva dos seus progressos scientificos e litterarios, virá no conhecimento de que elle tinha traçado, desde muito môço, um plano que nunca deixára de cumprir á risca. A sua incontestavel modestia era tambem um designio, um proposito com o seu fito feito. Embora não se possa diser que elle fosse verdadeiramente uma creança-prodigio, é certo porém que elle sentiu a vibora da poesia e da litteratura a morder-lhe a flôr dos seus onze ou doze annos. Occultou porém, como n'um sacrario, a vocação irresistivel e no silencio do gabinete, sem revelar o seu segrêdo, sem espandir-se com mais ninguem, continuou, á semelhança dos martyres nas catacumbas de Roma, a adorar mysteriosamente a sua divindade. Elle bem sabia que a pecha de litterato e de poeta podéra ser nociva á sua carreira scientifica, e por isso se manteve cautelôso, á espera do momento opportuno, certo de que a sua terra natal não professa a doutrina de Antonio Ferreira, de que as musas não fazem damno aos doutores. E assim, n'esta constancia heroica, trilhou brilhantemente as veredas escolares, obtendo

premios em todas as cadeiras dos cursos superiores, concluindo a formatura e alcançando, depois de notaveis provas, um logar distincto no corpo docente da Escola Medica. Esta conquista não se effectuou isolada, porque simultaneamente as garras do seu talento litterario ficavam gravadas bem fundas em livros impereciveis. Que admiravel tenacidade, que soberba e inexcedivel porfia, para assim, á custa de tanto trabalho, corôar com tão virentes laureis os seus trinta e dois annos, que tantos foram aquelles que durou a sua curta peregrinação na terra.

Alem de um cerebro finamente equilibrado, de um espirito esclarecido, de uma energica fibra moral, outros motivos não menos influiram para contrabalançar as desditas e contrariedades que são os marcos miliarios, que mais frequentemente se levantam no caminho, que nos é dado percorrer. Se a sórte o não assignalou no berço, como de Camões disse um dos seus mais dilectos admiradores, a felicidade, pelo contrario, veiu estender-lhe a mão, logo ao esboçar as suas primeiras composições litterarias, tão auspiciosamente bafejadas. O apparecimento das *Pupillas do sr. Reitor* marcou epoca, sendo unanime o côro dos applausos, com que foi festejada aquella obra encantadôra. O enthusiasmo explodiu em toda a linha, e tanto os doutos, como o publico menos illustrado consagraram com a sua admiração o talento desconhecido, o novo astro, que vinha de surpresa occupar um logar de primasia na constellação dos romancistas portugueses. Elle devia sentir-se orgulhoso, intimamente satisfeito, se a sua modestia não o pozesse ao abrigo das tentações da vaidade. O incentivo, porém, não lhe faltava e este balsamo consoladôr, se não fechasse as feridas da sua alma, serviria para acalmar os soffrimentos do seu organismo physico.

No emtanto outros factores poderiam e deveriam affligil-o e quando não lhe inoculassem o fel da amargura, pelo menos ter-lhe-iam propinado o veneno do desalento. Cedo havia deixado de abrigar-se á sombra das azas maternaes, e, como se esta orphandade não bastasse, a morte não cessava

de desimar os seus irmãos, e elle mesmo sentia imminente sobre a sua cabeça o raio que o havia de ferir, o phantasma da terrivel molestia, que era o apanagio da sua familia e que seguia incessante, espião sinistro, a marcha da sua mocidade, apparentemente florída. Que dolorosa perspectiva se não desenrolava diante dos seus olhos, e como o seu coração se não confrangeria, ao reconhecer que lhe faltaria o tempo necessario para espandir a sua actividade cerebral, para soprar o *fiat lux* á face das creações que lhe tumultuavam na mente! Os sonhos do artista desceriam, como nebulosas de um firmamento ideal, como seres embrionarios da sua phantasia ardente, á estreiteza do sepulchro, que tão precocemente estava aguardando o seu cadáver. Toda a sua estructura moral, por mais valente que fosse, estremeceria de certo, ao pensar que em breve seria lançado no *in-pace*, que o redusiria ao silencio perpetuo.

Outro qualquer, que não fosse Julio Diniz, não teria resistido quasi silencioso, a este açoute da desgraça, e soltaria, como allivio á sua magua, os gemidos da doença que o ia devorando implacavelmente. Não rugiu como o leão ferido, não se estorceu no leito das agonias reaes e imaginarias, não fez das suas dôres e dos seus desenganos a lithania dos pessimistas e dos revoltados. Era brando, era submisso, e soffreu resignado, revelando apenas, na convivencia de alguns intimos, n'um desafogo internecido, os desalentos que o minavam. Uma ou outra vez perpassam-lhe no cerebro algumas ideias pavorosas, alguns pensamentos lugubres, mas são como fogos-fatuos, de que não fica rescaldo. Das cartas dirigidas a Custodio Passos recortarei dois periodos que nos denunciam intenções sinistras (1), que parecem to-

(1) Affiança-me pessoa de familia, caracter probo e espirito esclarecido, que o projecto de Julio Diniz se limitava exclusivamente a abandonar o Porto, cujo clima considerava nocivo para o seu melindroso estado de saude. Esta deliberação, porém, encontrava serios obstaculos, pois tinha de mudar por completo do rumo até alli tão afincadamente seguido, modificando os seus habitos, transformando o seu destino, in-

davia não se fixarem, degenerando ou abortando ao calôr de mais gratas esperanças. De Lisboa escrevia elle a 5 de março de 1869:

«Não é o amôr ao Porto o que me prende. A minha familia é cada vez mais limitada. Se não fosse meu pae, talvez me resolvesse a dár um golpe de estado d'esses que me attrahissem dos homens sensatos o epitheto de *pateta*. Meu pae, porém, está hoje mais isolado do que nunca.»

Este periodo é pouco explicito, um tanto vago, podendo dar logar a mais de uma interpretação. Ha outro, porém, de mais inilludivel cruesa. É do Funchal, a 20 de fevereiro de 1870, que elle transmitte por esta forma a desoladora fluctuação do seu espirito, que se deixava inquinar nas horas de isolamento, do estado morbido do seu organismo:

«Como é natural, n'estas longas horas que vou consumindo

---

terrompendo a carreira que tão auspiciosa se lhe desenhava no futuro. O seu logar de professôr não era só um glorioso e honrado ganha pão; era tambem a melhor garantia da sua independencia litteraria e scientifica. Não conseguindo transferir-se, em egualdade de circumstancias, para a Escola Medica de Lisboa, ver-se-hia obrigado a exercer a clinica em qualquer recanto da provincia, o que seria diametralmente opposto aos seus habitos e tendencias, ou então a dedicar-se ao cultivo das lettras, o que produsiria uma afanosa canceira, superior ás suas forças phisicas. É certo que os seus romances tinham extraordinaria acceitação, e que o seu nome adquirira grande popularidade, mas toda a gente sabe como cairam extenuados na lucta os escriptores portuguezes que tentaram viver exclusivamente da penna, por mais fecunda e prestigiosa que fosse. Comprehende-se portanto, como o projecto que elle chegára a afagar, deveria ao mesmo tempo seduzil-o e inquietal-o, inquietando egualmente as pessoas sensatas, ou que se dizem taes, e que veriam n'isso por conseguinte o tresvario, como elle tanto suspeitava.

Se outras ideias, ainda mais perturbadoras do que esta, mais carregadas e sinistras, lhe perpassaram na mente, foram ellas tão rapidas, tão intermittentes, que não chegaram a ter persistencia nem formaram continuidade. A sua rija tempera moral, junta a uma grande afabilidade, ministravam-lhe a resignação sufficiente, para resistir, com um especial estoicismo, a todos os caprichos da adversa fortuna.

Sirvam estas linhas de indispensavel coefficiente de correcção ao que se lê no texto. Corrigem e esclarecem.

sem fazer nada, tem-me passado pela ideia os projectos mais extravagantes. Felizmente, porém, a descrença que tenho de acertar com o melhor caminho n'este labirintho da vida, traz-me em uma irresolução, que me não deixa pôr em pratica nenhum d'aquelles projectos.»

Vê-se que elle fluctua irresoluto, irresolução que é propria de todos aquelles em cujo craneo se ferem as luctas do sêr e do não sêr. Que admira, porém, que assim aconteça, quando os espiritos mais lucidos e mais crentes, como o de Lamartine, estão sugeitos ao ataque do desespêro e soltam d'estas imprecações apaixonadas, que são ainda mais que blasphemias, quando saem dos labios d'um homem, cujos gózos materiaes, cujos vôos d'altaneira intelligencia apenas soffreram uma paragem pelo desvio da corrente electrica, da sua arrojada phantasia. A voluptuosidade espiritual cessou de funccionar, e d'ahi irrompeu nos éstos da paixão a linguagem do imaginario precito. O illustre cantor das *Méditations* não passou pelos transes de Job e todavia, como se tivesse caido no fundo d'uma gehena, solta gritos dilacerantes, que produzem calafrios, como os que sôam n'estes versos:

«Quel crime avons nous fait pour meriter de naître ?
L'insensible néant t'a-t-'il demandé l'être ?
Ou l'a-t'il accepté ?»

Nem nas poesias, nem nos romances, nem nos outros escriptos e cartas familiares de Julio Diniz se encontra um bramido tão intenso e tão prolongado como o *Désespoir* de Lamartine. O sorriso ironico, a lagrima furtiva, o queixume paciente, a saudade, lamentosa como o canto de Alcione, taes são em geral os accentos maguados ou irritantes da musa inspiradora de Julio Diniz. Apezar de alguns naturaes desfallecimentos de animo, elle aproxima-se mais de Silvio Pellico, que de Schopenhauer.

II

Julio Diniz nasceu a 14 de novembro de 1839, na rua do Reguinho, proximo das duas egrejas de S. Francisco e a curta distancia da parochial egreja de S. Nicolau, onde foi baptisado. A poucos passos, a rua dos Banhos, de bolorenta memoria, e logo Cima de Muro, a remirar-se no Douro, tão crystalino e placido no estio, tão impetuoso e barrento no inverno, inundando com frequencia as ruas marginaes, que transforma n'um simulacro de Veneza. O inverno, no Porto, quando rigoroso, é bastante aspero e deixa no visitante uma impressão desagradavel. Ha cincoenta annos, um dia de chuva torrencial e continua era um espectaculo devéras contristadôr, e só n'um lar bem confortado se podiam passar sem grande aborrecimento essas longas horas de penosa monotonia. A agua dos beiraes, não canalisada, projectava-se das goteiras, em catadupas estrondosas, sobre o pavimento das calçadas, formado de grandes lagedos. O movimento tornava-se estacionario, porque eram raros os transeuntes que tinham a ousadia de apanhar aquellas immensas *douches*. Os americanos, a que succederam os electricos, ainda então eram desconhecidos e os trens de praça eram raros. De quando em quando rodava lentamente um carro puxado a bois, guiado por homens ou mulheres, envoltos nas suas palhoças, ou capas de palha.

A chuva é substituida muitas vezes pelos nevoeiros, que envolvem a cidade n'um manto sombrio mas phantastico. O granito, de que são construidas as casas, escurece ainda mais, como que reflectindo, o pardacento da atmosphera. Este aspecto taciturno explica-nos em grande parte a melancholia que reveste os cantos dos poetas portuenses. Nos versos de Soares de Passos é onde geme com mais suavidade a nota da tristeza.

Áparte esses intervallos para assim diser de luto, a alegria espande-se no mais ridente panorama. O Porto, já pela

sua situação, já pelos seus arredóres, já pelos seus custumes, é uma cidade campesina. A cada passo se nos depara um trecho idylico, que está a pedir a palheta d'um Teniers ou a flauta pastoril d'um Theocrito. Nos dias chamados de feira, ou antes de festa, o Porto é inundado por uma alluvião de camponezes, que o transformam n'um enorme e movimentado presepio, de figuras de tamanho natural. Dir-se-hia que pelas ruas se estendem fitas de animatographos, tal é a vivacidade dos grupos, a elegancia de certos typos femininos, de tão variados e pittorescos trajos.

Julio Diniz, em mais de uma das suas cartas, não revela extraordinario enthusiasmo pela sua terra natal, mas isto talvez não passasse de breves impulsos de mau humôr, como zeloso amante que, quanto mais desdenha, mais estremece a sua namorada. Eu estou persuadido que, fóra d'aquelle ambiente, elle não teria produsido as scenas deliciosas que tanto nos deleitam, nem retratado as personagens que tanto nos sedusem. As *Pupillas do sr. Reitor* são a mais bella, a suprema expressão do romance bucolico. Mas que differença enorme das perspectivas arcadicas de Sanazaro ás paysagens de Julio Diniz! Elle é o herdeiro e o continuadôr do genio de Jorge de Montemór, Rodrigues Lobo e de João Nunes Freyre (1), seu patricio, mas as suas personagens não professam o amôr delambido, d'um falso platonismo, dos protagonistas da escola do *Pastôr Peregrino*. O *João Semana*, o *José das Dórnas*, o *Reitor*, e tantos outros, teem sangue nas veias, fallam a linguagem commum, agitam-se na vida real, fazendo parte integrante da humanidade.

Ha quem diga que Julio Diniz não é um escriptor realista, na mais lata accepção da palavra, e que as figuras dos

(1) O padre João Nunes Freyre, contemporaneo de Francisco Rodrigues Lobo, é um dos que mais se aproximam, no seu romance os *Campos Elysios*, do auctôr do *Pastôr Peregrino*. Foi tambem professôr de grammatica latina e compoz um cartapacio de syntaxe, que lhe promoveu questões com os jesuitas, receosos da concorrencia que lhes fasia um tal emulo.

seus romances não foram copiadas fielmente do vivo. Póde sêr que assim seja, não o nego em absoluto: Julio Diniz se não foi um photographo, foi todavia um pintôr, que soube espiritualisar os seus retratos. Nota-se n'elle, mais do que a expressão da verdade, a expressão da verosimilhança. Não se duvida da sua existencia e crê-se que foram ou deveriam têr sido assim. Não raro os nossos pensamentos e a nossa maneira de actuar coincidem exactamente com as ideias, os propositos e as acções, d'esses individuos, a quem podemos tirar o chapeu, quando passam diante de nós, porque, se não são da nossa convivencia, pelo menos lembramo-nos de os haver visto já em alguma parte. Julio Diniz, de genio concentrado, tinha o instincto da observação e nada escapava ao seu olhar prescrutadôr. No *João Semana* e no *Richard Whitestone* apparecem transparentemente as linhas da phisionomia moral de alguem que não lhe era extranho. O caracter de seu pae, apparentemente brusco, pouco espansivo, mas de um inexgotavel fundo de bondade, é em parte o modelo d'aquelles dois admiraveis typos.

Julio Diniz seguia na esteira de Henry Conscience e de Carlos Dickens, inspirando-se tambem, com toda a certeza, nos romanticos franceses. Na *Morgadinha dos Cannaviaes* ha porventura affinidade ou reminiscencias do *Roman d'un jeune homme pauvre* de Octave Feuillet. Dos escriptores portugueses ha dois que vivamente o impressionaram, um dos quaes tem com elle grandes pontos de contacto. Medico tambem, roubado á cultura das lettras em toda a exhuberancia da sua actividade, Rodrigo Paganino deixára um livro, os *Contos do tio Joaquim,* que Julio Diniz reverenciava, indicando-o como uma das mais salutares leituras para as escolas de instrucção primaria, de preferencia aos *Lusiadas* ou ao *D. Jayme*. A carta, em que elle analysa a obra do insinuante contista, do prestigioso evocadôr do *Thomaz dos Passarinhos* e em que expressa ao mesmo tempo as suas ideias sobre a litteratura em geral, é um numero que deve sêr incluido na estensa bibliographia da *Questão de bom senso e bom gosto*.

O outro escriptor é nem mais nem menos que Alexandre Herculano, que foi um dos primeiros a saudar com o mais caloroso affecto a estreia surprehendente do juvenil romancista portuense. Julio Diniz agradece internecido a lisongeira apreciação do mestre, e diz-lhe que aproveita o opportuno momento de pagar uma divida de gratidão, confessando que o *Parocho d'Aldeia* lhe sugerira os lineamentos constituitivos do seu *Reitôr*.

Nas cartas particulares de Julio Diniz deparam-se-nos subsidios valiosos para conhecer a sua maneira especial, o systema e plano dos seus romances, o quanto se preocupava com os successos que narrava e com os entes a quem exteriorisava com tamanha vivesa e propriedade. Elle vivia com as suas personagens, e, como era bondoso, repugnava-lhe a companhia de sugeitos de má nota. Os seus romances não eram um amphiteatro anatomico, a clinica hospitalar ou o carcere nauseabundo, onde a doença e o vicio despontavam n'uma vegetação de hediondos parasitas. Apesar de medico, as deformidades phisicas e moraes não cabiam na sua alçada ortopedica. Se alguem discordava das peripecias do enrêdo, do seu desenlace ou da natureza de certas personagens e lhe propunha algumas modificações, elle respondia escrupulosamente, que a sua probidade litteraria não lhe permittia enganar o publico, dando em segunda edição, uma cousa differente da primeira.

O estylo de Julio Diniz não se póde dizer que tenha fulgurações que deslumbram e arrebatam, nem que a sua linguagem se recame de taes atavios e tal vernaculidade, que a possamos considerar irreprehensivel. O primeiro visconde de Castilho, em carta que lhe dirigiu e que está hoje patente (1) observa-lhe, no meio dos mais pomposos elogios, que no seu modo de dizer se assinalam resaibos de francesismo. Castilho era demasiado pechoso n'este ponto, e talvez exagerasse na sua apreciação. Seja ou não verdadeira a sua cri-

(1) Damos, em seguida a este estudo, publicidade á carta do Visconde de Castilho. — *Editor.*

tica, o que ninguem póde contestar é que Julio Diniz escrevia com uma sobriedade, com uma singeleza e até com uma elegancia encantadora. A sua simplicidade avassala-nos e a gente chega a pasmar como elle, com os seus processos e com os seus meios apparentemente modestos, consegue obter o que muitos jámais alcançaram com as pompas da sua linguagem declamatoria. E' que debaixo das folhas delicadas e das mimosas flores do prado, que elle reunia com tão artistico desalinho, circulava a seiva do talento, aquecida na chama da imaginação creadora.

III

No espolio litterario de Julio Diniz encontram-se alguns fragmentos, pelos quaes se vê que elle não tratava os assumptos de afogadilho, confiado na inspiração momentanea, antes tracejava primitivamente o plano geral, accentuando os pontos principaes. Assim é que possuimos o esboço de alguns capitulos de um romance historico, que se desenrola, com intrincadas peripecias, na côrte de D. João II. Ficou incompleto, e por isso mal se póde calcular até onde chegaria a phantasia do auctor, n'um genero inteiramente opposto áquelle que tão brilhantemente cultivou. Sem duvida que elle não se deixaria guiar apenas pelos impulsos da imaginação, e que estudaria com o maximo empenho os acontecimentos e os actores d'aquelle periodo bastante revolto. Temos, porém, o prazer de gosar por completo os summarios d'uma pequena novela, em que predomina o sentimento do sobrenatural. Mais uma feição nova da sua phisionomia litteraria, que não foi tão restricta, como até agora se julgava. Outra prova d'esta asserção está no esqueleto, ou nas primeiras scenas d'um drama, que não concluiu.

Julio Diniz tinha propensão para o theatro, e é muito possivel que elle nos deixasse, se mais afincadamente se dedicasse a este genero, brilhantes testemunhos da sua malea-

bilidade litteraria. Os elementos dramaticos não faltam nos seus romances, e tanto que das *Pupillas do sr. Reitor* se chegou a extrair um drama, que, não saiu porventura um primôr d'arte, pela razão do adaptadôr se apropriar demasiado das scenas do romance, em vez de aproveitar a acção e o desenho das figuras. (1) E' este um defeito que transparece com frequencia nos dramas sacados dos romances.

O amôr de Julio Diniz pelo theatro, alem d'um drama de que restam as primeiras scenas, deduz-se de alguns factos ainda ha bem pouco tempo trazidos a publico. Sabe-se que fizera parte, como actôr, de uma companhia de curiosos organisada pelos irmãos Lusos, a qual funccionou a principio n'um theatrinho construido n'uma casa da rua do Bomjardim. Mais tarde esse grupo deu recitas no antigo theatro da rua de Liceiras, hoje Camões, sendo provavel que os periodicos da epocha se referissem aos trabalhos d'aquelles fervorosos cultores de Melpomene, alguns dos quaes deixaram bom nome na litteratura e no professorado.

No reportorio contavam-se peças originaes devidas á penna de Henrique Augusto da Silva, irmão de Augusto Luso. Tanto este como o terceiro irmão, Eugenio, não deixariam de prestar tambem a sua colaboração literaria.

Augusto Luso pertenceu sempre á roda dos intimos de Julio Diniz. Bello caracter, era natural a afinidade de sentimentos e ideas que os atrahia. Não obstante o seu tipo romantico, o seu rosto de Nazareno, o seu ar de sonhador, Augusto Luso, não se deixára arrastar pelas audacias poe-

---

(1) Ha outras peças extraidas dos romances de Julio Diniz. O sr. Carlos Borges tirou um drama da ***Morgadinha*** e outro dos ***Fidalgos,*** dramas que foram representados nos theatros de Lisboa e Porto. O sr. Alberto Estanislau tambem extraiu um drama dos ***Fidalgos,*** que não foi representado, segundo diz o continuador do Diccionario Bibliographico.

Ultimamente o sr. Anthero de Figueiredo, reiterando o exemplo de Ernesto Biester, extraiu de novo um drama das ***Pupillas,*** o qual foi levado á scena no theatro de D. Maria II. Sabe-se tambem que o sr. Luiz Caldeira tem concluida a adaptação para o theatro do romance ***Morgadinha dos Cannavizes.***

ticas dos revolucionarios de 1830, e conservara-se irreductivel na sua fé ás tradições arcadicas. Como homem e como professor conquistava as simpathias dos que lhe ouviam as suas palavras didaticas e amenas, instructivas e deleitosas, sobre os mais diversos assumptos. Recitava primorosamente e dispunha de variadas aptidões, não sendo escasso o seu genio inventivo, como o provou n'um aparelho destinado a demonstrar os movimentos cosmogenicos. Julio Diniz alude por vezes á sua paixão pelas sciencias naturaes, prometendo ajudá-lo na colheita dos moluscos, que era a sua mais cara especialidade.

Augusto Luso era um dos membros mais salientes e caracteristicos do grupo adoravel, de que fazia parte Julio Diniz, e dos quaes são bem poucos os que restam, a contar, com a sua apagada reminiscencia, as memorias desse enternecido cenaculo, feito de bondade e de talento.

IV

Julio Diniz aprova a doutrina de Thackeray, de que as cartas das pessoas illustres devem ser dadas á publicidade, por isso que fornecem elementos preciosissimos para a sua biographia, e para a historia da sociedade em que viveram, como tambem nos ajudam a ter mais pleno e exacto conhecimento do caracter individual. Com efeito assim succede, pois n'uma carta transparecem de ordinario os sentimentos espontaneos, que não tiveram tempo de passar pelo prisma, de uma reflexão serena e meditada. Os mais calculistas, os que mais se preocupam com a sua pessoa, os que nunca desleixam a fórma, e fazem das missivas um genero literario, os Plinios de todas as epocas, que estão com a mira no aplauso dos contemporaneos e no juizo critico dos vindouros, esses mesmos teem seus momentos descuidosos, em que se humanizam, baixando do pedestal em que a si proprios se divinizaram.

É preciso todavia confessar que nem sempre as correspondencias nos devem merecer absoluta confiança, e que nos cumpre sujeital-as a um escrupuloso criterio, para não formularmos um juizo leviano e apaixonado das pessoas que as escreveram. Convem estudar as circumstancias em que foram ditadas, a ocasião em que foram produzidas, as suas causas determinantes. Se a correspondencia não forma serie completa, a falta de uma carta, que modificasse sensivelmente outra anterior, póde conduzir-nos a illações erroneas. Nunca são por tanto superfluas as cautellas, os coeficientes de correcção que oportunamente tenhamos de aplicar.

Eu não sei se Julio Diniz pensou alguma vez que as suas cartas familiares se tornassem publicas, vindo portanto a sofrer as consequencias da sua doutrina. Elle, porém, não tem muito a queixar-se das suas indiscreções epistolares, embora em algumas das suas cartas, sobretudo na correspondencia trocada com Custodio de Passos, nos leve a descer do conceito que se formara da sua ingenuidade, da sua timidez, da sua candura. Não, elle, não era um ingenuo, um laureado com o premio de virtude da Academia francêsa. Era homem, e como tal deixa perceber algumas pequeninas fraquezas, se fraquezas são. A sua modestia não é impeccavel, e é com uma certa sobranceria e desdem, que elle olha de soslaio para alguns literatos e sujeitos de vulto com quem se encontra, ou de quem fala incidentalmente.

São desabafos que rebentam instinctivos dos labios, sem sairem do coração. Não ha ninguem, por mais moderado que seja, que não sinta de longe a longe estas expansõezinhas ironicas, a pungente delicia de brincar com o epigramma e até com o sarcasmo. São tiros que se arremeçam inconsideradamente; pedras que não tornam mais á mão de quem as expediu. Se esses trechos voltassem ao seu poder estou certo que Julio Diniz os emendaria, como corrigia as provas dos seus livros.

Ha todavia uma carta, joia das mais preciosas do escrinio epistolar português, que bastaria a sanar e redimir todos os defeitos das suas companheiras, se por acaso fosse preciso

passar ao de leve a esponja da indulgencia pelas suas pequeninas manchas sem importancia. Terminadas as lides afanosas do seu concurso, assegurada a sua carreira profissional, adquirida emfim a posição que lhe grangeava uma independencia honrosa e brilhante, Julio Diniz dirige-se a seu pae, do modo mais terno e affectuoso, no cumprimento do mais santo dever filial, a patentear o seu reconhecimento pelos beneficios que recebera durante a sua trabalhosa porfia escolar e educativa. Ninguem dissera que estava alli o homem feito, o estudante laureado, o lente d'uma escola superior, mas sim o timido e envergonhado collegial, que vinha penitenciar-se e pedir perdão d'alguma travessura de rapaz. E note-se ainda mais; a carta é escripta tão despretenciosamente, que mais é para admirar o effeito maravilhoso que ella nos produz, devido exclusivamente á profunda sinceridade do sentimento que a ditou.

N'um trecho d'outra carta evidenceia-se ainda a afabilidade de Julio Diniz, que era uma perfeita creança, quando evocava alguma recordação saudosa, algum episodio memoravel da sua vida domestica. Na Madeira recebeu elle a commovente noticia da morte de uma tia, que um anno antes lhe velara a cabeceira de enfermo com extremosa dedicação materna. O exilado curva-se com intensa magua deante d'aquella imagem, que se reflecte nas suas lagrimas como uma das visões mais docemente insinuantes do seu paraiso poetico. Coração gratissimo, pagava em moedas de ouro, as dividas do seu reconhecimento.

V

É, pena que se extraviasse irremediavelmente a correspondencia dirigida a Julio Diniz, a qual sem duvida nos forneceria particularidades interessantes para a sua biographia e, quem sabe, se algum raio de luz que illuminasse os recessos do seu coração misterioso. Apenas resta uma re-

lação dos literatos que enviaram missivas, agradecendo a oferta dos livros e saudando o astro que despontava, com extranho esplendor.

É possivel que nem tudo se reduzisse a felicitações enthusiasticas, e que, entre os encomios surgissem os reparos, as advertencias, mais ou menos judiciosas e plausiveis, motivo de sobejo para mais deplorar tão irreparavel perda. Ainda assim esta lista não é tão despicienda, que não sirva para demonstrar, quaes os homens de letras, com quem estava relacionado, ou a quem, sendo-lhe pessoalmente desconhecido, votava maior consideração e estima.

Ocultando o rosto com pequena e setinosa mascara feminina, adoptando outro pseudonimo, o de Diana de Avelleda, Julio Diniz publicou uma serie de cartas, endereçadas a outra senhora igualmente supposta, em que o seu talento irradia sob feições novas, não menos captivantes, mais reflectidas e substanciosas, não obstante a sua forma ligeira e desafectada. O critico d'arte, o philosopho, o moralista concretisam-se, em sintese luminosa na mesma personalidade, um professor ou antes uma professora emerita, que sabe ensinar sem rispidez, sem entonos pedantescos de pedagogo filaucioso.

Não é preciso friccionar muito a epiderme do homem de sciencia para se encontrar logo, debaixo das mais tenues camadas, o poeta. Julio Diniz não percorre os campos, que elle tanto amava, para colher as flores e espremêl-as cruelmente nas folhas de papel d'um erbario commum. A Botanica não é para elle a deusa tutelar da natureza. Elle sente a alma das rosas silvestres, no colorido que as esmalta, e no suave perfume que d'ellas se evola, e o estontêa, vê-as estremecer com os fremitos da viração, com os harpejos da aurora, e imagina outras tantas noivas pudibundas, quando recebem os primeiros beijos dos esposos queridos, um pantheista, que fica embevecido na contemplação da paisagem, e que embala a imaginação no canto das aves, no zumbido dos insectos, no murmurio dos ribeiros, na orchestra indefinida, cujo invisivel regente só os predestinados conseguem descobrir.

Nestes quadrosinhos rusticos, emoldurados de giestas, tão vaporosa e tão ridentemente fixados na pupila de Julio Diniz, entresacha elle de quando em quando alguma narrativasinha romantica, á similhança do que fez Garrett, com a *menina dos rouxinoes*, nas *Viagens na Minha Terra*. Uma toada melancolica n'um scenario de festa!

Á educação da mulher consagra Julio Diniz o melhor do seu affecto e o melhor do seu pensamento. Para elle a mãe de familia é a mulher biblica, a mulher forte, forte pela consciencia dos seus deveres, preparada para as lutas da existencia, de razão clara para afastar os perigos e arrostar com elles, de coração terno para resignar-se com o infortunio e suavisar as desgraças estranhas, cobrindo com as suas asas os entes que a rodeam, e que depositam nella a sua esperança e o seu consolo. A mulher futil, tão leviana de espirito como de caracter, a gralha que se enfeita nas salas com as prendas do colegio, como se foram as pennas de um pavão, a mulher nestas circumstancias quasi que não passa de um objecto de ornato social e, o que é peior ainda, de um objecto dispendiosissimo. Julio Diniz tinha a sua *cartilha maternal*, em que só liam com proveito as mães que não declinavam em outras mulheres a sua missão divina: as mães que não colocavam aos peitos das amas os seus filhos, nem entregavam exclusivamente ás mestras a educação dos mesmos. As mães que não velavam constantemente pelo bem estar da sua prole querida, abandonando a sua direcção espiritual, não eram dignas de tal nome.

Neste ponto, Julio Diniz era um visionario. Bem se vê que elle fôra educado numa escola autoritaria, numa sociedade burguêsa, cujos rigidos principios, começados já então a ser considerados como preconceitos, desapareceram totalmente, como tantas outras velharias, na versatilidade das modas e nos rumores estonteantes do progresso; e a cabeça do eminente romancista ainda não tinha experimentado a vertigem do automobilismo!

VI

Um parentesis, um tanto obscuro e enigmatico abre-se na vida de Julio Diniz.

Ignora-se se foi só na sua phantasia que desabrochou o lirio imaculado dos amores, ou se chegára a enraizar-se profundamente no seu coração. Amou? Foi amado? Acaso não houve na sua vida um romance verdadeiro, sentido e não pensado? O nome da heroina d'este episodio, se ao culto de uma unica divindade elle se votou, exclusivamente, não transpira das suas confidencias, nem nas memorias da familia ficaram vestigios d'essa paixão.

Em uma das cartas a Custodio Passos, ha um trecho que no-lo faria supor refractario aos amavios da mulher amada, se todas as paginas dos seus livros não fossem percorridas por uma corrente de extrema sensibilidade. Ao receber a noticia de um casamento, elle considera a participação como um sintoma de mau agouro. Em outra parte, lastima o procedimento de um amigo que se consorciára.

Isto, porém, não é prova evidente de que elle fosse um celibatario convicto e professo. Ainda quando não tivesse inclinação pelo matrimonio, não se segue que a fibra do amor fosse negativa no seu organismo, aliás tão delicadamente vibratil. As circumstancias podiam ter contribuido para que elle não chegasse a realizar qualquer aspiração d'esta natureza, traduzindo o seu ideal no exacto cumprimento dos deveres de um bom chefe de familia. Em uma carta da ilha da Madeira mostra-se elle agradavelmente impressionado com os encantos das filhas d'aquella formosa *flor* do Oceano, que não eram só enfermeiras do corpo, mas enfermeiras da alma. O veu do segredo levanta-se com tanta subtileza e discreção, que não nos é possivel descobrir a toda a luz o peregrino rosto que o fascinou. Se as faces macilentas das franzinas creaturas que o rodeavam projectavam sobre o seu espirito algumas sombras de pesar e de

amargura, outras havia que lhe inspiravam alguma coisa mais do que piedade. Neste caso aquella ingleza que elle saudou amoravelmente na sua chegada. e que viu dolorosamente partir para a viagem do infinito, rezando-lhe este maviosissimo responso poetico:

«Vi-a chegar. Nas faces descóradas
Trazia escripto o seu fatal destino.
Nem o sol d'estas plagas perfumadas
Pôde córar-lhe o rosto peregrino.

....
Queriamos-lhe tanto! áquella vida
Dir-se-hia que as nossas se ligavam:
Era como que a filha estremecida
De todos, por que todos a adoravam.

Vi-a partir. As palpebras cerradas,
Pallido e frio o rosto peregrino,
Sobre o nevado seio as mãos cruzadas,
E em tudo um raio de clarão divino.»

O Ticiano que opulenta a galeria das belezas femininas com os retratos que admiravelmente pintou nas paginas dos seus romances, não podia alimentar-se unicamente dos enlevos ficticios das heroinas que elle evocava, como se fosse um novo Pygmalião. No seu livro de versos temos o auto do corpo de delicto, a confissão iniludivel do proprio reu. Elle mesmo subscreveu as suas ephemerides amorosas. Julio Diniz amou e amou precocemente, com certo recato, receoso e timido, como se tivesse á flor dos labios o verso de Casimiro d'Abreu:

«És bella, eu moço, tens amor, eu medo!»

Um dos depoimentos de Julio Diniz acha-se na poesia datada de 1859, com o titulo de — *Emfim*. É um canto cheio de entusiasmo, em que celebra ardentemente a sua iniciação do amor. Remata por esta forma o seu hymno:

«Acorda, pois, ó minh'alma,
Chegou emfim tua festa,

E qual se adorna a floresta
Da manhan ao grato alvor,
Veste tambem tuas galas,
O teu mais florido manto,
E leva um sentido canto
Ao sol da vida, ao amor!»

A febre não durou muito. A exaltação foi momentanea, desfazendo-se como a espuma de uma taça de champagne. Meses depois em abril de 1860, parece contradizer-se na *Lava occulta,* em que faz a historia de uma paixão que brotára desde a infancia, e que nunca nitidamente se fizera comprehender. Um amor estranho, um concorrente preferido, ou mais acariciado viera intercalar-se entre os dois, dando motivo ao desabafo, ou resentimento do poeta:

«Bom é, pois, que não suspeites
Que esta frieza é mentida,
Que não vejas que envolvida
Occulta ardente paixão.
Quando teus olhares evito,
Quando julgas que medito,
Nunca saibas que me agito
Em profunda inquietação.»

Como quer que seja, conjuguem-se e interpretem-se de qualquer maneira as poesias de Julio Diniz, o que é inegavel é que elle amou, e sem duvida foi amado, por que, por todos os motivos, era bem digno d'isso. Quem seria a Marilia d'este Dirceu? Se ainda existe, que essa respeitavel senhora não tenha escrupulo em denunciar discretamente o seu nome, pois a posteridade julgar-se-ha com o dever e com o direito de proclamá-lo a par do da Beatriz, de Leonor e de Natercia. (1)

---

(1) Nada mais arriscado do que alguem aventurar-se a penetrar nos recessos da alma do poeta, mysteriosa gruta maritima de alguma divindade pagã. Ai! de quem imagina desvendar os segredos d'essa esphinge ou antes d'esse oraculo, cujas palavras se podem prestar a tão desvairadas interpretações.

Algumas notas, postas pelo proprio auctor, no album em que se

VII

Julio Diniz, posto que fallecesse com o dobro dos annos de Graziella, a preciosa miniatura de Lamartine, a sua morte pode considerar-se igualmente prematura. Terminada a sua laboriosa carreira academica, garantido um futuro brilhante, conquistado um logar de honra no banquete da vida, elle foi o infeliz convidado que desapareceu como a sombra biblica, *velut umbra,* transformada a mesa do festim em leito mortuario, e as rosas que lhe serviam de enfeite, em corôa de cipreste. Morreu cedo, quando o futuro lhe sorria auspicioso e quando a estrada que tinha a percorrer se dilatava mais ampla e menos escabrosa. Os amigos choraram a sua perpetua ausencia e o grande publico compartilhou da mesma dôr. Tanto pelo seu talento como pelo seu caracter, elle era bem digno de ser lamentado. O homem não valia menos que o romancista: um e outro faziam equilibrar o fiel da balança em que os pusessem ao mesmo tempo a amizade e a critica.

A morte de Julio Diniz foi geralmente considerada como perda irreparavel para a nossa literatura, quando é certo

---

acham transcriptas as poesias citadas no texto e transcriptas na edição moderna das Poesias a pag. 33 e 47 veem desnortear-nos completamente, como se o poeta, julgando-nos em baile de mascaras, nos quizesse intrigar com as suas revelações tão imaginosas como sinceras. Parece que ha n'isto uma tal ou qual contradicção, devendo porém considerar-se que o poeta é muitas vezes victima de si proprio, pois no momento da sua exaltação ha n'elle o desdobramento de duas entidades oppostas. O *Deus intus* subjuga-o, e a sua vontade é impotente para subtrair-se á força superior que o domina.

Quando isto succede com um poeta contemporaneo, com quem tivemos convivencia, e cuja vida não se occulta á nossa vista por nenhum véo impenetravel, o que não succederá com os poetas antigos, cuja biographia nos é quasi desconhecida?! Se Camões, por exemplo, voltasse a este mundo, que inexoraveis contas não teria que tomar aos seus commentadores!

que a sua actividade cerebral estava na maior exuberancia, sem o menor sintoma de desfalecimento ou cançaço. A sua individualidade estava definitivamente constituida, afirmando-se de um modo que não deixava sombra de duvida sobre a sua extraordinaria valia. A mina, porém, não se havia exgotado, antes á superficie brilhavam os filões de novas e não enganadoras promessas.

Se me é dado expôr com toda a franqueza a opinião que formo a este respeito, eu estou convencido que o espolio literario de Julio Diniz poderia opulentar-se com muitas e variadas producções, sem que todavia a fecundidade excedesse em merecimento a qualidade. Julio Diniz era incontestavelmente um escritor progressivo; os seus primeiros contos são já um primoroso ensaio, mas a perfeição suprema não tardou a atingi-la nos dois romances em que fez a sua apresentação ao publico. *Uma familia ingleza* e *As Pupillas do senhor Reitor* sahiram-lhe modelos do cerebro, como se foram outras tantas imagens de Minerva.

A *Morgadinha* e os *Fidalgos*, ainda que não contestem a paternidade, ainda que se reconheça nelles a nobreza da mesma linha heraldica, talvez occupem n'uma quasi invisivel diferença, um logar immediatamente subalterno.

E' possivel que Julio Diniz, mais alentado nas suas tentativas, se as forças phisicas lho permitissem, se dedicasse com ardor ao genero dramatico, e neste ponto muito haveria a esperar da sua incontestavel aptidão. Não lhe faltavam para isso recursos, como já tive ensejo de dizer, e como muito bem se evidencia nos seus romances e nas suas poesias, algumas das quaes dialogadas com facilidade. A urdidura de uma peça dramatica, não seria, portanto, empresa insuperavel, para quem possuia o segredo do entrecho, do dialogo e da pintura dos caracteres.

Sou o primeiro a reconhecer quanto a minha opinião é fallivel, quanto a minha theoria é arriscada, e quanto é difficultoso tirar o horoscopo de um escriptor pelas obras que nos legou. O estudo comparado não nos offerece absoluta confiança, porque os exemplos são contraditorios. Se ha es-

criptores, que não sofreram nunca, na sua chama sagrada, intermitencias de luz e calor, outros ha que sofrem eclipses no seu genio, e nem o proprio Homero deixou de dormitar algumas vezes.

Victor Hugo conservou sempre a mesma pujança intelectual, como se tivesse bebido na fonte da juventude perenne, mas não falta quem prefira ás obras da sua gloriosa velhice, as da sua mocidade, menos emphaticas e mais sentidas. Cervantes, se não tivesse vivificado com o sopro divino, a figura lendaria de D. Quixote, não seria o primeiro luminar da literatura hespanhola, e um dos mais radiosos vultos do pensamento universal.

Em todo o caso quer Julio Diniz se excedesse a si proprio, quer se limitasse a ampliar, materialmente, para assim dizer, o numero dos seus livros, é fóra de duvida, que elles continuariam a produzir a mesma impressão, e a ser acceitos e lidos, com indizivel encanto.

VIII

Não foi sem relutancia que accedi ao encargo de escrever algumas linhas preliminares para este volume de escriptos avulsos e ineditos do auctor dos *Serões de Provincia*. Faço esta declaração para salvar a minha responsabilidade, pois os que me não conhecem de perto, poderiam julgar-me tão jactancioso ou tão inconsciente que pretendesse desfraldar a bandeira do meu obscuro nome, para n'ella envolver um nome consagrado. Não me colloquei sequer ao lado de um vulto eminente para d'elle receber o reflexo de sua gloria. A *Rhopica Pnefma*, (1) ou Mercadoria Espiritual de Julio Di-

(1) E' este o titulo de uma obra de João de Barros, que nella se manifestou moralista, assim como se manifestou historiador nas *Decadas da Asia*, romancista no *Clarimundo* e philologo na primeira *Grammatica* da lingua portuguêsa.

niz não precisa de contramarca ou reclamo para continuar a ser bem acolhida em todos os mercados literarios. Se conquistou desde logo a estima e consideração dos seus contemporaneos, os vindouros não lhe tem recusado o pagamento do tributo merecido. Na impossibilidade de illuminar estas paginas com uma serie de considerações em que fizesse a analyse da obra de Julio Diniz, assignalando o logar que lhe compete na historia literaria e social da sua patria, determinando as afinidades de escola em que se iniciou e quaes as influencias que exerceu, limito-me a patentear aqui o testemunho da minha solemne homenagem á memoria de um dos filhos mais illustres da minha terra natal.

Bemfica, rua Duarte Galvão, 18 de abril de 1909.

Sousa Viterbo.

Carta do Visconde de Castilho a Julio Diniz ácerca do seu romance Uma Familia Ingleza, *transcripta, por amavel concessão do sr. Visconde de Castilho (Julio), das* Novas Telas Literarias *(vol. III)* (1)

Ex.mo Sr. Joaquim Guilherme Gomes Coelho.

Recebi, mas só muitos dias depois, o exemplar, com que V. E. me obsequiou, do seu romance *Uma familia ingleza.*

Dizer a V. E. que nos lançámos a elle com verdadeira soffreguidão, fôra uma superfluidade; accrescentar que o levámos de um fôlego, sem a minima distracção, até á ultima pagina, e que depois d'ella nos estava ainda inteiro o apetite para o dobro, ou o triplo, outra superfluidade não menos excusada.

Sim senhor: a sua inglezinha não é menos para amores que a Margarida. Esta sua segunda filha ha-de-lhe dar tanta gloria como a primogenita; e se lh'a não der maior, é porque não pode ser.

Coisa muito para se citar com louvor e admiração n'este seu novo livro, é (quanto a mim) que, sendo tão sobrio o enrêdo, e tão pequeno o theatro da acção, o interesse d'ella é todavia dos mais poderosos. O talento real foi sempre assim, e assim é tambem em todos os seus poemas a Natureza: de elementos minimos compõe, sem esforços nem violencia, os maximos effeitos.

Deus o conserve (e já se vê que o ha-de conservar até ao fim) no optimo systema que adoptou.

Outros que o elogiem (e com esses tambem eu faço côro) como escriptor de romances já distintissimo, não só para entre nós. Eu, por cima d'esse merito reconheço-lhe ainda o de philósopho e moralista, que algum dia tem de ser collocado entre os de primeira plana. Theophrasto e La Bruyère não debuxaram com mais exacção os caractéres. Balzac mesmo não lê mais por dentro nos individuos. V. E., além do esmero com que nos pinta o mundo exterior, e nos photographa a sociedade, tem o raro dom da intuspecção no mais eminente grau. Cumpre o *nosce te ipsum;* sciencia rara! e ousa (o que tambem não é vulgar) não desviar jámais os olhos da eterna maxima, risota hoje para muitos:

Rien n'est beau que le vrai, le vrai seul est aimable.

Agora, se, depois de me atrever a apontar-lhe o que em V. Ex. me captiva, como a todos, me póde ser consentido aventurar um conselho, só ditado pelo empenho de o ver perfeito, pedirei a V. E. que, para as suas obras seguintes, forceje por se conchegar cada vez mais com a vernaculidade d'esta nossa tão bem dotada Lingua, e que, por isso mesmo, tanto merece ter em V. Ex. um seu futuro classico dos maiores quilates.

Muitas paginas das suas, sem deixarem de ser portuguezas teem (e a rasão, ou rasões, que para isso ha, facilmente se concebem) um cheiro mais da França que da nossa terra; e quer V. E. ver a prova? eil-a aqui, e parece-me irrecusavel: muitos capitulos seus, especialmente n'este segundo romance, sem se poder bem affirmar que desdizem do nosso fallar genuino, correm todavia tão impregnados do estylo, da locução, e (como dizem) do *espirito* parisiense, que nada seria mais facil que passal-os para logo ao mais puro francez.

Não chamarei a isto um peccado *mortal;* e creio até... (á puridade lh'o confesso) que o nosso idioma,

como alguns outros (porém o nosso mais que todos), tende já inevitavelmente á total absorpção e assimilação do francez; e sei até, que para muitissimos dos nossos leitores o afrancezado do estylo é já por si uma grande recommendação. Todavia, quizera que os homens mais insignes deste pobre cantinho, que ainda conserva a sua autonomia, e a deve zelar por todos os modos, fossem os ultimos em ceder á torrente, e lhe resistissem, ainda sabendo que ella ao cabo os devia de afogar!

Cultivemos, muito nas boas horas, e com a melhor vontade, o francez para interesse das sciencias, das artes, da civilisação, e de muitas outras coisas bonissimas. Ninguem, mais do que eu, ama a França e os seus talentos maravilhosos. Mas para a Literatura, bom é que nos conservemos, quanto e em quanto podermos, independentes, e anteponhâmos ao falar de lá aquella nativa fala em que nos criaram as nossas mães e os nossos campos, e da qual ainda nos correm vertentes caudaes dos livros pulverulentos, atrazados, e indigestos, dos nossos classicos, e até das conversações dos nossos criados velhos e dos nossos serranos.

Tudo isto o sabe e o sente V. E. melhor do que eu; e lá está, para o demonstrar, quasi todo o volume das *Pupillas do senhor Reitor*. Portanto, o que n'este logar lhe estou pedindo, não é de certo um sacrificio, e muito menos uma novidade; é só que: podendo-nos enriquecer, tendo-nos já opulentado a tantos respeitos, complete a sua corôa literaria com o laurel de puritano.

Outro só reparo faria eu, ainda que menos affoitamente: e seria que, para a minha minha maneira particular de sentir, ha talvez, de longe em longe, nos escritos de V. E. uma (como direi eu isto?) uma especie de minuciosidade, particularmente no tocante á analyse dos affectos, que afrouxa momentaneamente o interesse das narrações. Este defeito (se *defeito* é) teem-n'o em commum V. E., Walter Scott, Cooper,

Hugo, e, mais que todos, o seu irmão primogénito, o autor da *Comedia humana*. Ha quasi gloria, confesso, em commungar com taes homens. Não obstante, a sobriedade não mesquinha de Molière (o primeiro poeta do Universo, como no seu enthusiasmo o intitula o meu amigo Julio Janin) tenho que é mais invejavel e mais para ser citada n'esta parte como bom modelo.

Se é isto minucia, ou tontaria minha, V. E. que m'a perdôe, lançando-a á conta do empenho com que me desvelo na sua gloria.

V. E. está ainda muito moço; vai n'uma edade em que se pode muito, e se pode tudo que de veras se quer. Possue além d'isso um optimo senso, um gôsto dos mais seguros, e uma vontade, que não recua diante da escabrosidade dos trabalhos.

Se, portanto, os meus dois alvitres, ou algum d'elles, lhe tocar, certifico que d'aqui avante os seus poemas (assim podemos já chamar ás suas obras) teem de sahir ainda mais para admirações que os precedentes.

Acabo de fazer, como de si diz Horacio, vezes de pedra de amolar, que, sendo ella propria incapaz de cortar, põe o ferro em estado de cortar melhor.

Adeus, meu caro, meu prodigioso poeta. Creia nas veras com que me assigno.

Lisboa, 15 de julho de 1868.

De V. E.

admirador, confrade amigo,
e servo muito obrigado

A. F. de Castilho.



Casa em que nasceu Julio Diniz na rua do Reguinho — Porto

Desenho do sr. Antonio de Souza Nogueira, segundo indicações de seu pae.

APONTAMENTOS BIOGRAPHICOS

Julio Diniz (Joaquim Guilherme Gomes Coelho) nasceu no Porto, na rua do Reguinho, em 14 de novembro de 1839, sendo baptisado na egreja de S. Nicolau em 18 do mesmo mez e anno pelo abbade Faustino Guilherme Lopes, testemunhando esse acto, como padrinhos, seu irmão Guilherme Gomes Coelho e D. Rita de Cassia Pinto Coelho.

*

Era pae de Julio Diniz o cirurgião pela escola medica do Porto José Joaquim Gomes Coelho, facultativo effectivo do hospital da ordem de S. Francisco d'aquella cidade, com larga clientela nas freguezias de S. Nicolau e de Miragaia e, áquem Douro, em Villa Nova de Gaia. Nasceu em Ovar em 22 de agosto de 1802, sendo seus paes, naturaes de Ovar, José Gomes Coelho e D. Rosa Rodrigues. Em 20 de agosto de 1827 casou no Porto com D. Anna Constança Potter Pereira Lopes, tendo d'este matrimonio nove filhos, um dos quaes, o oitavo, foi Julio Diniz. Morreu em Lisboa aos 83 annos, em 21 de julho de 1885, sendo sepultado no cemiterio de Agramonte do Porto em jazigo de familia, onde jazem tambem os restos mortaes de seus filhos José e Joaquim (Julio Diniz).

*

A mãe de Julio Diniz nasceu no Porto, na rua de Cima do Muro dos Banhos, em 11 de janeiro de 1801; era filha de Antonio Pereira Lopes, portuense, empregado da Companhia Geral do Alto Douro e de D. Maria Potter, tambem portuense, mas filha de Thomaz Potter, inglez, natural de Londres e de Mrs. Mary Potter, irlandeza, ambos catholicos. Foi baptisada a mãe de Julio Diniz na egreja de S. Nicolau em 25 de janeiro de 1801, sendo seus padrinhos Pedro de Mello Breyner, governador das justiças e D. Anna Rufina Sousa Tavares. Falleceu, tuberculosa, em 25 de novembro de 1845.

*

Julio Diniz estudou as primeiras lettras na escola de Miragaia de Antonio Ventura Lopes, latim com o padre José Henriques de Oliveira Martins, francez com seu irmão José, então estudante, e inglez com o professor Narciso José de Moraes Junior.

Aos 14 annos incompletos, em 1853, havendo concluido o curso preparatorio do lyceu, matriculou se na Academia Polytechnica do Porto, que cursou até 1856, sendo premiado em todas as cadeiras que frequentou (1.ª, 2.ª, 7.ª, 8.ª e 9.ª).

Em 1861 concluiu o curso da Escola Medica, tendo sido premiado em todas as disciplinas e um anno depois teve uma hemoptyse, prenuncio da tuberculose pulmonar que o victimou, hereditaria de sua mãe e de que haviam morrido todos os seus irmãos, os ultimos dos quaes, Guilherme Gomes Coelho, medico, aos 27 annos, em 26 de outubro de 1855 e José Joaquim, engenheiro, com 21 annos, em 30 de dezembro do mesmo anno.

Em abril de 1863 concorreu ao concurso para o lo-

gar de demonstrador da secção medica na Escola do Porto, não concluindo as provas praticas por ter sido atacado de uma pneumo-hemorragia. Procurou então allivio aos seus padecimentos na villa de Ovar, durante os mezes de maio a setembro, hospedando-se em casa de uma tia, viuva, D. Rosa Zagallo, no Largo dos Campos n.° 14.

Dois annos depois, em novo concurso, foi o primeiro classificado e nomeado, em 20 de julho de 1865, demonstrador da secção medica. Em 27 de julho de 1867 foi promovido a lente substituto e nomeado secretario da Escola em 27 de agosto do mesmo anno.

Em fevereiro de 1869, aggravando-se o seu soffrimento, seguiu para Lisboa habitando, durante alguns dias, a casa da Rua Direita da Graça, n.° 35 — á Cruz dos Quatro Caminhos e em 5 de março embarcou para a Madeira, onde esteve até maio hospedado no Funchal, em casa das senhoras Pios (D. Romana e D. Josephina), que habitavam na rua da Carreira.

Voltou ao Funchal em 15 de outubro do mesmo anno, recolhendo ao Porto em maio de 1870.

Cinco mezes depois, em 15 de outubro de 1870, voltou ao Funchal, para a mesma casa, regressando ao Porto em maio de 1871, onde falleceu, em 12 de setembro, na casa da Rua Costa Cabral n.° 323, sendo sepultado no cemiterio de Cedofeita.

Em agosto de 1888, tendo sido condemnado o cemiterio de Cedofeita, foram trasladados os seus restos mortaes, bem como os de seu irmão José, para o jazigo n.° 58 do cemiterio privativo da Ordem de S. Francisco em Agramonte, onde havia trez annos estava sepultado seu pae, assistindo a este acto, como representantes da familia, os amigos de Julio Diniz, já tambem fallecidos, José Augusto da Silva e Francisco de Sousa Carqueja.

EDITOR.

NOTAS

NOTAS

Colhidas de um livro manuscripto.

EDITOR.

Principiei a escrever as Pupillas em Ovar (1863) durante os mezes de julho e agosto. Terminei-as no Porto em setembro ou outubro. Ficaram-me na gaveta até ao anno de 1866 em que resolvi publical-as. Alterei bastante o romance e ampliei-o introduzindo-lhe personagens e capitulos novos. Publicou-se em 1866 de março a julho. Publicou-se em volume em outubro de 1867. O primeiro exemplar brochado em 20 de outubro.

*
*   *

Os primeiros factos da minha existencia litteraria remontam aos 11 annos. Não os recordo porque pretenda persuadir-te que effectivamente de algum valor eram já essas façanhas de creança, mas tão sómente para me darem ensejo de fazer algumas reflexões sobre os motivos principaes que podem actuar sobre a inspiração nascente e crear o gosto pelas letras; assim como, mais tarde, apreciar as causas que podem educal-o em melhor caminho.

Permitte-me que te recorde alguns factos da minha vida.

Sabes que aos 5 annos fiquei sem mãe, que a nossa vida de familia...

...(Não continua).

*

* *

P. — Um homem que doma féras como está mais sujeito a morrer?

R. — D'uma dôr. (Domador).

P. — Que basta a qualquer para enriquecer?

R. — Ser Henrique. (Enrique-cer).

P. — Em que dia do anno tocam melhor os sinos?

R. — No dia de defunctos porque tocam todos a finados. (Afinados).

P. — Para que serve a cal na artilheria?

R. — Para fazer peças de cal e bronze. (Calibre onze).

P. — Qual é o exemplo d'um homem inevitavelmente incuravel?

R. — Um abbade sem cura. (Coadjutor).

Indice das cartas litterarias a proposito dos meus livros

8.ª	— A. F. de Castilho	4-11-67
9.ª	— Soromenho	10-11-67
10.ª	— Thomaz de Carvalho	14-11-67
11.ª	— E. Biester	14-11-67
12.ª	— A. F. de Castilho	19-11-67
13.ª	— Soromenho	26-11-67
14.ª	— Augusto Malheiro	28-11-67
15.ª	— Mendes Leal	2-12-67
16.ª	— Teixeira de Vasconcellos	2-12-67
17.ª	— Alexandre da Conceição	2-12-67
18.ª	— A. F. de Castilho	4-12-67
19.ª	— Silva Ferraz	8-12-67
20.ª	— Thomaz Ribeiro	15-12-67
21.ª	— Soromenho	18-12-67
22.ª	— Faustino de Novaes	23-12-67
23.ª	— Luciano Cordeiro	28-12-67
24.ª	— Soromenho	? - 1-68
25.ª	— Ed. A. Falcão	17- 1-68
26.ª	— Biester	7- 2-68
27.ª	— Biester	22- 2-68
28.ª	— Biester	9- 3-68
29.ª	— Faustino Novaes	23- 3-68
30.ª	— Abbade de Santa Maria de Pigeiros (?)	3- 4-68
31.ª	— Custodio José Duarte	13- 4-68
32.ª	— João Bastos	30- 6-68
33.ª	— João Bastos	13- 7-68
34.ª	— A. F. de Castilho	15- 7-68
35.ª	— Soromenho	16- 7-68
36.ª	— Julio de Castilho	21- 8-68
37.ª	— Thomaz Ribeiro	15-12-68
38.ª	— Julio de Castilho	4- 4-69
39.ª	— Directoria do gab. port. de leit. do Maranhão	24- 5-69
40.ª	— Teixeira de Vasconcellos	29- 7-69

Das cartas mencionadas n'esta relação existem na posse da familia de Julio Diniz apenas as duas que em seguida se publicam, do poeta portuense Faustino Xavier de Novaes.

EDITOR.

Illmo Sr.

Rio de Janeiro, 23 de dezembro de 1867.

Não sei se lhe será completamente estranho o nome que assigna esta carta. Nessa hypothese vão algumas palavras necessarias como exordio ao assumpto que me move a escrever-lhe.

Sou natural do Porto, lá passei a infancia e a parte melhor da mocidade. Filho de um pobre e honrado artista tive por brazões os callos que me deixára nas mãos o uso da ferramenta empregada no trabalho de ourivesaria, de que vivi muitos annos. Estudei as primeiras letras apenas. Appareceu-me tarde a paixão pela litteratura e se hoje não sou inteiramente ignorante, devo o pouquissimo que sei á perseverança com que me dediquei, em horas vagas, á leitura de bons livros e á convivencia que tive com litteratos, e especialmente com Camillo Castello Branco, a quem posso chamar mestre, como lhe chamo amigo. Publiquei dois volumes de versos satyricos e rabisquei por ahi muito papel em jornaes.

Loucuras do coração me impelliram a deixar a patria em 1858, dirigindo-me para aqui, onde me tenho conservado sempre e onde me esperam sete palmos de terra que o mundo não poderá negar-me.

A minha sahida foi traduzida ahi como ambição, ou

antes cobiça. Eu deixei ao mundo a liberdade da traducção, escondendo as minhas magoas onde não podesse perturbal-as o sarcasmo dos moralistas de mascara.

Tenho sido sempre infeliz, estou pobrissimo e altamente convencido que assim morrerei.

Cançado de dissabores, vivo retirado do mundo, que só frequento no exercicio de um emprego que me dá a subsistencia. Abandonei a litteratura, sem prejuiso para mim nem para ella e perdi de todo a vontade de escrever. Ao terminar esta pagina, perguntaria V. S.ª, se tivesse a quem, com que fim o estou eu massando com esta narração biographica. Eu lhe digo. Quiz mostrar-lhe que sei ler, que tenho coração e que sou fanatico por Camillo Castello Branco, para lhe dar depois os mais sinceros parabens pelo resultado do seu trabalho litterario *As Pupillas do Senhor Reitor*.

Ainda não vi aqui annunciado o livro á venda mas foi-me confiado um exemplar, de cinco que vieram para o Gabinete de Leitura, e li-o com prazer e com enthusiasmo.

Sinceramente lhe digo que ha muito tempo não encontrei um livro tão precioso como o seu.

Accresce em mim a circumstancia de me serem muito conhecidos os costumes do campo, que por varias vezes observei de perto e detidamente quando eu achava poesia em tudo o que a tinha.

Admirei, pois, a extrema verdade das suas descripções e lembrei-me com saudade de collegas que conheci do Reitor, do João Semana e do José das Dornas.

E' impossivel que V. S.ª não seja filho do José das Dornas; mesmo porque dizem os jornaes que o author do romance se chama Joaquim Guilherme Gomes Coelho e é lente na Eschola Medico-Cirurgica do Porto. Medico tambem era o Daniel.

Acceite, pois, os meus sinceros parabens e creia que

conto no numero das minhas magoas a impossibilidade em que estou de dar-lhe um abraço.

Oxalá que a vida lhe corra prospera e desassombrada e que a sua robusta intelligencia continue, com mais fructos como aquelle, a enriquecer a nossa litteratura.

São estes os mais ardentes votos de um homem que V. S.ª obrigou a assignar-se

Amigo e ardente admirador

Faustino Xavier de Novaes.

II

Amigo Senhor Gomes Coelho.

Rio — Março 23-1868.

Satisfez-me, penhorou-me, encantou-me a sua carta de 26 de fevereiro ultimo. E' o seu retrato moral. De nada mais preciso para avalial-o como homem, como, pelas Pupillas o tinha avaliado como escriptor.

Vejo que comprehendeu bem a sinceridade das minhas palavras na carta que lhe dirigi, inspirada pelo enthusiasmo que me causara o seu magnifico livro.

Não sou lisongeiro, nem pretendo mostrar-me. A um litterato de grande e antiga nomeada, não haveria enthusiasmo que me impellisse a escrever n'aquelle sentido, não havendo entre nós relações de amisade.

Receava que me julgasse adulador, ou charlatão, porque a um homem notavel nunca se apresenta, prestando-lhe homenagem, o obscuro e ignorante. Nesses

casos eu mesmo julgo mal muitas vezes. Se não conheço de perto o que se apresenta, fico em duvida se vae ver, ou mostrar-se. Cedi, pois, ao impulso do enthusiasmo que me inspirára o livro, porque a modestia do author se revelava no pseudonimo.

Os seus apontamentos biographicos é que vieram tarde. Quando lhe escrevi perguntei d'aqui a meu irmão Miguel Novaes se o conhecia e pedi-lhe informações a seu respeito. Deu-m'as immediatamente recordando-me tambem a antiga *actriz* do Theatro de Camões, de que me lembro perfeitamente. As suas feições de então desenhava-as eu ainda agora, se fosse conhecedor da arte. As de hoje porem devem ser outras, que eu queria ver copiadas pela photographia.

Se eu lhe merecesse essa prova de estima!

Estou ancioso por ver mais trabalhos litterarios seus. Os correspondentes do Porto para os jornaes d'aqui annunciaram a proxima publicação de outro seu romance, já publicado em folhetins, intitulado — *Uma familia de inglezes no Porto* — E' verdade que vae apparecer? Desejo-o ardentemente.

Louvo sinceramente a resolução em que está de não adoptar a litteratura como profissão, que o não pode ser em Portugal, e menos, muito menos, aqui.

Acceite um conselho que lhe offerece a amisade, auxiliada pela experiencia. Conserve sempre essas ideias. Tome como extraordinario o lucro que lhe advenha da litteratura e nunca o espere para occorrer ás necessidades da vida. A inspiração desapparece no momento em que a attenção do escriptor começa a fixar-se no interesse que lhe dará a sua obra, calculando antecipadamente a applicação que ha de dar ao producto.

Chegada essa occasião, o escriptor não escreve — trabalha. E esse trabalho é de todos o mais mal remunerado.

Estimei saber que convive ainda com o Augusto

Luso e com o Custodio Passos, duas recordações vivas de dois amigos mortos.

Ainda bem que em ambos sobra o merecimento proprio, diante do que se modifica a saudade.

Abrace-os em meu nome, assim como ao Nogueira Lima, Antonio Corrêa e mais amigos que se lembrarem de mim. Eu recordo-me de todos elles.

Se quizer escrever-me algumas vezes, creia que o praser de ler as suas cartas me distrahirá do desalento em que vivo, sem esperança em cousa alguma e, com magua o digo, quasi sem as crenças que outr'ora me tornavam feliz.

Agradecendo-lhe as suas benevolas expressões, termino pedindo-lhe que no numero dos seus affeiçoados conte affoitamente o seu

Amigo e admirador

F. X. de Novaes.

*

* *

Principiei a escrever os Fidalgos da Casa Mourisca, no Funchal em março de 1869. Levava-o em meio do capitulo 8.º quando voltei ao Porto em maio do mesmo anno. Trabalhei no Porto e escrevi-o até principios do capitulo 17, desde junho até outubro, epoca em que voltei para a Madeira. Conclui-o no Funchal em 11 de abril de 1870. Levei-o manuscripto para o Porto. Principiei a copial-o ahi e levei a revisão e copia até o capitulo 22. Conclui este segundo trabalho no Funchal a 27 de novembro de 1870.

Rendimento das minhas obras

Pupillas — Folhetins	27$000
» 1.ª edição (dinheiro)	119$215
» 70 exemplares	35$000
» 2.ª edição (dinheiro)	246$080
» 6 exemplares	3$000
	430$295

Familia Ingleza — Folhetins	40$000
» » 1.ª edição (dinheiro)	288$705
» » 27 exemplares	16$200
	344$905

Morgadinha — Folhetins	50$000
» 1.ª edição (adiantamento)	150$000
» » »	90$000

Serões — Em dinheiro	150$000
» 80 exemplares	35$000
» Folhetins	16$000

Ausencias

1863 — Ovar.
1864 — Felgueiras, Amarante, Leiria, Alcobaça, Batalha, Nazareth, Aveiro, Ovar.
1865 — Felgueiras.
1866 —
1867 — Aveiro, Ovar, Villa do Conde, Povoa.
1868 — Mathosinhos, Leça, Lisboa.
1869 — Lisboa, Funchal, Coimbra, Fanzeres.
1869-1870 — Lisboa, Funchal.

*

Quando uma nação forte e vigorosa, no goso da sua autonomia, respirando a aura vivificadora da liberdade, é invadida pela aggressão estrangeira; quando o despotismo e a servidão se aproximam, a campo descoberto, dos seus muros, estes transformam-se em baluartes, a reacção é prompta e efficaz, cada individuo é um soldado, cada soldado cinge-se da corôa dos heroes e o sangue, patriotica e generosamente vertido no altar da patria, reverdece salutarmente as palmas da victoria. Mas se o mal se aproximou obscura e lentamente, se o veneno se inoculou gota a gota nos espiritos, pervertendo-os, infeccionando-os; se rastejou como a serpente; se a falsa doutrina foi insidiosamente segredada no confessionario, prégada do pulpito, administrada em sacrilega communhão com a hostia consagrada; se as gerações novas a bebem na educação, dirigida por a hypocrisia, a vida da nação definha, os espiritos aviltam-se, os sentimentos nobres perdem-se, a alma adormece voluptuosamente n'uma inacção vergonhosa ou, se um dia um excesso de oppressão a faz acordar, se pretende reagir, o esforço momentaneo não a salva, antes acaba de a deprimir.

A lucta é ainda gloriosa, mas improficua e talvez prejudicial. D'isto, a Europa nos offereceu ha pouco um triste exemplo.

No mundo physiologico ha tambem umas e outras d'estas commoções, bem comparaveis ás commoções politicas a que nos referimos. A's vezes o mal vem do exterior, acomette subitamente, violento sim, mas declarado, franco, summario. Então, a economia, na presença do perigo, rica de todos os seus recursos, forte de toda a sua energia, põe em jogo toda a sua actividade de que está de posse. E o combate trava-se, prompto, violento, muitas vezes efficaz. A febre é o typo destas revoluções physiologicas.

Mas se as causas obraram lentamente, se desde o primeiro e mysterioso instante da existencia, esse momento que encerra seculos, o da fecundação, se assenhoreou da organisação, se perverteu o leite materno, se infeccionou as fontes de toda a substancia, viciando o ar, envenenando as aguas... então o organismo cede-lhe pouco a pouco, segue, sem reagir um plano de vida morbida, ou, quando reage, está longe de manifestar aquellas efficazes e salutares synergias que decidem os phenomenos morbidos como se estivessem despedaçados os laços da unidade vital. E' uma reacção anormal, irregular aquella que muitas vezes affronta (?) a subjeição do corpo. (?)

Os organismos, em certas molestias chronicas, são um exemplo destas outras commoções.

*
* *

Baixou do ministerio do reino aos estabelecimentos de instrucção superior uma portaria mandando-os consultar sobre um plano geral de reforma e n'ella o ministro deixou transparecer o seu pensamento em relação aos destinos de cada um d'esses estabelecimentos.

Prepara-se pois uma reforma radical na instrucção publica do paiz; desde a instrucção primaria, a tão descurada sempre dos nossos governos, até á instrucção superior, tão longe ainda entre nós do que devia ser. A portaria é a aurora de um clarão que promette illuminar-nos para a legislatura seguinte; faremos votos para que não seja apenas uma aurora boreal, como a que aparece aos navegadores dos mares do norte para, momentos depois, se resolver em trevas.

O convite que o ministerio do reino fez ás escolas e ás academias, vimos nós fazel-o aqui a toda a imprensa, a todos os publicistas, a todos os pensadores do reino e principalmente aos das provincias do norte,

que mais que nenhuns teem razões para se occuparem d'esta tentativa de reforma.

O nosso paiz é pequeno em area; mas ainda assim parece que já não é um só o dialecto que se fala em todas as regiões d'elle. Palavras ha que, segundo as latitudes em que se pronunciam assim tomam diversas accepções.

A palavra *reforma* está neste caso.

Quando pelas secretarias do Terreiro do Paço, pelos gabinetes dos ministros, pelas salas e corredores das duas camaras e pelas praças e theatros principia a vogar esta palavra — *reforma* — os ouvidos da capital escutam-a com prazer; mas, se os ventos a transmittem ás provincias, se os eccos da imprensa a repercutem, é raro que não estremeçam de apprehensões os espiritos menos timoratos.

Donde provem esta differença?

E' que ha muito as reformas manifestam-se em Lisboa por ampliação nos quadros dos funccionarios, augmento da despeza publica, elevação das cifras de vencimentos, creação de synecuras, com que a proverbial indolencia dos nossos compatriotas do sul se presente lisongeada. Para nós, porem, os que vivemos longe do sol, aquelle bello e fomentador sol da capital, diversa e quasi antinomica accepção tem a palavra, quando a procuramos no diccionario, que por experiencia sabemos ser o mais fiel.

Em tudo é assim. Como a antiga Roma, que fóra da sua cidade não via senão paizes barbaros, Lisboa para lá dos seus muros, esquece que existe o paiz e procura só por si absorver tudo.



We view the world with our own eyes, each of us; and we make from within us the world we see. A

weary heart gets no gladness out of sunshine; a selfish man is sceptical about friendship, as a man with no ear doesn't care for music.

Thackeray—The english humourists of the eighteen century (pag. 39 Swift).

*

Les éléments de la conjecture au sujet de telle ou telle action sont, d'une part, ce que l'on croit savoir du caractère de celui qui l'a fait; de l'autre, le caratère de celui qui la juge. Les bons supposent volontiers de bons motifs; les méchants ou les sots en supposent de méchants ou de sots. De même qu'on ne trouve dans un livre qu'autant d'esprit que l'on en a, on ne peut aussi sentir que dans la mesure de son propre mérite ou de sa propre délicatesse, le mérite et la délicatesse d'autrui. Attendez-vous donc à ce que les gents sans esprit et sans cœur, c'est-à-dire un très grand nombre de gens, supposent à vos actions les motifs mesquins qui réglent les leurs.

Emile Deschanel—Etude sur le Rochefoucauld.

*

Causou-me vivo prazer a leitura dos dois trechos que transcrevi, por me ter encontrado no pensamento com os seus illustres auctores, quando escrevi na *Morgadinha:*

«E' uma triste verdade esta da pouca ou nenhuma fé que se tem no desinteresse dos outros!

«Não ha explicação mais difficil de ser recebida do

que a que se fundamenta em um sentimento nobre de abnegação ou de generosidade.

«E' preciso que duvidemos muito de nós mesmos para assim desconfiarmos do proximo. Porque afinal o que é verdade, é que a mais exacta e infallivel sciencia do coração humano só se adquire pelo estudo do proprio coração; esse é o unico que nos está bem patente. E' porisso que as melhores almas são de ordinario as mais crentes.

«Um homem a quem a desconfiança tenazmente escuda contra todas as apparencias de virtude, ainda as mais insinuantes, tem já tão inquinado o coração como suppõe o dos outros.» (Pag. 385)

*

* *

Li ainda no estudo de Deschanel:

Chamfort conte quelque part ceci: «Mr. Th. me disait un jour qu'en général dans la société, lorsqu'on avait fait quelque action honnête et courageuse par un motif digne d'elle, c'est-à-dire trés noble, il fallait que celui qui avait fait cette action lui prétat, pour adoucir l'envie, quelque motif moins honnête et plus vulgaire.

*

Este pensamento devido a um author desconhecido, egualmente me causou satisfação por haver tambem posto na bocca de Jenny na *Familia Ingleza:*

«O mundo é assim. Dá-se-lhe a verdadeira explicação dos factos, raras vezes a acredita. Forja-se outra, ás vezes menos natural e plausivel, quasi sempre a prefere. Principalmente se a verdadeira é generosa e nobre e a falsa interesseira e mesquinha» (pag. 337).

E na de Mr. Richard:

«E julgas tu que a gratidão é facto mais natural para o mundo do que a iniciativa no beneficio? Se subtrahires da explicação o elemento *interesse*, o facto será incomprehensivel» (pag. 338).

*

* *

Quand un discours naturel peint une passion ou un effet, on trouve dans soi même la vérité de ce qu'on entend, qu'y était sans qu'on le sut, et on se sent porté à aimer celui qui nous le fait sentir. Car il ne nous fait pas montre de son bien, mais du notre et ainsi ce bienfait nous le rend aimable; outre que cette communauté d'intélligence que nous avons avec lui, incline nécessairement le cœur à l'aimer.

Pascal — Pensées VII du 1er article — Edit. Bibl. naton. pag. 33.

*

Quand on voit le style naturel on est tout étonné et ravi; car on s'attendait de voir un auteur et on trouve un homme; au lieu que ceux qui ont le goût bon et qui en voyant un livre croient voir un homme, sont surpris de trouver un auteur plus *poetico quam humane locuttes est.*

Idem VIII pag. 33.

*

Il y en a qui masquent toute la nature. Il n'y a point de roi parmi eux, mais un auguste monarque; point de Paris, mais une capitale de royaume. Il y a

des endroits où il faut appeler Paris, Paris, et d'autres où il faut l'appeler capitale du royaume.

Idem IX, pag. 34.

*

Transcrevi estes pensamentos de Pascal por me parecerem mais segura guia litteraria do que os conselhos que me deram alguns criticos em publico e em particular, de ataviar mais o meu estylo nos romances que escrevo porque o achavam demasiado *desornado*. Em contraposição tinha a maioria dos leitores a convencer-me de que o exito de alguns dos meus livros era principalmente devido a essa pobreza de ornatos e arabescos, que me apontavam os censores. Muita vez ouvi dizerem-me que liam com prazer os romances que eu escrevia porque os entendiam do principio até o fim. Pareceu-me entrever nos pensamentos de Pascal mais a confirmação do pensar do vulgo do que o dos criticos.

Funchal, 27 de outubro.

*
*   *

We are so fond of him because we langh at him so.

Tackeray — Engl humourist 100.

Acho um pensamento profundamente verdadeiro nesta phrase de Tackeray.

*
*   *

Acabo de ler pela primeira vez na *Histoire de Sibyle* de Octave Feuillet o seguinte:

«En été, quand l'aube s'est levée radieuse dans un azur immaculé, les premières heures du jour ont une pureté et un calme que l'on croirait éternels. Cependant des brises folles se levent tout-à-coup, inclinent les herbes et agitent le feuillage, des roseaux blanchâtres s'entrecroisent dans le ciel d'un horizon à l'autre, comme des voiles tendus soudain par des mains invisibles. On s'inquiete et l'on se dit qui pourrait bien venir de l'orage dans la journée.»

Ora em 1866 havia eu escripto na *Familia Ingleza,* a pag. 268:

«No estio dos nossos climas amanhece ás vezes o dia puro e formosissimo; o ceo é azul, resplendentes os raios do sol; tepida e perfumada a viração que agita as folhas dos arvoredos; pouco a pouco parece que o sol desmaia, que desbota o azul do ceo, que nos abafa a atmosphera inflammada; accumulam-se no horizonte e espalham-se depois por todo o firmamento nuvens de um azulado de chumbo; forma-se a trovoada.»

O *simile* é applicado por Oct. Feuillet a indicar-nos a revolução que se operou na infancia de Sibylle, depois dos seis annos,

No meu romance escrevi eu:

«Esta manhã de Cecilia foi bem similhante a um d'estes dias de verão.»

Com estas e outras descobertas aprende-se, á custa propria, a não ser precipitado em attribuir propositos de plagiario a quem innocentemente muitas vezes o foi. Ninguem se deve persuadir de que, depois de tantos seculos de litteratura, ainda qualquer possa ter pensamentos ou conceber imagens absolutamente novos.

Esta, de mais a mais, que é já chamada por Oct. Feuillet *une vieille image.*

Funchal, dezembro de 1869.

*

* *

S'il y avait un lieu dans l'univers où un homme pût n'avoir sous les yeux que l'aspect des grandes scènes de la nature et l'espectacle d'honnêtes gens, il serait difficile que son âme, si bouleversée qu'on la suppose, n'y recouvrat pas un peu de paix et de confiance.

Oct. Feuillet — Hist. de Sibylle, pag. 339.

O romancista convencido d'esta verdade, deve empregar o poder creador da sua imaginação em realisar esse logar bemaventurado, onde se possa passar mentalmente algum tempo da vida e colher parte dos beneficos fructos que tão ridente realidade prometteria. O auctor das linhas citadas assim o faz e eu conheço, por experiencia, o effeito salutar dos seus livros.

*

* *

Pourvu que tout vienne se réunir dans un même nœud facile à saisir, la simplicité d'une action dépend beaucoup moins du nombre des intérêts et des personnages qu'y concourent que du jeu naturel et clair des ressorts qui la font mouvoir. Mais, de plus, il ne faut jamais oublier que l'unité par Shakspeare consiste dans une idée dominante qui, se reproduisant sous diverses formes, ramène, continue, redouble sans cesse la même impression.

Guizot — Notice sur le Roi Lear.



Igreja de S. Nicolau (Porto) em que foi baptisado

*

Parece-me verdadeira esta observação do erudito traductor de Shakespeare. E se ella se pode admittir em relação ao drama, onde a acção tem necessidade de se restringir, com muita mais razão vigora no romance cujo plano é naturalmente mais vasto e permitte mais explanação. E' porisso que não posso concordar com os que taxam de falta de unidade o meu romance *A Morgadinha*. Todos os personagens e episodios n'elle introduzidos estão ligados por interesses communs e subordinados a uma ideia principal. Essa é a unidade que eu procuro sempre realisar.

Funchal — Janeiro de 1870.

*
* *

No diffuso e confuso *livro de critica* de Luciano Cordeiro lê-se a pag. 240: «O chamado romance de costumes, geralmente variante bucolica d'aquella, (a feição social) desfastio da litteratura burgueza, sem alcance critico»... E' uma das muitas leviandades e fraquezas de criterio do que a si mesmo se apresenta como o reformador da critica.

Os romances de costumes, bem comprehendidos, pintando a maneira de viver e o pensar commum dos povos, sobre serem de irresistivel interesse para a actualidade e os que mais promptamente adquirem os tão disputados fóros de popularidade, são mina preciosa para o estudo da época fornecida aos vindouros. Se as edades passadas da nossa litteratura cultivassem o genero, importante subsidio colheriam n'elle os historiadores, que tanto se queixam da aridez das chronicas e dos escriptos litterarios d'esses tempos.

Estou convencido de que é mais provavel que a posteridade leia com mais interesse o *romance de costu-*

mes, que não chega ao alcance da critica do sr. Luciano Cordeiro, do que, com seriedade, os dictames, que uma pretenciosa e pedantesca cohorte de rapaselhos, lhe está ditando, cá do nosso seculo, como se gosassem do privilegio de videntes. (1)

Funchal — Março de 1870.

---

(1) Obra litteraria de Julio Diniz em 1900:

Pupillas do sr. Reitor.........	14 edições	—28:000	exemplares
Uma Familia Ingleza........	9 »	—16:000	»
A Morgadinha dos Cannaviaes.	9 »	—14:000	»
Serões da Provincia..........	7 »	—12:000	»
Os Fidalgos da Casa Mourisca.	8 »	—13:000	»
Poesias....................	4 »	— 7:000	»

Mostram estes algarismos que era fundada a convicção do auctor.

Editor.

IDÉAS QUE ME OCCORREM

Extracto de um livro manuscripto.

EDITOR

IDÉAS QUE ME OCCORREM

Tenho ouvido dizer que á indole do romance repugna a lentidão no succeder das scenas e episodios; que n'um genero de litteratura, como é aquelle, o leitor quer depressa chegar ao desenlace e impacienta-se quando o auctor entra em profusas descripções, em analyses de caracteres, ou em divagações metaphysicas.

Já me apontaram isto em processo de critica feita a um dos meus livros.

Examinei com cuidado os argumentos que se apresentaram e na melhor boa fé, pensei n'isto alguns dias. Acabei por convencer-me de que não tinham rasão os censores.

Se foi bem tirada a conclusão, não sei; mas que a adoptei com sincera convicção, posso affirmal-o.

Ainda que suspeito, devo, primeiro que tudo, declarar que não sei bem porque se ha de julgar o romance uma fórma litteraria menos grave e perfeita que as outras quando ella pode conter em si, em boa e fecunda harmonia, as qualidades de todas.

Este descredito do romance, que seguindo, com mais ou menos fidelidade os modelos de Walter Scott é a fórma litteraria verdadeiramente caracteristica dos nossos tempos, provem dos abusos dos romancistas que possuidos por uma falsa idéa, julgaram ser a imaginação a unica base do romance.

Pensaram e pensam estes que o romance é o enredo

e esta idéa generalisou-se e radicou-se a tal ponto que muitos criticos, aliás illustrados, fizeram e fazem, talvez irreflectidamente, artigos de legislação litteraria inspirados por ella.

Parece-me que a opinião que me suscitou estas reflexões está n'esse caso. O romance é o enredo? tudo o mais são condições secundarias, elementos indispensaveis para que a acção principie, para que o nó se aperte e emfim para que o desenlace termine a obra? Por isso se clama contra o romancista se a acção não caminha durante dois, tres ou mais capitulos; por isso se diz, em ar de censura, ao auctor, como se a descoberta o devesse desgostar: —já sei o fim do romance; F. casa com L... M. perdoa ao filho, etc., etc.

Porque é que está em deploravel e espantosa decadencia o romance de imaginação?

Porque se tem derrancado o genero até ás indigestas e escandalosas producções de Ponson du Terrail?

Exactamente por não pretenderem prender o leitor senão pela successão rapida das peripecias e dos lances imprevistos.

Nem uma analyse de caracteres, nem um curto olhar lançado ao intimo do coração humano a devassar o que lá é de costume encontrar-se e não nenhuma d'essas monstruosidades, que poderiam ter existido n'um ou n'outro coração, mas por excepção, e que o leitor não tem de certo no seu.

Não calumniem o publico dizendo que é só d'esse alimento que elle digere. Não é assim. Vós sois que o alimentaes ha muito nesse vicioso regimen, que, sem dar solida nutrição, estraga o paladar, cuja sensibilidade embotada, exige estimulos cada vez mais acres e irritantes.

Ha uma lei do gosto litterario em que eu acredito firmemente. O excepcional, o extravagante, o desregrado não é o que desperta nos leitores ou nos espectadores o mais verdadeiro, o mais duradouro inte-

resse; pelo contrario, é o commum, o vulgar na justa accepção do termo.

Quando encontramos em um livro pensamentos que já tivemos um dia, sentimos agradavel surpresa, como ao darmos em um lugar, inesperadamente, com uma pessoa conhecida; quando no caracter, no coração de uma personagem litteraria ha alguma coisa que é nossa, quando nos reconhecemos em parte personificados n'uma creação, redobra o interesse com que o acompanhamos nas peripecias do drama.

E' por isso que eu gosto dos romances lentos, em que o auctor nos identifica bem com as personagens entre quem se passa a acção, antes de a travar.

Depois d'esta iniciação, creiam-no ou experimentem-no, excita-nos mais interesse um simplissimo drama que se passe entre esses individuos, do que uma violenta e ultra-dramatica tragedia em que tomam parte personagens que o auctor apenas nos faz conhecer pelos nomes.

Querem um exemplo a corroborar a minha opinião, que não é só minha?

Muita vez haveis de ter ouvido contar um caso notavel, acompanhado das mais curiosissimas circumstancias, um grande e horroroso crime, por exemplo, acontecido entre pessoas que vos são desconhecidas. O caso é de si bastante para vos espantar, independentemente das personagens e effectivamente, por um momento pasmaes do que ouvis. Mas a impressão embota-se, extingue-se e cedo pensaes em outra coisa, porque ignorando o caracter das pessoas a quem mais directamente o caso affecta, não podeis prever a natureza das paixões (?) que ellas suscitaram. Não as conhecieis (?) antes para poder calcular o reflexo psychologico d'esse facto.

Contem-vos porem um acontecimento muito mais simples, um destes casos communs na historia de todas as familias, mas que se refere a pessoas de cujo

caracter, de cujo viver, de cujos habitos estaes bem ao facto e a noticia vos impressionará muito mais do que a outra e correreis de memoria, uma por uma, aquellas pessoas, calculando e prevendo pelo conhecimento que tendes d'ellas o estado em que esse acontecimento as conservará.

Isto reproduz-se no successo litterario de um livro de romance. As complicadas peripecias de uma historia á Ponson du Terrail atordoam-vos, como a descripção de um crime horroroso commettido a distancia da vossa terra; mas deixae passar oito dias sobre essa leitura e não vos ficará d'ella memoria porque nunca chegastes a conhecer e fixar, a estimar por tanto, as pessoas entre quem elle se travou.

Pelo contrario, dos simples episodios de um romance como o Vigario de Waksfield e tantos outros da escola genuinamente ingleza, fica-vos uma como memoria saudosa porque aquellas figuras que vistes em acção, que soffreram e choraram, eram já de ha muito conhecidas vossas e tinheis tido tempo durante a acção lenta da historia para lhes conhecer bem o caracter antes de as ver soffrer.

Mas os episodios indifferentes, que não conduzem ao enredo?

Para que roubar tempo com elles?

Para augmentar o effeito das scenas principaes. Insensivelmente, soffreis a influencia d'elles.

Ainda outro exemplo, tirado da vida real: Supponde que tendes um visinho a quem, por involuntaria e distrahida observação tendes descoberto certos habitos. Vede-lo sair a certas horas, fallar de certa maneira, parar em certas lojas, etc., etc. São factos indifferentes em que machinalmente attentaes.

Uma manhã dizem-vos que este homem teve o premio grande da loteria, por exemplo, ou outro facto analogo. E todos os pormenores do viver d'esse homem vos acodem á memoria e a todos ligaes valor, ao

referil os aos vossos amigos e d'estas particularidades indifferentes resulta mais interesse para o episodio principal.

E' por estas e analogas reflexões que eu não posso concordar com os criticos a que me referi. (1)

*
* *

O romance é um genero de litteratura essencialmente popular. E' necessario que na leitura d'elle as intelligencias menos cultas encontrem atractivos, instrucção e conselho e que, ao mesmo tempo os espiritos cultivados lhe descubram alguns dotes litterarios para que se possa dizer que elle satisfez á sua missão.

Romances exclusivamente apreciados por eruditos não realisam o seu fim, romance que pela contextura litteraria revolta a critica illustrada, embora fascine o povo por certas qualidades prestigiosas, é um instrumento perigoso que deprava o gosto e ás vezes a moral.

A verdade parece-me ser o attributo essencial do romance bem comprehendido, verdade nas descripções, verdade nos caracteres, verdade na evolução das paixões e verdade emfim nos effeitos que resultam do encontro de determinados caracteres e de determinadas paixões.

Realisados estes desideratos, pode ter se a certeza de que, ainda sem grande complicação de enredo, o romance ha de agradar aos leitores, que a cada mo-

(1) Assignalamos com um signal interrogativo as palavras que não temos a certeza de haver fielmente decifrado.

O auctor nos seus livros manuscriptos escrevia com muita rapidez e usava numerosas e curtas abreviaturas de difficil decifração.

Editor.

mento estarão vendo no livro reflexos de si proprios, de seus pensamentos, de suas paixões e avivando memorias de passados episodios da sua vida.

Este effeito, porém não se consegue sem que a verdade de linguagem acompanhe a dos conceitos.

Narração e dialogo compõem o todo do romance. Não pejeis de ornatos excessivos a primeira, sob pena das intelligencias não poderem conceber imagens claras dos objectos que lhes representaes. Lembrae-vos da impressão que vos causa aquella maravilhosa architectura Manuelina nos especimens do convento da Batalha. Emquanto conservaes do corpo de Egreja, na sua simplicidade gothica, uma recordação clara e precisa, fica-vos das Capellas imperfeitas uma idéa confusa pela profusão de ornatos que n'ellas vistes. Isto não quer dizer que não embellezeis a descripção, mas que o floreado das imagens não occulte totalmente os traços que delineam o objecto descripto.

O dialogo, sobretudo, não deve distanciar-se da linguagem fallada na epoca em que o auctor escreve, sob pena de dissipar o prestigio da verdade na narração. E' necessario accommodal-o á indole, á posição social e especialissimas condições do individuo que falla, para que na leitura delle a alma vibre como se assistisse a uma scena real.

Não é pois conveniente enfeitar demasiado o estylo no dialogo. Quem o fizer tirará ás personagens da acção o colorido de vida e apresental-as-ha aos olhos do leitor como meros manequins, por quem falla o artista occulto nos bastidores.

Para que o dialogo interesse e illuda, é mister que o auctor se esconda o mais possivel e, para isso, tem de abdicar do seu estylo proprio e pôr na bocca dos actores da sua narração palavras que fossem de esperar d'elles por quem os tivesse previamente conhecido.

Ha demasias de bem escrever tão perigosas como o demasiado desleixo. O abuso do lyrismo é um mal de

morte no dialogo, semelha-o a um certamen arcadico, a uma disputa academica, mas suffoca-lhe a vida, arrefece-lhe o calor da verdade e cansa sem commover.

Funchal, novembro 69.

*

* *

Parece-me que anda um tanto mal entendida esta palavra *imaginação*, empregada em assumptos litterarios.

Diz-se romance de imaginação aquelle em que as peripecias se complicam, em que os episodios inesperados surprendem a cada momento o leitor, em que os caracteres mais extravagantes, nas mais extravagantes situações da vida, obram o mais extravagantemente possivel; em que os venenos, os narcoticos, os contra-venenos, os alçapões, as portas secretas, os castellos mysteriosos, os caminhos subterraneos, os cabellos postiços, as tintas sympathicas, preparam para recreio dos leitores a mais maravilhosa phantasmagoria que se possa prolongar por cinco ou seis volumes.

O auctor d'estes romances assim, é tido na conta de homem de grande imaginação. Não o nego.

Vejamos, porém, um auctor menos atrevido. Concebe uma idéa que quer desenvolver pelo romance. Cria as personagens entre quem se deve passar a acção, dota cada qual com o seu caracter proprio e individual, caracter escolhido e estudado na vida real. Colloca-as n'um mundo de todos conhecido; dá-lhes para meio de acção os meios ordinarios; illumina o quadro com a esclarecedora luz da realidade, que dissipa os mysterios. Põe depois todos estes caracteres em movimento, dirigindo-os de maneira que nunca se desmintam, calculando o progresso da acção de accordo com a idéa primordial e com as exigencias logicas dos meios escolhidos para a realisar. Procura tirar do con-

fronto e combinação dos caracteres ali reunidos o principal effeito das scenas e dirige-as incessantemente para o fim que teve em vista, sem se soccorrer de meio algum maravilhoso; esforça-se por fazer evolver a idéa da como natural successão dos acontecimentos narrados. Consegue dar o cunho de verdade aos episodios que narra, a ponto de as personagens esconderem completamente o auctor n'esses momentos; consegue quasi fazer acreditar que as coisas não podiam haver succedido d'outra maneira, tão natural foi a filiação e sequencia dos factos, tão logicos os resultados que deu de si o conflicto de bem determinados caracteres.

Este homem, este auctor que isto consegue, não terá em bem maior gráu essa imaginação que applaudem no outro?

Conseguir com meios naturaes e conhecidos um resultado d'aquelles; commover e excitar o interesse sem recorrer ao extravagante nem sair da orbita do verosimil; pintar com côres proprias um quadro da vida e com tão perfeita perspectiva que a illusão seja completa, não requer isto mais imaginação, não exige mais esforço de intelligencia do que a concepção d'esses romances desregrados em que todas as lembranças se aproveitam sem as sujeitar ao criterio da logica litteraria, em que o auctor tem sempre um subterfugio á mão para se desembaraçar das veredas sem saida onde a sua intelligencia imprudente o conduziu?

Parece-me poder servir-me de um *simile* para confirmar a minha idéa. Nos espectaculos de prestidigitação tendes visto alguns artistas trabalharem rodeados de uma multidão de accessorios complicadissimos? mesas com fundos falsos; caixas de todos os tamanhos, machinismo igualmente mysterioso, armas de fogo de construcção particular, etc., etc.?

Comquanto não saibaes trabalhar com esses apparelhos de magia branca, desde logo acreditaes que são

elles os principaes elementos do espectaculo e não admiraes demasiadamente a prestidigitação do artista.

Vêdes porém outros apresentarem-se deante de vós, sem apparato, com fato simples, mãos nuas, uma mesa sem falso, etc., etc., e surprender-vos aliás, tanto como o outro, com sortes maravilhosas.

A este applaudis com mais enthusiasmo e vontade porque applaudis um verdadeiro artista. Admiraes o resultado de estudos e esforços de longo tempo para, com tão simples meios, vos maravilhar assim.

Dizei agora se não vos moverá tambem o mesmo sentimento a applaudir mais o escriptor consciencioso que vos commove com os recursos naturaes que lhe fornece a observação do homem, do que o pelotiqueiro litterario que recorre para vos prender e maravilhar a todas as extravagancias possiveis?

Funchal, novembro de 1869.

*

*   *

Muitos auctores de romances e dramas julgam que os amantes em litteratura escusam de ter caracter proprio. A heroina é uma rapariga que ama, o heroe é um rapaz que a ama a ella. A linguagem de um e de outro é sempre mais ou menos casta e lyricamente erotica. Encontram-se, falam de amor; separam-se, falam um do outro e não teem occasião de revelar ao leitor mais nenhuma qualidade do seu caracter, senão a de estarem apaixonados.

Resulta d'aqui que em vez de serem creaturas humanas, vivas, dominadas por uma paixão, que combinada com o seu caracter individual as leva a actuarem de determinada maneira, são simples personificações do amor, frias e incapazes de commover, como uma alegoria, como personagens abstractas d'aquelles poe-

mas em que falam as virtudes e os vicios personificados.

O leitor não pode fixar uma feição caracteristica d'esse par, cujos infortunios, tribulações e felicidade ou infelicidade final, compõem a narração e por isso, dias depois da leitura, evaporaram-se essas imagens, como a de uma prova photographica não fixada e confundem-se no vago em que já se haviam perdido as feições de outros muitos ternos casaes, cuja sorte já anteriormente o tinha egualmente commovido.

Desenganem-se... Para que o romance ou o drama produzam profundo e duradouro interesse, é indispensavel desenhar bem as feições caracteristicas das personagens e dar-lhes um colorido de carnação que simule a vida. A não ser assim, a alma assiste indifferente á leitura ou á representação.

Funchal, novembro de 1869.

*

* *

Nos meus romances não ha individuos caracterisadamente máus. Não tenho pintado crimes, quando muito, vicios. Alguem ha que me tem feito o favor de me louvar essa falta como virtude, como se andasse nisso proposito litterario. Verdadeiramente não ha.

Não penso que o estudo moral de uma alma criminosa ou perversa não seja digno da arte. O que me custa a admittir, a não ser como excepção rara, são os tyrannos sem logica, sem motivo, que amam o mal por instincto e sem que á pratica d'elle sejam levados por o impulso de uma paixão.

A razão porque fogem do campo da minha imaginação aquelles typos é outra. Tanto eu me deleito em conceber um caracter com que sympathise, em o en-

carar por todas as suas faces para as pôr em evidencia aos olhos do leitor, em vêl-o em acção e em harmonisar o dialogo com esse caracter; quanto me repugna e enfastia o demorar o pensamento em um typo antypathico, em um caracter revoltante, em uma destas creaturas em cuja contemplação a alma se enoja ou se indigna.

O artista deve vencer essa repugnancia, se a arte o exigir. Eu porém, que procuro na cultura das letras distracção e não a tomo por officio, quero condescender com os meus prazeres, sem que deixe por isso de admirar as concepções magnificas dos romancistas que sabem pintar o mal e a perversidade, sempre que o fazem, por assim dizer, logicamente.

Funchal, novembro de 1869.

*

* *

Lendo um rapido estudo biographico de Thackeray sobre os escriptores humoristas inglezes do seculo XVIII e as notas que o acompanham, algumas das quaes constam de cartas dos proprios escriptores, lembrei-me da miseria da vida litteraria do nosso paiz, onde a preciosa correspondencia dos nossos homens de lettras raras vezes se salva para a posteridade.

Quem ha, por exemplo, que se tenha lembrado de colligir as cartas particulares de Garrett, que por tantos motivos deviam ser um elemento poderoso para a apreciação d'aquelle vulto litterario e para a da historia da litteratura moderna em Portugal, de que elle foi o principal instituidor?

Deviamos aprender com os estrangeiros a dar o devido valor a estas origens preciosas de informação para a critica e para a historia.

Funchal, 3 de janeiro de 1869.



Acabo de ler o romance de Octave Feuillet *Histoire de Sibylle*. A morte da heroina no desenlace não me parece muito justificada pelas regras naturaes da arte. O problema principal do romance estava resolvido da maneira que o auctor julgou plausivel resolvel-o. O scepticismo religioso de Raul era o obstaculo unico para a felicidade dos dois amantes. Esperava-se que a influencia poderosa de Sibylle, já provada com o doido Feray, com o reitor Renaud, com os duques de Vargnes e com a duqueza Clotilde, se exercesse tambem sobre Raul, cujo animo mais do que os outros, devia sugeitar-se á catechese d'aquella mulher que elle idolatrava. Restava saber as circumstancias que deviam cooperar para a conversão, que conspiração de influencias poderia incutir naturalmente a fé, em uma alma generosa, leal, incapaz de hypocrisia e de simular, por interesse, uma uncção religiosa que não sentisse. Que balsamo havia de curar aquelle cancro da duvida n'um coração que lamentava sinceramente a perda das passadas crenças?

Conseguiu-se tudo isso. Apóz uma crise violenta em que a descrença do homem da sociedade parecia mais radicada, o simples espectaculo da mulher que elle amava, desfallecida pela commoção, n'uma pobre choupana, á borda do mar, ao calor de uma fogueira, bastou para fazer penetrar a luz da fé n'aquelle coração assombrado pela duvida e para prostrar de joelhos, em oração sentida, esse homem que não cria em Deus. Bem ou mal, o problema estava pois resolvido. Inesperadamente porém, surge mais uma entidade no romance; aparece uma febre perniciosa que em duas paginas sacrifica a heroina e dissipa as esperanças de felicidade que finalmente parecia sorrirem aos sympathicos amantes.

Revolta-me a brutalidade d'esta febre paludosa.

Que papel litterario representa ella aqui? Por acaso a morte de Sibylle era necessaria para a conversão de Raul? Não; e tanto que, só depois de se haver bem verificado essa conversão é que Sibylle pediu ao reitor que lhes abençoasse a união, e que o reitor se resolveu a fazel-o.

Completaria ella o caracter da heroina, como uma consequencia necessaria da sua exaltação morbida, da sua exquisita sensibilidade?

Mas trata-se d'uma infecção palustre, da prosaica realidade de uma perniciosa, que nada tem que vêr com os caracteres dos doentes.

Consolidar-se-iam mais firmemente as crenças do convertido com a morte d'aquella, cuja influencia lhe abrira o coração ao raiar da fé?

E' duvidosa a hypothese e no mesmo romance ha um exemplo de que nem sempre os golpes da adversidade fortalecem o animo para a fé; antes ás vezes fazem descrêr da justiça divina e da existencia de um Deus que premeia os bons. Este exemplo é o do doido Feray. As crenças, ainda tibias de Raul não se fortaleceriam mais na vida de paz e ventura, que o futuro lhe promettia, do que com aquelle doloroso transe, com aquelle inesperado fugir da felicidade, no momento em que julgava possuil-a?

Não é o mero desgosto de vêr *acabar mal* o romance o que me leva a estas reflexões. Eu concebo os fins tragicos, que concorrem para o desenvolvimento da idéa primordial da obra litteraria quando são a consequencia logica das situações dramaticas imaginadas ou o complemento do desenho de um caracter. Commove-me o luctuoso fim dos amores de Lucy Ashton, de Paulo e Virginia, de Eurico e Hermengarda e de Magdalena de Vilhena.

Supprimi o fim tragico destas e analogas concepções

litterarias e alterar-lhes-eis completamente a indole e falsear-lhes-eis a significação artistica.

Na historia de Sibylle porém não se dá o mesmo caso.

A febre perniciosa é um accidente brutal que nada significa, que não tem razão de ser, debaixo do ponto de vista da arte, que afflige sem commover. E' uma simples impertinencia do auctor.

Na vida real ha disso; mas estes tristes accidentes da vida, quando entram no campo litterario, precisam representar ahi algum papel; d'outra forma não são mais do que uma desagradavel e cruel inutilidade.

Funchal, 4 de dezembro de 1869.

*

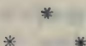
* *

A ausencia prolongada, digam o que quizerem, é prejudicial ás mais estreitas amisades. A convivencia habitual, pelo contrario, fomenta-as.

Separaram-se dois amigos intimos. Ao principio escrevem-se todos os dias e enchem folhas e folhas de papel com mutuas expansões; pouco a pouco, as cartas resumem-se e rareiam e mais tarde, deixam de escrever quando não teem necessidade que a isso os impilla. Nenhum quererá admittir que a amisade soffreu a menor quebra da sua parte. «Que excellente rapaz aquelle, dirá um do outro; palavra de honra que é dos poucos amigos que tenho... Esta minha preguiça em escrever. Ha tanto tempo que lhe não dou noticias minhas nem d'elle as tenho».

Ora, na minha opinião, muito enfraquecida está já a amisade que nem tem força para dissipar a preguiça de escrever. E' da experiencia de todos o prazer que se encontra em escrever a qualquer pessoa, quando devéras a trazemos no coração.

Funchal, janeiro 1870.



Quando escrevo, é para mim estimulo o completo segredo. Se por acaso durante o trabalho sou trahido por alguma indiscreção, sinto-me esfriar e durante dias repugna me o assumpto, que até então me attrahia.

Não comprehendo como, pelo contrario, muitos auctores gostam de fazer constar que vão encetar uma obra e estimam até que o publico seja informado, passo a passo, do progresso do seu trabalho.

Todos os dias leio nas gazetas de noticias uma ou outra d'essas revelações litterarias, atraz das quaes andam os noticiaristas. «Consta-nos que o sr. F. vae escrever um drama que tem por titulo «As miserias dos ricos. O sr. C. concluiu já o primeiro acto de um drama, que nos dizem ser magnifico. O sr. B. leu hontem a alguns amigos as primeiras scenas do seu drama e viu coroada pelos aplausos delles a sua magnifica concepção» etc., etc.

Estas e analogas participações, que parece alentarem muitos, a mim dissipariam aquelle mysterioso prestigio que tem o trabalho discreto.

Já experimentei este effeito de indiscreção alheia. Escrevia a «Morgadinha dos Canaviaes» e entregava-me com ardor ao trabalho. Um dia o correspondente portuense do «Jornal do Commercio» de Lisboa noticiou ao publico que eu andava escrevendo um novo romance assim intitulado.

Causou-me uma desagradavel surpreza a revelação e por muitos dias não me apeteceu trabalhar.

A rasão principal deste effeito em mim, está em me serem insupportaveis todas as especies de peias neste genero de trabalho.

Quero absoluta liberdade para alterar, modificar, inverter e até abandonar um assumpto desde que me desagrada. E esta liberdade é sempre tanto mais res-

tricta, quanto mais informado está o publico da natureza e do progresso da obra.

A cada momento inquirirão sobre o provavel termo do livro em que se trabalha. Se, condescendendo com uma dessas passageiras indisposições para escrever, que atacam mais ou menos todos os homens de letras, se interromper a obra, terá de soffrer-se a impertinencia dos que não comprehendem que a composição litteraria não é tarefa de empreitada para a qual não se precise consultar a aptidão.

Se é conhecido um capitulo do romance, antes de completo este, já quasi é vedado ao auctor alteral-o, ainda quando assim o exija um melhor plano que lhe occorra ou mais perfeita harmonia do todo alterada em ulteriores capitulos.

Em quanto o manuscripto é só conhecido do auctor, este decide desafrontado os incidentes que durante a composição sobreveem, guia-se pela idéa litteraria que concebeu e mutila, supprime ou accrescenta conforme convem ao completo desenvolvimento d'essa idéa.

Se mais alguem foi admittido á confidencia do segredo litterario, vem uma consideração a mais perturbar a livre acção tão necessaria ao auctor: «Assim ficava melhor, pensa elle muita vez, mas F. gostou tanto d'este capitulo que havia de estranhar que eu o modificasse ou supprimisse». E o capitulo fica em attenção ao tal F.

Quantos defeitos descobre muitas vezes a critica que não tiveram outra rasão de existir?

Depois, o prestigio de uma obra litteraria perde sempre com a assistencia do leitor ás minucias da composição. Ler hoje uma scena de paixão violenta, amanhã, ao repetir a leitura, encontrar a mesma scena conduzida por outra forma, dissipa a illusão, deixa vêr muito a arte, que só deve mostrar a sua obra depois de removidos da officina os instrumentos e mais aprestos com que trabalha.

Guarde-se pois muito escrupulosamente o auctor de devassar os segredos da sua elaboração litteraria e só appareça ao publico para lhe apresentar completa a nova creação. Siga o exemplo que lhe dá a natureza, que tão avara se mostra dos mysterios da formação dos seres, para a celebração dos quaes como que, mais do que para outros, se recata e concentra.

Funchal, janeiro 1870.

*

* *

A publicação de um livro, por muita gloria e proveito que traga ao auctor, é sempre uma especie de profanação desses filhos queridos da phantasia, que elle velava e acalentava com um verdadeiro amor de pae.

Ha uma especie de antagonismo nos sentimentos de alma com que o auctor vê sair do recato do seu gabinete para o mundo da publicidade o manuscripto a que dedicou longas horas de meditação e de vigilia. Por um lado experimenta-se a satisfação que acompanha sempre a realisação de qualquer projecto.

Para o publico foi escripto o livro; o dia em que ao publico se entrega é pois um dia de victoria. Porém ao mesmo tempo uma certa melancolia, uma quasi saudade nos punge n'esse momento solemne. Toda aquella gente que vivia só para nós, vae ser o alvo da observação de milhares de pessoas. O mundo onde só os nossos olhares penetravam, vae ser devassado por olhares curiosos; cessa de alguma maneira o imperio absoluto da nossa vontade no destino d'aquellas creaturas. D'ahi em diante já não são exclusivamente nossas. Emancipam-se.

Eu, pelo menos, que nunca me enfado de reler o manuscripto em que trabalho, só com esforço consigo levar ao fim um capitulo de romance meu, depois de

publicado e conhecido. Sinto que não tenho tanto amor áquella gente, como tinha antes de a introduzir no mundo; que é menos minha do que era.

O auctor está no caso de um pae que educa esmeradamente uma filha estremecida para fazer d'ella um dia uma esposa e mãe digna d'estes sagrados nomes. Anceia pelo momento de a entregar a um marido que a estime e faça feliz. Chega emfim esse dia, realisa-se sob os melhores auspicios o desejado casamento e o pae, sem deixar de agradecer a Deus a realisação de seus desejos, sente o coração opprimido todo o dia. E, ao entregar nos braços do esposo a virgem que para elle com tanto amor educou, parece-lhe quasi praticar uma profanação. Fica menos sua aquella filha que lhe era a melhor parte da vida e desvanece se aquelle casto perfume virginal que o enlevava.

Desde esse dia o seu amor por ella não pode deixar de soffrer uma leve diminuição porque não é o unico a amal-a e a enlevar-se nos seus encantos.

Funchal, janeiro de 1870.

*

* *

Ha livros que são monumentos e livros que são instrumentos. Os primeiros levantam-se a perpetuar a memoria de uma litteratura, ainda mesmo que se extinga a nacionalidade a que pertencia. Primorosamente trabalhados, constituidos por os materiaes mais duraveis, é antes para o futuro que elles se erigem do que para os contemporaneos, cuja maioria nem sempre os comprehende.

Os livros instrumentos são, pelo contrario, para andarem nas mãos de todos, para o uso quotidiano, para educarem, civilisarem e doutrinarem as massas.

D'ahi, d'essa diversidade de destinos, vem a diversidade de exigencias a que uns e outros devem satisfazer.

O livro instrumento precisa ser popular, escripto na linguagem do dia, ao alcance das intelligencias da época, de facil tracto em summa. Os extremos de lavor, que ornam o monumento podem ser prejudiciaes ao instrumento que, menos ambicioso, deve contentar-se com mais modesta execução.

A' critica compete ter isto em vista para que lhe não succeda instaurar processo a um livro que se destina a instrumento, como se na mente do auctor estivesse a idéa de levantar com elle um monumento á posteridade.

Grande e bom serviço prestam já os auctores que conseguem escrever livros para o seu tempo, de cuja leitura possa resultar algum bem para quem os lê.

Direi até que esta turba mais obscura de auctores não é menos util á sociedade do que os raros genios que a alumiam de quando em quando e que, se o progresso da humanidade estivesse só confiado a estes excepcionaes luminares, nem sempre comprehendidos por os seus contemporaneos, de certo não estaria ainda no gráu que já attingiu. Se os architectos levantassem sómente pyramides e monumentos e desprezassem a construcção de casas e outras edificações mais modestas, a civilisação não lhes seria devedora de tantos beneficios. Um povo pode viver sem monumentos; mas não sem as construcções que as primeiras necessidades da natureza exigem.

O *simile* é de facil e obvia applicação.

Funchal, fevereiro de 1870.

*

* *

Ha uma edade em que a mulher gosta mais de ser namorada do que amada. Entre um amor recatado e reverente e um galanteio indiscreto e ostensivo, não hesita, prefere o segundo. O que lhe enche o coração

não é o amor; é a vaidade. Lisongeia-a o culto que recebe e quer que as outras mulheres a vejam triumphante. O mais puro e dedicado amor que lhe tributassem não a satisfaria, se fosse ignorado pelo mundo.

Quando um homem de affeições sinceras e profundas se apaixona por uma d'estas mulheres, pode ter a certeza de que principia para elle uma dolorosa provação.

Funchal, março de 1870.

ESCRIPTOS INCOMPLETOS

Uma parte do drama *Bolo quente*, escripto aos 17 annos de idade — Acção passada no Minho.

Acto II

Scena I

Francisco, criado, pondo a meza para uma ceia que o filho da fidalga offerece em sua casa aos primos de Lisboa, seus hospedes

João, primo de Francisco

João — Então como é isto? Elles não ceiam senão fructa?

Francisco — Não, homem. A fructa põe-se na meza, com flores e com os vinhos e o mais é servido por fóra.

João — Por fóra? Então elles ceiam fóra de casa e véem depois comer a fructa aqui?

Francisco — Ora adeus! Tu és tolo? Ceiam aqui; mas os pratos trazem-se á volta da meza para cada um se servir do que quizer.

João — Ah! agora entendo. Mas que moda! Antes me quero com a moda da aldeia porque a gente, tendo a comida defronte de uma pessoa, sabe logo o que vae comer.

Francisco — Tudo vae do costume... Os fidalgos

teem outra creação. Estão affeitos a coisas que a gente só conhece nas cidades... E, é verdade, como vae o negocio do teu casamento? Dá-me cá essa garrafa. A coisa faz-se ou não se faz?

João — Nem eu sei, Francisco, nem eu sei. Vontade tenho eu e mais a namorada. O pae tambem não vae longe d'isso; mas... falta o principal.

Francisco — Aquillo com que se compram os melões? Chega para cá essas cadeiras.

João — Tal e qual.

Francisco — Tu não tens nada e ella nada tem e a gente não vive do ar.

João — Pois é assim, é. Mas eu estou tão farto de esperar pela sorte, que nunca me favorece, que ás vezes cuido que, depois de casado, ella me virá e por isso acho que...

Francisco — Ora adeus; não faças tolices. O orvalho não mata a sêde, nem tiram a fome as raizes do monte. Vê lá se vaes dar por ahi alguma cabeçada. Toma conta!

João — Não tenhas medo. Não que, ainda que eu quizesse dál-a, tanto juizo tem a minha rapariga que não deixava. E depois o tio Marcos é quem manda e elle já me disse que emquanto eu não ganhar para sustentar minha mulher, não quer ouvir fallar em tal casamento.

Francisco — E tu não tens feito diligencias para arranjar emprego?

João — Ora se tenho! Mas tanto fáz. Ninguem me quer.

Francisco — Porquê?

João — E' por não estar arrumado.

Francisco — Ora essa! Explica-me isso.

João — Pois é como te digo. Quando um homem tem um emprego menos mau, ha quem lhe offereça outro melhor porque, diz lá comsigo: O patrão que o tem em casa é porque elle é bom. Convem-me ainda que lhe pague mais alguma coisa, porque isto de metter vadios em casa é arriscado... Vês tu? De maneira que um homem não arranja emprego exactamente porque precisa d'elle.

Francisco — A modo que tens rasão. Heide fallar á fidalga e tu tambem lhe podes pedir. Olha ella ahi vem. Não fujas! Deixa-te ficar que ella não repara n'isso. E' uma santa senhora. Se ella te fallar, tens de a tratar por Excellencia.

Scena II

Os mesmos e D. Joanna

D. Joanna — Olhe lá, Francisco, não ponha na meza vinhos muito fortes nem comidas indigestas. De noite é preciso toda a cautela. Não me agradam nada estas ceias. E' isto que estraga por ahi tantos rapazes que, aos vinte annos já andam cheios de achaques, como se fossem velhos... Quem é este rapaz?

Francisco — E' meu primo, minha senhora.

D. Joanna — Ah sim; já me falou n'elle... Chama-se... João.

João — João do Choupelo, minha senhora, para a servir.

D. Joanna — E' isso mesmo, que está para casar...

Francisco — Com a filha do mestre escola, o mestre Marcos. E' este mesmo.

D. Joanna — E então porque não casaram ainda? A sua noiva é uma bonita rapariga e um bello coração. O pae é um santo e honrado velho a quem minha familia muito deve. Em tempos afflictivos foi elle que nos valeu. E' verdade. Das suas mãos caridosas recebemos já, eu e os meus, a esmola do pão e do abrigo. Vae muito bem, João; melhor noiva não encontra, por mais que procure.

João — Diz bem, minha senhora. Por essa estou eu.

D. Joanna — Pois olhe, eu tenho deveres a cumprir para com essa familia e muito dezejo cumpril-os. Avize-me com antecedencia, e, se quizerem, já me offereço para madrinha. Quando será, pouco mais ou menos?

João — O' minha senhora, muito obrigado por tão grande favor... Eu sei lá quando nos casaremos?

Francisco (A meia voz) — Sabes que mais? Conta-lhe tudo que talvez seja bom.

D. Joanna — O que diz Francisco?

Francisco — Eu não sei se devo servir a mayonaise de lagosta que é um dos pratos da ceia.

D. Joanna — Ai não, não. Credo! E' tudo quanto ha de mais indigesto á noite. Nem lhe falle n'ella, ouviu? Mas então o que é que estorva o seu casamento, João?

João — Assim como assim, visto vossa . vossa...

Francisco — Excellencia.

João — Visto que vossa excellencia tanto se interessa por nós, com sua licença, vou contar-lhe tudo, toda a verdade, com o coração nas mãos.

Joanna — Isso mesmo é o que eu quero. Falle á vontade.

João — Pois, minha senhora, como o outro que diz, eu sou um pobre rapaz e mais nada. Sabe a senhora?

D. Joanna — Pobre, honrado ..

João — Lá isso não é para me gabar...

D. Joanna — E trabalhador...

João — Isso é que não.

D. Joanna — Como não?

João — Para ser trabalhador, faz mingua trabalhar, para trabalhar é preciso que haja em quê e para haver em quê é necessario que alguem nol-o queira dar, percebe vossa...

Francisco — Excellencia.

João — Vossa excellencia?

D. Joanna — Pobre rapaz! Está então desarrumado?

João — Estou sim, minha senhora.

D. Joanna — E é por isso que não casa? Mas parece impossivel! Pois não ha por ahi tantos modos de vida?

João — Isto em mim é a minha sina. O que quer a senhora?

D. Joanna — Ah! não, não... não diga isso João. N'este mundo não ha sinas nem para o bem nem para o mal. Dôres todos as sentem, lagrimas todos as choram e risos... vamos, tambem não ha alma tão atribulada que não tenha conhecido o prazer que dá uma alegria verdadeira.

João — Pois quer vossa... vossa excellencia ouvir? Depois me dirá se isto é sina ou não é sina. Nós eramos tres os filhos de minha santa mãe, que Deus tenha; não é verdade, Francisco?

Francisco — Sim, a tia Quiteria, tua mãe, teve tres filhos.

João — Eu era o mais novo. Meu pae, Deus lhe perdoe, era pedreiro; meus irmãos, um era aprendiz do mesmo officio, o outro quiz embarcar. Vae eu, tinha dez annos e ahi cae meu pae d'umas obras abaixo e morreu no hospital; o nosso José teve a febre no Brazil e lá se foi tambem e o nosso Manoel, que ia principiando a endireitar a vida, deram-lhe na cidade as bexigas e morreu queimadinho, que nem eu quero que me lembre. E ahi fiquei eu com a minha pobre mãe que se matava a chorar. Bom. Vae eu, quiz ir para a cidade aprender um officio. Mas como havia de

ser se a minha santa creatura me ficou cega de repente? Havia de deixal-a? Coitadinha! Aqui na terra ha gente caridosa que não nos deixava morrer de fome. Na cosinha do lavrador ha sempre, como a senhora sabe, sobras de pão e de caldo para os que os não teem.

Andava eu pois com ella de porta em porta, meio envergonhado quando via passar os rapazes da minha edade com a sacca dos livros da aula ou com a ferramenta do officio; mas que havia eu de fazer?

Chamavam-me o rapaz da cega ou o João da cega.

Era um despresado que nem companheiros tinha para brincar!

Um dia, depois de muito soffrer, levou-me Deus para si aquella desgraçadinha que sempre me teve a seu lado até o ultimo suspiro. Bom, agora que estás só no mundo trata da vida, João, dizia eu para mim. Mas quem me queria? Roto e pedinte, achavam-me taludo para aprendiz e estragado na vadiagem. Eu bem lhes dizia que nada mais tinha feito que o meu dever servindo de bordão a uma pobre cega, que me tinha só a mim, e que isto não era coisa ruim nem crime. Matavam-me a fome mas ninguem me queria! Até que um bom homem, velho carpinteiro, teve compaixão de mim e acceitou-me. Principiei então a trabalhar e a andar mais contente. Cuidei até que estava feliz para o resto da vida.

Foi por esse tempo que eu vi a filha do mestre Marcos e logo fiquei doido por ella. Até com ella sonhava! Mas nunca futurei que ella fizesse caso de mim. Se andavam tantos a arrastar-lhe a aza, tantos, e todos eram mais do que eu! Mas, veja a senhora aquelle coração! Foi para mim, que era o mais pobre e desgraçado do rancho, que ella se inclinou.

Uma tarde, havia festa no adro, entrei a sentir-me tão triste, tão triste, que peguei em mim e fui parar

ao cemiterio onde não estava ninguem porque toda a gente andava a divertir-se e a dansar na festa.

Vae senão quando, quem me ha de ali aparecer? Era ella, a filha do mestre Marcos. Eu fiquei sem pinga de sangue e, vae ella, diz-me assim com aquella voz com que sabe dizer as coisas: «Que está aqui a fazer no cemiterio, João, em que está a pensar?» Penso, menina, disse-lhe eu, que estou só no mundo, tão só, tão só, que era bem melhor para mim me fosse deitar alli ao pé de minha mãe. «Ainda é cedo para procurar companhia no cemiterio — disse-me ella; — já todos os vivos lh'a negaram?

Nem eu me atrevo a pedil-a — «Pois n'isso é que faz mal» — E que tenho eu para agradar a alguem? — «O seu bom coração, a sua alma, João», e n'isto foi-se embora. Olhe, minha senhora, que isto passou-se assim tal tal como lhe estou contando e vae d'ahi principiou esta nossa inclinação e ella taes artes empregou que até o tio Marcos entrou a querer-me bem. Vae depois, succede, por minha desgraça, andar eu a trabalhar de carpinteiro em casa do fidalgo do Altotojo quando desappareceu lá de uma gaveta uma porção de notas que valiam muito dinheiro.

Fez-se muito barulho em toda a casa, procura d'aqui, procura d'acolá, perguntam estes, revistam aquelles. Foi um caso fallado em toda a aldeia e vae, de repente, o fidalgo entra a olhar para mim carrancudo e no dia seguinte manda-me despedir. Perguntei porquê, ninguem me respondeu. Imagine a senhora o que isto deu que fallar depois do que se tinha passado. Como eu estava innocente, não podia futurar que na terra todos me chamavam ladrão. O proprio mestre Marcos não me accusava, sim, mas tinha para mim uns modos tão seccos, tão zangados que eu logo entendi tudo. Estava perdido. Não sei como não rebentei de dôr, logo alli. Saltaram me as lagrimas dos olhos quando me lembrei que a Anna tambem me ha-

via de julgar ladrão e, como um desesperado, corri em busca d'ella. Mal a topei gritei-lhe de longe: O' menina olhe que eu... Ella não me deixou continuar. Cala-te, João, cala-te, disse-me ella chorando tanto como eu, não me digas nada porque não te julgo culpado. Não te desculpes commigo porque eu conheço-te e sei que não podes deixar de estar innocente.

Ouvindo-lhe estas palavras tão bôas, não sei o que teve mão em mim para não ir a correr dizer a toda a gente: Sabem que mais? Se querem acreditar que eu sou um ladrão, acreditem. Não se me importa o que vós todos pensaes porque já sei que a Anna não pensa como vós.

Mas emfim ella acalmou-me, e disse-me mesmo que era mister convencer os outros, pois não tinham os mesmos motivos que ella para não acreditar o que se dizia na terra. Fui então procurar o fidalgo mas não me quiz vêr. Vae um dia, olhe, senhora, que até custa a acreditar, ao acabar a missa, estava o adro cheio de gente e o fidalgo vinha a sair. A Anna põe-se-lhe diante no caminho e diz-lhe em voz alta que todos ouviram: «Sr. D. Alvaro, queira perdoar. Corre a fama em toda a aldeia que o fidalgo accusa aquelle rapaz que está alli» — e apontou para mim que estava a um canto muito envergonhado, — «de ter feito o roubo de dinheiro em casa do fidalgo. Elle é meu noivo e está innocente, que o sei eu, que o vou jurar porque sei a alma que ali está. Por ahi todos o accusam e o sr. D. Alvaro, se é um homem de honra, não pode mentir e hade aqui, diante de toda esta gente, declarar que elle não é o ladrão, porque é impossivel que o não saiba, e que, se despediu aquelle rapaz de sua casa, foi por outro motivo. Responda, fidalgo, mas lembre-se que vem da missa e que esteve ajoelhado no altar do Santissimo».

Se a senhora quer vêr?! Toda a gente pasmada, a Anna a olhar direita para elle e o fidalgo, enfiado,

fez-se vermelho, depois branco, tremeu, suou e a final disse assim esta falla: — «Esse rapaz é innocente. O roubo foi feito por pessôa de casa. E eu quiz desviar suspeitas. Peço-lhe perdão».

A final, sabe a senhora? o ladrão tinha sido o filho d'elle para extravagancias. O fidalgo ficou tão envergonhado que deixou a aldeia e não voltou. Veja a senhora como eu fiquei contente e todos ficaram ali sabendo que eu era o noivo da Anna. Mas isto foi ha tres mezes e nada arranjei ainda porque a familia do fidalgo faz-me guerra, por vingança, porque se veio a saber que foram elles que aconselharam o fidalgo a fazer o que elle fez, para não dar que fallar contra o filho, que era vergonha para todos os parentes.

D. Joanna — Sabe que é sympathica e commovente a sua historia?

João — Assim Deus salve a minha alma como é verdade tudo quanto disse.

D. Joanna — Acredito. E como a historia me interessa, por ambos, pela pureza e generosidade dos seus sentimentos, prometto-lhes para ella um agradavel final.

João — O que diz, minha senhora?

D. Joanna — Nunca lhe contaram historias em pequeno, João?

João — Contaram sim, minha senhora. Ainda me lembro d'aquella da Gata Borralheira que minha mãesinha nos contava nas noites de inverno.

D. Joanna — Então hade saber que ha sempre um rapaz que gosta de uma rapariga. Se elles casam, a

historia acaba bem e, se não casam,... o fim é triste e faz chorar quem a ouve.

João — Quer então vossa... excellencia dizer...

D. Joanna — Que a sua historia hade acabar bem.

João — Mas...

D. Joanna — Mau; se se diz logo tudo, o fim não tem graça nenhuma.

João (querendo beijar-lhe a mão) — O' minha protectora!

D. Joanna (retirando-se) — Está bom, está bom. Não gosto d'isso. Ande, vá á sua vida e guarde antes esse beijo para a sua desposada.

Francisco — Então eu não te disse que era melhor contar-lhe tudo?

João (sorrindo) — Dá-me um abraço. Agora começo a acreditar que sou feliz e vou a correr contar tudo á minha Anna.

Ouve-se-lhe a voz dentro, cantando

Quem se ri, está contente
Quem está contente é feliz;
Mas... cala-te coração
O que sentes não se diz.

O romance d'um guarda-barreira

Um dos meus amigos, martyr enthusiasta da caça, que tem soffrido com uma resignação heroica aguaceiros diluviaes, soes calcinadores, ventos de assolar cidades, que vadêa rios, escala montes, embrenha se em matos gigantes, atola se em brejos perfidos, aspira miasmas sazonaticos, come o pão negro do lavrador hospitaleiro, sem o menor quebrantamento de animo, instigado pelo ardor da perseguição das lebres, codornizes e galinholas; amigo cruel, que tem feito de mim uma victima da estupante odyssea das suas façanhas venatorias, que me quer obrigar a decorar as biographias de quantos podengos e perdigueiros teem sido os companheiros das suas excursões intermina-veis; um amigo como de certo o leitor ha de ter algum, contou-me ha dias uma pequena historia que eu por minha vez, vou contar ao leitor.

E' curta, não lhe roubará meia hora ao seu tempo tão occupado.

Ha mezes, no tempo do inverno tinha este Actem, inexoravel flagelo das timidas lebres do monte, saído a montear de espingarda ao hombro, botas de agua, polverinho ao tiracollo, chapeu largo, sandwichs de queijo londrino na saca e vinho no pichel, despedindo-se da familia assim como se fosse emprehender uma exploração aos polos. Se não houve lagrimas na despedida é porque o habito d'esses apartamentos costumou os olhos a não chorar. Apenas a mãe, boa senho-

ra, toda votada a coisas domesticas, contraste perfeito com a bossa aventureira e viajante do seu unico filho, lhe disse do alto das escadas ao vel-o sair:

— Olha lá se tens cautella com essa arma, meu filho... Sempre que me lembra que um dia...

A historia contou-a a boa senhora ás meninas de casa que, sentadas a trabalhar em costuras contavam mentalmente os dias que faltavam para o desejado domingo.

Socegue o leitor que não pretendo arrancal-o do molle repouso do seu gabinete para o constranger a seguir o meu amigo no fadigoso exercicio de sua paixão dominante. Esteja descançado. Saiba que tem em mim um homem que odeia a caça e que por coisa nenhuma se decidiria a servir-lhe de companheiro n'estas excursões sanguinarias e laboriosas.

De mais, seria mal escolhido o dia para tentar o passeio porque o meu amigo, segundo elle mesmo confessou, esteve de uma infelicidade excepcional. Era quasi noite e nem lhe tinha apparecido caça de geito, nem á pouca que poude vêr conseguira fazer pontaria certeira.

Imaginem o desespero e mau humor com que elle voltava a casa. Este mau humor para alguma coisa lhe havia de dar. Chegando á base d'um monte donde se descia para a estrada, o meu amigo, em vez de o costear até ao logar onde elle se nivellava com o caminho, pretendeu imprudentemente descel-o ali mesmo. Principiou a segurar-se aos troncos das giestas, a firmar os pés n'algumas raizes de pinheiros que rompiam a parede saibrosa do caminho; mas, a uma vara de altura do solo, o pé resvalou, as mãos não puderam sustentar o peso do corpo e o desapontado caçador veio cair no chão sentindo uma dor agudissima na articulação do pé direito com a perna, que o fez involuntariamente soltar um gemido.

— Estou arranjado — disse elle. — Uma fractura pelo

menos. Quarenta dias de immobilidade e de entalação!

E faltou-lhe o animo para se mecher e verificar se effectivamente tinha fracturado o pé.

Quanto tempo assim esteve? Quando os romancistas fazem esta pergunta é signal de que se lhes não pode responder. E' o caso em que estou.

Umas creanças que vinham do monte viram aquelle homem estirado e deitaram a correr gritando:

—Um homem morto! um homem morto!

O meu amigo deixou-as gritar. Tinha procurado mover o pé e julgou que o não sentia.

—Adeus! Este já me não pertence. Declarou-se independente da metropole. Faz bem. Não lhe durará muito a autonomia.

Esta reflexão parece muito ligeira nas circumstancias sérias em que se encontrava o meu amigo. E o que é certo é que não tinha nada tranquillo o espirito quando pronunciára estas palavras. Depois lembrou-se do tratamento de fracturas, da cara do seu facultativo, das pessoas que o iriam visitar durante o processo de consolidação da sua tibia e já procurava saber qual o seu passatempo n'essas horas de forçado ocio.

—E' occasião de ler um romance do Ponson du Terrail. F. irá lá por casa para jogarmos uma partida de xadrez. Peço a C. que me empreste o stereoscopio...

Foi interrompido n'estas cogitações pelo ruido d'uns passos apressados e vozes confusas e cêdo se viu rodeado por um magote de povo, capitaneado ao que parecia por um velho de bigode branco e espingarda ao hombro, vestido com o uniforme de guarda das barreiras municipaes.

— O' creatura de Christo, você ainda vive?—Foi a interrogação que lhe dirigiu este homem.

—Eu julgo que sim.

— E o outro fugiu?

— O outro?

— O assassino?

— Qual assassino?

— Adeus minha vida! Então não o mataram?

— Eu julgo que não.

— Então que está você ahi a fazer? — exclamou já meio desconfiado o velho guarda.

— Eu... estou a pensar.

— A pensar! — disseram os circumstantes espantados com a extravagancia da resposta.

— A pensar em quê? — perguntou o velho guarda-barreira adiantando-se.

— A pensar... ai!... nos grandes serviços que prestam... ai!... ai! .. ai!... á humanidade esses modestos philantropos... ai!... ai!... a que chamamos cadeirinhas... ai!... ai!... ai... — Estes ais eram desafiados pelas pungentes dôres da articulação tibio-tarsica direita do meu amigo.

— Está bebedo! — murmurou o guarda aos que o rodeavam e depois, dirigindo-se ao meu amigo:

— Levante-se e ande d'ahi.

— Isso é bom de dizer. Andar! E' dos maiores prazeres d'este mundo, é; mas...

— Vamos — e aproximando-se d'elle puxou-o por um braço.

— Ai... ai... ai!

— O que é? — disse o velho, largando-o.

— Pois não vê que tenho um pé...

— Dois vejo eu.

— Pois está enganado, porque um já me não pertence porque está quebrado.

— O' diabo isso então é mais sério.

— A quem você o diz! E muito sério porque perdi o meu rico pé.

— Tem razão; visto isso... Eh! rapazes levantem este senhor e levem-o para o meu quarto.

— Ai... ai... Esperem... Façam isso com geito!

— Peguem n'elle com cautella e aviem-se.

Para encurtar razões: passada meia hora estava o meu amigo deitado na enxerga do guarda-barreira, com o pé ligado com pannos embebidos em agua fria.

A lesão não passava a final de uma distensão de ligamentos.

(Não continúa).

O ramo das maias

POR

GOMES COELHO

Que apparencia festival dão aos campos as giestas quando em maio, ostentam as vistosas galas da sua vigorosa florescencia!

Que profusão de corollas amarellas n'aquelle verde, tão verde, dos ramos tenazes!

E' por certo a flor mais alegre que a naturesa produz; por isso lhe querem as galhofeiras raparigas do campo, onde nunca foi moda a melancolia.

Ahi está a violeta; é uma flôr bonita sem duvida, mas triste. A mim só o cheiro da violeta me faz scismar, deste scismar que os francezes chamam *rêverie* e que nós não sei bem que nome lhe damos. E' a rasão porque os poetas a cantam. Os poetas são habitualmente inclinados á tristeza e ás coisas que a suscitem.

As rosas teem já um aspecto mais risonho, é verdade, mas ainda comedido ou, como hoje se diz, *guardam as conveniencias* nas suas alegrias. E' um jubilo grave aquelle seu.

Uma elegante pode irreprehensivelmente trazer no chapeu uma rosa artificial; mas vão lá dizer-lhe que traga um ramo de maias!

E' que as maias são alegres á moda dos campos, que é a verdadeira moda de o ser, a mais racional. E' ali que o contentamento se não revela em um simples e esprimido sorriso, mas em prolongadas e altisonantes gaigalhadas; é ali que se usam os lenços escarlates e amarellos, e se odeiam as côres escuras; que

se canta desde o nascer do sol até o nascer das estrellas e onde, no fim da vida, se tem rido mais do que chorado, a ponto de fazer duvidar da exactidão do epiteto de *valle de lagrimas* com que o christianismo designa o mundo em que vivemos.

Ora eu tenho, em muitas coisas, gostos campesinos; é por isso que poucas flores me agradam tanto como as flôres das maias. Perdôe-me a leitora delicada esta confissão de mau gosto, mas sincera.

Tenho-lhe affeição deveras á despretenciosa flor.

Não é uma alegria estudada aquella sua; é uma alegria expansiva, lhana, sem refolhos, sem momices affectadas; alegria de flor montanheza, emfim.

O ar das montanhas é inimigo do ceremonial, que prescreve até as maneiras proprias de manifestarmos nossos prazeres e nossas penas!

A gargalhada de um *hihglander* produziria uma irritação de nervos em um homem das planicies; ao pé das flores de jardins e de estufa, as singelas maias haviam de ser estranhadas e escarnecidas; seriam como uma camponeza de côres viçosas e sadias n'uma reunião d'essas formosuras pallidas e franzinas que povôam os salões.

Decididamente o gosto está estragado! Pois não é nestas ultimas que os poetas vão, de ordinario, escolher typos para heroinas de poemas e romances?! Como se não fossem bellezas degeneradas! Como se nossa mãe Eva, que é de suppôr ter sido o ideal da belleza feminina, não tivesse possuido uma organisação robusta, excellente carnação e côres para invejar. A saude é para mim como um complemento da belleza.

Era já opinião dos antigos que a perfeição dos organismos depende de quatro condições: integridade, força, belleza e saude; reparem bem — e saude.

A febre, os espasmos, a hysteria, a demencia, podem excitar-me a compaixão pelos infelizes que as padecem,

mas d'ahi a adoptar como rigor de esthetica a necessidade de uma d'estas molestias para cada protagonista de romance, vae muito longe.

Vejam as mulheres da Biblia; que poeticos e interessantes typos aquelles! E sabem de alguma cuja saude melindrosa nos suscite apprehensões?

Em toda a litteratura classica pouco ha que vêr com a medicina. Se algumas doenças por lá apparecem, encaram se litterariamente, não se lhes desenvolve a pathogenia com um rigor scientifico digno de uma memoria academica. Não se veem ali conferencias de medicos, estupendos *recipes,* nem frascos medicinaes e tizanas por cima das mezas; as rubricas dos auctores dramaticos não obrigam as actrizes a tossirem de vez em quando para forçar o interesse dos espectadores incommodando-os.

O delirio de Orestes, prudentemente attribuido ás furias, não era explicado ao publico por nenhuma theoria medica.

Hoje então, um medico tomando o pulso, percutindo e auscultando a protagonista doente, é uma scena de effeito seguro. Digam-me se no theatro classico viram alguma vez entrar em scena Hippocrates, Galeno, Celso, Ambrosio Pareu e outros vultos da extensa galeria medica que havia já então? E' que a doença não estava em moda. Hoje não ha auctor que, a não querer arriscar o interesse inspirado pela sua heroina, se atreva a fazel-a sã e escorreita; pelo menos uma doença nervosa é inevitavel. Eu por mim julgo ser isto uma perversão de gosto. Enganar-me-hei?

E' uma igual perversão que faz com que as flores das maias não sejam apreciadas, não estejam na moda. São alegres e garridas como qualquer lavradeira em dia de romaria Excitam de longe as vistas com a côr viva de suas petalas, destacando se do fundo verde escuro das folhas e dos ramos.

Ora venham cá dizer-me que não são flores boni-

tas! Eu tenho por ellas uma affeição desinteressada, sincera, que data de muitos annos.

Creança ainda, nunca voltava do campo, no fim de uma tarde de maio, que não viesse adornado das prasenteiras flores; mais tarde, em certa epoca em que me quizeram ensinar botanica, nunca tive coração para dilacerar a bicos de alfinetes essas pobres flores alpestres com o unico fim, o mais futil de quantos pode imaginar uma sciencia, de substituir o nome pratico que lhe dá o povo, por o nome pedante da nomenclatura technica.

O botanico! Nunca vi gente mais fleugmaticamente cruel! Com que indifferença elles partem uma manhã para o campo, munidos do indispensavel estojo, que me produz o effeito de um apparelho de torturas em tribunal inquisitorial, e atravessam planicies, trepam collinas e oiteiros, profundam vales, devassam moitas, costeiam rios, colhendo quantas flores encontram, sem que o bello das côres ou o enebriante dos perfumes lhe mereçam uma exclamação de praser. Com que selvagem sangue frio procedem a esta provisão de plantas, que amontoam sem gosto em suas caixas de folha ou de cartão, e voltam á cidade carregados de modestas prezas para, fechados no seu gabinete, encetarem o seu trabalho de destruição!

Já os viram alguma vez postos á obra? Que espectaculo!

Nas suas mãos as pobres flores são torturadas, despedaçadas, como as victimas nos circos pelas garras das feras; petala a petala caem desfolhadas; os bicos de alfinetes movidos por mãos sem piedade rasgam-lhes os calices, destroem-lhes os nectarios, penetram nos ovarios que rompem, disseminam-lhes os grãos, germens de futuras flôres que sem remorsos aniquilam, estendem-lhes os restos inanimados sob o campo do microscopio e, com a placidez do philosopho e uma insensibilidade de selvagens, examinam as ruinas de uma bella obra,

E para quê, santo Deus? Que buscam elles n'estes trabalhos de destruição? Um nome, um nome pedantesco, barbaro, inharmonico, prosaico, nome de bulir com os nervos, nome que fomenta as syllabadas, para o applicarem, sem compaixão nem consciencia, á obra mais singela, poetica e despretenciosa da natureza!

Eu quando vejo a sciencia occupar-se com os fosseis, com os mastodontes, os pterodactylos, digo com migo: sois dignos um do outro; mas, quando volta as suas iras classificadoras contra as flores, lamento-lhe a barbaridade.

De todas as vezes que eu ia a colher uma d'essas victimas inoffensivas de uma sciencia cruel, parecia-me vel-as animarem se, erguerem-se na haste para me olharem, rociadas de gotas de orvalho que semilhavam lagrimas, e dizerem-me:

— Tem piedade de nós! Que as borboletas e as abelhas nos beijem, namoradas dos nossos matizes e perfumes. Se esse beijo nos der a morte, embora; morreremos em um estremecimento de prazer. Se nos colhe a mão delicada da virgem que fantasia amores. Se em breve nos espera o esquecimento e o despreso... ao menos fomos por um instante amadas. Que nos desfolhe a briza na corrente dos arroios... partirá com nossos perfumes e embalsamará com elles os prados e os bosques. E' uma especie de immortalidade que nos dá... Mas tu... para que nos cortas? Em creança amavas-nos e, como as borboletas, deixavas-te namorar das nossas côres viçosas e dos nossos aromas; então eramos nós as primeiras a inclinarmo-nos na tua passagem para te desafiar os affagos e para morrermos amadas; mas hoje é com fria indifferença que nos procuras, que nos vens separar da haste para nos desfolhar sem dó, dilacerar-nos, sepultar-nos entre as folhas de um herbario, sem vida, sem perfumes, esqueleto do que fômos, pallidas mumias que ufanamente designaes com um nome, só de per

si capaz de nos fazer murchar. Oh! tem piedade de nós!

Esta voz das plantas fez-me desgostar da botanica, que penso ser a sciencia mais barbara que ainda inventaram homens.

Um dia em que n'uma d'estas explorações scientificas chegára a vez das pobres maias de serem classificadas, a tal voz que eu escutei, pareceu fallar mais alto; a ponto que não pude resolver-me a despedaçal-as para as classificar. Se eu as conhecia de creança! Era quasi um sacrilegio.

Com este culto pelas flores em geral e esta affeição pelas maias em particular, tinha eu ido passar ao campo os mais floridos mezes do anno.

Todos os dias o sol, despontando por cima da crista dos oiteiros me encontrava sentado ou, mais rigorosamente, deitado nas pedras musgosas de um muro derrocado ou junto ao tronco meio carcomido de algum carvalho secular.

Um frondoso e amenissimo valle seguia em sinuosidades por entre duas collinas em cujas fraldas e encostas rompia uma vigorosa vegetação de sovereiros e carvalhos e cujos cimos eram coroados pelas elegantes umbellas de pinheiros mansos que faziam lembrar uma villa napolitana. As arcadas de um extenso aqueducto avistavam-se ao longe e, atravez d'ellas, descobria-se áquella hora um ceo sem nuvens apavonado pelos nascentes clarões da luz oriental. Enchiam as espessuras do valle e das encostas fronteiras um enxame de passaros, cujos gorgeios se confundiam, combinavam, ou afroixando, ou crescendo, e produzindo sempre a harmonia na dissonancia, coisa que a arte julga um absurdo, mas que a natureza entende e realisa.

Era no ultimo dia de abril. Flores em profusão esmaltavam de variado matiz o fundo verde da relva.

Havia logares em que o campo tinha reflexos doirados, roxos, azues, de magnificos effeitos e lá estavam

tambem dispersas pela collina e debruçadas sobre o valle as minhas queridas flôres das maias, todas alegres e festivas.

Eu estava enfeitiçado com o que via. Todo me embevecia a seguir com a vista uma roza que o vento desfolhára no rio e que, arrebatada pela corrente ia, bem longe da rozeira que a produzira, exhalar o ultimo alento; outras vezes acompanhava a abelha no seu adejar de flor em flor ou o movimento da sombra da folhagem agitada projectando-se sobre a relva do chão.

Pouco a pouco aos pequenos e surdos murmurios da natureza, pois n'aquella epoca do anno a natureza falla baixo, porque falla de amores, ás vozes das aves, dos insectos, das aguas, do vento e das folhagens, juntou-se o timbre argentino de uma voz de mulher entoando a seguinte cantiga:

(Não conclue).

Peccados litterarios

Programma de um conto para os novos *Serões da Provincia.*

Paulo Americo encetou prematuramente a vida de escriptor. Creança ainda, já firmava com o seu nome escriptos de todo o genero. Perdeu cedo aquelle virginal pudor que é tão salutar reserva para os escriptores incipientes. Costumou se ao publico, aos risos e zombarias de criticos e já o não magoavam os golpes com que o feriam, quando entrou na edade da adolescencia.

Imaginação viva e espirito cultivado, Paulo Americo, tornou-se um escriptor distincto mas pouco sympathico.

A unica familia que conhecera fôra um tio velho e egoista, que não lhe soubera semear no coração sentimentos ternos e nobres. Não havia carinhos de mulher nas suas recordações de infancia. De pequeno se familiarisou com o vicio e aos vinte annos achava-se um desilludido.

Assim, os seus livros eram eivados de scepticismo e desconsoladores. Romances á imitação dos de uma certa escola franceza, em que o vicio se adorna de galas seductoras e a virtude é tratada com risos de zombaria, eram a sua producção favorita. A mocidade procurava-os com avidez, porque tinham para ella a seducção do vicio. Paulo Americo tornou-se um escriptor conhecido, lido clandestinamente pelos filhos, temido e abominado pelos paes.

Um dia chegou á cidade uma viuva rica e muito requestada por os pretendentes a casamentos vantajosos, um dos quaes era Paulo Americo. A viuva manifestou por elle alguma predilecção mas depressa o desilludiu declarando-lhe que nunca tencionára casarse segunda vez. Que a razão da sympathia que manifestava por elle, era a compaixão que elle lhe inspirava. Paulo Americo pede-lhe a explicação d'estas palavras e ella diz-lhe que, estudando-o e conhecendo as suas obras, não o suppunha um cynico, mas apenas um infeliz que nunca amára e que d'ahi provinha o seu desespero.

Paulo Americo concorda em parte e a viuva, depois de varios conselhos, acaba por decidil-o a ir passar algum tempo á terra d'ella na provincia.

Paulo Americo vae. A mudança de habitos e de meio faz d'elle um outro homem e tempos depois, apaixona-se por uma menina, filha de um facultativo pobre, casa burguezmente e propõe se sinceramente a realisar o typo de marido de que tanto zombára.

Escreveu ainda um romance de genero inteiramente opposto aos antecedentes, no que procurou esmerar-se como em nenhum. O publico, porém, repudiou-o, achando que o auctor estava fóra do seu genero. Isto desgostou Paulo Americo que nunca mais escreveu.

Passaram-se annos e Paulo Americo teve uma filha cuja educação absorvia todos os seus disvellos. A filha cresceu e era a mais formosa e ingenua creança que pode causar o enlevo de um pae. Paulo Americo era verdadeiramente feliz, quando um dia a filha o surprehende pedindo-lhe para lêr os romances que elle publicára em tempo. Paulo Americo assusta-se. Conscio dos seus delictos, nunca fallára á filha nas suas obras. Tremia só de imaginar que os seus livros chegassem ás mãos da filha. Esta porém ouvira a uma menina de Lisboa, que passára alguns dias na sua terra, fallar d'elles e agora anciava por lel-os.

Principiou uma verdadeira tortura para Paulo Americo, uma quasi expiação. Fallou n'isso á mulher e ambos procuraram desvanecer aquella ideia na filha.

Um dia Paulo Americo entra no quarto da filha e vê um livro em cima da banca; repára, era justamente o mais escandaloso dos seus romances. O pobre pae tem quasi uma syncope. A mulher acode e faz-lhe vêr que o livro está ainda por abrir. Informando-se, soube que a filha ainda não o vira e que o livro tinha chegado momentos antes remettido pela menina de Lisboa. E' subtrahido o livro juntamente com um bilhete em que lh'o annunciavam como o melhor do pae. A mãe tem a lembrança de o substituir pelo ultimo romance, unico honesto, que publicou Paulo Americo e d'este modo a filha poude lêr um livro do pae, sem perigo para a reputação paterna.

Um retabulo de aldeia

Programma de um conto para os novos *Serões da Provincia.*

(I) Uma irmandade ou confraria de certa parochia rural, procurando dar applicação ao dinheiro que tinha em cofre, convoca assembleia para se discutir o assumpto. Aventam-se varios e desencontrados alvitres e a final resolve-se mandar pintar á cidade um retabulo para o altar da santa sob cuja invocação se erigiu a irmandade.

(II) Os mordomos dirigem-se para esse fim a um proprietario da localidade que, passando metade do anno em Lisboa, estava no caso de melhor do que elles arranjar artista para execução da obra. Assim se fez. O proprietario escreve a um rapaz seu amigo, discipulo da Escola de Bellas Artes, para se encarregar da pintura do retabulo e, tendo de partir para o estrangeiro offerece ao amigo a sua casa na aldeia para lhe servir de atelier.

(III) O artista acceita, encantado com a perspectiva do tempo delicioso que vae passar no campo e ao mesmo tempo orgulhoso de encontrar finalmente uma tela, uma obra de mais folego do que os retratos de burguezes a cuja confecção se via constrangido a applicar os seus talentos.

(IV) Parte para a aldeia. Aloja-se na casa senhorial que o amigo deixou vaga á sua disposição. Toma as medidas da obra, estuda a luz e procura informar-se da historia da santa.

(V) Contam-lhe a lenda respectiva.

(VI) O artista percorre, solitario, os montes da aldeia, á procura de inspiração. O povo principia a notal-o e a desconfiar dos seus modos.

A inspiração chegou. A santa fôra pastora e o artista, um dia, depara com uma linda serrana adormecida sobre uns pittorescos rochedos e rodeada de numeroso gado. Vê realisado o typo que se esforçára por conceber. Ali mesmo o esboça rapidamente e sente que venceu a primeira difficuldade da obra.

A serrana acorda. O artista entra em conversação com ella e sae d'alli encantado com a pastora e com a sua promessa de se deixar estudar como modelo do quadro em que trabalha.

(VII) Repetem-se as sessões. O artista reveste a rapariga de uma tunica e de um manto apropriados á época da lenda e, passado um mez, o retabulo estava prompto.

(VIII) No dia da inauguração houve festa de espavento a que o auctor não poude assistir por haver recebido noticia da doença grave de sua mãe, tendo partido precipitadamente para Lisboa.

A pintura agradou. Os entendidos da terra approvaram-a, apezar de lhe apontarem defeitos.

(IX) Passadas semanas o cura da freguezia, santo velhinho, teve uma visão miraculosa: Ao atravessar a serra, vindo de assistir a um parochiano moribundo, ali pelo cair da tarde, deu com a santa do retabulo, feição por feição, mas de carne e osso, adormecida entre o rebanho e tendo ao lado o manto e o sceptro, exactamente como na pintura. O bom do padre esfregou os olhos, benzeu-se, fitou aquella imagem, ajoelhou e rezou. Desceu d'ali a contar o caso aos seus parochianos.

(X) No dia seguinte era uma romaria para o monte para vêr a santa. A santa não appareceu, mas o manto lá estava como na vespera assim como o sceptro e a corôa que eram de papelão.

Faziam-se commentarios sobre o caso quando um fazendeiro de uma aldeia proxima que ali tambem viéra, disse que n'aquella serra andava o seu gado pastando guardado pela sua criada Maria, exposta, e que provavelmente fôra ella quem o padre encontrára. Clamou-se contra o scepticismo do fazendeiro. Este mandou a casa chamar a rapariga e vieram dizer-lhe que tinha desapparecido n'aquella madrugada.

(XI) O velho fazendeiro, estranhando o caso, vae á egreja, vê o retabulo e pasma. Na santa da pintura reconheceu a sua criada Maria. Não sabe como explicar o facto mas o povo logo o attribue a um milagre e crê que a santa em pessôa veio guardar rebanhos á aldeia para assim ser pintada no retabulo e que o pintor era provavelmente algum anjo descido á terra e a próva era que nunca mais ninguem o vira.

(XII) A crença radicou-se, as promessas e offertas choveram sobre o altar e a confraria enriqueceu.

Quando o proprietario voltou da sua viagem e soube do caso, escreveu ao artista pedindo o esclarecesse. Este contou-lhe o que sabemos, accrescentando que fôra elle que, vencido pela paixão, arrebatára a rapariga para Lisboa e que casára com ella, passando agora o seu tempo, como d'antes, a tirar retratos, certo de que nunca mais faria obra tão perfeita.

A Excellente Senhora (?)

Programma do 1.º volume.

Estamos em março de 1490. Vão em andamento as negociações de Portugal com Castella para o casamento do Principe D. Affonso, filho unico, legitimo, de D. João 2.º com D. Isabel de Castella, filha primogenita dos reis catholicos Fernando e Isabel. Já em côrtes convocadas em Evora em janeiro se votou a somma de 100:000 cruzados para as despezas do casamento.

A côrte suppõe-se em Almeirim, onde, depois de uma vizita á *Excellente Senhora* no mosteiro de Santarem, S. A. se alojou durante alguns dias para montear como costumava — Em vesperas de partida para Evora, onde está a rainha.

*

*   *

Na campina que se extende entre o Paço de Almeirim e as margens do Tejo, em ... está um grupo de tres cavalleiros muito moços e cujo vestuario denota um apuro e delicadeza quasi effeminada.

E' ao cair da tarde, o tempo parece presagiar uma tempestade propinqua.

Na attitude que conservam indicam que esperam alguem do lado do Tejo.

Trava-se entre elles um curto dialogo que confirma

esta indicação. Falla-se vagamente de uma rapariga, de uma empreza amorosa, cujo resultado parecem aguardar. Allusões a um senhor da côrte em riscos de ser mystificado.

Passado tempo apparece da direcção para que elles olhavam um novo cavalleiro a galope. E' o esperado. A' sua chegada uma pergunta sae dos labios dos tres: — Então? — O recemchegado responde com a primeira copla da chacara de Claralinda.

Uma voz parece contestal-o cantando a segunda. E' de um outro cavalleiro que chega em trajos de viagem, inculcando ter caminhado muito. Os primeiros interrogam-o. O recemchegado é novo ainda, alegre e descuidado. Responde que chegou ha pouco de Paris onde seguiu o estudo da medicina, que é nascido em Evora e que vem para viver na côrte. Que sabendo em Lisboa que ella estava em Almeirim, para ali se dirigia, porém que o seu cavallo precisa de prompto soccorro, razão pela qual elle não passará mais além de uma pequena taberna, que avista d'ali, sem recuperar novas forças. Com mais algumas palavras afastam-se, os primeiros em direcção a Almeirim e o ultimo na da taberna.

Apesar das fortes pancadas que o fatigado cavalleiro descarrega na porta da taberna, esta não se abre logo. Porfiando, apparece-lhe um gordo personagem de fartos bigodes e aspecto marcial que, em portuguez, com resaibos de castelhano, lhe pergunta rudemente o que quer. — Repouso e comida para mim e para o meu cavallo. — O estalajadeiro fez uma visagem como se o requerimento o lançasse em difficuldades imprevistas. A taberna parece estar inteiramente desprovida do necessario. O cavalleiro, João d'Evora, estranha o seu hospedeiro e a singularidade da recepção.

Ainda não tinham chegado a um accordo quando subitamente entrou na taberna um embuçado, em vestidos de paisano, que não reparando em João d'Evora,

rompe em exclamações contra o rei e a côrte de Portugal e Castella e lamenta apaixonadamente a *Excellente Senhora* a quem se mostra devotado do fundo d'alma. O estalajadeiro faz-lhe signaes que elle não comprehende até que por acaso repara em João d'Evora. Surprehende-se e instinctivamente leva a mão á adaga João d'Evora procura tranquillisal-o e inspirar-lhe confiança, dizendo que tem vivido fóra de Portugal e que é inteiramente alheio aos negocios politicos, que não comprehendera o segredo que presentira, nem, que o comprehendesse, era de animo a abusar d'elle.

O hespanhol retira-se um pouco mais tranquillo para mudar de trajo.

Rompe a tempestade e uma chuva diluvial. Quando o fingido estalajadeiro vae fechar a porta, um novo personagem entra na taberna fugindo á chuva. Descobre-se e João d'Evora e elle acham-se conhecidos. Dois annos antes o recemchegado, agora official da casa do Duque de Beja, D. Manuel, tinha ido a Paris fazendo parte da embaixada mandada por D. João 2.º a Carlos 8.º por causa da prisão de Maximiliano em Bruges. Foi lá que tomou conhecimento e amizade com João d'Evora, então estudante.

O desconhecido hespanhol volta, já vestido de cavalleiro e por sua vez Filippe do Casal (o recemchegado) o reconhece e mostra estar ao facto do segredo d'elle. O hespanhol affecta-se contrariado por vêr as relações de intimidade de Filippe e João d'Evora. Filippe tranquillisa-o relativamente ao caracter do seu amigo e o fidalgo castelhano resolve-se a ser franco. Confessa que vive na côrte onde procura desviar de si todas as suspeitas, mas que é um dos ultimos e fieis partidarios da causa da infeliz D. Joanna de Castella e que jurou empregar todos os esforços para a tirar da clausura em que vive encerrada. Para isso faz visitas frequentes ao convento sob disfarce e para não

attrahir suspeitas, tomou esta pequena casa isolada onde se disfarça, encarregando o seu creado fiel D. Manrique Pantalon, do papel de taberneiro. Foi no convento de Santarem que Filippe, que tinha lá uma parente, chegára a descobrir D. Pedro Ayres ser o burguez disfarçado e o seu segredo. Filippe procura convencer D. Pedro da loucura dos seus projectos, mas encontra n'elle um paladino de antigos tempos prompto a desafiar o poder reunido de Portugal e Castella em favor da dama de quem traz a divisa.

D. Pedro retira-se deixando a casa aos dois amigos que por algum tempo continuam as suas conferencias.

João d'Evora admira a dedicação do castelhano. Filippe observa, sorrindo, que ali ha um pouco de amor tambem. João d'Evora espanta-se da loucura d'aquelle amor e, ás observações de Filippe de que os ha mais loucos e mais fataes, descobre que o seu amigo está apaixonado e convida-o á confidencia.

Filippe conta-lhe que tendo sido ha pouco tempo enviado a Castella por negocios do Duque D. Manuel salvára por acaso da perseguição da Inquisição a velha mulher e a filha de um celebre judeu que fôra queimado dias antes em Sevilha. Ao principio a compaixão e mais tarde um amor nascente pela judia levaram-o a prometter-lhes conduzil-a a um porto d'onde pudessem procurar um asylo seguro. Chegando a Portugal, para onde tinham vindo já avisos de Castella e fazendo se aqui, desde 1485 severa inquirição e justiça sobre os judeus refugiados de Hespanha, que fossem mais culpados de herezias, foi-lhe mister todo o recato para não attrahir suspeitas. Apenas confiou este segredo a D. Manuel e emquanto preparava uma embarcação em Lisboa para transportar as fugitivas, abrigára-as n'uma pobre casa de um pescador de Alfange onde a bella judia, sob o nome de Clara passava por amante clandestina de um alto senhor da côrte — in-

sinuação que teve de fazer entrever ao pescador para lhe vencer os escrupulos.

Agora confessava Filippe que nas vesperas de as vêr partir hesitava e que a sua paixão crescera a ponto que não podia affirmar que, se Esther lhe confessasse amal-o como elle a amava a ella, não fugiria tambem do reino, confiando-se ás cegas áquelle amor e ao seu destino.

João d'Evora procura combater-lhe aquella paixão, mas encontrou o seu amigo profundamente possuido por ella. N'isto ouvem um estrepito de cavallos que passam.

No entretanto a tempestade serena, a noite é já adiantada e Filippe propõe a João d'Evora que o acompanhe a casa de Esther. João d'Evora acceita e partem.

*

* *

Chegam a casa do pescador. Tudo é silencioso. A porta está aberta e dentro tudo é escuridade. Apenas algumas brazas no lar. Filippe chama por Esther e ninguem lhe responde. Chama por Debora, a velha judia. Uma voz secca e severa responde d'esta vez. Ao mesmo tempo o fogo do lar atêa-se em alguma lenha ainda não queimada e alumia de uma luz amarella o recinto. A velha mulher está acocorada junto ao lar com os cotovellos apoiados nos joelhos e a barba nas mãos. Ha no olhar d'ella um fulgor sinistro.

Filippe pergunta por Esther. — Partiu — responde a velha. Pergunta-lhe para onde e como partira. — Para a perdição e nos braços do seu amante.

Durante a tempestade Esther havia abandonado a casa e a mãe para fugir com um joven cavalleiro que a requestára e por quem ella se apaixonára a ponto de não poder deixar Portugal como Filippe combinára.

Filippe desespera-se, blasphema, chora e jura vingar-

se. A velha parece insensivel e lança-lhe em rosto a fraqueza, affirmando-lhe que a vingança de Deus correrá atraz d'elles. Passado tempo Filippe aconselha-lhe que fuja, que elle procurará a filha. Ella recusa e diz que não deixará aquelle logar, pois ali espera a filha culpada e o seu roubador porque a vingança de Deus lh'os trará ali, mortos ou vivos, e que, só então, abandonará esta terra.

Filippe exorta a debalde. Ella diz-lhe que não procure a filha, que é inutil o esforço. Espera que a vingança de Deus a trará. Impossivel demovel-a d'esta resolução.

Filippe não sabe que partido seguir. João d'Evora, combinando este acontecimento com o que ouvira aos da cavalgada com quem se encontrára, insinua a Filippe que Esther fôra raptada por pessoas da côrte e que lá a encontrará. Filippe propõe-se a seguir para Almeirim mas pede a João d'Evora que vá a Lisboa para vêr se descobre os fugitivos e ao mesmo tempo para dar aviso contrario ao barco que destinára á fugida das israelitas. João d'Evora condescende e combinando encontrarem-se em Evora, separam-se.

Termina o prologo.

*

*   *

Passaram-se alguns dias. A côrte está toda em Evora. João d'Evora, de volta da sua commissão, entra pela primeira vez, depois que d'ali sahiu creança, na sua cidade natal. E' noite; depois de errar ao acaso pelas ruas estreitas e escuras, pára em uma taberna onde abundam os grupos populares e entra para descançar. A conversa corre animada. Falla-se em negocios da côrte; respiram-se mal extinctos odios contra Castella, mas com desejos de paz. Superstições, alvoroços pelas festas proximas e amor pelo rei, do qual se referem varias anecdotas. Murmura-se da no-

breza, cujos excessos no ultimo reinado se referem. Contam-se vagamente os casos dos Duques de Bragança e Vizeu. Um personagem que parecia de auctoridade entre os do grupo, fixa attentamente João d'Evora e dirige-lhe a palavra. João d'Evora entra na conversa e grangeia sympathias pelo que conta de Paris. Este interlocutor e João d'Evora ficam sós depois que os populares se retiram. Tomado de subita affeição por João d'Evora, o seu recemconhecido offerece-lhe o seu valimento no Paço, onde elle é bemquisto por S. A. e conta-lhe a origem d'este valimento:

Em 1475, no anno do casamento de D. João 2.º, era este homem, que se chama Vaz Gil, escudeiro de um fidalgo d'Evora, que se apaixonára por uma mulher da burguezia de extraordinaria belleza mas que debalde requestava. Esta mulher principiou a ser requestada tambem por muita gente da côrte e tambem pelo proprio D. João, então principe, ao qual ella afinal cedeu, recebendo-o muita vez de noite em sua casa. O amo de Vaz Gil, sabendo das visitas nocturnas a Margarida, reuniu uma noite com elle, Vaz Gil e outro escudeiro, homem de prodigiosa força, e postos de embuscada, esperaram o visitador nocturno. Vaz Gil ignorava a gerarchia do homem que estavam esperando. Noite alta, chegaram tres embuçados e a lucta travou-se. Vaz Gil fez o que pôde, mas foi rudemente mimoseado com um enorme golpe que, por pouco lhe decepava uma orelha. Cahiu sem sentidos e não soube, senão depois, que os seus companheiros, mais felizes, tinham fugido á aproximação dos guardas e que, passados dias, haviam desapparecido de Evora.

Mestre Antonio, physico do Paço, então judeu, mas que annos depois veio a receber o baptismo, sendo o rei padrinho e servindo lhe de toalha a propria manga da camisa real, obedecendo ás ordens de D. João, que a todos os physicos ordenára que lhe dessem parte de

quantos feridos de espada tratassem n'aquelles dias, denunciou Vaz Gil, a quem D. João mandou chamar e, em vez de o castigar, revelou-se-lhe como o adversario da vespera e recebeu-o como official da sua casa, contentando-se apenas em o alcunhar pela enorme cicatriz aberta pela espada do rei e, invertendo-lhe os dois nomes do seu appellido — Vaz Gil de Gilvaz. Desde então gosava Vaz Gil do seu emprego e das boas graças de S. A. e nunca mais ouvira fallar do amo, da rapariga, nem dos seus companheiros da briga.

João d'Evora agradece e acceita o offerecimento de Vaz Gil e combina encontrar-se com elle no dia seguinte de manhã, ali mesmo na taberna, para ser introduzido na côrte, sob os auspicios de tão valente personagem. Pede-lhe instrucções para atinar com o convento de S.ta Maria do Espinheiro, onde é esperado por um parente seu e os dois separam-se em cordial amizade.

(Note-se que as portas fecham-se e S.ta Maria está fóra dos muros).

*

* *

João d'Evora é recebido em S.ta Maria do Espinheiro por Fr. Domingos, homem de quem recebia todos os recursos de vida e de educação. O frade mostra prazer em vêl-o, mas apesar das boas palavras que lhe dirige, ha pouco de affectuoso na voz e na expressão d'esse homem. Durante a ceia com que recebe o joven doutor e a que este faz a devida honra, o frade deixa entrever-lhe a idéa de que alguma coisa tem a exigir d'elle em troca de tantos serviços prestados. João d'Evora conserva no dialogo uma leviandade que exaspera o frade. O frade principia a dar as razões que o levaram a fazer seguir João d'Evora a carreira da medicina e associa esta resolução a vagos pensamentos de vingança, que excitam a desconfiança de

João d'Evora, o qual lhe affirma nunca abusará da sua profissão para fins menos honrosos. O frade ridicularisa as idéas de pundonor e João d'Evora começa a achar no frade um ar e expressão diabolicos e francamente lh'o declara. O frade transige a principio, mas quando por suas explicações João d'Evora parece mais tranquillo, volta de novo á questão e affirma a João d'Evora que elle tem uma historia que deveria procurar saber e que exige uma vingança. Que a mãe d'elle fôra victima de um homem que a lançou na miseria e na infamia e que perseguiu sem piedade todos os membros da sua familia. E esse homem ainda vive. João d'Evora pergunta-lhe porque o não fez cavalleiro para que pedisse razão no campo a esse homem. O frade responde que era impossivel attingil-o em salto de leão e só em meneios de serpente. João d'Evora declara francamente a sua repugnancia por vinganças d'essa ordem. Frei Domingos responde-lhe ironicamente que é melhor acceitar a deshonra e a miseria da mãe e reprimir o impulso de filho pundonoroso que lhe reclama a vingança. João d'Evora pergunta-lhe se sua mãe ainda existe. O frade affirma-lh'o mas assegura-lhe que nunca elle lhe revelará o nome, sem que primeiro tenha jurado solemnemente vingal-a. João d'Evora hesita porque lhe repugna o papel de traição que o frade lhe destina. Depois de alguns momentos de lucta, o frade concede-lhe tempo para decidir e deixa-o. João d'Evora adormece e o frade vendo-o adormecido, observa-o com desprezo e censura o seu caracter que elle alcunha de covarde. Em seguida encaminha-se para a cella do prior.

*

* *

O prior do convento era um antigo partidario do Duque de Bragança e mais ainda do Cardeal de Alpe-

drinha, n'este tempo em grande valimento em Roma; apoiara devéras as locubrações politicas do Duque chegando a fazer da sua cella o logar do conciliabulo dos nobres, mas, como politico que era, não concedera confiança nem approvação á mallograda e louca empreza do Duque de Vizeu, á qual o astuto amigo do Cardeal D. Jorge não viu alcance politico. A entrevista de Fr. Domingos com o prior é toda politica. Fr. Domingos procura resuscitar o partido da alta nobreza, ferido de morte nas pessoas dos seus mais poderosos representantes. O prior pondera-lhe a inanidade d'estes projectos. Recorda-lhe a proxima alliança de Castella e Portugal, que vem destruir o antigo elemento em que se firmára o Duque de Bragança. Refere-se á pouca importancia dos actuaes nobres, uns devotados ao rei que os exaltou, outros incapazes de qualquer acção por covardia e falta de chefe. Fr. Domingos lembra D. Manuel. O prior responde que o mais conveniente é lançar sobre outros fundamentos os projectos de resistencia. Que a occasião das revoluções declaradas passou. A decadencia da nobreza feudal não é obra de D. João 2.º; é obra do tempo. A classe media julga que a queda do feudalismo é já a aurora de um dia de gloria. O principal é fazer-lhe mentida a esperança, deixar cair o feudalismo mas evitar que o municipalismo lhe venha occupar o logar. Para isso, é procurar dominar a realeza, sendo a occasião propicia para o clero dominar. Estava a declinar o reinado actual. Precisava-se de paciencia para contemporisar e ir fazendo a sementeira para o reinado futuro. D. Affonso era um animo fraco e facil de vencer. Convinha segural-o. D. Manuel, personagem de influencia, que bem podia tomar um dia o caminho do throno, era tambem uma presa que se não devia perder de vista. A grande influencia do cardeal em Roma, o augmento de poder que ia cada vez mais tomando a inquisição, preparavam o terreno. Fr. Domingos lembrou se não conviria

antecipar os acontecimentos apressando o reinado do fraco. O prior, como prudente, illudiu a pergunta e recommendou a Fr. Domingos que, como director espiritual de Juxta Rodrigues, ama de D. Manuel, procurasse dominar o espirito do Duque. Fr. Domingos alludiu, sorrindo, ás inclinações do Duque para a côrte de Castella e em especialidade para alguem d'essa côrte que em breve estaria em Portugal (primeira allusão á paixão de D. Manuel pela infanta D. Izabel). O prior acolheu com um sorriso favoravel a allusão e aconselhou que se não perdesse de vista e, por sua vez, dá informações sobre o caracter fanatico da infanta. O frade retira-se da cella do prior e, a sós, mostra um soberano despreso por todas estas vistas politicas, das quaes elle procura servir-se como instrumentos da sua vingança particular.

*
* *

No dia seguinte ergue-se João d'Evora, ainda preoccupado pela conversação que tivera com o frade na vespera, mas, por disposição natural, resolvido a distrair-se, toma o caminho da cidade para comparecer no logar marcado a Gil Vaz. No entretanto não adopta resolução alguma em quanto á proposta do frade.

Meio distrahido, acha-se á porta da Sé (ou S. Francisco) onde entra a fazer oração. Impressões que recebe no interior d'este templo. Ora com fervor para que Deus decida na sua consciencia a lucta que as palavras do frade n'ella despertaram e lhe mande a inspiração. No momento em que está ajoelhado, passa por elle Martha e D. Briolanja. Sensação que lhe causa Martha e o sentido mysterioso que liga ás palavras que ella ia dizendo a sua tia. Levanta-se, segue-a até á porta e avança, collocando-se de lado para a vêr passar. Martha repara no ardor com que

elle a fita e baixa os olhos. Afagos de Martha a uma creança pobre. João d'Evora, obedecendo a um impulso irresistivel, cobre de beijos a creança que Martha afagara. Confusão de Martha. João d'Evora propõe-se seguil-a. N'isto dobram a esquina trez cavalleiros que cortejam Martha, descendo um do estribo para lhe fallar. João d'Evora fita-o com despeito, que não passa desapercebido pelos dois outros cavalleiros, que se sorriem e communicam entre si. Quando Martha continua o seu caminho, João d'Evora, que a vae seguir, é impedido pelos trez cavalleiros, um dos quaes o interroga impertinentemente (era o que fallára a Martha). João d'Evora responde lhe com soberba, disendo-lhe que «as cabeças dos villões andam mais elevadas desde que principiaram a rolar pelos cadafalsos e nos desvãos de janellas as dos fidalgos e cavalleiros». Esta allusão ao supplicio do Duque de Bragança e assassinato do Duque de Vizeu, fêz empallidecer o cavalleiro aparentemente mais moço, emquanto que um dos outros levou com impeto a mão á espada e correu para João d'Evora. Aquelle, que parecia exercer alguma auctoridade nos outros dois, sustem-o e murmura-lhe algumas palavras ao ouvido, fitando em João d'Evora um olhar de orgulho soberano. N'este momento desembocava de uma outra rua uma guarda de ginetes commandada por Fernão Martim Mascarenhas, o qual fez respeitosa cortezia aos trez cavalleiros. João d'Evora, ainda na posição defensiva que o gesto do fidalgo lhe fizera tomar, sahio da sua abstracção á voz de um homem que lhe fallava da porta de uma casa junto da qual se ia dando o conflicto. Este homem aconselhava-lhe se aproveitasse da distracção occorrida para sair do campo que a sua imprudencia lhe tinha tornado perigoso. João d'Evora reconhece no monitor André Girarte, o taberneiro da vespera. Interroga-o sobre o sentido das suas palavras e d'elle sabe que dos trez cavalleiros, um é o Duque de Beja, D.

Manuel, irmão do Duque de Vizeu, assassinado pelo rei em Setubal, os outros, D. João e D. Nuno Manoel, filhos de Juxta Rodrigues, a ama de D. Manoel e ambos intimos do Duque.

João d'Evora segue o aviso de Girarte e entra na taberna, a qual era de mais a mais o ponto de reunião marcado por Gil Vaz. Este não se fez esperar e, allegando para desculpa da demora de alguns minutos as suas occupações no paço, onde a proximidade das festas do casamento do Principe traz tudo atarefado, põe-se á disposição de João d'Evora para o servir na sua introdução na côrte. João d'Evora em vão procura saber d'elle quem seja a desconhecida da Sé; as suas indicações, bastante vagas, a nada condusem o espirito preguiçoso de Gil Vaz

*

* *

Gil Vaz entra com João d'Evora no paço. Grande movimento de pagens e cavalleiros nos corredores e antecamaras. Impressões de João d'Evora. Gil Vaz serve-lhe de ciceroni, mas João d'Evora vae suspeitando que a sua importancia na côrte não é tão grande como elle dava a entender. Afinal Gil Vaz aproximou-se de um pagem muito moço e de aspecto agradavel e maneiras cortezes e procurou servir-se do seu intermedio para abrir a João d'Evora o accesso do gabinete real. Este pagem é Garcia de Resende, então moço de camara do rei. Garcia de Resende manifestou a opinião de que seria difficil n'aquelle dia receber audiencia, porquanto o rei está muito occupado. Que está tratando com Martinho de Castello Branco e Anrique de Figueiredo dos grandes preparativos da festa dos quaes Garcia falla com vollubilidade de pagem e enthusiasmo de mancebo e que alem d'isso tinham

vindo noticias de Aveiro de que a infanta D. Joanna estava mui gravemente doente e que por isso S. A. tencionava ouvir em seguida Mestre Antonio para irem vêl-a ao convento alguns dos medicos da côrte. Que depois tinha o rei de conferenciar com o seu conselho a respeito de negocios de Africa, disendo-se que se tratava de tomar Targa e Camice, sendo a empreza confiada a D. Fernando de Menezes. Gil Vaz perguntou se mestre Antonio já tinha chegado, respondendo Garcia de Resende que já ha muito aguardava o rei no gabinete particular. N'isto os porteiros annunciam o rei que atravessou a antecamara, dirigindo a palavra a alguns nobres. Impressões de João d'Evora.

Passado algum tempo sae da camara Mestre Antonio. Gil Vaz aproxima se d'elle e apresenta-lhe João d'Evora. Mestre Antonio, a principio distrahido, attende com deferencia João d'Evora desde que o sabe doutor em Paris; pratica com elle sobre algumas notabilidades medicas da Uuiversidade e promette-lhe o seu valimento. Em seguida, como se lhe occorresse um pensamento, pergunta-lhe se tem alguma duvida em sair por alguns dias de Evora, n'uma commissão que o pode adiantar no favor real. João d'Evora, não obstante se lembrar da sua desconhecida, não se atreve a recusar. Mestre Antonio diz-lhe então que tendo de partir para Aveiro para observar a infanta D. Joanna, que se dizia em perigo de vida, fôra encarregado por El-Rey de escolher, além do Dr. Lucena, physico-mor, um outro physico de confiança que o acompanhasse e que elle iria dar parte a El-Rey da sua escolha sobre João d'Evora, se este acceitasse acompanhal-o. João d'Evora acceita e agradece. Mestre Antonio volta á camara real e traz a concessão do rei. Gil Vaz, orgulhoso pelo resultado da sua intervenção, convida João d'Evora para jantar em casa de um amigo. Mestre Antonio combina para o dia seguinte a partida.

*

* *

No entretanto D. Manuel e os seus companheiros continuam cavalgando até sairem as portas da cidade e procuram os arrabaldes. Conversam com familiaridade sobre o encontro com João d'Evora e pretenções do povo, sobre algumas lendas que certos pontos de Evora lhes fazem lembrar. A qualquer allusão sobre as proximas festas annuvia-se o rosto de D. Manuel. Chegam a uma casa dos arrabaldes. E' a casa de Juxta Rodrigues. Entram. Juxta recebe-os com alegria e na conversação revela as suas tenções de se retirar do mundo e encerrar-se no convento que projecta edificar. Fr. Domingos apparece na sala e sauda D. Manuel. Este mostra-se constrangido na presença d'elle. Juxta retira-se. A conversa declina para uma feição politica, procurando o frade e os filhos de Juxta instigar o animo do Duque para tomar a direcção da resistencia ás pretenções da monarchia. O Duque mostra reserva e prudencia. O frade allude aos boatos da proxima morte da infanta D. Joanna e que depois d'esse acontecimento, D. João II tencionava chamar á côrte o seu bastardo D. Jorge, ainda em poder de sua irmã, para o ter mais proximo dos degraus do throno, para que, dado algum caso imprevisto, possa tolher o passo a alguem que S. A. não gostaria de ver sentar-se n'elle. D. Manuel não pode inteiramente occultar o seu desgosto ao ouvir isto. D. João e D. Nuno clamam contra as pretenções reaes. O frade, fingindo tranquilisal-os, lembra, hypocritamente, que o proximo casamento do principe D. Affonso tirará toda a importancia á medida, assegurando um herdeiro directo ao throno. O tiro não errou o alvo porque D. Manuel, mal podendo reprimir a sua commoção chega a soltar algumas palavras imprudentes que a chegada de Juxta Rodrigues lhe faz reprimir. Juxta vê o Duque abatido e procura alental-o com a

esperança de um brilhante futuro, que é n'ella um presagio. O Duque mostra que a posição que occupa, rodeado de suspeitas e vigilancias lhe não deixará nunca abalançar-se a grandes emprezas. Juxta diz-lhe que tenha fé na sua estrella. Fr. Domingos, entrando na conversa, pergunta se D. Manuel já consultou o celebre astrologo judeu que vive junto a uma das portas da cidade, mais afamado que o celebre Galeotti (?) é um verdadeiro propheta. Excita ao Duque e aos fidalgos o desejo de o consultarem e sae.

*

* *

Fr. Domingos, deixando os nobres em casa de Juxta Rodrigues, foi procurar o astrologo judeu. A habitação d'este não desdisia nada da pragmatica astrologica. O frade entra como para consultar o astrologo; mas, sentando-se principiou a blasonar de sceptico e a ridicularisar a sciencia do sabio. Este irrita-se. O frade mostra-se conhecedor de alchimia e de astrologia judiciaria e revela-se ao astrologo como um competidor respeitavel. Este pergunta-lhe o que o levou a procural-o. Fr. Domingos responde-lhe que a vontade de lhe prestar um serviço. Pergunta-lhe o astrologo qual. Fr. Domingos diz-lhe que lhe vem ler o horoscopo. O astrologo dispensa-o. O frade insiste e diz lhe que elle tambem possue a sciencia judiciaria e que esta prevê que o astrologo está sob uma fatal influencia e que ao longe avista o clarão da fogueira com que se castigam os hereticos. O astrologo, judeu refugiado de Castella, perturba-se e olha com suspeita para o frade. Este tranquilisa o assegurando-lhe que está para com elle nas melhores intenções e que a prova é vir ensinar-lhe novos e mais seguros processos astrologicos do que os da antiga sciencia. O astrologo desconfia que alguma tenção occulta trouxe o frade ali e prepara-se para

escutal-o. Este aconselha-o a que não fite tantas vezes os astros, mas que procure achar a previsão dos acontecimentos humanos nos signaes terrenos. Que escute mais os homens como melhores guias e conselheiros para formular os seus vaticinios. Que, por exemplo, não despreze os avisos, ainda dos mais humildes. Que se elle um dia viesse diser-lhe que tres nobres, disfarçados, tencionavam procural-o n'uma certa noite, todos ambiciosos mas prudentes e dissimulados e que a dois podia, sem receio de desagrado, predizer honras, grandezas e favor real, sendo provavel que o futuro não deixasse muito mentiroso o vaticinio, mas que a um, ao que trouxesse por exemplo um annel de esmeralda, o futuro devia ser mais promettedor, eleval-o, eleval o ao mais alto, não duvidando para isso derrubar alguns obstaculos que lhe tolhiam o passo, aos ultimos degraus — sem dizer a maneira como — deixando apenas entrever que um pouco de boa vontade da parte do consultante, alguma condescendencia para com os amigos, facilitaria o accesso. Que procedendo assim se faria uma astrologia menos visionaria. O astrologo comprehendeu o frade e prometteu aproveitar a lição. Fr. Domingos retira-se. O astrologo, como para se vingar da superioridade que o frade assumia sobre elle, disse-lhe á saida, que, emquanto elle fallara lhe estivera lendo o horoscopo. Fr. Domingos pergunta-lhe com despreso o que tinha descoberto. — Que a vossa cabeça anda arriscada, reverendo nono — foi a resposta do astrologo, dita com uma simplicidade velhaca. O frade encolheu os hombros com desdem e prometteu voltar.



Segundo o frade tinha predicto os tres nobres não faltaram á consulta do astrologo. Este avisado por Fr. Domingos preparou-se para os receber, fingindo

ignorar que debaixo das capas de cavalleiros se occultavam tres grandes personagens. Promette a D. João e D. Nuno um futuro de gloria, de poder e de valimento real. D. João affecta descrença e n'uma frase dá a conhecer a D. Manuel a causa, que é o seu pouco valimento com D. João II. O astrologo fala de um reinado em que os abatidos serão exaltados, os expatriados restituidos á patria e honradas as memorias dos condemnados. A predição do judeu causa sensação e D. Manuel, ao adiantar se para ouvir, o seu horoscopo, tremia. O judeu permanece por muito tempo silencioso ante a contemplação dos astros, depois volta para D. Manuel os olhos espantados e fita de novo os astros. Em seguida mostra-se confundido e hesita em formular a sua predição. D. Manuel insíste. O judeu diz-lhe que o vê subir a um ponto tão alto que mal acredita em seus olhos, que o que é impossivel se realisa, que todos os obstaculos se aplanam no caminho, que os que julgaram ferir a arvore só deram mais vigor ao novo rebento, que elle seria o Venturoso, pois que ambições de poder, de gloria, de riqueza e até de amor, tudo realisaria, que o mundo se alargaria para se lhe submetter ao seu imperio, que o seu nome voaria a partes ignoradas e que *a paz sorriria* (?) á sombra do seu manto real. D. Manuel pallido, interrompe o judeu, ao ouvil-o pronunciar esta prophecia, perguntando-lhe se sabe quem elle é. O astrologo responde que o ignora mas que os astros fallam claro e que mostram n'elle um rei. Os nobres retiram-se impressionados e D. Manuel recompensou generosamente a predição do astrologo. Quando elles saem o astrologo abre um gabinete onde o frade se occultou e pergunta-lhe, sorrindo — Que dizeis da prophecia? — Representaes optimamente, mestre. Dir-vos-iam verdadeiramente inspirado.

*

* *

Transporta-se a scena ao paço e á camara de D. João II. O rei está encostado, consultando um livro d'onde transcreve nomes para um rol. Em pé por detraz da cadeira real está Garcia de Resende, com uma penna molhada em tinta, prompta para substituir aquella com que S. A. escreve desde que esta seque. D. João mostra-se preoccupado no trabalho. Como Garcia desviasse o rosto para não ler o que o rei escrevia, não lhe deu a penna a tempo. S. A. reprehendeu o e mandou o olhar, que não se *trigava* (?) d'elle e diz lhe que terminára a lista dos officiaes da casa do principe, escolhendo-os do livro particular em que se registram os homens que são para os officios e que o incluira a elle Garcia de Resende. O pagem mostra-se sentido por ter de deixar o serviço de S. A. e abandonar o paço. O rei fala-lhe affectuosamente e diz lhe que o continuará a proteger e que vivendo D. Affonso juntamente com elle rei, não terá Garcia de sair do paço. D. João II, cançado de trabalhar recosta-se n'uma cadeira de braços e convida Garcia de Resende a cantar-lhe algumas canções. Garcia canta. O rei faz algumas observações sobre a importancia da poesia affirmando o muito apreço em que tem a arte. Garcia faz ao rei a confidencia de que tambem compõe. O rei deseja ouvir-lhe as suas producções. Garcia obedece. O rei applaude o e faz-lhe os maiores elogios, fallando d'elle com louvor Ruy de Pina, que entra na camara, e põe a par os seus meritos de chronista e de trovador.

*

* *

Ruy de Pina chama a attenção do rei para os negocios sérios e de politica. Fala-se do casamento e da

paz com Castella. Allude-se aos reparos de Castella em quanto ás fortificações da fronteira. Combina-se a resposta. Em seguida entram Henrique de Figueiredo e Martinho de Castel-Branco. S. A. dá algumas instrucções para as festas do casamento. Antão de Faria vem depois com o prior do Crato e Fernão Martins de Mascarenhas, falla se em negocios de politica em Africa, França, Roma e Inglaterra, na doença da infanta D. Joanna e probabilidades da sua morte. O rei manifesta a vontade de educar na côrte D. Jorge. Observações do prior do Crato sobre a repugnancia da rainha. Antão de Faria aconselha S. A. que procure a rainha e cavalheiramente lhe peça para receber o bastardo. Depois de algumas hesitações S. A. adopta o conselho. O rei fica só com Antão de Faria. O privado é mais explicito agora, desvanece ao rei os receios que podia ter de encontrar da parte da rainha uma resistencia que o humilhasse. A existencia em Evora de uma filha natural do duque de Vizeu, que a rainha e D. Manuel, irmão do Duque, para subtrahirem á perseguição, que receiam do rei, fazem educar como filha do antigo medico da infanta D. Beatriz, sua mãe, torna a rainha cautelosa e pouco disposta a exacerbar o animo de seu esposo. Antão de Faria, ha muito ao facto da existencia d'aquella filha natural de D. Diogo, communicou o segredo ao rei que, fingindo ignoral-o, principiou a encher de honras e distincções o Dr. Lucena, a ponto de o attrair a si e, a pretexto desta protecção encarregou-se de lhe casar a filha com um dos pagens de sua casa muito favorito de S. A. Estas vistas contrariavam muito a rainha e D. Manuel, o qual favorecia as aspirações de D. João Manuel, collaço do Duque, á mão da filha de D. Diogo e viam no casamento, que S. A. premeditava, uma alliança desigual. O rei sabia-o, o que mais o fazia insistir no seu projecto. Despedindo Antão de Faria, o rei mandou, por Garcia de Rezende, parte á rainha

que a iria procurar e chamou Antão de Figueiredo moço do guarda-roupa, para que o vestisse. Era este o noivo destinado por S. A. á filha supposta do Dr. Lucena. Era um rapaz cheio de vicios que, por uma destas singularidades frequentes nos homens mais severos, era muito predilecto do rei, com quem tinha grande familiaridade. Antão de Figueiredo tardou em responder ao chamamento do rei. S. A. reprehendeu-o. O pagem defende-se seccamente. O rei, vestindo-se, pergunta-lhe o motivo do seu desgosto. Queixa-se o pagem de que S. A. sendo elle tão bom servidor, não lhe dava mais que 1.500 rs. de moradia, sem tença nem outra coisa. O rei, sorrindo, pergunta-lhe quem lhe sustenta seis homens de capa, seis moços, quatro escravos e duas escravas brancas e dois ginetes e duas azemolas? Ao enleio de Antão, o rei accrescentou que se calasse que elle dispunha do seu guarda-roupa para tudo porque elle lhe fazia d'isso mercê e não porque o ignorasse; portanto não tinha rasão de queixa por não receber mais tença. Acabando de vestir-se tomou a direcção dos aposentos da rainha.

*
* *

Antes de receber o aviso da visita do rei, a rainha estava só com uma das suas mais intimas damas. Adormecida com a cabeça sobre os joelhos da rainha está a filha de D. Alvaro de Bragança, que ficou em Portugal e foi sempre educada na côrte. A rainha afaga tristemente a cabeça da creança e suspira. A dama interroga-a por essa tristeza. A rainha diz que esta creança lhe faz sempre pena; que a acha triste por dormir assim sobre um regaço real. As feridas que as ultimas luctas do rei e dos nobres abriram no coração da pobre princeza não fecharam ainda; ainda estão im-

minentes as lagrimas pela sorte desgraçada de seu irmão e dos seus; lagrimas que deante do esposo, que deveria ser o confidente das suas penas, ella tinha que reprimir. Lamenta a realeza; sem ella não teriam tido logar as scenas que lhe despedaçavam o coração. Recorda-se de que um destino fatal parece pesar sobre a sua familia. Lembra-se dos infortunios da rainha Izabel, mulher de Affonso 5.º, da epoca de luctas e dissenções em que se fez o casamento com D. João e, chorando, lamenta não ter a obscuridade de uma aldeã. Em seguida tira do seio uma carta de sua mãe, a infanta D. Beatriz que lhe falla no filho natural de D. Diogo, que vive obscuramente em Pinhel e lhe pede que vigie sempre por D. Manuel e por a filha natural a que já nos referimos no capitulo antecedente. Mostra a incerteza das suas acções. Vê essa pobre rapariga proximo a ser sacrificada á vontade de El-rey e nem ousa manifestar a sua opinião e o seu interesse por ella, com receio de excitar desconfianças. E' neste momento que recebe o aviso da visita do rei; occulta apressadamente a carta da infanta e acorda a creança para que vá ao encontro do rei a beijar-lhe a mão.

*

*   *

D. João II entra no aposento da rainha com o sorriso nos labios; depois de afagar a creança, que lhe beija a mão, corteja a rainha, senta se junto d'ella e informa-se com interesse da sua saude. Diz lhe que a sua occupação nos preparativos da festa lhe impedio de a visitar mais cedo. Dá-lhe conta de alguns projectos meditados para os festejos e pede-lhe mesmo um conselho. Diz que tenciona permittir o uso de sedas e pergunta á rainha se já vio as que tem chegado do estrangeiro. Encaminhando a conversa para o assumpto

que o trouxe ali, manifesta o receio de que algum desgosto venha transtornar estas festas pois que as noticias vindas de Aveiro a respeito da saude da infanta são más. A rainha mostra-se sinceramente sentida. D. João, ponderando os resultados d'aquella morte, menciona o nome de D. Jorge. A rainha não pôde reprimir um movimento de desgosto que o rei finge não perceber. Continua, pedindo desculpa á rainha por se referir a um assumpto de antigas dissenções conjugaes, felizmente hoje acabadas, mas que emfim é pae e como tal não póde vêr sem apprehensões a pobre creança privada do benefico carinho da sua santa irmã, D. Joanna; que, confiando no animo generoso da rainha, ousava vir pedir-lhe que abrisse os braços áquelle pobre orfão, que ia ficar sem as caricias de uma mulher de que tanto precisava. A rainha não póde suster as lagrimas á idéa do sacrificio que se exige d'ella e lembra a D. João que ella lhe suppõe um coração differente do coração humano; que já sacrificou muito á realeza, as saudades, a affeição fraternal e o orgulho de esposa; pede-lhe que a não sujeite a uma nova humilhação. D. João affirma-lhe que não se humilha perdoando nobremente antigas culpas e estendendo a mão a uma creança, que a não offendeu — E julgaes que lhe posso abrir o coração tambem? — exclama a rainha. O rei diz-lhe que sim porque lhe conhece a generosidade e depois, como exemplo, mostrou como ella trata em sua casa a filha de D. Alvaro, de quem recebeu muitas injurias e que de Castella ousou escrever-lhe uma carta insolente.

A rainha não póde deixar de perguntar-lhe porque não estende a mesma generosidade ao bastardo de Portel (primeiro do Duque de Vizeu). D. João, já menos bondoso, responde-lhe que pela tranquilidade do reino; que a infanta D. Beatriz (perdoasse-lhe fallar assim de sua mãe) tinha já dado provas de leveza, deixando apoderar-se a cabeça de seu filho de idéas

loucas que lh'a perderam; que, por felicidade d'esse bastardo, julgava bom arredal-o d'essas influencias perigosas. Por isso achára applicavel a receita que a infanta e os reis de Castella em tempo aconselhavam para seu filho D. Jorge. A rainha observa-lhe que, para quem vem pedir o esquecimento, elle se mostra muito lembrado. D. João affirma que sabe esquecer e não hesita em fazel-o quando só tem a sacrificar o seu orgulho. Que ás vezes, chega a ser demasiado confiado. Acaso manifestou alguma má vontade contra D. Manoel? Não o educou junto de si, não lhe deu augmento e riqueza? — o que o não impede de conspirar um pouco, accrescenta sorrindo. A rainha defende o irmão disendo injusta a accusação. O rei tranquilisa-a disendo que é leve o peccado do Duque, apenas o de escutar ás vezes, com complacencia, as lisonjas de certos amigos imprudentes e não afastar de si alguns visionarios perigosos; mas que confia no bom senso e juizo do Duque, que não dará passo algum que o comprometta. Emquanto a chamarem-lhe cruel, repare a rainha que nem para todos os bastardos da familia d'elle, elle se apresenta como perseguidor. A insinuação, que parece referir-se á filha do Duque de Vizeu, aterra D. Leonor, que em vão procura ler no rosto de Elrey o sentido d'aquellas palavras. D. João repete o pedido de chamar á côrte D. Jorge. A rainha, ainda atemorisada com o que ouvira, accede, accrescentando que elle será o companheiro de jogos de Beatriz, a filha de D Alvaro. D. João beija a mão á rainha, com tanta galanteria e affecto que a commove até ás lagrimas.

N'isto entra na sala D. Affonso. E' ainda muito moço, formoso mas affeminado, traja com um apuro excessivo setins e arminhos e em tudo mostra delicadeza. Aproxima-se do rei e da rainha e corteja-os com respeito mas ao mesmo tempo com certa petulancia de filho amimado. A rainha olha-o com amor. D. João,

que o vio entrar, acolheu-o com um olhar de profundo affecto mas, com certa severidade, perguntou-lhe, apontando para o cinto desarmado, onde tinha deixado a espada? D. Affonso sorriu e respondeu que achava impropio do trato domestico uma arma de offensa ou defeza, quando se vivia em completa harmonia. O rei recorda-lhe que já mais do que uma vez o encontrára desarmado e que, para um futuro rei de uma nação, que conquistou palmo a palmo, o solo que occupa e que váe, dia a dia, alargando á custa do sangue dos infieis, é uma triste garantia. D. Affonso observa ao rei, com certa confiança, que elle não tem culpa em ter nascido em epoca de menos guerras e cavallarias e que talvez a sua pouca tendencia para as armas provenha de ter visto, quando começava a fazer uso da rasão, infringirem-se as regras de cavallaria na pessoa de D. Joanna de Castella que se sacrificára ao bem do estado, o que mostrava que essa devia ser a razão principal das acções de um rei. D. João II mostrou-se irritado com a atrevida allusão do filho. A rainha interveio sorrindo, lembrando a D. Affonso que esse acto politico lhe preparára a felicidade, assegurando-lhe o proximo casamento na casa de Castella. — Não sou eu que o censuro — exclamou o principe. — Vejo antes n'elle uma justificação do meu amor pela paz, cujo reinado chegou. O rei, mais severo, replicou que o amor pela paz obriga muitas vezes á guerra e que não é cuidando de enfeites e galas proprias de mulheres que os grandes reis se formam. D. Affonso pergunta ao rei qual a rasão porque elle reprehendeu um dos moços da sua camara por usar espada, sendo creança. — Porque não quero vel-as empunhadas por quem as não saiba honrar, brandindo-as. Espero que o meu filho não esteja n'este caso e não esqueça que é neto de Affonso V, do Infante D. Pedro, de D. João I e que da sua edade fui eu armado cavalleiro na mesquita de Arzilla, onde combati ao lado dos

mais valentes. — Visivelmente irritado, D. João retirou-se recommendando á rainha que se esforçasse por crear um rei como o povo havia mister.

*

* *

A rainha, ficando só com o filho, chama-o para junto de si. Affonso senta-se-lhe aos pés em um tamborete raso. A rainha passando-lhe a mão pelos cabellos, censura-lhe os modos de acolher as observações de El-rey. Affonso desculpa-se, perguntando se seu pae o desejaria vêr de armadura e viseira callada ao vir receber as bençãos de sua mãe. A rainha sorri com complacencia, mas adverte-o que o rei vê com desgosto o muito cuidado que o principe dá aos enfeitos, que D. João é enemigo de homens effeminados, que olha para a companhia que D. Affonso mais frequenta, com desgosto visivel. Affonso defende os seus amigos. Proseguem estes conselhos maternaes e terminam por a rainha dar o seu parecer sobre o costume que D. Affonso tenciona usar por occasião das festas e sobre os lenços bordados de que S. A. usa e contra os quaes tinha acabado de fallar, contando o que o rei dissera a um fidalgo que os usava.

Annuncia se D. Manoel. A rainha recebe o irmão com evidentes signaes de affecto. Pede-lhe, sorrindo, que venha em seu auxilio para fazer do principe um homem, communicando áquella cabeça leve um pouco do seu juizo. O Duque responde em favor de D. Affonso. Este agradece e accrescenta que o Duque alguma coisa tem na consciencia que lhe não permitte acceitar os gabos da rainha. A rasão d'esta allusão é que o principe, que desde já podemos dizer o raptador da judia Esther, julgou que esta era amante de D. Manoel, por mal interpretadas informações colhidas. D. Manoel não entendeu o verdadeiro sentido

da allusão e fitou o principe, não ousando acreditar e ao mesmo tempo receando, que elle podera referir-se ao mais recondito segredo do seu coração, ao seu amor a Isabel de Castella, que sentia desde creança quando a vira em Moura nos tempos das Terçarias. No entretanto o principe, sempre inquieto, levantou-se para brincar com Beatriz, que adormecera no berço, passando lhe pelas faces a ponta de um lenço ao de leve.

D. Manoel, aproximando-se da rainha perguntou-lhe se era verdade que El-rey tencionava chamar D. Jorge á côrte. A rainha respondeu lhe affirmativamente. — E V. A. consente? — disse D. Manuel com desgosto. — Assim é preciso — Sempre humilhações exclama D. Manuel suspirando. D. Leonor recorda-lhe que elles teem alguem a proteger e que por isso convem não irritar El-rey contrariando-o. D. Manuel diz á rainha constar que D. João tencionava apressar o casamento de sua sobrinha Martha com Antão de Figueiredo. Tambem se lhe consentiria isso? A rainha promette oppôr-se formalmente. Nisto Beatriz queixa-se de D. Affonso. A rainha reprehende o filho e pede a D. Manoel que se retire com elle. Depois de a cortejarem saem os dois.

*

*   *

Pelo corredor que conduz aos aposentos do Duque, D. Affonso, apoiando-se no seu braço e precedido por pagens com tochas e seguidos por officiaes de armas em riste, vae conversando com D. Manoel, queixando-se das injustiças de opinião que lhe attribue a elle principe uma cabeça estouvada, em quanto que muito levianamente concede a D Manoel uma prudencia e sisudez, que em parte, é simulada. D. Manoel sorri e pergunta lhe em que fundamenta o seu modo de pensar. Affonso responde vagamente, referindo-se por obscuras allusões á desconhecida de Almeirim que elle

diz estar agora mais perto do amor que a procura. O Duque julga que D. Affonso suspeita alguma coisa do seu secreto amor pela princeza e confunde-se. Esta confusão augmenta o bom humor do principe que se despede do Duque rindo de boa vontade.

Filippe do Casal, um dos officiaes que mais de perto seguia os reaes parentes, poude ouvir a conversa dos dois e por ella ficou suspeitando ser D. Manuel o raptador.

D. Affonso seguiu até chegar aos seus aposentos. Apparencia d'estes; o luxo. A côrte de D. Affonso é demasiado jovial. Todos elegantes, moços e estouvados D. Affonso entretem-se com elles de aventuras amorosas. Referem-se a Esther, que se sabe estar em Evora. Affonso mostra-se enfadado d'ella e julga conveniente, attendendo ao seu próximo casamento, livrar-se de todos os laços importunos. Antão de Figueiredo, um dos mais affeiçoados ao principe, pede-lhe auctorisação para se encarregar d'essa empreza. O principe sorri e lembra lhe que elle está egualmente em vesperas de casar. Antão encolhe os hombros respondendo que lhe pesam pouco esses laços e não receia que o estorvem.

Depois de alguma discussão, organisa-se um bando para irem tentar a empreza de remirem o principe das ligações amorosas que o prendem. E com a maior alegria saem do quarto para se espalharem pelas ruas de Evora.

Fim do programma do 1.º volume

Esboço de um programma para o conto «*A vida nas terras pequenas*».

Cap. I — Quem era Estevão e Adelina. Motivos da sua partida para a villa de Meloaes do Duque. Sentimentos de um e d'outro.

Cap. II — A chegada. Aspecto da villa. Commentarios do publico. A casa. A visinhança. A senhoria. Visita do boticario e da sua gente. Reflexões de Estevão e de Adelina.

Cap. III — Estevão é levado pelo boticario á camara. O presidente. Victor de Ansão e o que se diz d'elle. Desillusões de Estevão. Estevão entra em exercicio.

Cap. IV — A visita da familia do administrador. Typos. Conversação. O reverso da medalha. Falla-se no presidente, no boticario e em Victor d'Ansão. Convite. Commentarios da visinhança.

Cap. V - Os serões de Estevão. Uma tentação. Catechese inconsciente de Adelina. Resoluções de Estevão. Na botica.

Cap. VI — A visita ao boticario. Confidencias de Mathilde e Adelina. Conselhos d'esta. Despeitos de Joanna. Procedimento de Estevão. Joga-se o quino. Murmura-se do administrador. Reflexões dos irmãos em casa.

Cap. VII — O serão em casa do administrador. A

familia. O delegado. O juiz e Eurico. Charadas e recitação. Murmura-se do presidente e do boticario. Opposição ao Club. A sociedade Philotechnica. Offerecimento a Estevão. O doutor Wenceslau e os sonetos.

Cap. VIII — Clinica de Estevão. Em casa da moleira. O conego e a viuva. Entrevista com Joanna. Conselhos de Estevão. Desfeitas de Mathilde. Desgosto de Estevão contra o boticario.

Cap. IX — No club. O que se diz de Estevão. Desgosto do presidente...

Adelina encontra Victor em casa da moleira. Carta de Victor a Estevão pedindo-lhe para deixar voltar a irmã, que elle não voltará. Carta anonyma a Adelina participando-lhe os sacrificios de Estevão. Resolução de Adelina. As joias vão parar ás mãos de Victor. Suspeitas de Estevão. Victor convence o dr. Wenceslau a deixar-se operar.

Personagens

Adelina — Dezoito annos, bondosa, sem affectação. Cheia de boa fé para com todos. Passando atravéz do mal e das intrigas sem suspeitar-lhe a existencia. Confia no irmão como n'um heroe.

Estevão — Espirito honesto, mas não enthusiasta. Incapaz de uma paixão extrema; mas com o coração amoldado para sentimentos brandos. O amor fraterno é o mais ardente affecto que lá encerra. Pode sacrificar-se mas reflectidamente ou como obedecendo a um dever e não por irresistivel impulso de enthusiasmo.

Não forma sonhos doirados nem ambiciosos. Homem para transigir com o mundo tal como elle é.

Victor d'Ansão — Rapaz de excellente educação e habitos da moda. Vive na provincia porque os seus teres não lhe permittem viver em Lisboa. Convive pouco. E' mais enthusiasta do que Estevão; mas exigente em relação ao futuro. Pouco dissimulado. Mais querido entre a classe baixa do que entre a media, que, não obstante, se lisongeia sempre que lhe merece attenções, o que raras vezes succede. Estouvado nos seus primeiros dias da mocidade.

D. Roberta d'Ansão — Senhora de fina educação e profundo bom senso. As provações da sua vida tem-lhe dado uma tempera de tolerancia e uma repugnancia á convivencia que perfeitamente se identifica com o genio de Victor por quem é extremosa.

Balthazar — Boticario. Genio vivo e forte, facil em encolerisar-se. Homem politico e a alma do presidente da camara. Exerce descaradamente a medicina e promove guerra aos medicos que lhe vão n'isso á mão. Gosta de fazer ostentação da sua liberalidade. Descura um pouco a pharmacia.

D. Maria do Céo — Mulher d'elle. Typo de burgueza falladora, curiosa e maledicente. Exaltando a importancia do marido, mas sempre deixando entrever que é de procedencia superior á d'elle; mas que não olhou a isso porque a verdadeira distincção está no saber e na intelligencia.

Mathilde e Joanna — As filhas. Ambas curiosas janelleiras e amigas de namorar. Mathilde, de melhor fundo, tem uma affeição sincera pelo praticante da botica, a qual, não obstante temporarias infidelidades sobrevive sempre no seu coração. Joanna é menos ingenua. Aspira a um casamento vantajoso. Odeia, mais cordealmente do que a irmã, a filha do administrador e ambiciona o affecto de Estevão. Em tempo namorou-a Victor d'Ansão.

Belchior Azevedo — O administrador. Homem muito preoccupado da sua posição official, fallando a todo o momento dos seus officios ao governador civil e ao governo. Com pretenções a conhecedor dos negocios publicos e dos usos diplomaticos.

D. Heloisa — Sua mulher. Senhora de educação litteraria mas sem senso. Preciosa ridicula. Discorre em litteratura e pretende que a sua casa seja um gremio litterario. Escolheu para os filhos nomes romanticos. Casa bem mobilada, mas sem feição caracteristica.

Julieta — Filha do administrador. Participa um pouco das qualidades da mãe. Aspirações a espirituosa e julga-se muito superior a todas as raparigas da villa. Falla sempre em Lisboa, theatros etc. Antigo namoro de Victor d'Ansão.

Eurico — O irmão de Julieta. Estudante dos primeiros annos da Universidade. Um pouco pedante com pretenções a fallar de tudo com eloquencia.

O Zé do boticario — Pobre rapaz que ama sinceramente a filha mais nova do patrão. Afflige-se quando ella lhe é infiel e perdoa-lhe, de todas as vezes, as infidelidades.

Dominguinhos da Praça — Um pateta. Cavalheiro servente de quasi todas as meninas da villa. Adivinha charadas figuradas, faz flôres de papel, arma e enfeita altares, superintende em todas as funcções. Recita ao piano.

O delegado — Rapaz namorador, cujo maior prazer é conversar com senhoras. Conviva do administrador e sarcastico contra o partido do presidente. Fala muito no seu tio do Supremo Tribunal.

O Juiz — Surdo. Apaixonado do voltarete e contando sempre as mesmas historias.

O presidente da camara — Creatura cheia de importancia e no fundo um parvo, que o boticario move á vontade. Proprietario rico e influente na terra.

O conego — Velho rabujento e sem contemplações com ninguem.

A viuva — Mulher positiva e methodica.

Dr. Wenceslau — Pôço de direito rabula. Metrificador de sonetos a proposito de tudo.

O capitão do destacamento — Gôrdo e commodista.

Adelina — Lucta contra o seu amor a Victor pelo mau conceito em que o fazem ter as intrigantes.

Estevão — Preoccupado com a felicidade da irmã, faz por vencer todas as causas pessoaes de desgosto. Só se exalta quando suppõe ameaçada a felicidade de Adelina.

Victor — Deixa-se possuir cada vez mais pelo amor a Adelina, cuja frieza o não afflige.

D. Roberta — Ambiciona que o casamento de Victor lhe dê mais uma filha e netos que lhe suavisem a velhice. Approva a escolha do filho e condescende com Victor em salvar Adelina de censuras publicas.

Joanna — Odeia Adelina quando suspeita do seu amor a Victor. Odeia Estevão por este a haver rasoavelmente dissuadido do seu amor.

Julieta — Tem quasi os mesmos motivos que Joanna.

Balthazar — O seu desgosto contra Estevão procede da intimação do administrador para se cohibir de exercer a medicina e do parecer sobre a creação de porcos.

D. Heloisa — Suspeitas sobre as tenções de Estevão em relação ao conego.

A vida nas terras pequenas

Dois capitulos de um conto.

I

Tinha vinte e quatro annos Estevão de Urzeiros quando recebeu, legalmente sellado e rubricado, um diploma que o declarava apto para tratar de medicina e de cirurgia em todo o continente, ilhas e mais possessões do reino.

Concluira, sem premios nem *erres* a sua formatura na Escola do Porto, á custa de alguns sacrificios do pae, que nesta cidade exercia com escrupuloso zelo um modesto emprego publico.

Durante o tirocinio escolar, Estevão não se apaixonára por a sciencia, nem promettera ser homem para a fazer progredir; mas é certo tambem que não a odiava, nem lhe negava as attenções devidas. Convivia com ella, como a grande maioria dos maridos convivem com as suas mulheres, sem extremos de paixão mas tambem sem as tratarem mal.

Mezes antes do *ultimatum* dos seus estudos, soffreu Estevão um golpe, que sobre doloroso que lhe foi para o coração, veiu estorvar-lhe com um embaraçoso tropeço os primeiros passos na carreira da vida.

Morreu-lhe quasi de repente o pae, deixando-lhe por unica herança, uma irmã de dezoito annos, tendo por dote bondade e formosura e que, além do irmão ninguem mais possuia no mundo a quem legitimamente se encostasse.

Estevão recebeu-a com os braços abertos e as lagrimas nos olhos.

Adelina, que assim se chamava a orfã, desorientada por uma perda que nunca previra, em que nunca pensára, cingiu-se estreitamente ao peito do irmão, onde sentia bater um coração movido por os mesmos affectos que a attribulavam, e a consciencia d'esta sympathia mais lhe engrossava o pranto.

— Não chores, minha pobre Adelina — dizia-lhe Estevão tão commovido como ella — não chores que em quanto eu puder...

— Ai, não é o medo do que vem que me faz chorar, Estevão; é a saudade do que passou. Eu bem sei que tu me protegerás, tu que és tão bom; e se tu me protegeres, que posso eu recear?

Esta ingenua confiança no valor do braço a que se apoiava era sincera na inexperiente creança. E o mais é que ao ouvir aquellas palavras, Estevão, sentia com o sympathico orgulho que lhe vinha da consciencia da sua superioridade, o alento de uma nobre coragem. Olhou para a formosa cabeça que, para chorar, se lhe occultou no seio, e convencia-se de que em ser a providencia d'aquella orfandade, no velar, trabalhar, sacrificar-se pela felicidade d'ella, havia para a alma uma suave e consoladora tarefa, no preenchimento da qual encontraria a melhor recompensa a esperar no mundo; porque, se para cá do tumulo ha alguma coisa que se possa chamar ceo e inferno, é na propria consciencia que se encontra.

Não se julgue porém que Estevão não antevia sombras quando alongava a vista pela desconhecida vastidão do futuro.

Antevia-as e bem cerradas!

O leitor experiente do mundo não só não estranhará estas apprehensões, mas antes será capaz de com antecipação indicar os fortes motivos que Estevão tinha para sentil-as.

E' uma época solemne a da entrada na vida social. Até áquelle momento teve-se por viver o sonhar. Acorda-se então.

E' um segundo nascimento quasi; é a transmigração da alma humana para um mundo novo.

E não ha-de ella estremecer na passagem?

Tendes reparado alguma vez nesses pobres emigrantes que, seduzidos pelos ouropeis de enganosas esperanças, saem meninos das sombras da sua aldeia e véem, em folgada peregrinação, até o porto de mar onde os espera o navio que tem de os levar a praias desconhecidas?

Antes de verem o oceano, essas imprevidentes creanças vinham alegres, riam, cantavam, sem saudades da sua terra, sem terrores do futuro e suspirando só pelo fim da jornada, que a sua impaciencia alonga desesperadoramente. Mas, á vista do mar, dessa immensidade de aguas, que nunca tinham sonhado; á vista do navio, essa movediça habitação, que por muito tempo vae ser a sua; quando lhes disem que teem de perder se como um ponto n'aquelle horisonte vago, indistincto e solemnemente monotono, ao grado d aquellas ondas irrequietas, baixa-lhes ao coração uma nuvem de tristeza, corre-lhe os membros um estremecimento de receio; assaltam-os as primeiras saudades, que são para as tristezas do desterro o que os vapores do outomno são para as cruezas do inverno, chama-os então da aldeia que abandonaram uma voz desvanecida em que se confundem o canto das aves, o ciciar dos arvoredos e o sussurrar das fontes e dos ribeiros.

Assim na vida. Nós todos, illudidos como essas creanças, vimos dos risonhos vergeis da infancia, atra-

vez das floridas e pittorescas veredas da juventude, anciosos por chegar ao termo da jornada e confiamos-nos ás ondas d'este oceano do mundo, em demanda de não sei que nunca realisado futuro. Não nos reteem as flores que se debruçam dos caminhos; quando muito, colhemol-as distraidos e sem piedade as desfolhamos, deixando-as no chão murchas e esquecidas, e seguimos sempre com os olhos e com o pensamento no termo da estrada que trilhamos.

Mas ao chegarmos á praia, ao vêrmos diante de nós as grandes aguas e os que nos precederam, em lucta já com ellas, ora elevando-se-lhes no dorso, ora engolfando-se-lhes no seio, apodera-se-nos então do coração um certo pavor, fogem-nos dos labios o riso e o canto e tambem sentimos as primeiras saudades do passado, as primeiras apprehensões do futuro.

Estevão de Urzeiros achava-se n'este momento critico.

E davam-se com elle circumstancias que mais critico o tornavam.

O coração humano, digam o que quizerem os que o taxam de egoista, desfallece menos ante a perspectiva dos perigos quando é unico a arrostal-os, do que quando a tempestade que ameaça feril-o, attinge tambem outro a que os affectos o ligam.

O nosso espirito prevê melhor o futuro quando nenhum outro futuro depende d'elle; concebe e previne melhor as eventualidades, calcula melhor o alcance e a comprehensão da desgraça, porque pelo conhecimento que tem de si, pode presentir o mal que elle lhe causará. Mas, se mais alguem soffre comnosco, como não temos consciencia do sentir dos outros, nem podemos antever n'elles a intensidade do mal, mais nos assusta o pensamento do futuro porque ha n'elle uma maior porção de desconhecido e o desconhecido é o eterno terror do homem.

Estevão podia faser entrar como elemento dos seus

calculos do futuro a sensibilidade do proprio coração, mas não a do coração de Adelina.

Deus só sabia até que ponto qualquer successo possivel affectaria aquella delicadissima indole feminina.

Isto o fasia receoso.

Depois vinha a natureza da missão social que lhe cumpria desempenhar.

E' natural que o confrangimento de coração que á semilhança do actor novel, experimenta todo o homem, ao entrar em scena n'este grande theatro da sociedade, seja tanto mais intenso e doloroso quanto maior é a importancia do papel que vae representar.

No theatro o actor encarregado de um papel sem importancia, de entregar uma mensagem, de annunciar a entrada d'uma figura do drama, que não tem de fallar ao coração do publico, não póde sentir a commoção que sente o protagonista, em quem todos os olhos se fitam, cujas palavras e gestos tem de dirigir-se aos affectos, de excitar a sensibilidade, de desencadear as paixões no publico que o escuta.

E sendo assim, concebem-se mais justificadas e mais angustiosas apprehensões do que as do estudante de medecina de hontem a quem a faculdade, em cujo seio viveu descuidado, lhe diz, separando-o de si e impellindo-o ás luctas sociaes: — «parte, lida; é tempo de experimentares as armas que te confiei»?

O que não estremecer n'esse momento solemne, o que se não sentir hesitante, impressionado por uma intima desconfiança em si proprio, nas suas forças e faculdades, não é digno de ser medico porque não comprehende nem comprehenderá nunca o alcance da missão que vae desempenhar.

Na vida que o espera não ha affecto humano com que não tenha de confrontar-se, desgraça que lhe não projecte no caminho o seu triste reflexo, interesse que não possa depender dos seus actos, segredo que não

possa ser confiado á sua lealdade. Abrir-lhe-hão um dia a porta de uma casa a esperança e as bençãos; fechar-lh'a-hão amanhã a ingratidão e as injurias; recebel-o-ha hoje aqui o desespero, acolá o crime, além a miseria e, como um espectro implacavel, lhe surgirá a cada momento a morte, sob formas sempre diversas e sempre pavorosas, cingida com a capella virginal umas vezes, coroada outras pelas cãs de velhice, animada por o sorriso da infancia ou sinistra com os vestigios do crime.

Vae pois viver em uma atmosphera de affectos, mover-se no intimo seio das familias, onde cada movimento levanta um capricho, magôa um preconceito, agita um interesse ou revolta uma paixão.

O que, sabendo isto, acceita com desassombro a missão, ou não tem intelligencia para a comprehender, ou possue um caracter de deploravel natureza.

Estevão não estava em nenhum d'estes casos. Ao seu caracter faltava-lhe, diga-se a verdade, um elemento dos mais poderosos para, na sua situação, lhe infundir coragem: — a paixão do ideal.

Os que no mundo perseguem esta luminosa visão, esta fada attrahente e seductora, aquelles cujas vistas penetram através do mundo das realidades e além d'elle, descobrem um mundo novo, o mundo das illusões e da poesia, sentem-se, ao emprehender uma d'estas tarefas arduas e dolorosas, rodeados de um prestigio que lhes dá alentos e, longe de desanimarem, mais se lhes exalta o animo com as provações da vida. Estas frontes humanas parecem ambicionar uma corôa, seja embora de espinhos, que misturem o seu pungir ás embrigadoras commoções da gloria.

Estevão porém era um homem positivo. A imaginação não lhe coloria a perspectiva com tintas suas; deixava-lhe o colorido real.

Antes da morte do pae, Estevão, olhando friamente para o futuro concebera uns projectos que nada tinham

de ambiciosos. Contentava-se em estabelecer-se como facultativo municipal em qualquer terra da provincia e realisar ahi um casamento, senão rico, remediado, embora não presidissem ás nupcias nem a belleza da noiva nem a intensa paixão do coração.

Ao sentir-se o amparo de Adelina, Estevão, sem renunciar de todo aos seus projectos, recuou para mais remota epoca a realisação de parte d'elles e tomou para primeira tarefa a felicidade da irmã. Para estes brandos affectos tinha elle coração, que não para paixões violentas.

Era honrado, prudente, exacto no cumprimento dos seus deveres, regular na divisão do seu trabalho; um d'estes espiritos tão raros hoje em que os habitos sociaes e não sei que auras que se respiram nas cidades, fazem tão predominantes os temperamentos nervosos, com as suas alternativas de desalento e de coragem, de actividade e de indolencia, que não os deixa trabalhar com regular constancia em qualqner obra emprehendida. Mas por isso mesmo que via tudo friamente, Estevão não desconhecia as muitas difficuldades com que tinha de luctar.

Offerecera-se-lhe um partido municipal na villa de Meloaes do Duque, pseudonymo que adoptamos para commodidade da narração e por julgarmos que não pertence a trato algum de terra na corographia patria. Estevão escreveu ao presidente da camara, este respondeu-lhe, entraram em negociações e emfim Estevão foi nomeado superintendente da saude publica da mencionada villa.

Apurou, a muito custo, o dinheiro preciso para as despezas de installação e de transporte, preparou a bagagem e partiu na companhia da irmã para a sua nova terra, levando em dois bahus todos os seus haveres, em sete ou oito livros a sua sciencia e n'uma pequena caixa de folha os seus diplomas de formatura e de nomeação de facultativo municipal.

Estevão ia grave e meditabundo. Interrogava-se intimamente, achava se inexperiente; procurava pesar a sciencia com que podia contar, achava-a tão leve! E aos ouvidos soava-lhe lugubremente como formidavel *memento*, pronunciado pela boca de espectro perseguidor, o aforismo hipocratico: — *Vita brevis, ars longa occasio celers experimentum pericolosum, judicium difficile.*

Estas cinco breves orações eram como badaladas a dobrar por finados; faziam-o esmorecer.

Adelina, pelo contrario, ia descuidada e distrahida pelas impressões da jornada. A alegria dos desoito annos principiava já a romper a nuvem de luto com que a morte do pae a assombrara. Os sorrisos vinham-lhe já aos labios talhados para elles.

Ella não sentia apprehensões pelo futuro. Tal era a confiança que depositava em Estevão que não concebia perigos que elle não pudesse arrostar, desgraça que a ferisse sob tão valiosa protecção.

O irmão com a sua robustez, com a sua juventude, com a sua sciencia, com a sua posição social, era para a ingenua creança um heroe, que lhe inspirava coragem, a qual florescia em sorrisos n'aquella expressiva e sympathica phisionomia. Porque era devéras sympathica Adelina com os seus olhos negros e amoraveis que temperavam sempre, pela expressão de bondade que tinham, o sorriso da travessura e inoffensiva malicia que ás vezes lhe brincava nos labios juvenis.

Era Adelina uma d'estas raparigas delicadas de compleição mas em quem a delicadeza nada tem de morbido; onde não domina tão absolutamente o systema nervoso que as torne escravas das suas caprichosas determinações.

Com este caracter, Adelina era para Estevão uma optima companheira de jornada, temperando com o seu bom humor as impaciencias do irmão.



Casa em que falleceu — Rua Costa Cabral n.° 323 — Porto

II

Quer-me parecer que poucos leitores necessitarão que eu lhes descreva as impressões recebidas por um pobre viajante, extenuado pelas fadigas de uma fastidiosa jornada, desconjuntado pelo chouto de uma cavalgadura manhosa, n'uma palavra, maldisposto do corpo e do espirito, ao entrar de noite em uma villa do interior da provincia.

Uma villa! Perdoem-me as muitas pessoas estimaveis constrangidas pelos fados a contar n'um d'esses circulosinhos sociaes os tresentos sessenta e cinco dias do anno, mas a minha sinceridade constrange-me, a declaral-o: uma villa é a mais impertinente localidade em que um homem póde desgastar as rodas do seu complicado mecanismo.

Ainda se é uma d'estas povoações, d'onde se escuta o rugir do mar visinho e que participa do ar de familia que tem todas as terras maritimas, um ar alegre, desafogado, que é como o sorriso das povoações, modifica-se um pouco a feição caracteristica e a alma não se acha opprimida ao encerrar-se ali.

Mas, se é uma terra bem encravada no centro da provincia, uma d'estas pinhas de casas velhas, cortadas por quatro ruas tortuosas e dôse vielas intransitaveis, que de quando em quando interrompem o curso de uma estrada, se é uma terra bem sertaneja, onde em geral se falla do mar como de uma coisa mithologica, uma villa com uns foraes e um pelourinho e uns fidalgos e uns pardieiros que foram uns palacios, uma villa, emfim, perfeito especimen do genero, e não excepção, duvido que haja coração despreoccupado que não se sinta oppresso ao entranhar-se n'ella. Ora a villa de Meloaes do Duque era tudo isto.

Por isso Estevão e até a propria Adelina, cediam a uma oppressora melancolia quando as cavalgaduras que os transportavam começaram a trilhar o lagedo das ruas estreitas e não illuminadas da terra que tinha de ser o campo de manobras do novo facultativo.

Adelina, a jovial Adelina, olhava para as casas altas e velhas que parecia curvarem-se para a verem passar, procurava devassar o segredo das adufas e crivos discretos que sentia entreabrirem-se a satisfazer curiosidades de quem por dentro d'elles se occultava, perdia o olhar nas lojas funebremente esclarecidas por uma mortiça luz de azeite, que desenhava em escuro o grupo de freguezes estacionados no vão da porta a desfiar a chronica do dia, e a pobre rapariga, tão sequiosa de espectaculos alegres, experimentava esta aura de tristeza, que precede ás vezes uma explosão de pranto. Mas cedo triumfava d'esta influencia com uma reflexão jovial.

— Olha, Estevão, repara — disia ella mostrando ao irmão uma casa por diante da qual passavam n'aquelle momento — esta casa, com aquella janella aberta e assim corcovada, não te parece mesmo uma velha a tossir?

Estevão desviou o olhar distraido para a casa em questão e respondeu com um sorriso á lembrança da irmã.

Ao passarem os nossos dois desconfortados viajantes, deixavam atraz de si uma esteira de commentarios trocados de adufa para adufa, de uma loja para outra, da rua para as janellas, ou entre os grupos que estacionavam nas esquinas e largos.

— E' elle é — disia, por exemplo uma voz de mulher que sahia atravez d'uns crivos meio descerrados.

— Bem disse o Chico do boticario que elles vinham hoje, — respondia outra voz da agua furtada fronteira.

— Vae na burra do Zé Domingues.

— E a *madama* é mulher d'elle?

— Pelos modos dizem que é irmã.

— E tem só aquella?

— Tem. O pae morreu no outro dia.

— E elle é novo ainda?

— E' uma creança; pois se ainda hontem, se pode dizer, acabou os estudos.

— Umh! E então já lhe dão assim o partido?

— Pois!

Mais adiante ficou a dizer um caixeiro de balcão para a menina da casa defronte, com quem provavelmente tinha de vir a casar.

— E' o medico novo.

— Ai é?! E a senhora que vae com elle?

— Diz que é irmã.

— Elle é solteiro, Manelsinho?

— E' sim, menina; veja se lhe serve.

— Ora não é por isso. Tambem!

— Não, não se constranja; a irmã tambem é solteira.

— Adeus, adeus; não se ponha a brincar. Olhe, viu se ella ia de chapeu?

— Para lhe falar a verdade, não reparei. Acho que não; levava assim uma manta...

— Um *cache-nez?*

— Não, menina. Era assim uma coisa... seria um *cache-nez,* seria.

— Mas olhe, o vestido era de fazenda?

— Isso agora é que eu não sei, menina.

Um homem, que, ao dobrar uma esquina, parára para os ver passar, disse, entrando depois na loja proxima, para outro que, embrulhado n'um capote e calçado com sócos e meias de lã estava sentado no banco da porta.

— Então chegou o bicho?

— Que?

— O cirurgião novo.

— Ai, pois era esse que ahi passou? Ora com Deus venha.

— Se não for melhor do que o outro...

— Ha de ser como todos; o melhor sempre é não lhes cair nas mãos.

— Isto d'aqui até que se ponha ao facto da natureza das pessoas!

A resposta foi um prolongado assobio, acompanhado d'um movimento da cabeça sobre o dorso.

— Quem são? quem são? — perguntava, encorporando-se no grupo que se formára n'uma esquina, um individuo que os vira passar.

— E' o cirurgião do Porto — responderam-lhe.

— Ai, é verdade. Elle sempre vae morar para a casa da Thereza do Carniceiro?

— Vae. O presidente lá lhe arranjou esse negocio.

— Qual presidente; foi o Balthazar boticario que é afinal quem ganha com o negocio.

— Ai sim; porque a Thereza deve-lhe umas dez moedas.

— Por quanto anda aquella casa?

— Elle alugou-a por nove moedas.

— Oh! que logração!

— Pois vêdes! Aquelle menino!

Uma ou outra palavra d'estes variados dialogos, a que elle dava motivo, chegavam aos ouvidos de Estevão e mostravam-lhe que pouco teria já que informar aquella gente a respeito da biographia propria, tão adiantada a vinha já encontrar.

A cavalgada proseguia entretanto ao longo da rua principal da villa, a qual abundava em lojas de ferradores e quasi impedida de tres em tres portas por uma recua de cavalgaduras de carga, entregues á propria discreção á porta das tabernas e alquilés. Sons predominantes: o das campainhas das alimarias, o das ferraduras na calçada e o das pragas dos almocreves. Cheiro: o de palha curtida e da herva cegada nas estrebarias.

Quasi ao fim d'esta rua e no ponto mais estreito

d'ella havia uma casa de triste apparencia, tendo defronte outras casas mais altas a assombrarem-n'a.

Pararam ahi. Tinham chegado ao termo da jornada.

As janellas e portas da visinhança trasbordavam de curiosos.

Estevão desmontou e foi ajudar a irmã a saltar em terra.

Esta, ao vêr a fachada da casa em que ia entrar sentiu a impressão de um pesadelo.

A senhoria, com uma vela acceza na mão, a qual, com a outra, resguardava das correntes de vento, veio ao limiar da porta a receber os seus inquilinos.

Estevão, depois de a cumprimentar, dispunha-se a vencer o ingreme lanço de escadas que o deviam conduzir aos aposentos superiores e, n'esse intuito, segurava-se já ao corrimão de corda que seguia junto á parede salitrosa.

Adelina imitava-o.

Ouviram porém atraz de si a voz da senhoria, que, antes de retirar-se, dava as boas noites á visinhança. Voltaram-se logo e por um acto de cortezia imitaram-a.

Immediatamente rompeu das janellas das casas visinhas um côro de vozes de todos os timbres, de homens, de mulheres, de novos, de velhos e de creanças a corresponderem-lhes á saudação.

Dentro de alguns minutos mais, achavam-se os dois irmãos installados na sua nova residencia.

Era uma sala baixa e desguarnecida, com janellas acanhadas olhando para a rua, duas alcovas e um corredor, na extensão do qual havia dois quartos pequenos e no fim a cosinha e uma exigua casa de jantar.

A senhoria, que para ceder o andar nobre aos inquilinos, passava a habitar os baixos da casa, andou de luz em punho a mostrar lhes toda a topographia do logar, demorando-se muito em explicações e commentarios a proposito de cada compartimento.

Adelina, com quanto sentisse que lhe passava ao coração o desconforto que a rodeava, fazia frente á verbosa rendataria, respondia-lhe e interrogava-a com o insinuante tom de bondade que lhe era natural.

Estevão não se forçava a tanto; ouvia mudo e soturno as divagações da velha; não sei se lhes prestava attenção.

Ella fallava por ambos. Em menos de um quarto de hora, operando as mais rapidas e imprevistas transições, conseguiu esboçar a propria historia genealogica, a descripção minuciosa da doença e morte do marido, a relação commentada das pessoas que tinham morado já n'aquella casa, idem dos facultativos que tinham precedido Estevão, das qualidades do ultimo; a rapida resenha das principaes familias da terra e dos seus parentescos no Porto.

Estevão não pôde mais tempo luctar. Deixou-se cair extenuado sobre um bahu e declarou os irresistiveis dezejos que tinha de dormir. Adelina olhou compadecida para o irmão.

— Pois pudera não! — disse a implacavel senhoria — quem vem de uma caminhada d'essas! Eu nunca na minha vida dormi tão bem como em uma occasião em que fui ao Porto pelo entrudo. Umas senhoras minhas amigas, que lhe chamam aqui as Apparicias. Não sei se tem ouvido fallar?

Estevão não respondeu.

Adelina disse, sentando-se tambem no outro bahu da jornada que estava no meio da salla.

— Não; d'aqui não conhecemos ninguem.

— Ellas veem a ser primas dos Borges do Porto; esses conhecem?

— Lá ha muitos Borges — disse Estevão, bocejando e com mau humor.

— São uns que têm negocio para o Brazil — insistio a senhoria e aguardou a vêr se com esta particularidade ficava elucidada a questão dos Borges.

Como não observasse indicios d'isso, continuou:

— Que têm uma filha casada e outra solteira?

Nova pausa.

— Um d'elles chama-se Antonio e outro José?

Idem.

— Pois elles são muito conhecidos.

Adelina acudiu.

— Sim, mas como o Porto é muito grande...

— Até um tio d'elles não sei o que é lá do governo de Lisboa....

— Bem, mas então que fiseram esses Lopes? — perguntou Estevão.

— Lopes! Não é Lopes, é Borges. Por isso o sr. não conhecia! Borges, Borges; um homem bem apessoado. Inda são aparentados com os Cardozos. Esses conhecem de certo?

— Não sei; pode ser.

— Que tem um filho que é official da tropa, que anda a cavallo.

Estevão trocou com a irmã um olhar de lastima.

Adelina interveio.

— Mas disia a sr.ª Thereza que tinha ido ao Porto...

— Fui com as taes senhoras. Ellas andavam a perseguir-me para irmos e uma vez em casa do sr. major... Conhecem o sr. major, um que é...

— Sim, sim, que é da tropa; esse conheço; lembro-me de ter ouvido fallar n'elle apressou-se a dizer Estevão para conjurar o vendaval de explicações que via imminente.

E a senhoria em pé no limiar da porta, como quem está para sair, preparava-se para entrar na interminavel divagação sobre a sua ida ao Porto, sem attenção á fadiga manifesta dos seus dois inquillinos, que mal a ouviam já.

No meio porém d'esta divagação interrompeu-a o ruido de passos na escada e uma voz varonil que bradava de baixo:

— Dá licença, sr. doutor?

— Ai que é o sr. Balthazar, boticario! — exclamou a sr.ª Thereza, acudindo alvoroçada a alumiar a escada, que estalava sob o peso do recem-chegado.

— Não se incommode, não se incommode — disia elle subindo.

Estevão e Adelina levantaram-se a receber a visita.

— Ora muito boas noites — disse, entrando na sala um homem baixo e gordo, vivo de movimentos e de physiomia jovial e sempre vóz em grita, proseguiu:

— Eu sou o Balthazar, boticario estabelecido n'esta freguezia ha vinte e dois annos, que os fáz para o S. Thiago, móro aqui mesmo defronte e venho offerecer, em meu nome e no de minha mulher, aquella fraca choupana para tudo aquillo em que lhes possa ser util.

Estevão e Adelina agradeceram com reconhecimento.

— Não tem que agradecer — continuou o sr. Balthazar; — isto é sincero. Nós cá não somos de ceremonias. Eu sei o que é isto de uma mudança, apesar de que estou n'aquella casa, vae fazer para o S. Miguel quinze annos; mas até assentar, tambem corri fadario... Isso, antes que as coisas entrem na ordem, é uma consummição.

— Isso é verdade — disse Adelina. — Temos para uma semana. Só se dá por a falta das coisas quando se precisa d'ellas.

— Ora pois ahi está; porisso é que eu digo. O' sr.ª Thereza, então não prepára o chá para esta senhora? Provavelmente tomam chá á noite?

— Sim; costumamos tomar — respondeu Estevão.

— Eu logo vi. E' o systema da cidade. Eu cá não posso costumar-me. Aqui onde me vê já estou ceiado. E lá a minha patrôa é o mesmo. As pequenas é que já não tanto...

— Ah! tem meninas, snr....

— Balthazar, um seu creado, minha senhora.

— Sr. Balthazar — concluio Adelina.

— Tenho, tenho, por meus peccados. Tenho duas raparigas. Ellas queriam cá vir agora, porém...

— Então porque não vieram? — perguntou Adelina.

— Davam-nos muito praser — secundou Estevão, com pouca sinceridade.

O boticario chegou á janella e berrou para defronte:

— O' meninas!

— Meu pae?! — responderam duas frescas vozes de mulher.

— Então vinde e digam á mãe.

Voltando-se para dentro, continuou passeando de um para outro lado da sala e fasendo estalar as articulações dos dedos.

— Pois é verdade... Com que então véem para esta nossa terra.. Eu lhe digo; isto por aqui ainda não é mau de todo. A questão é uma pessoa dar-se bem. Olhe que ainda ha por estes sitios um par de familias, que não fasem maus lucros a um facultativo; o ponto está que elle se acredite e queira trabalhar. Ora o sr. doutor está novo...

— Ah! e não me falta vontade de trabalhar, póde crêl-o.

— Pois bom é isso. Aqui o que ha de peior são as intrigas.

— Ai sim?

— Isso não fallemos. Com certa gente é preciso viver com toda a cautella. Foi o que perdeu o outro que d'aqui sahio; principiou a frequentar certa roda, a metter-se com certa gente...

Ouviram se risos e vozes na escada, o ranger de saias engommadas, o raspar dos sapatos no lagedo do portal e, pouco depois, entravam a mulher e as meninas do boticario, que beijaram e abraçaram Adelina e cumprimentaram ceremoniaticamente Estevão.

A sr.ª Thereza foi buscar aos quartos cadeiras para todos e o circulo formou-se.

Ás meninas eram duas formosuras vulgares, rosadas, sádias, de cabellos escuros, bonitos dentes e riso prompto; a mãe uma senhora gorda, de voz arrastada e ditos sentenciosos.

Entraram logo em conversa com Adelina, contandolhe o que tinham dito umas ás outras em relação a esta visita, porque não tinham vindo logo e a pressa com que resolveram vir e fallavam quasi a um tempo.

— E a Joanninha queria vestir-se — disia uma.

— Eu não me queria vestir. Olha a mentirosa! atalhou a outra.

— Eu disse-lhe: O' menina deixa-te agora d'isso.

— Eu vim como estava — notou a mãe.

— E eu tambem — acudio a Joanninha — Mas é que esta Mathilde tem um costume... Credo!..

— Deixe fallar; é scisma d'ella.

— Escusas de negar.

— Tu é que negas que te fôste vestir.

— E a dar-lhe! Olhe, sabe? E' que eu estava de avental.

— Olha, olha! Lá vem ella com o avental! Pois não foste! Ella já tinha dobrado o avental na cêsta da meia.

— E' mentira. Então não tinha o aventual verde?

— Qual avental verde?

— Qual ha-de ser? O das florsinhas.

— Ora viva, esse ainda hontem o deste a lavar.

— Olha a mentirosa! já viram? Se eu até hoje te disse assim...

Adelina ouvia toda esta discussão, á qual debalde tentariamos transmittir toda a vida que o atabalhoado do dialogo lhe dava e, como não pudesse intervir, limitava-se a olhar para as contendoras com um sorriso de amabilidade.

A mãe foi quem cortou o dialogo, disendo para Adelina — Não que isto é sempre assim; em se tratando de sair, já não sabem o que fasem.

— Ora a mãe tambem! Ella é que...

E começou nova discussão, digna em volubilidade da precedente.

O boticario, que estivera falando com Estevão a respeito das pessoas da terra, disse para a senhoria, no tom de familiaridade de quem está na sua casa:

— O' sr.ª Thereza, olhe se dá andamento a isto que esta senhora ha-de querer accommodar-se.

— Eu vou — disse a senhoria — E então sempre hão de querer o chá?

— Pois então? já disseram que sim.

— Eu o que sinto é estar ainda tão extranha n'esta casa; — disse Adelina — que nem sei se posso ou devo pedir-lhes o favor de nos faserem companhia.

— Ora essa é boa — acudio a sr.ª do boticario — Então eu não sei o que é isso? E até, deixe-me então dizer-lhe, que é provavel que sintam a falta de muita coisa e não tem mais do que mandar ali defronte. Olhe lá, ó sr.ª Thereza, tem cá serviço de chá em termos?

— Eu... assim elle remedeie.

— Nada, nada; sabe que mais? O' Joanninha, chega a casa e manda trazer o apparelho azul. Leva a chave do guarda-loiça; toma, é esta.

Adelina e Estevão debalde quiseram oppôr-se ao offerecimento. Estava aberto o dique aos obsequios, difficil era retêl-os.

As meninas andaram para cá e para lá, trasendo isto e aquillo. A mãe dava-lhes ordens sobre ordens na sala, repetia-lh'as do patamar quando ellas desciam a escada; vinha explical-as ou modifical-as á janella, quando já iam na rua, ou ainda quando ellas já lhe respondiam das janellas de casa.

Graças a esta febre obsequiadora tudo se resolveu. A sr.ª do boticario em tudo pôz a sua mão methodica e administradora. Infundio o chá, cortou as tostas, teimou em faser uma cama, deitou a mão a um movel, que, a conselho seu, se mudou de um para outro quar-

to, preparou as lamparinas e mil outros serviços. As meninas eram diligentes correios e atravessaram a rua um sem numero de veses e quasi nunca com as mãos vasias. O boticario era mais prompto em dar ordens do que em executal-as e foi prodigo em conselhos em relação a melhoramentos futuros.

Feito o chá, a familia do sr. Balthazar não se recusou a tomar parte n'elle.

De maneira que Estevão e Adelina, logo na primeira noite da chegada, tiveram reunião em casa e só conseguiram descançar de tantos obsequios perto das dez horas.

— Que te parece esta gente? — perguntou Estevão á irmã.

— Coitados! São muito obsequiadores.

— E' o peior que elles teem. Safa que é de mais. Eu já estava atordoado. Boa noite Adelina.

— Boa noite Estevão.

E separaram-se para descançar, emfim.

(Não continua).

CARTAS LITTERARIAS

Coisas verdadeiras (1)

Ao folhetinista (Ramalho Ortigão) do «Jornal do Porto»

Publicada sob o pseudonimo de Diana de Avelleda, n'aquelle jornal em 25 de fevereiro de 1863.

Illmo Sr.

Ha tempos escreveu V. S.ª no jornal do Porto um folhetim, onde debaixo da pérfida e insinuante epigraphe: = Coisas innocentes = dizia as falsidades mais

---

(1) Recebi hontem o escripto, que hoje se publica com este titulo e que será concluido na folha de amanhã. Era elle acompanhado de uma carta muito elegante egualmente assignada pela auctora. Applaudo-me de haver escripto com o titulo de «Coisas innocentes» a bagatella que me proporcionou esta honra. Ignoro se Diana de Avelleda é um pseudonimo ou um nome. Basta-me tambem saber que é uma senhora quem o escreve.

Em um folhetim que hei de publicar brevemente, buscarei provar que fui mal comprehendido e mal analysado pela minha leitora e collaboradora excellente (2). No entanto curvo-me muito respeitosamente diante da fineza que acabo de receber e ponho o meu cordeal agradecimento aos pés de Diana de Avelleda.

Ramalho Ortigão.

---

(2) Crêmos que essa promessa não foi cumprida.

EDITOR.

abominavelmente culpaveis que eu tenho lido em folhetins, dos quaes não é, de ordinario, a innocencia a feição caracteristica.

Logo eu duvidei da sinceridade e exactidão do titulo, quando no curto argumento que se lhe segue e no qual se acha em resumo, como é de estilo, o thema da sub-sequente dissertação, vi duas palavras que quasi nunca se juntam sem prejuiso reciproco para as ideas que designam: a philosophia e a mulher.

E' sabido que uma eterna pendencia, perpetuada através dos seculos lavra entre nós, as mulheres, e os philosophos, essa porção mais impertinentemente pretenciosa do sexo feio, do qual V. S.ª é um exemplar.

E isto vem de longe!

Veja o que disse Salomão, citado por V. S.ª, Salolomão que, a acreditarmos as letras sagradas, tinha motivos para fallar de nós com mais conhecimento de causa; recorde-se de Aristoteles, o maior folhetinista do seu tempo, o qual nos suppunha uma obra por concluir nas officinas da natureza; repare como Democrito... tambem trazido a juiso ha poucos dias por V. S.ª, Democrito que, dizem, em tudo achava pasto para a sua alacridade, chegou a arrancar os olhos, fallo tambem sob a responsabilidade de Tertuliano e de V. S.ª, para não vêr mulher nenhuma, lembrança que V. S.ª muito ajuisadamente taxou de estupida, com grande aprasimento meu.

E depois d'isto, depois de tantas causas de aggravo, com que olhos poderemos nós encarar os philósophos e a philosophia, não me dirá?

Poucos são os que, á imitação dos trez que mencionei, se não distrahiram em seus momentos de pedantesco *spleen* á custa de nós outras mulheres, calumniando-nos, ensaiando em nossa humilde personalidade as suas agoadas vocações epigrammaticas, tentando até ter espirito, que é o ponto mais alto a que podem subir as aspirações de um philosopho.

A'cerca das mulheres e dos medicos, toda a gente se julga com direito para gracejar. E' balda antiga! O epigramma a nosso respeito tornou-se juntamente com as observações sobre o bom e o mau tempo, um logar commum de todas as conversas futeis, assumpto acommodado á intelligencia de todos os parvos e excellente material para o tiroteio de banalidades, remoques alambicados e galanteadoras sandices, que fasem as delicias dos nossos encasacados frequentadores de bailes.

E a culpa d'isso tiveram-na os philosophos com suas sumarentas sentenças e aphotegmas absurdos. Pois quem mais?

E' irreconciliavel já agora esta aversão que nos separa d'elles; um odio perpetuo cavará entre nós um abysmo immensuravel. Nunca seus livros terão accesso em nossos gabinetes, nunca repousarão ás nossas cabeceiras ou em nossos cestos de costura.

Podem-se esfalfar e mumificar, esses senhores, á vontade, em estupendas elocubrações sobre a *identidade do eu* e do *não eu*, sobre os *fins finaes*, as *essencias* e as *modalidades* e quantas outras extravagancias lhes accudam á ideia, que nunca farão com que uma mulher, verdadeiramente digna d'este nome, lhes conceda um só momento de suas horas de deliciosos e frequentes ocios.

Repare que digo uma mulher verdadeiramente digna d'este nome; porque é notorio que muitas ha que o não merecem.

São essas taes, ridiculos disparates da natureza que se descuidou, insuflando em fórmas femininas um espirito varonil com todas as suas impertinencias e engravatadas predilecções.

Assim: ha mulheres que, como Mme Dacier, sabem o grego e traduzem Homero! Que abominavel saber! Outras, como a nossa Alcippe, que entendia o latim! Algumas até, ó monstruosa aberração! que chegam, como não sei que marquesa parisiense, a commentar o

proprio Newton e a lidar com formulas algebricas; isto com grande applauso dos philosophos, a quem essas taes agradam!

São exactamente as que eu detesto; a respeito das quaes penso como Aristoteles, não serem mais que *homens abortidos*. Contra ellas protesto! Nunca impassivel as verei agremiadas a um sexo que, á custa de muitos esforços e sacrificios conseguio adquirir uma triplice qualificação, da qual deve justamente ufanarse: a de *bello* e por isso devemos protestar contra as feias, tomadas como especimen do genero; a de *amavel* e por isso protestaremos sempre contra as eruditas e versadas em linguas mortas ou em sciencias espinhosas; e a de *fragil* e por isso protestaremos tambem contra as chamadas *mulheres fortes,* muito do gosto aliás dos senhores poetas. Sim; deve saber que nunca pude sympathisar com as Judiths, Joannas d'Arc, Carlotas Cordays e outras heroinas que adquiriram grande reputação entre as mulheres, justamente por o não saberem ser.

Para mim, a mulher verdadeira é, por exemplo, aquella Licinia de um romance de Mery, que adormeceu em quanto um philosopho *lakista* lhe lia uma dissertação sobre os sonhos e que, dormindo, converteu o tal philosopho á razão.

E' a mulher como a Iphigenia do theatro grego que, votada á morte, chora, ajoelha-se, procura commover, implora a vida, lamenta as flôres que vae deixar, o esplendor do dia, a claridade do ceu, os prazeres gozados e tantos outros, vagamente entre vistos ainda e de que o futuro lhe fallava. Lamentos que, como diz Saint Marc Girardin ha-de sempre repetir toda a rapariga moribunda porque são saudades pelos bens mais universaes e mais doces da vida.

Esta é que é a verdadeira mulher a mulher fragil e não as estoicas heroinas que tanto vos despertam a attenção e o interesse.

A mulher digna de o ser é aquella em cuja orthographia os eruditos tenham que lamentar a ignorancia absoluta das lettras gregas e latinas, a que dos jornaes politicos só lê o folhetim, a que d'um livro passa em claro os prologos, que põe de parte as considerações philosophicas dos romancistas para seguir o entrecho do romance; que perde de vista a ideia metaphisica do auctor, para não vêr nos acontecimentos narrados senão acontecimentos; a que não tem o ridiculo descôco de repetir após a leitura o *qu'est ce que cela prouve* de philosophica e insupportavel memoria. E' a que folga com os casamentos no final da novella, chora sinceramente a morte da heroina, sonha com a belleza do heroe e odeia do coração o pae, o tio, tutor ou conselho de familia que se oppõe á realisação dos castos desejos dos dois amantes.

E' assim que eu comprehendo a mulher, pois é assim que eu sou formada, eu e as minhas amigas todas. Ora é exactamente o contrario d'isto que os senhores nos fazem. Quer para bem, quer para mal, nunca os poetas, romancistas e philosophos nos pintam taes como somos. E' vulgar chamarem-nos anjos e demonios, rarissimo que nos chamem simplesmente mulheres.

Por saber isto e o mais que vem dito, foi que logo principiei a agourar mal da apregoada innocencia do folhetim que V. S.ª assignava e no qual se promettia uma confrontação entre a mulher e a philosophia.

A leitura d'elle veio mostrar-me que, se em parte me enganára, fôra em parte fatidico o meu pressentimento.

De facto, V. S.ª principia bem. Começa a rir dos philosophos, que é passatempo innocente e para o qual eu me sinto sempre nas melhores disposições de espirito; duvída da sciencia d'esses moralistas antigos e modernos, que tanto fallaram da mulher e tão pouco a conheceram, do que muitos deixaram irrecusaveis

e eloquentes testemunhos; occuparam-se, diz pouco mais ou menos V. S.ª, de uma mulher que não existe, de uma mulher imaginaria, mulher de convenção, mulher mitho, feita á imagem da phantasia d'elles, que aqui para nós, digo eu agora, não fornece grandes modelos; e ahi está o que elles fizeram!

E eu a gostar de ouvil-o! Oh! se gostava!

Tratava-se pois de refazer o trabalho desde o principio; propoz-se V. S.ª a isso, adoptando o methodo analytico para chegar ao descobrimento da verdade. Logo me não agradou a escolha. Receei que analysando meia duzia de mulheres, se apressasse a generalisar, arvorando a excepção em regra e cahindo no mesmo defeito dos philosophos que combatia e que me parece terem peccado por analyticos de mais.

Comtudo entrei de animo folgado na corrente das considerações que sobre o assumpto V. S.ª expendeu.

Cedo perdi as illusões que me seguiram até ali.

Ainda d'esta vez não nos faziam justiça!

Era ainda a mesma physiologia da *mulher* — aleijão, da mulher — anomalia, da mulher — extravagancia e não da mulher — *mulher,* a unica que, não obstante, mais importaria conhecer a um verdadeiro physiologista.

Meu marido possue um livro de um tal Geoffroy de Saint-Hilaire, que trata de todas as monstruosidades humanas: é horrivel! Pois as suas physiologias da mulher, meus caros senhores, fazem-me lembrar este livro. Pode ser que tenham um valor scientifico egual ao d'elle, o qual valor, aqui para nós, eu ainda não pude comprehender bem qual seja.

Depois de acabar de lêr o folhetim de V. S.ª, tive vontade de lhe responder immediatamente para refutar, um por um os aphorismos com que o termina, dos quaes nenhum lhe posso admittir; mas ha tanto tempo que perdi o habito d'estes emprehendimentos, que me custou a decidir-me.

Se fosse n'outro tempo!...

N'outro tempo era eu tambem mulher — excepção, mulher — extravagancia, ou como quizer chamar-lhe. Febricitava-me a vaccina do romanticismo, como lhe chamou Garrett, o Jenner da nossa litteratura, e dava-me então para velar noites inteiras á janella, entre os ramos de trepadeiras que me enfloravam o balcão, vestida com um penteador branco, os cabellos soltos, a face encostada á mão e de olhos fitos na lua, n'aquella mesma lua que andava então tanto na moda. Escrevi-lhe uma ballada sentimental e não como as de Alfred Musset, que nos accessos d'esse derrancado romanticismo, lhe chamou quantas extravagancias e nomes feios lhe vieram á cabeça, taes como: o *ponto de letra i, olho do ceu zanaga, mascara de um cherubim, sonsa, bola, aranha sem pernas* e *relogio dos condemnados* e não sei que mais injurias. Eu não; não offendi as conveniencias, que se devem ter para com um astro femea. A minha ballada publiquei-a na *Miscellanea poetica,* vasto viveiro de poetas e poetisas que havia por aquelle tempo no Porto.

Um critico de então, o qual V. S.ª hoje conhece muito bem, fez-me o favor de me prophetisar um auspicioso futuro litterario. O critico enganou-se, acontecimento vulgar nos criticos, assim como eu tambem me enganei com elle; pois agoirando-lhe egualmente pela minha parte, em vista das suas tendencias romanticas a elaboração futura de dez volumes de poezias sentimentaes, vinte dramas ultra-romanticos e ultra-historicos etc. etc., vejo-o hoje todo entregue a estudos paleographicos, entre pergaminhos amarellos e monstruosos *in folios,* annotando e discutindo bullas e pastoraes e correspondendo-se com bispos, arcebispos e eminentissimos dignatarios da curia.

Se fosse n'esse tempo, em que despedi o meu facultativo de partido por me dizer um dia que para elle o coração era apenas «um musculo ôco, com suas fibras

e valvulas e o principal motor do movimento sanguineo», não teriam mediado tantos dias entre a leitura do folhetim de V. S.ª e a minha refutação; mas hoje, que me deixei de versos para tratar dos filhos, que a realidade de um marido expelliu do meu coração os luminosos phantasmas ideaes, bellos como o archanjo S. Miguel, que estavam comigo, quando todos me julgavam solitaria; hoje que as canceiras domesticas me não deixam tempo para inventar tormentos imaginarios, hesitei, por não saber se me não abandonaria o folego antes de levar ao fim o emprehendimento. Por isso deixei passar tanto tempo sem responder, por isso nunca responderia talvez, se me não instigassem algumas amigas, egualmente escandalisadas como eu com a falsa physiologia da mulher, exposta por V. S.ª.

Physiologia da mulher! Principiaremos por aqui.

De duas uma, ou a mulher não é uma entidade moralmente distincta do homem e então para que tentar presentear-nos com as honras de uma physiologia especial? Ou o é e cumpre n'esse caso que as descobertas physiologicas que nos disserem respeito, nos sejam exclusivas, capazes de caracterizar o sexo, de lhe fazer perder o aspecto nebuloso, de que alguns teimam em revestil-o chamando á mulher um mytho e ficando muito satisfeitos de si, como se tivessem dito alguma coisa de geito.

Ora não estão n'esse caso muitas das suas observações, meu caro senhor, as quaes são egualmente applicaveis aos homens e, desde então, improprias de uma physiologia especial do sexo amavel.

Vamos por ordem:

Rompe V. S.ª por a seguinte proposição: *Toda a mulher que córa não é innocente.*

Segue-se uma definição da innocencia e uma theoria do pudor, theoria, contra a qual nos revoltamos nós todas com as reminiscencias de nossos sentimentos passados.

O pudor é instinctivo na mulher, precede a razão que o explica. Córa-se, sem saber por que, como a creança chora de medo antes de ter conhecimento do perigo. Os caracteres mais feminilmente delicados, ou, como quizer, mais delicadamente feminis, recebem da natureza a faculdade de córar de pejo, como um sexto sentido, que lhes faz presentir um mal ainda para elles indeterminado. São como estas organisações excessivamente nervosas que experimentam sensações indefiniveis na aproximação das tempestades e em quanto um ceu ainda limpido as não revela ás minuciosas observações dos homens *entendidos*. E' uma faculdade mysteriosa esta de córar, propria da mulher, como a contractilidade da sensitiva; é como o instincto da andorinha que a impelle á procura de climas novos, sem conceber o perigo que corre persistindo nas mesmas florestas, cuja verdura começa apenas a desbotar.

Adora o pudor, diz V. S.ª mas prefere-lhe a innocencia. E aonde é que a vae reconhecer, essa apreciavel innocencia? Na mulher que não córa?! Pois devéras pensa isso? Custa-me a acreditar que nos fallasse sincero! Nem sequer lhe occorreram á idéa aquelles bellos versos que Racine poz na bocca de Phedra e que Scribe fez repetir a Lecouvreur, quando na presença do amante commum, fulminava com um gesto a sua poderosa rival.

... Je ne suis point de ces femmes hardies
Qui goutant dans le crime une tranquille paix,
Ont su se faire un front qui «ne rougit jamais».

Phedra não era innocente mas ainda se não suppunha tão culpada que já *nem sequer córasse*. Era um resto de innocencia, que lhe ficava ainda, e esse rubor que lhe tinge as faces, é justamente o que em nosso conceito a salva, o que nos commove uma fibra occulta do coração.

Veja como são as coisas. Eu, se tivesse de fazer um aforismo sobre o pudor, proporia o seguinte para substituir o que analyso:

Toda a mulher que não córa ou é idiota ou desfaçada.

Uma não córa porque seus instinctos embotados não lhe facultam essas delicadas impressões, exclusivas das organisações mais perfeitas, tem a innocencia da ovelha, — innocencia mais que modesta para inspirar poetas — Outra não córa porque um perfeito conhecimento do mal a familiarisou de ha muito com elle; são relações antigas; estas não têem innocencia. Se estivessem no theatro que V. S.ª imaginou, esteja certo que se haviam de rir ás escancaras, ou baixar hypocritamente os olhos, córar é que não poderiam; é um recurso de que não dispõe quem quer. E' pois pela candura d'estas que V. S.ª opta? Deve ser, sob pena de se mostrar inconsequente. E tem alma para preferir essa candura á castidade, que é a innocencia que córa?

Dir-se-hia que V. S.ª pertence a uma seita de litteratos que, por commodidade propria exigem taes condições a uma pobre rapariga para lhe passarem diploma de innocencia, que o mesmo vale negar a existencia d'essa qualidade n'este mundo sublunar. Ora negada ella, ficam esses senhores mais á vontade por não terem tantas contemplações a guardar.

Alphonse Karr, por exemplo, que nunca foi modelo em platonismos e que, estou certa, V. S.ª não quereria tomar como norma em costumes, dir-se-hia, ao ouvil-o, o homem mais pechoso em materias de virgindade, que ainda appareceu no mundo e, se não, ouça esses versos, que são d'elle: descrevem-nos a virgem que diz imaginar.

Vierge d'âme et de corps, ignorante, ignorée
Vierge de ses propres désirs,
Vierge qu'aucun n'a vue et désirée,
Vierge qui n'a jamais eté même effleurée
Par de lointains soupirs!

E mais adiante:

Car je n'appelle pas vierge une jeune fille
Qui donne des cheveux à son petit cousin
Ou qui chaque matin se rencontre et babille
Avec un ecolier dans le fond du jardin;
J'n'apelle pas vierge une fille qui donne
Un coup d'oeil au miroir sitôt que quelqu'un sonne.

Pour celui-ci d'abord, pour la première fois
Elle voulait être belle et parée
Par cet autre sa main en dansant fut serrée;
Celui-la vit sa jambe un certain jour qu'au bois
On montait á cheval; un autre eut un sourire;
Un autre s'empara, tout en feignant de rire
D'une fleur morte sur son sein;
Un autre ose baiser sa main
Dans ces *jeux innocents,* source de tant de fièvres
Qui troublent les jeunes sens
Un monsieur a baisé, devant les grands parents
Tout en baissant la joue, un peu la coin des lèvres;

On a rougi vingt fois, d'un gest ou d'un regard;
On a reçu des vers et rendu de la prose...

Conceda-me que não prosiga na citação, para não ser forçada a corar — o que me faria descer consideravelmente no conceito de V. S.ª

O que, de mim para mim fiquei julgando, ao ler esses versos, foi que tão extremas exigencias tinham por certo um fim reservado, o qual me parece haver descoberto, e vem a ser: que elevando tão alto o typo de absoluta virgindade, tão alto que foge da terra, para se misturar com os anjos, o escriptor, pretendia talvez desculpar-se a si proprio do pouco respeito que lhe impunham as virgindades reaes, que se encontram n'este mundo, donde muito ha se retirou o *absoluto;* queria talvez abafar remorsos que lhe fallavam de tantas sacrificadas por elle, em seus momentos de irreverente scepticismo.

E esta consideração me fez formular o seguinte

aphorismo, que offereço hoje como *pendant* ao de V. S.ª sobre o pudor feminino:

—*Os mais pechosos em materias de innocencia e virgindade são justamente os menos dispostos a respeital-as.*

Não queira porem ver n'isto a menor alluzão pessoal. Eu abro uma excepção para o delicado folhetinista do «Jornal do Porto», semelhante áquella em que teve a bondade de incluir as senhoras portuenses.

Vamos adiante.

Estou suspeitando que V. S.ª hade ter já feito reparo em me vêr tanto em dia com os escriptos da Bohemia litteraria de París, e terá feito suas considerações, repletas de bom senso, sobre a inconveniencia de taes leituras para uma senhora. Não pode deixar de estar pensando isto, uma vez que é de opinião que «um livro escondido no estojo de costura ou aberto na gaveta do toucador, pode fazer ajuizar de como pensa n'esse dia a dona do toucador e do estojo». Asserção, que voltarei a discutir mais tarde.

Por agora deixe-me observar-lhe que sou mãe, que tambem creio, como o senhor, «que um máu livro é mais perigoso do que geralmente se julga» e é esse talvez o unico ponto em que estamos de accordo, por ser uma verdade antiga e quasi uma banalidade — e que por isso preciso conhecel-os, esses maus livros, para os arredar do quarto de minhas filhas.

Dos bons livros tem-se dito muita vez:

La mère en permettra la lecture à sa fille.

Isto faz suppôr que as mães precisam lêr tudo para saber escolher.

E por estas considerações sou naturalmente conduzida a examinar outra das proposições de V. S.ª.

«A mulher virtuosa, que acompanha e convive com a mulher leviana, tem por força defeito grave; ou lhe tomou o exemplo ou se julga exemplar. Uma coisa exclue a outra mas qualquer d'ellas é pessima.»

Pobres mães que chegastes a reconhecer em vossas filhas os graves symptomas da leviandade; tendes de hoje por deante de cessar a vossa abençoada obra de educação sob pena de se vos apegar o mal que pretendieis curar ou serdes tidas na conta de presumidas.

Eu tenho duas filhas, Ernestina e Luiza. Ernestina é de uma sisudez de caracter, de uma constancia nos affectos, de uma perseverança nos sentimentos bons, que a mim e a todos que a conhecem, impõe, apezar dos seus quinze annos apenas, uma certa veneração. Luiza é boa tambem, mas affectada de leviandade, que cedo principiou a inquietar aquella pobre cabeça. Sei que é voluvel, sinto apprehensões pelo seu futuro, temo, se temo! que pode vir a causar o infortunio dos que lhe confiarem o seu amor, fazendo-os sacrificar, a um mero capricho, a uma phantasia momentanea, a mais violenta paixão que se possa inspirar. E sabe a unica esperança que me restava ainda? Era a influencia benefica de Ernestina; confiava n'ella para dominar as más tendencias da irmã, não por meio de prédicas presumidas e ridiculas mas com a silenciosa eloquencia do exemplo, genero de educação que, sem repararmos, pouco a pouco se apodera de nós e cedo nos tem avassalado inteiramente, operando em nossos pensamentos uma completa metamorphose. Sempre que as via juntas, as duas irmãs, parecia-me aquillo a realisação d'uma vista providencial, imaginava o anjo a purificar a peccadora. E hei-de acaso, d'hoje em diante, vêr em logar d'isso a peccadora a contaminar o anjo? Não; é desconsoladora de mais essa maneira de pensar. Eu continuarei sem receio a reunir as duas irmãs, folgarei sempre que as vír juntas; porque ainda acredito no poder do bem e espero que Ernestina ha-de vencer.

Agora seguem-se algumas observações ácerca da mulher, colhidas no theatro. Permitta-me desde já que

lhe diga que foi pessima a escolha do terreno para as explorações a que V. S.ª se propoz.

O theatro é fertil em observações para nós outras, que não para os senhores. A plateia! Que mau posto de observação!

Basta reparar na posição forçada e violenta em que são obrigados a manterem-se os homens que aspiram a observar-nos no theatro. Em pé com a cabeça em fadigosa extensão, o binoculo sustentado a uma altura, necessariamente incommodativa, as costas voltadas para o palco, circumstancia que os obriga a interromper o seu exame durante todo o tempo do espectaculo para só o continuar nos intervallos, é essa uma especie de observação de astrologo, falsa como todas as d'elles. Nós porem estudamos-vos dos camarotes o mais commodamente possivel.

Basta-nos baixar os olhos, toda a plateia nos fica aos pés, observamos-vos justamente quando menos o suspeitaes, quando, distrahidos, esqueceis o vosso bello ar de convenção e, sem o saber, vos achaes revestidos das apparencias que melhor se harmonizam com o vosso caracter e indiscretamente o denunciam. Oh! nós temos n'esse ponto uma superioridade inquestionavel e só a cedemos aos espectadores das varandas.

Esses sim! O folhetinista deve trepar alli, se quizer estudar os mysterios d'uma noite de theatro; lá é o terreno dos verdadeiros philosophos. Aquellas gargalhadas estrepitosas, que d'ali rebentam de quando em quando, nada vos dizem? Pois a mim causam-me um effeito formidavel! Não é sem um certo terror que ás vezes ouso profundar as vistas nas meias trevas d'aquelle recinto, d'onde com olhos de aguia, vos contemplam desapiedados observadores! Doem-me bem mais as taes gargalhadas do que me afligem todas as vossas baterias de binoculos impertinentemente assestados contra os nossos camarotes.

Pobre gente das plateias! miseros *dilletanti* da superior! mostrae-nos o resultado das vossas observações, forçosamente mesquinhas.

Ahi estão duas:

1.ª — «A mulher que, na opera, compassa o andamento da musica com o bambear da cabeça ou com o rufo dos dedos no parapeito do camarote ou é mestra de musica, ou é pretenciosa.»

E foi para isto que passastes uma noite inteira a incommodar-nos com o vosso binoculo?

Realmente não valia a pena.

Esta é uma das taes leis da physiologia da mulher que passam por serem communs ao homem e portanto não servirem para caracterisar o sexo.

Comtudo é necessario em todo o caso fazer-lhe uma modificação; pois tenho bons fundamentos para pensar que os que procedem na opera, como V. S.ª diz, são os mais crassamente ignorantes dos principaes rudimentos de arte, Deixe ir só o *pretencioso* e supprima o professor de musica e ter-se-hão encontrado as nossas observações.

Mas, n'esse sentido, quanto mais rica é a minha sciencia!

Que bellos aphorismos não poderia eu fazer a respeito: dos que entram na plateia de chapeu na cabeça, quando o panno já está em cima, despertando-nos a attenção com o ruidoso bater de seus tacões; dos que murmuram uns *bravos* em voz cavernosa, assim como um aparte de tyranno, e isto nos momentos em que o silencio é geral; dos que fixam impertinentemente o binoculo na prima-donna, ou na cantora predilecta do publico, a darem-se as apparencias de preferidos ou profundamente engolfados nas intrigas de bastidor; dos que desviam os olhos do palco para os fitarem nos camarotes justamente quando todos seguem mais avidos o espectaculo; dos que trauteam a lettra da cavatina antes que os cantores, esperando

pelo compasso, voltem á bocca de scena do seu passeio obrigado aos bastidores do fundo e principiem a gargantear; dos que de vez em quando fazem uma cara feia, dando a entender que o seu ouvido admiravelmente acustico, percebera uma desafinação ignorada pelos profanos; dos que se levantam antes dos fins dos actos, demonstrando que, sem a advertencia do apito, já sabem quando elles estão proximos a terminar; dos que percorrem n'uma noite os sessenta camarotes das tres primeiras ordens, e nem sequer elevam as vistas para a quarta, como se ignorassem até a sua existencia, dos que dizem meia duzia de palavras em italiano e tratam familiarmente com o artista de moda, etc.

Era obra esta para mais vagar e não a desenvolverei por agora. Vamos á 2.ª observação:

— «Aquella que ao findar o espectaculo vira as costas ao seu marido e levanta silenciosamente os braços para receber a capa que sabe já com certeza elle lhe lançará nos hombros, é mulher de mau genio que domina e subjuga o osso do seu osso e de quem é licito suspeitar que o espanca muita vez».

Queira confrontar essa proposição com a reciproca que offereço a V. S.ª.

— «O marido que, ao findar o espectaculo, não tem a delicadeza de lançar nos hombros de sua mulher a capa de sahida, é homem malcreado, que despreza e maltrata o osso de seu osso e de quem é licito suspeitar que a espanca muitas vezes.»

Sendo os dois aphorismos verdadeiros, todos os *ménages* devem ser de uma amabilidade!...

Quer-me antes parecer que ambos são falsos e que entre casados reina em geral a mais beatifica harmonia e invejavel concordia.

Ha mais uma observação relativa aos livros, á qual já alludi. Essa é recolhida fora dos theatros.

Nada nos revela tambem de caracteristico a respeito

das mulheres, por ser commum e até mais peculiar aos homens.

E senão, diga-me: não vê por ahi tantos que se julgam Chattertons? tantos que macaqueam os heroes de Byron? outros que batem na cabeça, como André Chenier e teimam, contra a opinião publica, *qu'il y a pourtant quelque chose là?* Não os houve tão tolos que se fizeram salteadores, depois de lerem Schiller; ou se suicidaram para tomarem as romanticas apparencias de Werther? Extremos de imitação de que uma mulher nunca seria capaz.

Permitta-me que passe por hoje em claro a observação relativa aos dentes negros e ás boccas grandes porque, quando se discute abstractamente a mulher — a mulher typo — deve suppôr-se sempre bella, como já disse no principio da minha carta.

A respeito das mulheres falladoras e das mudas, o que, em tudo o que V. S.ª disse ha de verdade é admiravelmente applicavel tambem ao sexo masculino. E reparo até que é justamente aos folhetinistas que parecem referir-se os caracteres apontados por V. S.ª «Homem que falla muito de si e de todos e ri descomedidamente de tudo, incluindo as coisas mais sérias e lugubres.»

As conclusões que V. S.ª tirar portanto a respeito de taes mulheres, eu as applicarei pela minha parte a taes homens.

Em quanto ao silencio das mulheres remetto V. S.ª para a maxima grega, que dizia ser essa qualidade o melhor ornato do sexo.

Diana de Avelleda.

Coisas innocentes

A philosophia e a mulher — Systemas empregados para descobrir a verdade

Transcripto, com auctorisação do seu auctor do «Jornal do Porto» de 21 de janeiro de 1863.

EDITOR.

«Não me abalanço eu a decidir até que ponto um homem pode conhecer outro homem, e muito menos, se é possivel que um homem conheça uma mulher.

Dá-se uma coisa:

O *nosce te ipsum* tem atravessado seculos sempre venerado pelos estudantes de logica como o verbo supremo da philosophia copiosamente transcendental e bojudamente seria.

Aquella compendiosa sentença do philosopho é ainda hoje tida por alguns crendeiros simplorios e ainda por um ou outro engenho agudo, mas de bom comer, como o theorema summo em que póde pôr a mira, a atrevida, a esfomeada, a insaciavel sciencia humana.

Pois se o meu curto juizo me não engana, a razão da popularidade deste preceito está na rasteira faculdade que elle baratêa a qualquer jão-ninguem de considerar-se impunemente sabio.

E' verdade, não ha duvida alguma em ser verdade, que os sabios desmereceram muito a consideração publica e que o respeito que a gente lhes tem anda muito caldeado de galhofa depois que ultimamente se des-

cobriu que elles não prestavam para nada, os maganões dos sabios.

Mas com ser pequena e desaceiada esta pobre vaidade da sabedoria aquelles a querem que não têem coisa melhor para desejar.

Pelo que foram os ignorantes, segundo eu alcanço, que deram ao *nosce te ipsum* a celebridade que lhe anda aforada.

Tanto que o ouviram gostaram d'aquillo, quizeram-no para si, e adoptaram-no para ornamento e lustre de sua intelligencia e juizo, assim como tambem pegaram na moda das calças largas as pessoas cambaias e de pés volumosos. «Vamos, isto sempre disfarça» foi o sentido d'elles.

Estas grandes verdades que passam em julgado, e são confirmadas por sentença no tribunal da opinião publica, por via da regra, são mentiras. Haja vista aos rifões. Eu lembro-me apenas de um que seja absolutamente verdadeiro, que é o seguinte: *Dá Deus o frio conforme a roupa.* E' rigorosamente assim; está provado que quem tem pouca roupa tem muito frio e quem tem muita não tem frio nenhum — Este é ex cepção.

Ora no fim de tudo conhecer-se a si mesmo devemos desenganar-nos de que é facil e vulgarissima coisa. O que é peregrino, excepcional, rarissimo, é haver homem que se não conheça perfeita e cabalmente.

Encontra-se um toleirão com fumos de avizado. Vemol-o entrar em todas as discussões de chapeu na cabeça, como conhecido velho, avassalar a conversação, puxal-a para diante de si, trinchar o assumpto para os convivas; e é então o caso de cuidar a gente que aquelle homem se não conhece. Conhece! conhece! e sabe profundamente que é um parvo. Olhem lá se elle se apresenta alguma vêz qual é, se elle se faz bonacheirão ou simples! Faz-se atilado é o que elle

se faz; faz-se vivo, sagaz, fura-paredes. Atabafar a penuria de dentro e encampar-nos como possa o fingimento de fóra é no que elle cuida. E esse cuidar é de tolo, mas de tolo que se conhece.

Ha em todos os corações uma latente corda summamente boa e uma outra summamente má que ninguem mostra aos seus amigos mais particulares e mais intimos. Costumamos tanto as nossas indoles á estreiteza de molduragem commum e meã que já nos envergonhamos de parecermos tão bons como ás vezes somos, e tão máus como frequentemente nos vemos.

Quantos milhões de homens terão passado a vida a fingir! Quantos idearam um typo que lhes pareceu bom e consumiram depois a existencia, trazendo ajustada á face a mascara d'aquelle heroe filho da sua imaginação! Quantos terão rido e quantos chorado ao cotejar perante a consciencia o que intimamente são e o que são no mundo!

Venera a sociedade este que morreu esmagado pelo sobrepezo de uma honradez mediocre, e que, obedecendo ao natural pendor da vontade, teria desafogadamente sido um salteador insigne; e é desprezado aquelle, transviado em diversa trilha, que mais mau é pelo que finge ser do que por aquillo que realmente é.

Dizia o Agostinho de Macedo, mettendo o caso a chacota, segundo era uzeiro, que Larochefoucauld era moquenco como um padre da companhia de Jesus. Não quero desfazer nas mordeduras de anavalhada memoria com que o celebre critico assignalava o tranzeunte, mas nunca poderam nem o José Agostinho, nem o proprio Lamartine, convencer-me a mim de que não fosse um discreto pensador aquelle duque Larochefoucauld. Ainda me recordo que lá reprega elle a minha asseveração em uma notavel maxima cuja substancia é esta: O habito de encobrir os nossos pensa-

mentos muitas vezes fáz com que os occultemos a nós mesmos.

Occultamos e fechamos os olhos e dizemo-nos até que os não vêmos; — resaltos da nossa vaidade tantas vezes atarantada entre o applauso do mundo, que nos laurêa, e a intima corrimaça da consciencia, que nos escarniça e apupa!

Ora vá lá agora cada um conhecer assim os outros como se conhece a si!

Os escriptores que melhor demonstram conhecer o coração humano fizeram um estudo de introversão, e leram na sua alma os dictames da doutrina que pregoam.

Isto é estudar o coração, isto é talvez conhecer *o homem,* mas a grande sciencia, a que difficilmente se attinge, e que mais importava alcançar, tem outro fim. O seu objecto é conhecer um certo homem e principalmente conhecer uma certa e determinada mulher.

Alphonse Karr, o conhecido auctor de dois excellentes e bem pensados livros «*Les femmes*» e «*Encore les femmes*» consta que se divorciára no fim do primeiro anno de casado. O sympathico escriptor conhecia as mulheres... excepto uma, a que mais lhe convinha conhecer, a que elle escolheu para si.

Molière, que tão fundamente conhecia o coração humano e a sociedade, sabe-se que não gosou a felicidade conjugal.

Labruyère, o immortal auctor dos *Caracteres,* receou tanto illudir-se que se conservou celibatario.

Todos os moralistas do meu conhecimento consumiram a existencia a estudar *a mulher,* a qual mulher dos moralistas, cá no meu entender, é um mitho, é um ser mythologico, é um ente de convenção que eu não encontrei nunca no mundo.

O resultado é que as opiniões divergem porque se não conhece o assumpto, os tiros encontram-se porque

se não vê o alvo. Já não ha argumento nem a favor nem contra, que não esteja refutado.

Que importa que Malherbe escrevesse esta linda phrase a favor da mulher: «Deus, que se arrependeu de fazer o homem, não se arrependeu nunca de ter feito a mulher?» Acodem a isso os pessimistas que foi justamente para se desfazer do primeiro que o Creador imaginou a segunda; e Aristoleles lá diz claramente que a natureza só produz mulheres, quando não consegue fazer homens. O principe de Ligne assegura que, seguindo-se durante a sua vida cem pessoas de cada sexo hão de encontrar-se vinte vezes mais virtudes no sexo feminino do que no sexo feio, e Salomão assevera-nos que em mil homens encontrou um bom, e que em todas as mulheres não encontrou boa nenhuma. Balzac, a quem se não pode negar toda a competencia n'estas materias, Balzac, que é geralmente tido como um dos mais sagazes observadores da sociedade e do coração humano, diz que a mulher é a creação transitoria entre o homem e o anjo, e chama-lhe a mais perfeita das creaturas, ao passo que S. Jeronymo, grande santo e grande doutor, escreveu que a mulher de boa indole é mais rara do que a esphinge.

Espero eu que as minhas amaveis leitoras se não sensibilisem com os argumentos que meramente reproduzo. Não se entende o que fica dito com nenhuma de V. Ex.as. Tudo isto é a respeito da mulher, quer dizer: a respeito do mitho, que é como se dissessemos a respeito da lua.

No tempo em que me dei a estes conspicuos estudos segui eu uma senda diversa e procurei conhecer por mera observação a feição predominante no caracter das pessoas que via, antes de fallar-lhes ou de perguntar quem fossem.

O methodo para estes trabalhos é o analytico puro. A difficuldade do systema consiste em descobrir as

grandes causas nos effeitos minimos, em conhecer o gigante pela unha.

Vou communicar ao leitor o resultado das minhas observações, resultado por cuja infalibilidade eu me responsabiliso porque está já confirmada e consagrada pelos factos.

Pensa-se geralmente que o rubor que sobe ás faces da donzella é um respiro de candura que lhe perfuma como olores do ceu a alma virgem. Eu estabeleço a respeito do rubor o axioma seguinte:

Toda a mulher que córa não é innocente.

Innocencia na acepção em que tomamos a palavra, quer dizer ignorancia do que é impuro. Quem córa ao ouvir uma impudencia claro é que distingue e quem distingue duas coisas conhece-as ambas.

Tenho notado que uma creança de quatro annos não córa nunca, e que as meninas só principiam a córar depois que vão para a mestra.

Não se pense que eu venho aqui a menosprezar o pudor. Oh! eu adoro o pudor!... mas prefiro a innocencia.

Duas meninas igualmente bem educadas, igualmente conhecedoras e respeitadoras da sua dignidade ouvem no palco de um theatro uma d'essas phrazes ambiguas creadas por gamenho indecente e expostas em farcicula de cordel para regalo de paladares broeiros; a plateia escancára uma gargalhada estrepitosamente gallega; uma das meninas córou, a outra pôz-se a rir d'aquella bulha. Pensem os outros a seu modo, eu opto pela candura da que riu, e deixo que vá jurar quem quizer a innocencia da que está vermelha.

Releva que estejamos precavidos sempre contra estes abusões, que são copiosos e vulgarissimos, como brevemente demonstrarei em um capitulo *ad hoc*.

A verdade apresenta caracteristicos infalliveis e de todo o ponto concludentes...

Por exemplo:

A mulher que na opera compassa o andamento da

muzica com o bambear da cabeça ou com o rufo dos dedos no parapeito do camarote ou é mestra de muzica ou é pretenciosa.

A mulher virtuosa que acompanha e convive com mulher leviana tem por força defeito grave: — ou lhe tomou o exemplo, ou se julga exemplar. Uma coisa encobre a outra, mas qualquer d'ellas é pessima.

Aquella que, ao findar o espectaculo vira as costas a seu marido e levanta silenciosamente os braços para receber a capa que sabe já com certeza que elle lhe lançará nos hombros, é mulher de mau genio, que domina e subjuga o osso do seu osso, e de quem é licito suspeitar que o espancou alguma vez. (1)

As meninas contemplativas que lêem romances, ou se julgam similhantes ás heroinas d'elles ou procuram fingir que o são. D'aqui resulta que pelo livro escondido no estojo da costura ou aberto no toucador, podemos ajuizar como pensa n'esse dia a dona do toucador e do estojo.

Ainda resulta outra coisa, mas essa não vem ao ponto, e é que um livro mau é muito mais perigoso do que geralmente se cuida.

Os bonitos dentes e a boca pequena têem a disconveniencia de aconselhar sorrisos demasiadamente frequentes. As senhoras de maus dentes são sempre de uma compostura irreprehensivel. As meninas de boca grande chegam a ser presumidas no seu recato e tenho observado que affectam quasi todas uma melancolia sobre-maneira comica.

Ha dois typos que eu frequentemente encontro. Um é a mulher que falla muito de si e de todos, e ri des-

---

(1) Este typo assim como alguns outros de que terei de occupar-me, para bem da sciencia, não existe no Porto. O author d'estas linhas estima por muitos titulos as senhoras portuenses, e respeita e venera sobre tudo os seus elevados dotes como esposas virtuosissimas.

comedidamente de tudo o que eu lhe digo, incluidas as coisas mais sérias e mais lugubres; o outro é aquella que só falla ao ouvido de uma amiga que tem juncto de si, e não entra na conversação commum, senão para enviusar os beiços, figurar com elles um canudo e gotejar de longe em longe a palavra *sim* ou a palavra *não*, isto é, dispender da voz o stricto necessario para comprar o silencio. — São os dous extremos a tocarem-se pelo ridiculo que pertence a ambos, é a boca demasiadamente graciosa e a boca sem graça nenhuma, é o dente alvissimo e o dente negro.

Ninguem me diga que o silencio aturado e pertinaz inculca discripção. A senhora que nunca tira as luvas tem a pelle aspera ou as unhas mal talhadas; a que não falla nunca, tenho para mim que troca o *b* pelo *v* ou que é tatara».

J. D. Ramalho Ortigão.

A sciencia a dar razão aos poetas

Cartas ao redactor do Jornal do Porto (1)

I

Meu amigo:

N'estes tempos que correm, azados para toda a especie de lucta, é de alegrar deveras a noticia d'uma reconciliação cordeal entre inimigos velhos. O ditado portuguez, *Odio velho não cança*, que o sr. Rebello da Silva tomou para epigraphe do seu primeiro romance, soffre felizmente ainda de quando em quando notaveis desmentidos.

A nossa epoca está presenceando phenomenos bastante singulares. Emquanto por um lado, e tão perto de nós, vemos o espectaculo desconsolador d'um inglorio e já fastidioso certamen entre os nossos litteratos, contenda desapiedada e nem sempre cortez, d'onde as reputações feitas saem enxovalhadas, as nas-

---

(1) Publicada em dezembro de 1879 acompanhada da seguinte nota da redacção:

«Entre os manuscriptos de Julio Diniz, que vimos ha pouco, encontramos as duas cartas que vamos publicar, escriptas em 1864, as quaes deveriam ser seguidas d'outras, que se perderam se porventura chegaram a ser escriptas.» (Editor).

centes, feridas talvez de morte pela dureza do combate, e só incolume quem nada arriscou, por nada ter que perder; lá por fóra, mostram-se-nos insolitamente amaveis para com as fantasias dos poetas até os seus antigos adversarios — os homens da sciencia!

E' já um facto reconhecido o da galantaria da sciencia contemporanea. Esta sizuda donna, a quem d'antes as harmonias da lyra romantica escandalisavam os ouvidos, demasiado escrupulosos, já lhes sorri e despojada de velharias pedantescas, vae reconhecendo que, sob apparencias frivolas mas não obstante ou não sei se por isso mesmo, agradaveis, a musa dos poetas e romancistas costuma ás vezes dizer coisas, que valem bem a pena de ser attendidas.

Não concorda, meu amigo, que estes factos são uma feliz compensação para aquelles outros, que eu lamentava? Quando lavre no seio d'um povo a guerra civil, ao menos que ande elle em paz com os seus visinhos da fronteira.

Se estiver para me ouvir, quero entretel-o hoje a respeito d'uma d'estas finezas da sciencia á littera tura.

Trata-se do coração, assumpto ao qual, sem flagrante injustiça, se não poderá negar o epitheto de *palpitante*.

Ha de saber, que entre os poetas e physiologistas reinava de ha muito grande divergencia emquanto á maneira de conceber a vida do coração.

Cada estancia de poema erotico, na qual era referida áquella viscera o mysterioso e delicadissimo mundo dos affectos, passava por uma verdadeira blasphemia scientifica; cada soneto de Petrarcha, ou *meditação* de Lamartine, cada estrophe de Byron, de Zorrilla ou de Musset, em que se via escripto o nome d'este orgão, unico que os poetas cinicos disputam aos sabios, eram para estes atrevidas heresias, e quando muito perdoadas, como uma leviandade sem consequencias,

por aquella especie de tolerancia, com que se perdoa um absurdo se é dito pela bôca d'uma mulher bonita.

Ora, devemos confessal o, algumas d'essas formas poeticas, d'essas frases sonoras relativas ao coração eram de tão impertinente arrojo, de desplante tão provocador que se não podia de todo culpar o physiologista que, mais insoffridamente cioso das prerogativas da sciencia, franzisse o sobrôlho a essas velleidades litterarias da atrevida cohorte de poetas, romancistas e folhetinistas, preteritos e contemporaneos; não se lhe podia estranhar demasiado que ralhasse ao ver, que sem ao menos terem noticia de Harvey, esses estouvados se punham assim a fallar no coração que, ignorando quaes e quantos os tubos arteriaes e venosos que se continúam com este *musculo ôco*, quantas as valvulas que lhe fecham as cavidades, os planos de fibras que o constituem, se apregoavam por ahi, *urbi et orbi,* profundos conhecedores d'esse orgão que nunca sequer tinham visto dissecar.

Quem tivesse vagar para se deitar á colheita de varias asserções, a respeito do coração pelos livros dos prozadores e dos poetas, teria tarefa para longo tempo e curiosissima e instructiva.

Se m'o permitte, recordar-lhe-hei alguns exemplos colhidos em livros familiares a todos nós, e que por acaso tenho á mão:

Lamartine falla-nos em uma das suas melhores Meditações d'um coração: *lassé de tout, même de l'espérance.* A pathologia deixava-o dizer, mas nunca tomou a serio a frase. Se falassem n'isto a Barillaud estou certo que se punha a rir.

Une tristesse vague, une ombre de malheur
Comme un frisson sur l'eau courut sur tout mon coeur

Dizia ainda o mesmo admiravel poeta no seu inspirado livro — o *Jocelyn.*

Não havia porém medico, que visse n'estes dois alexandrinos a expressão d'um facto digno de ser archivado. *Uma sombra de desgraça sobre o coração;* eis ahi um phenomeno que sem duvida o mais experimentado especialista confessaria ignorar.

Abra-se o *Camões*, do Almeida Garrett, — livro do qual não sei se os contendores da actual questão *litteraria* já fizeram tambem pataratas para se accommetterem —, depara-se logo ao principio com estes singularissimos versos:

Saudade ....
....
Mysterioso numen que aviventas
Corações que estalaram e gotejam
Não já sangue de vida mas delgado
Sôro de estanques lagrimas...

Veja o que ahi vae! O anatomico intransigivel, ao lêr isto, não podia deixar de se affligir. Imaginava sentir as glandulas lacrimaes a estremecerem no canto das orbitas e protestarem contra uma tal usurpação de direitos; e elle achava-lhes razão, achava-lhes razão contra Garrett e contra Lamartine, que é relapso n'esta ordem de peccados, porque no *Rafael* tinha tambem escripto:

Dans cette larme qui tombe toute chaude de votre coeur sur ma main —

O sr. Alexandre Herculano, caracter sisudo e o mais severamente portuguez dos nossos tempos, não era isento de culpa perante o tribunal dos scientificos escrupulosos. Em uma passagem da *Harpa do Crente* parece tentado a attribuir ao coração não sei que usos vocaes e arvoral-o em habitação de memoria; tentativa que a sciencia moderna, n'isto mais intolerntea

que algumas das suas ascendentes, não podia acolher sem protestar.

A passagem a que me refiro está n'estes dois versos:

> Que ferreo coração esquece a terra
> Que lhe escutou os infantis suspiros.

Pois Victor Hugo? Esse genio que tão bem e tanto á vontade sabe manejar a arma perigosa das antitheses e das imagens, tantas vezes fatal aos menos dextros e experientes, e cujos arrojos lyricos chegam a espantar, a intimidar até os mais dispostos a admiral-os, como não havia de escandalisar os fieis respeitadores da *phrase ao pé da lettra!*

Nas *Contemplações,* por exemplo, falla-nos elle de uma rapariga que, em apaixonado colloquio com o amante, lhe diz entre outras coisas:

> *Oh! de mòn cœur leve les chastes voiles*
> *Si tu savais comme il est plein d'etoiles!*

Com estes dois versos tambem os astronomos tinham que vêr.

Ora é verdade que Lamartine, que é tido por mais moderado do que o auctor dos *Miseraveis,* já tambem dissera no *Rafael:*

«Eu sentia que nunca mais haveria noite nem frialdade em meu coração, porque elle (Julio) ahi luziria sempre.»

Diga-me se não tinham alguma desculpa os que protestavam contra taes liberdades?

A anatomia, que ha tantos annos anda a estudar o coração pelo escalpello e pelo microscopio, e que algum proveito julga haver tirado já d'esse estudo, devia

encolher os hombros de apiedada, ouvindo o sr. Mendes Leal começar assim a primeira das suas Indianas:

Foi-se a tempera dos peitos
Dos portuguezes leões;
Quem sabe de que eram feitos
Seus robustos corações?

Quem sabe de que eram feitos! Se ella não veio a campo a elucidar esta duvida, foi por uma especie de contemplação delicada, por uma abstenção, como a do astronomo cortez, deante de quem uma senhora põe em duvida a exactidão das suas previsões.

O nosso Camões usou tambem de eguaes liberdades para com o coração. Recorda-se, por exemplo, d'aquelle:

Tu, só tu, puro amor, com força crua
Que os corações humanos tanto obriga?

Philinto pinta-nos o coração devorado por consummissões;

As penas e os cuidados que os humanos
Corações remordiam como abrolhos.

Bocage descrevendo-nos a agonia de Leandro:

.... e de Hero o nome
Do ancioso coração n'um ai lhe arranca.

A sciencia ainda mal conformada com este ai, saido do coração, achou-se na presença de Espronceda, que, pelo contrario, lhe fallava d'um outro que para lá entrava:

.... un ay
Que penetra el corazon

E já que estamos de volta com o lyrico hespanhol, não posso resistir ao desejo de transcrever por inteiro

a sentidissima quintilha do *Estudiante de Salamanca*, como mais outra herezia physiologica, e das mais arrojadas:

Hojas del arbol caidas
Juguetes del viento son
Las illusiones perdidas
Ay! son ojas desprendidas
Del arbol del corazon.

Com certeza não era da arvore circulatoria que o poeta fallou e por conseguinte — delicto.

Fazer fallar o coração em um aperto amigavel de mão, é tambem frequente nos poetas.

Garrett, por duas vezes que eu saiba, deixou entrever tentação de encerrar a alma inteira dentro do coração. Foi na D. Branca

Que a alma n'esses paizes regelados

(Refere-se á Inglaterra.)

Toda no coração não vem aos labios

E n'outro logar:

... quando a alma inteira
Rompe do coração e accode aos labios

No mesmo poema ainda, não hesita em pôr na boca do proprio diabo, em uma occasião em que o maligno espirito sentia o alvoroço das pulsações cardiacas de um cavalleiro, que fugia com uma belleza nos braços, as seguintes palavras:

«Tu que bates assim, má tenção levas.»

Auctorisar com o nome do diabo, que dizem ser de peso em coisas d'estas, uma opinião que de encontro

á sciencia, attribue ao coração tenções reservadas é muito sério.

Muitas outras amostras, como estas, se podiam trazer para aqui, respigando-as pelos poetas de todas as nações e de todas as idades.

Estas, porém, bastam para nos levar a conceder, que provas evidentes de tolerancia deu ainda assim a sciencia, ouvindo quasi resignada estas heterodoxas interpretações do coração e não sahindo a campo a combatel as.

Diga-me como podia ser agradavel a qualquer erudito, rigido observador do *suum cuique*, ouvir fallar de Balzac, o romancista, que provavelmente nunca viu um *stethoscopo,* nem teve noticia do *plessimetro* do sr. Piorny, immortal descoberta que, á falta de epicos, o proprio auctor celebrou em alexandrinos, e ouvir fallar de Balzac, mas como? Como d'um profundo conhecedor do coração humano, reputação adquirida com detrimento de Andral, de Bouillaud, de Laenec, de Beau e tantos que por longa experiencia clinica a mereciam.

Caprichos de opinião publica! Mas o certo é que essas gratuitas ideias, assim espalhadas pelos poetas, ganharam raizes profundas, vulgarisaram-se e ao lado do coração physiologico, scientifico, ortodoxo, orgão motor da circulação sanguinea, de ha muito se insinuara outro, um coração convencional, romantico, poetico, sem foro de sciencia, contra o qual do adito do sanctuario se fulminaria a excommunhão, se elle manifestasse tentações de lá entrar.

Seja porem dito em seu abono que nunca as manifestou; procedeu, como esses escriptores, queridos das multidões e a quem as academias repellem, deviam todos proceder.

Agora é justo confessar que dos dois corações, o mais popular e sympathico, não era decerto o primeiro, o legal, o academico.

Que dama namorada, que mãe extremosa, que poeta inspirado, que guerreiro sob o dominio da paixão de gloria, que expatriado consumido pelas saudades da sua terra, que nauta, suspirando no meio da sublime mas desconsoladora solidão das vagas, acceitaria sem repugnancia, aquelle coração machina, musculo, orgão impulsor do sangue e nada mais, que lhe apresentavam os sabios?

Embora lh'o vitalisassem um pouco ultimamente, não era ainda nada, para aquelle irresistivel instincto que lhes pedia mais.

Verdade é que já lh'o não apresentavam como uma simples machina hydraulica, uma especie de bomba aspirante e expellente, concepção tão grosseiramente materialista que revoltou os proprios physiologistas; mas, em todo o caso, melhor ennervado e vivificado, promovido da cathegoria de machina á de orgão, do mundo physico e mechanico ao vital; era ainda o orgão da circulação e não passava d'ahi.

Os poetas deixavam dizer os physiologistas e continuavam na sua propaganda e o vulgo applaudia-os com alma e identificava-se com aquellas crenças poeticas, sem cuidar do seu caracter hypothetico. Quantas vezes os adeptos da sciencia, os discipulos em via de iniciação, punham de lado, na banca do estudo, as paginas de sciencia positiva sobre a vida do coração, para saborearem furtivamente a physiologia de contrabando, que em todas as linguas do mundo mortas e vivas os poetas offerecem ás imaginações seduzidas.

Mas o encanto era ainda poderoso; revelava-se por provas ainda mais evidentes.

Os proprios sacerdotes, os que proclamavam o interdito contra as falsas doutrinas, os que dentro do templo nunca permittiriam a entrada a essas metrificadas physiologias do coração, — não obstante lá terem entrado coisas muito menos racionaes e em es-

tylo incomparavelmente peior — os proprios sacerdotes digo, fecharam muita vez sobre si as portas do santuario e iam-se a praticar amavelmente com esses *livres pensadores* e poetas parodoxaes, agradados sem saber porque, d'aquelles mesmos paradoxos, contra os quaes seriam inexoraveis quando chamados a juizo no tribunal da sciencia.

Muitos foram até os que aprenderam a fallar essa mesma linguagem profana, especie de giria poetica que condemnavam como impia, heretica e attentatoria contra os dogmas da physiologia.

Haller por exemplo, a quem principalmente se deve uma das mais fecundas revoluções que tem soffrido a sciencia da vida — foi poeta tambem. E ainda hoje parece que os seus compatriotas mais o conhecem por essa qualidade, do que por aquella que lhe grangeou na historia da sciencia, um nome immorredouro.

Ora ser poeta, sem fallar alguma vez do coração á maneira dos poetas, não sei bem como possa ser. Desejava agora consultar as producções litterarias d'este sabio allemão, a ver se o encontrava, como suspeito, em flagrante delicto de leza-physiologia, justamente n'aquelle artigo, que, como poucos, elle tinha razão e interesse de respeitar.

Mas, no meio de tudo isto, uma coisa não perdôo eu aos homens de sciencia, — que é o não haverem meditado sobre quaes podessem ser os fundamentos d'esta crença tão geral que, a seu pesar domina até o homem mais versado nas theorias scientificas, e no proprio selvagem se manifesta, pois que na sua mimica expressão, a mão sobre o lado em que pulsa o coração, traduz a existencia de um sentimento de affecto, de amizade, de amor, de dedicação — gesto, que o actor mais exercitado, pelo estudo, em exprimir vivamente as paixões humanas, não se esquece de imitar.

II

Dizia eu que quando um facto se apresenta assim com um tal caracter de generalidade, quando um tão completo assentimento acceita a interpretação unanime a expressão nimia que parece confirmal o, não obstante os protestos da sciencia, quando os mais rigorosos nem sempre são demasiado austeros na observação dos preceitos da moral scientifica — se assim lhes posso chamar — que proclamam, á sciencia compete reflectir sobre este facto, e fiel ao seu programma de analyse philosophica, procurar-lhe a razão de ser.

Epoca houve em que a sciencia deu provas de querer congraçar-se n'este ponto com a poesia, direi até, foi talvez quem deu o exemplo d'estas theorias hoje olhadas por cima do hombro pelos sabios intolerantes. Mas em que tempo foi isto? Quando as sciencias naturaes eram poesia tambem e não haviam adquirido ainda este ar severo e grave que hoje as caracterisa. Philosophos e poetas eram á porfia quaes deixariam mais á solta correr a imaginação. Foi quando Platão, desenvolvendo o systema de Pythagoras, collocava no coração a parte da alma d'onde a generosidade, a coragem, a colera dependiam; e Aristoteles suppunha que d'elle nasciam as paixões, que era essa a urna onde o fogo natural era mantido. Depois d'isso ainda sob a influencia de Galeno — que tinha muito de poeta tambem — a sciencia fazia sahir do coração uns certos espiritos que eram alguma coisa mais subtil e poetico do que o sangue; mas ultimamente, orgulhosa com as ultimas riquezas adquiridas, ensoberbeceu se e regeitou com desdem e até pouca delicadeza os enfeites que, em epocas de privação, não duvidára ac-

ceitar de sua mais leviana, mas, e talvez que por isso mesmo, mais seductora rival.

Mas emfim a nossa epoca é, por mais que façam, uma epoca de reconciliação e tolerancia. Os homens de sciencia e os poetas dão-se finalmente as mãos e fazem concessões mutuas.

Nunca se viram tão amigos e reciprocamente lisongeiros.

Os poetas celebram em verso theorias que dantes apenas conseguiam ser prosaicamente expostas nas paginas pouco elegantes dos livros eruditos.

Em um interessante opusculo de Aug. Langel que, sob o titulo de *Problèmes de la nature*, foi ha pouco editado por Balliere na Bibliotheca de Philosophia Contemporanea, já o auctor faz notar esta crescente popularidade das sciencias, como um dos phenomenos mais singulares da nossa epoca:

Observa-nos, como o historiador Michelet, que a opinião publica de França (como a de Portugal) não está ainda resolvida a acceitar como um velho estonteado e treslido — e a romancista George Sand, ambos na edade em que é licito repousar no seio da gloria adquirida, se deitaram á obra e deixando um o dominio da historia, outro o da paixão, entraram no reino sempre virgem da natureza.

«Eu não sou d'aquelles, concluiu o auctor citado, que censuram ou temem estas excursões um pouco aventurosas no terreno da observação e de experiencia.

A sciencia é invulneravel; se pode desprezar os golpes dos seus inimigos, porque lhes havia de temer os amplexos demasiado apaixonados? Pode ficar nua como a verdade, mas as suas formas nobres conservam-se ainda visiveis debaixo da tenue purpura que a imaginação lhe deita aos hombros. Já tão naturalista com Goethe, Byron e Lamartine, a poesia, ainda mais o ficou nos versos de Victor Hugo. Deu uma voz har-

moniosa, não só ao homem, mas a tudo quanto vive, e aos mares, aos ventos, ás estrellas e até á propria terra.»

Isto em relação aos poetas, emquanto aos homens de sciencia vemol-os a attenderem mais cuidadosamente ao estylo e não despresarem, nem afugentarem as imagens quando estas travêssas se lhes põem a voejar em torno da sua secretária.

Os medicos, sobretudo, tem ido longe n'esta via de concessões.

Um professor aggregado na universidade de medicina de Paris, não poz duvida nenhuma em tomar para epigraphe de um livro de philosophia medica, uma quadra de Gerard de Nerval!

Gerard de Nerval! o traductor e amigo de Henry Heine, o infeliz poeta — mais uma alma do que um homem, como Heine dizia d'elle, cuja morte tragica roubou á França um dos mais promettedores talentos lyricos da epoca? Gerard de Nerval, o suicida da ignobil rua *de la Vieille lanterne*, levado áquelle acto de desespero pela pobreza um pouco, mas por um d'esses occultos padecimentos que são um mysterio para as organisações menos delicadas? E forneceu epigraphe, para uma obra de sciencia!

E' verdade. Ainda não vae longe a epocha em que os proprios que mais ornavam a litteratura, os menos severos para com as producções dos engenhos litterarios, que olhavam como futeis, não se atreveriam a passar além da citação latina. Quando muito teriam escripto:

Mens agitat molem et magno se corpore mistet

em vez da quadra romantica que escolheu Bouchut.

Espere, enfin, mon ame, espere
Du doute brise le reseau,
Non, ce globe n'est pas ton père
Le nid n'a pas créé l'oiseau.

Rasga da duvida as redes!
Espera, ó minh'alma, espera.
Tu da terra não procedes,
O ninho as aves não gera.

Eu considero o facto d'esta epigraphe como o maior preito prestado até hoje por homens de sciencia á escóla romantica actual.

Aos medicos competia dar d'estes exemplos. Os filhos de Esculapio deviam lembrar-se, como bem diz L. Peine, de que Apollo, pae do Semi-Deus, estabelece o estreito parentesco entre a poesia e a arte salutar.

Ora o numero dos medicos poetas tem sido bastante avultado, mas é certo que não andavam com franqueza e á vontade n'esta empreza de conciliação.

Quando muito metrificavam sciencia, o que é uma tarefa perigosa de tentar, pois dá muitas vezes em resultado especimens como este do sr. Piorry:

Le diamant gazeux et le pur oxigène,
Se mariant á l'hydrogène,
Se groupèrent en végetaux;
L'azote, elastique fluide
Se métamorphosant en matière liquide,
S'y joignit pour former les corps des animaux.

Não lhe parece que estamos em plena inspiração lyrica? Outros sabiam ser alternadamente poetas e eruditos; duas entidades reunidas no mesmo individuo mas em completa independencia. — Nos seus versos ninguem podia descobrir a sombra do barrete de doutor e ao escreverem obras de sciencia tinham o cuidado de apagar cautelosamente o facho da imaginação.

Hoje a fusão é mais natural e desassombrada.

Por isso era esta mais que nenhuma a epocha destinada para que a face poetica do coração, até agora deixado na sombra pelos homens de sciencia, se adian-

tasse para o campo luminoso da observação e da analyse; e a crença unanime da opinião viesse pedir á sciencia a sua razão de ser.

E quem se encarregou de estudar o problema?

Exemplo eloquente de conciliação de que fallamos!

Foi Claude Bernard. Se por acaso sabe quem é Claude Bernard ha de por certo admirar-se.

Claudio Bernard é um physiologista mais que tudo experimental, um homem costumado a manejar o escalpelo, a empregar os reagentes, a manipular o microscopio; um homem a quem as vivisecções não commovem e que no Collegio de França, prosegue imperturbavel uma das suas interessantes e proveitosissimas lições, sem que o affectem os gritos dos animaes que se estorcem mutilados, victimas de uma demonstração physiologica; sem que hesite em sacrificar nas aras da sciencia, desde a rã, um pobre e phleugmatico animal já chamado por alguem o Job da physiologia; até ao cão, o fiel companheiro, o amigo dedicado do homem, até ao inoffensivo coelho, e até, isto sobretudo poucas leitoras lhe perdoariam, até á pomba, o symbolo de innocencia, querida das almas ternas e pelas quaes os poetas mithologicos faziam mover o coche de Cythera.

Pois foi este homem, de quem uma senhora dizia não possuir coração, que ha pouco na Sorborne inaugurou uma lição por estas palavras:

«Para o physiologista o coração é o orgão central da circulação do sangue. Mas, por um singular privilegio, que com nenhum outro apparelho organico se dá, a palavra coração passou, da linguagem do physiologista, para a do poeta, romancista, e homem de sociedade, com accepções muito diversas. O coração não seria sómente um motor vital impellindo o liquido sanguineo a todas as partes do corpo que anima, mas tambem a séde e o emblema dos mais nobres senti-

mentos e dos mais ternos de nossa alma. O estudo do coração humano não deveria ser sómente o objecto do anatomico e do physiologista, mas servir tambem de base a todas as concepções do philosopho, a todas as inspirações do poeta e do artista.

. . . .

«A physiologia deverá desvanecer-nos estas illusões e mostrar-nos que o papel sentimental attribuido em todos os tempos ao coração, não passa d'uma ficção puramente arbitraria? N'uma palavra teremos a assignalar uma contradicção completa e peremptoria entre a sciencia e a arte, entre o sentimento e a razão? Emquanto a mim, não creio na possibilidade d'essa contradicção. A verdade não póde differir de si mesmo e a verdade do sabio não poderia contradizer a verdade do artista. Pelo contrario, eu creio que a sciencia que provem d'uma fonte pura, para todos se fará luminosa, e que sciencia e arte por toda a parte se darão as mãos interpretando-se e explicando-se uma pela outra.

. . . .

«Eu não procurarei negar systematicamente, em nome da sciencia, o que em nome da arte se tenha dito sobre o coração, considerado como orgão destinado a exprimir nossos sentimentos e affeições. Pelo contrario desejaria demonstrar a arte pela sciencia, tentando explicar por meio da physiologia o que até ao presente não passava de uma simples intuição do espirito. Empreza difficil, tambem temeraria até, por causa do estado ainda hoje tão pouco avançado da sciencia dos phenomenos vitaes.

«Entretanto a belleza da questão e os clarões que a physiologia, me parece, já poder lançar sobre ella, tudo me determina e anima.»

E effectivamente, depois da primeira parte da sua prelecção, na qual, debaixo do ponto de vista anatomico, tratou do coração e da sua physiologia official,

isto é, das suas funcções como orgão impulsor do sangue — parte a que não me referirei, por ser para as leitoras a parte antipathica do orgão — o celebre membro do Instituto entrou na questão pendente, a proposito das relações do coração com o systema nervoso e particularmente com o cerebro.

Um dia Davy, depois de uma longa meditação sobre as propriedades e usos do sangue, este mais que todos importantissimo liquido organico, não pôde deixar de escrever:

It is a mysterious fluid the blood.

Bem se podia, parodiando o medico inglez, exclamar tambem:

E' um mysterioso orgão o coração.

Basta que é elle o infatigavel obreiro d'esta complicadissima officina organica; o que primeiro se ergue para o trabalho no ainda mal distincto crepusculo da vida embryonaria; o ultimo a despegar da tarefa quando os outros já repousam no somno da morte. O *primum vivens* e o *ultimum moriens,* como bem o chamou Haller que, como medico e poeta, o conhecia bem, Haller, essa delicada organisação germanica, a quem o grito da dôr e a vista do sangue afastou sempre do amphitheatro para onde aliás o chamava a vasta profundeza dos seus conhecimentos medicos, e a ardente anciedade do seu amor de saber.

As primeiras palpitações, comparaveis ás primeiras oscilações do pendulo regulador da vida, começam quando ainda o coração mal se desenha no campo germinal e pelas suas exiguas dimensões recebe ainda o nome de *ponto — punctum saliens.* Na galinha... (não se revoltem as leitoras se concluimos do coração da galinha para o coração humano; debaixo do ponto de vista circulatorio não é que elles se distinguem); na galinha nas primeiras vinte seis ou trinta horas de incubação manifesta-se o phenomeno.

Depois de definitivamente organisado e desenvol-

vido, o coração continúa no seu lidar incessante, sem precisar d'essas interrupções reparadoras que exigem os outros musculos, apoz um exercicio continuado.

As pernas do mais maravilhoso andarilho vergam-se no fim d'um excessivo trabalho; o braço do mais aguerrido campeador cae desfallecido depois de brandir por muito tempo o pesado montante a decepar cabeças de inimigos; a voz dos mais vigorosos tribunos abandona-os depois de uma oração muito prolongada, finalmente a fadiga, a impossibilidade do exercicio produzida pelo exercicio, parece a lei geral do funccionar dos orgãos, o cunho da fraqueza humana impresso em cada peça da machina. E só o coração não cança! só este orgão cujo trabalho violento e rapido, cujas contracções vigorosas e successivas, pareciam mais proprias para o extenuarem e exigirem a influencia benefica d'um repouso vivificador, é o que produz o supplicio de Ixion, começando incessantemente a tarefa terminada; como se a consciencia da sua responsabilidade o impedisse de adormecer; elle é sempre vigilante, desconhece a inacção proveitosa do somno. O somno para elle não é sómente a imagem da morte, mas a morte verdadeira. Outro facto singular na vida d'este orgão, facto em que Claudio Bernard crê piamente, comquanto nem todos os physiologistas o acompanhem tão longe, é a emancipação do coração, permitta-se-me esta linguagem, da tutela administrativa do systema nervoso. Como potencia que é, o coração trata de egual para egual com o cerebro, essa outra potencia que impõe leis a todos os orgãos. Contrahe com elle relações muito intimas, mas sem fazer cessão completa de sua espontaneidade.

O movimento nos outros musculos tem sempre por facto anterior o da excitação dos cordões nervosos que os prendem aos grandes centros innervadores.

Ora estes nervos e centros nervosos excitam-se por meios diversos — acções mecanicas, agentes chimicos,

estimulos electricos, tudo póde dar o effeito final, o encurtamento, a contracção do musculo onde o nervo se ramifica e por ella o movimento d'esta ou d'aquella parte do corpo. E independente d'estes estimulos artificiaes, os mesmos effeitos se produzem quando só á evocação da vontade, parte do cerebro a corrente mysteriosa pelo mesmo caminho dos nervos, para diversos pontos da massa muscular.

Pois o coração, diz Claudio Bernard, reproduzindo n'este ponto uma já antiga theoria de Haller, o coração é independente do cerebro e n'isto se extrema dos orgãos seus congeneres.

Arrancado do peito d'um animal bate ainda sobre a meza da dissecção e por tempo consideravel. Este facto porém, já ha muito sabido, presta-se a outras explicações e não resolve immediatamente a questão no sentido favoravel á opinião halleriana.

Mas, diz Bernard, se nós puzermos a nu os nervos que se distribuem no coração, nervos que se chamam *pneumo gastricos*...—Não queiram mal á sciencia por inventar este nome na verdade pouco euphonico; ainda ella aqui teve algumas contemplações para com as exigencias da harmonia, que se fosse a obedecer ao pensamento de que se inspirou ao formal-o, teria de lhe multiplicar muito mais as syllabas; — mas, dizia eu, se descubrirmos os *pneumo-gastricos* e applicarmos sobre elles os estimulos ordinarios, em vez da exacerbação de contracção cardiaca que seria de esperar, o que se observa? a suspensão subita das suas pulsações; as quaes só continuam depois de cessar o estimulo, se a impressão recebida não foi tão forte ou tão continuada que trouxesse comsigo a suspensão definitiva e com ella a morte.

Este facto mostra no coração uma certa disposição para contrariar as ordens nervosas, effectivamente singular. Bem merecia um nome feminino uma viscera assim!

Se repetirmos a experiencia, observaremos o mesmo resultado, sómente cada vez menos pronunciado. Succede com todos os musculos que a repetição d'uma impressão estimuladora embota a faculdade de a ressentir.

Com o coração succede o mesmo, sómente como elle revela a influencia recebida não pela acção, mas pela suppressão d'ella, a indifferença adquirida evidenceia-se aqui pela continuação das pulsações sob a influencia dos estimulos.

Os que não querem admittir em todo o seu valor a lei de independencia que Bernard admitte em relação ao coração, recordam a existencia de uma outra especie de nervo n'este orgão, nervo que d'esta vez tem um nome a fazel-o bemquisto dos mais exigentes; chama-se o *grande-sympathico*. Mas sigamos Bernard, que foi esse o nosso intento.

N'estes estudos sobre o coração em geral e o humano em particular, os homens da sciencia moderna tiveram um valiosissimo collaborador. Graças a elle muitos d'estes pontos da physiologia do coração adquiriram um grau de exactidão até agora nunca obtido. Imagine de que collaborador eu fallo? Do mais competente n'este assumpto; do proprio coração.

E' facto; o coração auxiliou com as suas memorias, escriptas por elle mesmo, o trabalho dos physiologistas.

As memorias do coração! O coração autobiographo!

Sim, senhor. Aquelle mysterioso orgão, aquella discreta e reservada individualidade, que todos julgavam incapaz de trahir um segredo — e tantos se lhe confiavam! — cedeu á tentação da epoca — deu em escriptor! Elle proprio, em pessoa, se encarregou de traçar sobre um papel com o estylete antigo as suas impressões... vitaes. E fel-o e tem-n'o feito na presença d'um curso; diante do auditorio de Bernard e d'outros physiologistas experimentadores, que andam agora a ensinar a escrever a todas as visceras e orgãos da economia.

O dr. Marey, laureado pela Academia, affeiçoou a

penna e o papel; pôl-a ao alcance do orgão e elle não hesitou; palpitando ora regular e pausado, ora tumultuoso e rapido, fez as suas confissões, revelou os seus mysterios.

Graças ao *cardiographo* — é o nome do instrumento — póde-se já dizer sem metaphora que se lê no coração humano.

Presinto o susto que estarão experimentando as leitoras ao ouvirem esta revelação. Ai, que se o coração lhes falla! Se lhe dér para publicar tambem as suas memorias! O que ahi não iria, santo Deus! Ó reservas de tantos tempos que singulares explicações não receberieis! Como a todos nos surprehenderia o conceito d'essas continuadas charadas, que nós, pobres intelligencias, tanto ás cegas andamos a decifrar, syllaba a syllaba — procurando interpretar um sorriso, um olhar, uma lagrima, um rubor, um movimento de leque, um movimento de cortinas, e que tantas desillusões nos preparam!

Já imagino estas interessantes despotas meditando um systema repressivo contra a mania da publicidade que temem; procurando organisar a censura para vigiar pelas indiscripções do seu coração.

Assusta-as esta liberdade e verdadeiros diplomatas, só querem deixar fallar os labios, e quando muito os olhos, os quaes uma longa educação já conseguiu ha muito *diplomatisar,* se me permitte esta expressão.

Mas soceguem, minhas senhoras, ainda não chegou para esse imperio despotico que V. Ex.as exercem contra as franquias e liberdades dos seus orgãos um novo 93. O coração de V. Ex.as é ainda demasiadamente feminino, para dizer assim toda a verdade. Mais concentrado que o dos homens, tem já causado o desespero dos physiologistas. Qerem ouvir Claudio Bernard?

Depois de nos descrever o cardiographo, esse para V. Ex.as, antipathico instrumento do delicto da publicidade dos mysterios do coração, elle conclue:

«Este instrumento é tanto mais delicado e mais fiel quanto mais proximo do coração se póde applicar e menos separado d'elle fica pelas paredes do peito. E' facil pois de conceber, sem que eu o explique, porque é mais facil lêr no coração das crianças do que no dos adultos, e tambem porque é *naturalmente mais difficil lêr no coração das mulheres do que no dos homens*.

A independencia que, segundo Bernard, admittimos para o coração não se deve entender, repetimos, como absoluta carencia de relações entre elle e o cerebro, este suzerano da confederação organica.

N'isto se extrema a theoria moderna de outras anteriores, que á primeira vista parecem manter com ella estreito parentesco.

Assim, já vimos que as excitações dos nervos são ressentidas, *a seu modo*, pelo coração; ellas modificam, suspendendo-o, o exercicio proprio do orgão. Mas a espontaneidade d'este exercicio é que caracterisa a independencia.

Nas condições normaes, de integridade e normalidade do organismo, as coisas passam-se d'uma maneira analoga á que a experimentação revelou.

Um facto novo entra no phenomeno — a *sensibilidade*.

Carta ao redactor do jornal do Porto ácêrca de várias coisas

Publicada com o pseudonimo de Diana de Avelleda n'aquelle jornal em 28 de maio de 1864.

Meu caro redactor:

Permitta-me que aproveite hoje meia hora de ociosidade a conversar comsigo. A nós outras, mulheres, assiste nos o *inauferivel* direito de fazer, de quando em quando, d'estas exigencias e os senhores devem ser-nos reconhecidos por assim usarmos d'elle, pois é um dos poucos ensejos, que se lhes offerecem na pratica da vida, de se mostrarem amaveis — coisa da qual os homens serios e preocupados tão impertinentemente se descuidam.

Não espere de mim, estimavel redactor, que, sujeitando-me ás praxes geralmente seguidas, principie esta carta por apresentar o programma que desenvolverei no decurso d'ella, pondo em relevo a ideia principal, o pensamento subordinante e, n'uma palavra, observando escrupulosamente os dictames de uma logica inflexivel.

Sei que seria mais methodica se o fizesse e comtudo não o farei.

Por quem é, deixe-me ser mulher á vontade!

Não sabe que odeio a logica?

Era nome com que antipathisava havia muito, este nome de logica, como regra geral, antipathiso com quasi todos os esdruxulos; mas, principalmente depois

que soube o que a coisa era, subiu a minha antipathia a um ponto elevadissimo.

Disseram-me um dia que assim se chamava a arte de *cogitar* ou de *raciocinar*.

Que pretenciosa arte!

Folguei depois muito em saber que um tal Dalembert, o qual, Deus lhe perdoe, julgo que tambem foi philosopho, dizia que esta arte só aproveitava aos que podiam passar sem ella.

Sabe de alguma outra, da qual se possa dizer o mesmo?

Só se for a dos cabelleireiros, a qual aproveita principalmente aos calvos, que pareciam ter motivos para, melhor que ninguem, prescindirem dos seus serviços.

Por tanto não me exija grandes exhibições de logica, nem me censure por falta de methodo.

Programma para quê?

Ha lá nada mais desacreditado?

Desde os programmas dos ministerios até aos dos pedicuros, ainda não appareceu um que fosse cumprido, por mais compridos que sejam todos.

Não me leve a mal o *Calembourg*, que prometto não abusar da indulgencia com que m'o desculpar.

Não farei programma. Está decidido. Vou escrever sem saber ainda de que tratarei. E' a mais agradavel maneira de conversar que eu conheço.

Semelha-se ao bordejar sem destino no rio por uma tarde de primavera. Primavera? Como me veio esta ideia? Bonita maneira de gosar a primavera atravez das persianas do meu quarto! A primavera das cidades! Que insipida parodia á primavera dos campos!

Faz-me lembrar estas paisagens de theatro, onde a luz do gaz substitue a aurora e as arvores de lona na sua immobilidade, exigem do espectador a força de concepção necessaria para as suppor rumorejando.

Ai o campo! o campo!

Ha um anno fui eu lá passar alguns mezes. Acon-

selharam-m'o os facultativos, a pretexto de combater as tendencias de uma *diathese hereditaria;* — o termo é d'elles. Ora eu, confesso-o, tenho a fragilidade de os respeitar, temer e servir.

Era tambem em plena primavera! O campo estava esplendidamente verde, o ceu magnificamente azul.

Que madrugadas! que crepusculos! Como eu me sentia bem no meio de tantas maravilhas! Como se me inoculava a vida da natureza inteira! Aquelles ares embalsamados, infiltrando-se por entre a espessura dos arvoredos; aquella relva, humedecida com o orvalho matutino, aquelles arbustos que, quando eu passava me faziam a delicada surpreza de me cobrirem de petalas esfolhadas, como se eu fosse uma *primadona* em noite de seu beneficio; aquelle inimitavel concerto de passaros, insectos, brisas, ribeiros, açudes e campanarios; aquella turba-multa de borboletas e abelhas com suas walsas extravagantes por sobre moitas enfloradas; aquellas creancinhas loiras e meias nuas que me surgiam de toda a parte, como espontaneas producções do campo, a rirem por entre os silvados em que colhiam amoras, do meio das cearas onde pareciam fluctuar em um oceano de verdura, a espreitarem-me da copa frondosa dos carvalhos e castanheiros, como estas cabeças de cherubins que marchetam o pedestal de nuvens de Nossa Senhora da Conceição; a saudarem-me, batendo as palmas quando me viam passar pela margem dos pequenos rios, onde se banhavam nuas, tudo isto, meu caro redactor, me deliciava; tudo isto operou em mim uma metamorphose completa. Habitos, gostos, pensamentos, tudo senti eu que se me ia pouco a pouco modificando... não sei se para bem se para mal.

Era outra, muito outra do que fôra. Desconhecia-me!

Não encontrava prazer em tantas coisas que apreciava na cidade e descobria, em outras, bellezas que até então ignorava!

Não me viessem fallar, por exemplo, em monumentos de architectura ou modelos de estatuaria. Artes são estas que nasceram nas cidades, que para as cidades vivem, sérias e graves de mais para se darem n'aquelles ares campestres, onde tudo é ligeiro, folgasão e jovial.

Produziriam lá o mesmo desastrado effeito, que uma d'aquellas elegantes dos arredores, que eu via a cada passo, exhibindo por montes e valles o seu vestido de *moire* e chale de *tonquin,* ridiculas futilidades, no meio das futilidades sublimes da natureza: flores, perfumes e harmonias.

O que sobretudo me agradava então era o desenho ligeiro, esboçado apenas, ao correr do *crayon;* o ornato phantasiado e caprichoso, como os arrendilhados irregulares que descrevem na relva as sombras da folhagem; as aguarellas em que o pincel copiara a traços rapidos as paisagens mais campestres; agradava-me a simples obra de talha que adornava as columnatas dos altares na igreja parochial, e a cruz rustica a marcar no cemiterio o logar aonde a genuflexão e a prece de um amigo pode ser mais grata á memoria do morto.

Pois em musica? Pode acreditar que não trocaria então por uma composição de Bellini, cantada pelo melhor tenor do mundo, as cantilenas singelissimas que as raparigas entoavam por lá em côro ao voltarem ás trindades do trabalho ou nos serões nocturnos? Mais ainda, e agora hesito de véras ao fazer a confissão, achava até... desculpem-me os legisladores municipaes, achava no chiar dos carros ao longe uma harmonia inexprimivel. A's vezes chegava a impressionar-me mais... ó genio da arte perdôa-me que me parece vou ser heretica!... do que me lembro ter-me impressionado a rebeca de Sivori, quando me enthusiasmou no Porto.

De igual influencia se ressentiam as minhas predilecções litterarias.

Quer saber? Não me foi possivel apreciar a leitura do Notre-Dame, por exemplo; o Chatterton do A. de Vigny, tambem o não comprehendia; Ponsard, achava-o de gêlo; o monge de Cister não me satisfez como d'antes; Byron parecia me falso; Balzac raras vezes correspondia aos meus desejos. Fallava se tão pouco de arvores e campinas em quasi todos aquelles livros, tantas vezes me appareciam edificios, praças e salões em vez de choupanas, florestas e lares, que eu não me dava bem com elles. Achava-os deslocados. Que querem?

Puz me então a reflectir.

Isto que era em mim apenas uma feição passageira do gosto, feição accidental, como o novo systema de vida que levava, para quantos não seria permanente? Quantos desejando ler, teriam procurado sempre em vão, como eu sómente procurava agora, um livro que podessem comprehender, ao alcance da sua intelligencia, á altura do seu sentimento, que não sahisse da esphera dos seus habitos?

Quantos poderiam repetir aquella sublime exclamação de Reine Garde, a sympathica costureira para quem Lamartine escreveu o seu romance «Genoveva»: «Quem nos dará a esmola de um livro?! Que expressiva phrase! Sempre que a recordo me sinto commovida até ás lagrimas. Quem me dera poder satisfazer aquella sêde de espirito! Afflige-me então a minha incapacidade, como quando, em creança, um velho mendigo se chegava a mim pedindo-me esmola, que eu não tinha para lhe dar.

Ora se o povo francez, pela bocca de Reine Garde ou pela bocca de Lamartine pedia assim a esmola de um livro, que fará o nosso povo, coitado, para o qual escasseiam muito mais ainda os alimentos intellectuaes.

Como os nossos escriptores se lembram pouco d'elle!

Bem o sentia eu quando esgotava a pequena bibliotheca que da cidade levara commigo, escolhida segun-

do as minhas predilecções anteriores, e desesperava de encontrar um livro que me servisse.

Appareceu um finalmente, um livro, cujo author abençoarei com todas as veras do meu coração. Infeliz! Morreu já.

A meu vêr desappareceu com elle um dos mais promettedores talentos de romancista popular, que teem surgido entre nós. O author era Rodrigo Paganino, o livro *Os contos do tio Joaquim*.

A imprensa havia recommendado pouco este livro. Tem desses descuidos a imprensa. Li-o porisso sem a menor prevenção favoravel. Mas era justamente um livro assim que Reine Garde pedia; é d'este genero de litteratura que o povo precisa; é por esta forma que se resolve a importante questão das subsistencias intellectuaes, não menos valiosa, do que a que occupa as attenções dos economistas.

Pouco tempo antes, discutia-se primasias entre os Luziadas e o poema do sr. Thomaz Ribeiro; tratava-se de tirar a limpo qual dos dois seria preferivel como livro para leitura nas aulas de instrucção primaria.

Todos se lembram d'essas renhidas controversias. Eu por mim nunca pude tomal-as a serio n'aquelle ponto. Achei sempre muita graça ao empenho em que via mettidos os criticos. Quem se podia convencer seriamente que qualquer d'aquelles excellentes livros fosse proprio para as intelligencias infantis dos pequenos leitores?

Um com o seu sabor classico e epico e suas comparações mythologicas, o outro com o seu pronunciadissimo caracter de lyrismo e suas imagens romanticas e arrojadas, e ambos a suscitarem fundamentadas apprehensões nos mestres, por um ou outro episodio, que, baldados os esforços dos criticos, ninguem poderá considerar como demasiado edificantes.

Ora quando eu li o livro de Paganino pareceu-me encontrar n'elle justamente tudo o que debalde os cri-

ticos procuravam nos outros. Aquelle, sim, era um livro verdadeiramente escripto para o povo e para as creanças! livro em que a attenção se prende pela verdade, em que o gosto se educa pelo estylo, em que o sentimento se cultiva por uma moral sem liga, porque é a moral do decalogo e do evangelho; livro escripto segundo o programma estabelecido por Lamartine n'aquelle bello prefacio da «Genoveva» e talvez mais fielmente observado ainda por o nosso romancista do que por o proprio legislador.

Lembro me bem que o li a um rancho de raparigas do campo e pude observar como ellas o comprehendiam sem custo. Não havia uma palavra que ignorassem, uma maneira de dizer que lhes causasse extranhesa, as imagens faziam as sorrir pela exactidão, como sorrimos ao ver o retrato fiel de uma pessoa conhecida; não eram caracteres extravagantes, paixões excepcionaes, situações inesperadas e unicas o que assim lhes absorvia a attenção; pelo contrario, era por aquelles personagens pensarem, sentirem e viverem como ellas, que tanto lhes interessava o livro.

Foi uma grande perda a de Rodrigo Paganino! E, vejam; aquelle volume, escripto para se ler no campo, como eu o li, junto á fogueira que crepita no lar, sobre a ponte rustica que atravessa o ribeiro ou no degrau da ermida que, elevando-se no topo do monte domina a aldeia toda, passou quasi desapercebido no mundo das lettras. Não suscitou esse murmurio litterario, que acompanha certas obras felizes, murmurio em que se reune o louvor á maledicencia, a hyperbole laudatoria á calumnia escandalosa, os guindados elogios ás censuras exageradas. Foi um livro annunciado apenas, lido por poucos, comprado por menos, livro cujo author não tem o seu retrato gravado na «Revista Contemporanea» e que por tanto quem quer tem o direito de desconhecer. E, apezar de tudo isso, aquelle livro, como disse não sei quem a respeito de não sei que

obra, era alguma coisa mais do que um bom livro, era uma boa acção!

Acceitem-se-me estas palavras, — não a titulo de critica litteraria — Deus me defenda de pretenções a esse genero — mas como um tributo rendido á memoria de um escriptor infeliz, a quem sou devedora de algumas horas de incomparavel prazer, que a sua leitura me proporcionou.

*

* *

Já que estou em maré de communicar-lhe as minhas impressões d'aquella epocha, permitta-me que lhe refira uma outra observação, que então principiei a fazer e que d'esse tempo para cá tenho tido o desgosto de vêr confirmada muita vez.

Depois da leitura dos romances, havia eu passado para a leitura das poesias, e pela primeira vez notei, dolorosa descoberta! que uma terrivel doença lavrava em grande numero dos jovens poetas, de cujas producções me havia rodeado.

Quando menos o esperava, sahiam-me philosophos! Philosophos a fazerem versos!

Cada poesia era a exposição de uma theoria de metaphysica ultra germanica, uma argumentação de sophista, e até, quando Deus queria, o desenvolvimento de qualquer principio de sciencia politica; e nós, as mulheres que nos afizeramos a contar com os poetas do nosso lado, a acharmo-nos abandonadas por elles!

E' uma das faces mais peculiares do nosso tempo. Singularissima face!

Os homens de sciencia amenisam-se; perdem a classica e quasi selvagem esquivança que os caracterisava; as theorias outr'ora inacessiveis, procuram revestil-as hoje de formas elegantes que deleitam, que attrahem, que seduzem; e os poetas, pelo contrario, fazem-se

bisonhos, scientificos, dissertam, discutem, demonstram, concluem em verso e ninguem os entende.

Quantas vezes eu, mulher, eu, que aborreço as torturas da intelligencia, me ponho a ler o Michelet, o Babinet, o sr. visconde de Villa Maior, o sr. Lapa e outros cultores da sciencia intelligivel e amavel, de preferencia a muitos dos nossos poetas, que me dão muito mais que entender! Como eu tinha vontade de dizer-lhes:

«Não vos desenganareis, meus caros poetas, que trilhaes um caminho errado? Se renegaes as nossas bandeiras, se desertaes das nossas cohortes, correis á vossa perdição.

«Gloriosa ala dos namorados, não vêdes que as victorias alcançadas, as deveis principalmente a essa antiga e sympathica divisa do vosso estandarte?

«Olhae: crêde-me, os philosophos nunca, por mais que teimeis, acceitarão as vossas theorias metrificadas; os governos, tambem não espereis que tomem a sério os vossos systemas de organisação social. Só nós é que vos sabemos ter na importancia que mereceis e comtudo assim vos descuidaes de escrever para nós?

«E' uma ingratidão indesculpavel e da qual tereis ainda de dar estreitas contas um dia».

Pois o amor, pois a natureza, pois a patria, pois a liberdade, pois Deus, já não serão fontes perennes da mais verdadeira inspiração?

Estarão exgotados esses inexgotaveis assumptos? Porque os pondes de parte? ou, quando os trataes porque os transformaes em thema de dissertações, em vez de motivos para cantos? Discutis o amor, discutis a liberdade, discutis Deus, mas não os cantaes.

Quasi nunca os cantaes. Já vos envergonhaes de ser simplesmente poetas!

Mas, reparae:

Quando foi que Soares de Passos, esse grande ta-

lento lyrico, que vós todos admiraes, se elevou mais alto nos vôos da sua poderosa imaginação de poeta?

Não foi, quando, erguendo os olhos ao céo, se sentiu inspirado pelo magnificente espectaculo do firmamento, e nas paginas abertas d'esse «livro do infinito» leu um hossana ao Creador?

Não foi, quando volvendo as vistas para o passado as fixou no maior e mais sublime vulto da nossa historia patria, em Camões, e, sondando o «estreito espaço» d'aquelle seio heroico, lhe comprehendeu, com instinctos de poeta, a «immensidade do tormento» que lá ia?

E' um poeta a revelar-nos os mysterios do coração d'outro poeta, em tão solemnissimo instante.

Escutae-o, que vos será utilissima a licção.

Que vio elle a combater-se n'aquella grande alma «como o vento nas ondas do oceano»? Que imagens a povoavam?

> O amor da patria, a ingratidão dos homens
> Natercia, a gloria, as illusões passadas
> ....
> E a patria..............................
> Exhalando................ moribunda
> Seu ultimo gemido

Vós provavelmente não terieis resistido á tentação de nos pintar Camões luctando tambem com alguns d'esses insoluveis problemas de esphynge, como o «*to be or not to be*» de Hamlet.

Ora confessae: não é verdade que não terieis resistido?

Mas o Camões de Soares de Passos não morre como o seu Socrates.

O sentimento predomina n'aquelle, e o sentimento não discute.

O primeiro era um poeta, o segundo era um philosopho.

Ao philosopho competia morrer rodeado dos seus discipulos; a morte era a ultima licção que lhes dava; ao poeta competia morrer pronunciando aquelle

«Patria querida, morreremos juntos» !

Assim o comprehendeu Soares de Passos e assim o tinha já comprehendido Garrett ao terminar tambem o seu poema com a sentida exclamação do grande epico:

..........Patria, ao menos,
juntos morremos

Para Camões Natercia e Portugal! Amor e Patria para todos os poetas! E que alma inspirada de poesia deixaria de ter um cantico a sagrar-lhes?

Não queiraes que seja a vossa; é impossivel que ella não proteste contra a tyrannia dos vossos caprichos. Quereis saber agora como a natureza tambem inspirou Soares de Passos? Vede-o no Bussaco, sentindo-se estremecer ao escutar o solemne rumorejar dos cedros; vêde-o, quando, servindo-me de suas proprias palavras:

Mais longe deste mundo
Mais proximo dos céos
....
Alli, meditabundo
Se erguia aos pés de Deus

Reparae tambem como elle lhe consagrava um cantico, quando a viu despir melancolica no outomno as suas galas festivas e misturar já com as primeiras lagrimas de orvalho os seus ultimos sorrisos; como ella o inspirava na primavera, ao cinjir alvoroçada as suas vestes de verdura e adornando-se de flores. O passado brilhante e o incerto porvir da patria; a fé na redempção, a liberdade, o amor nas suas mais

puras e delicadas sensações, a solemne commoção do momento da partida, a saudade... eis as principaes notas d'aquelles seus cantos harmoniosos, notas que em todos os peitos, patentes á poesia, despertarão sempre um ecco, que todas as almas repercutirão.

No volume de Soares de Passos não ha uma só poesia que nós, as mulheres, não comprehendamos; nos vossos, auspiciosos talentos litterarios que surgis agora, quantas se contarão, se continuaes assim?

E' um pedido de mulher, não é um conselho de critico, o que eu registro aqui.

Por amor de Deus, não nos abandoneis, poetas! Olhae que somos nós as vossas mais fieis alliadas, nós as que temos sempre protestado contra o ostracismo a que muitos homens sisudos vos tem votado por vezes.

Victor Hugo, entre as suas poesias transcendentes e metaphysicas, tem composições para nós. Nos volumes das «Contemplações», por ventura os mais philosophicos de todos os seus, ha pequenas poesias que vós talvez julgasseis indignas da vossa impertigada seriedade. Ficam-vos tão mal esses ares cathedraticos, meus queridos poetas! Não que se soubesseis como vos ficam mal!

Disseram-me que era a escola de Victor Hugo, a que seguis.

Que Deus perdoe ao illustre poeta, se elle concorreu para vos pôr assim. Mas eu julgo-o innocente.

Que culpa teria Leotard, por exemplo, se algum imprudente, querendo imital-o nos seus vôos de trapezio, quebrasse as pernas ás primeiras tentativas?

Dos imitadores de Pindaro, dizia Horacio, segundo eu vejo n'uma tradução de Garrett — não vão agora julgar que eu sei latim — «que se fiavam em azas que tinham pegado com cera e que, novos Icaros, viriam a ter a sorte d'este».

Se se chegasse um dia a dizer o mesmo de vós?

Perdoae-me este mau humor impertinente; mas se a poesia lyrica era a minha leitura favorita e vós m'a preparaes de maneira que eu tenho de renunciar a ella!

Respeitae a pronunciada individualidade poetica de Victor Hugo e desenvolvei a vossa, que é melhor. Não vêdes que estaes fazendo torturas ao vosso talento o qual tem faculdades de sóbra para ser original?

Tudo isto que eu pensava o anno passado, penso ainda agora, porque vejo augmentar de intensidade a febre philosophica de alguns dos nossos poetas.

As justas e torneios da idade media acabaram. Nós resignamos-nos. Os gabinetes diplomaticos usurparam-nos o direito de decidir das contendas.

A humanidade pouco lucrou com a mudança de jury. Nós se podessemos não teriamos deixado esmagar a Polonia e tomariamos de certo o partido do fraco nessa desigual e antipathica lucta travada na Dinamarca; ou pelo menos, fariamos observar as leis da cavallaria, que tão esquecidas andam nestes tempos. Mas emfim resignamo-nos.

Restavam-nos os certames litterarios, competia-nos naturalmente cingir os laureis á fronte do vencedor, pagar-lhes os brios do combate com um gesto, com uma flôr, com um sorriso, mas se elles já não combatem por nós? se abjuraram o nosso culto?! se nos fallam uma linguagem que nós não comprehendemos?! se nos querem iniciar nos dogmas da sua philosophia abstruza, nebulosa, inintelligivel?!

Assistiremos impassiveis a mais esta nova usurpação? Eu não, por certo, e peço-lhe licença, meu caro redactor, já que as minhas idéas tomaram tal direcção, para dedicar o resto d'esta carta ás leitoras do seu jornal.

Sim, quero promover uma cruzada feminina, cujos destinos deverão ser brilhantissimos.

De nós, de nós todas, minhas amaveis leitoras, é

que deve partir a desejada e salutar reacção. Olhae que nos querem privar da poesia que se canta, dando-nos a poesia que se estuda. Vêde que os poetas nos fogem, justamente na occasião em que os homens da sciencia se estavam fazendo galanteadores e amaveis, pensae no que d'isto pode resultar e empenhae toda a força dos vossos attractivos para conjurar esse mal.

O que não poderá conseguir um olhar, um sorriso, um pedido, uma simples insinuação, um arrufo, uma lagrima... sim, até uma lagrima das vossas?

Por amor de Deus, chorae, chorae se tanto preciso fôr, mas salvae-me a poesia da doença que a corroe, transformae me estes poetas, de reformadores em amantes, e tereis conseguido tudo, tereis operado uma das mais salutares revoluções que se tem visto no mundo.

E permitta-me que com esta peroração fique hoje por aqui, amigo redactor, confessando me

Maio de 1864.

Sua toda dedicada

Diana de Avelleda.

Impressões do campo

A Cecilia

Transcripta do «Jornal do Porto» de 1 de agosto de 1864.

I

...Levantava-me então pela manhã cedo e ia passear.

No campo farias o mesmo, acredita. Perderias tambem esses enraizados habitos de vida da cidade, que tão escrupulosamente respeitas em ti. Se é tão facil sahir no campo! Não imaginas!

Passa-se, tão naturalmente, tão sem se sentir, da sala para a rua, que nem a tua indolencia se intimidaria com a idéa, como succede ahi.

Era levantar se a gente da mesa de costura, pôr o primeiro chapeu que encontrasse á mão, e, sem consultar o espelho, ir por esses campos fóra, comendo cerejas, como uma creança e sem a affectada compostura a que somos obrigadas aqui.

O meu passeio favorito era por uma extensa avenida de castanheiros que havia nas immediações. Que magestade a d'aquellas arvores!

Quantas vezes me lembrei das arvores anãs do teu jardim, d'isso a que tu chamas pomposamente a *tua floresta*.

A tua floresta, Cecilia! Floresta de tangerinas e liazes!

Valha-te Deus, minha pretenciosa! Se as devezas e soutos, que vi por lá, soubessem do insulto!

Quasi sempre sahia só, levando apenas um livro comigo.

Esta faculdade de sahir só! Atreves-te a marcar-lhe o preço?

Só, só, repara bem! Só por meio dos campos, só á sombra dos bosques, só pelas margens arrelvadas dos ribeiros! Que vida! Que desafogo! Que liberdade de respirar e, o que é mais ainda, de scismar!

A's vezes sentava-me para ler no primeiro logar pittoresco que encontrava; um tronco de arvore derrubada, uma pedra musgosa, um cómoro virente, tudo me offerecia uma convidativa estação.

Passados momentos, era sabido, achava-me rodeada de creancinhas, rôtas e quasi nuas, que me contemplavam admiradas.

Pegava na mais pequena ao collo e beijava-a. As outras riam e olhavam-se, como espantadas de me vêrem fazer aquillo.

Distribuia por cada uma d'ellas uma pequena moeda de cobre e ahi se dispersava, saltando, aquella turba infantil, como um bando de passaros que se levantam de uma seara, inquietados pela voz do lavrador. Não cabiam em si de contentes, as pobresinhas, com a inesperada fortuna e corriam apressadas a communicar a nova ás mães, que as acariciavam.

Pobres creanças! Contava muitos amigos n'este pequenino povo, não fazes idéa. Tinha entre elles uma popularidade! Basta que te diga que já me saudavam pelo nome quando me viam passar e todas as manhãs me vinham trazer raminhos de malmequeres, margaridas e violetas silvestes, ufanas com o presente e orgulhosas pelo prazer com que eu o recebia.

Prazer sincero, podes acreditaI-o. Olha que nunca apreciei tanto as mais bonitas camelias do teu jardim, desculpa-me a confissão, como estas floritas selva-

gens e sem perfumes que tinha então sempre no quarto.

Outro espectaculo que me attrahia sempre a attenção, era o das lavadeiras. Que alegria aquella! Ai, Cecilia, Cecilia, como é ridiculo o nosso sentimentalismo e vaporosa melancolia das cidades! Pois que quer dizer isto, que não existia em quanto os romancistas e poetas o não inventaram, mas de que logo a humanidade se apropriou, como faz sempre a tudo quanto é affectado e piégas, como se apropria dos enfeites com que a imaginação estragada de qualquer modista parisiense se lembra de adornar as cabeças de suas freguezas?

Que quer dizer isto, que passa por uma coisa muito natural e a que euphonicamente se chama: *devaneios, tristezas vagas, aspirações ignotas, anceio sem motivo, lagrimas inexplicaveis* e não sei que mais, que não está, que não pode estar na natureza humana, a qual é espontaneamente alegre e expansiva e só disposta a ser affectada por infortunios reaes e não por males, como esses, ficticios e phantasticos?

E' falso. Tudo isso é falso e forçado como um pé de chineza.

Reconheci-o então e cheguei a envergonhar-me de ter, eu tambem, por vezes julgado ser uma victima d'esse mal da moda, que não tem, que não pode ter a minima rasão de ser. Arrebiques de caracteres romanticos que destoam no meio da simplicidade do viver campezino e... nada mais.

No caminho que eu frequentemente seguia nestes meus passeios matutinos ha uma pequena ponte de pedra de dois arcos, por baixo da qual corre mansamente o rio da aldeia. Rio sem nome! Por isso mesmo eu lhe queria. Não comprehendes isto? Um rio sem nome, um rio que não vem nas cartas geographicas, virgem das explorações e estudos dos engenneiros hydraulicos, conservando toda a poesia dos primeiros

tempos!... E' quasi um thesouro occulto e tem não sei quê de mysterioso que por isso mesmo, me attrahia.

As margens elevam se, de um e outro lado, em suavissimos declives, orlam-as renques de álamos aos quaes as vides se abraçam estreitamente, debruçando-se depois em viçosos festões a tocarem quasi na agua. Pequenas ilhas, todas floridas e ramosas agrupam-se na mais graciosa miniatura de archipelago, que se pode conceber.

Nesta parte do rio e áquella hora da manhã era certo encontrarem-se, a lavar e a cantar as mais bonitas raparigas do sitio e tão desafogada e jovialmente o faziam que communicavam alegria aos mais hypocondriacos.

Que pureza e frescura de timbre em algumas d'aquellas vozes! Eu só queria que as ouvisses. Tu, que em gosto musical não fazes envergonhar a tua canonisada homonyma, minha Cecilia, confessarias que é raro encontrar mais sympathica voz de contralto do que a da Margarida, a filha da minha lavadeira.

Vejo-te sorrir ao ler isto. Não me acreditas, bem sei.

Os preconceitos artisticos... Mas não tens razão.

Outra vez te fallarei ainda de Margarida. Tenho uma pequena historia a contar-te a respeito d'ella. E' uma curta historia de amores. Agora não.

Como eu dizia, demorava-me muito n'aquelle sitio. Aprazia-me em escutar aquellas singelas canções — tão graciosas algumas — e sem auctor, que se saiba; poetas e maestros desconhecidos e ás vezes bem dignos de celebridade, vamos.

O amor é o thema favorito destas composições. Recordo-me ainda de uma quadra que muitas vezes ouvi e á qual achava uma certa elegancia e singeleza de dizer inexprimiveis.

A vêr se concordas comigo. Era assim:

Os teus olhos, negros, negros
São gentios da Guiné.
Da Guiné por serem negros,
Gentios por não ter fé.

Cito-te de preferencia este por estarem no referido caso os teus olhos, que em sua negrura, revelam uma incredulidade verdadeiramente gentilica, incredulidade de que só aquelles ares do campo te podem vir a curar.

Sim, minha Cecilia, sim; devias ir ao campo para dar largas a essa bondade de coração que possues, mas que o espartilho comprime. E' certo. Emquanto a mim o espartilho não influe só na arcadura das costellas, como pensa o meu facultativo, mas no caracter moral das mulheres tambem e muito. Pois um coração comprimido, encaniçado, entalado entre varas de aço e baleia pode lá bater livre, ter estas expansões de bondade, estas explosões de sentimento, que alegram, que fazem bem, que alliviam?

Eu pelo menos sinto-me em geral de tanto mais endurecida disposição de animo, quanto mais apertada ando. Nos bailes, por exemplo, reconheço em mim uma malignidade de Mephistopheles e a causa é essa; não sei de outra.

Depois os teus instinctos de artista, adormecidos no teu bonito e confortavel quarto da cidade, enebriados na atmosphera de patchouly e agua de colonia que o perfuma, despertariam por lá. Verias. Isso com certeza.

Ahi, que tens tu a inspirar-te? a ramagem do papel das paredes, as rozaceas do tapete, os acanthos do estuque, as florestas e lagos das gravuras encaixilhadas, os gorgeios de uma avesita aprisionada, as flôres agrupadas com artificio e esmero em jarras de porcel-

lana, montes de cadernos de musica, o pianno aberto... que inspirações, meu Deus! que inspirações, comparadas com a grandeza das que se recebem no campo!

Os nossos artistas — poetas, pintores e musicos — são em geral como tu. Encontro-os nas praças do Porto, estacionados nas lojas mais concorridas, nos theatros, frequentam os cafés, dizem-me... mas no campo, na presença d'esses magnificos espectaculos da natureza que os inspirariam, a escutarem as lições d'esta grande mestra da arte... só por uma casualidade, de que elles proprios se admiram.

A's vezes penso, por exemplo, vendo elevar-se com tão violento impulso de inspiração entre os nossos actuaes poetas um dos mais jovens, mais verdadeiros e o mais injustamente deslembrado no areopago dos promulgadores de diplomas de celebridades contemporaneas, numa palavra, Guilherme Braga, pois que para ti basta dizer lhe o nome para dizer tudo; penso a que altura prodigiosa o veriamos nós subir, se fosse de quando em quando, vigorisar ao ar livre do campo aquelle seu talento, tão robusto que nem os habitos indolentes da vida urbana conseguem amortecer.

Dos nossos pintores ainda encontrei ás vezes por aquelles logares o Rezende, sobraçando a sua pasta de esboços ou parado diante de uma paisagem surprehendente.

Basta vêl-o em verdadeiro extasi diante de um effeito qualquer de luz, para se lhe reconhecer as pronunciadas tendencias artisticas que possue.

A projecção da sombra de uma nuvem, n'uma parte do horisonte, o colorido do occidente no crepusculo, o effeito da atmosphera nas tintas sob que se apresentam desenhadas as montanhas distantes... é o bastante para o arrebatar.

E é contagioso aquelle enthusiasmo. Tenho-o sentido.

Mas, perdôa-me a digressão, sabes que é modo meu e que já agora não perco. Eu continúo.

Da ponte de que te fallei seguia eu pela encosta d'uma pequena collina, debaixo de um continuado toldo de verdura, parando, de momento a momento, para colher uma flôr ou um desses bonitos insectos de azas scintillantes e matizadas que brilham como pedras preciosas. Outras vezes era a ouvir o rouxinol. O rouxinol, percebes? o verdadeiro rouxinol, a philomela classica, o rouxinol, que eu quasi cheguei a pensar ser um mitho, o rouxinol de que tanto se falla na cidade e que a maxima parte da gente que falla d'elle nunca ouvio. Ia até jurar que neste caso está a maioria dos nossos poetas. O' imperdoavel descuido!

Numa planura em que terminava a collina, estava o cemiterio da parochia, um cemiterio de aldeia; não t'o descrevo. Imaginal-o sem isso, não é verdade?

Continuava-se com o cemiterio um prado extenso, todo orlado de álamos gigantes e revestido de relva. Era no meio d'elle que se elevava a velha igreja parochial, cujo estado de ruina, devido á sua remota antiguidade, a fizera de ha muito abandonar de parocho e parochianos. Em mais completa ruina se achava ainda a casa do ultimo abbade, que, apezar d'isso, alli vivera sempre e atraz de cujo feretro se haviam fechado as portas da residencia para nunca mais se abrirem.

O novo abbade vivia proximo á capella, para onde provisoriamente se transferiu a séde parochial; ficava um quarto de legua afastada da primeira e mais no centro do povoado, que, como acontece tantas vezes, pouco a pouco se deslocára, abandonando a sua antiga igreja em torno á qual primitivamente se havia agrupado e procurando aproximar-se da estrada principal que passava perto; de maneira que hoje só se encontram nas proximidades do velho templo meia dusia de pardieiros desertos e tão arruinados como elle, os quaes dão ao sitio um aspecto melancolico.

A mudança da parochia, que se dizia provisoria, promettia tornar-se effectiva. O novo abbade não manifestava desejos de viver no ermo em que jazia a sua verdadeira residencia e menos ainda os freguezes de ir ouvir missa tão distante, quando mais perto de casa a podiam ter.

Folgavam com a resolução as corujas e os môchos, agora senhores absolutos d'aquellas ruinas; e uma multidão de reptis, rastejando em liberdade por baixo das pequenas moitas de urtigas, parietarias e leitugas que rebentavam luxuosamente d'entre os montões de tijolo e caliça do tecto desmoronado que se accumulavam no chão.

Subia eu esta collina e sentava me no ultimo degrau de pedra que havia á porta da casa arruinada e ficava horas esquecidas a contemplar tudo aquillo, que estava diante de mim e que mal te posso descrever.

Deste ponto dominava-se a aldeia toda. As suaves ondulações d'aquelle terreno, pittorescamente accidentado, eram todas forradas de folhagem viçosa; as casas alvissimas disseminadas por aquella verdura, tinham um aspecto festivo, que consolava o coração. O pequeno rio que atravessava a aldeia em tortuosos meandros, o meu rio anonimo, cortado a cada passo por pontes rusticas e açudes, fazia mais aprazivel a scena; nas relvas de um verde magnifico, verdadeira relva ingleza, alvejavam as roupas estendidas por lavadeiras madrugadoras; numerosas manadas de gado pastavam por lameiros extensos e a sons de frauta pastoril, a frauta primitiva, nobilitada ha pouco por um artista inspirado, vinha eccoar nas concavidades da collina e desafiar as vozes das aves escondidas na impenetravel espessura dos arbustos que a guarneciam.

O colorido da aurora animava, poetisava tudo isto, tornava tudo surprehendente, inimitavel. Nunca em paleta alguma de artista se combinaram tintas assim.

Digo-te, minha Cecilia, que raras vezes me tenho sentido tão commovida como me sentia então.

Uma manhã levára commigo o Jocelyn, aquelle teu livro predilecto, mas do qual mais gostarias ainda, se o lesses alli. Olha que ha n'elle coisas que eu só então comprehendi e que tinham escapado á apreciação que delle faziamos nas nossas leituras em commum. Lembras-te? Garrett tem razão quando diz que certos livros devem ler-se em certos logares e de certo modo.

Eu por mim, se fôr ao Bussaco, hei-de levar commigo *La chûte d'un ange*. Quero ler debaixo d'aquelles cedros seculares a magnifica descripção do Libano primitivo, visto que já desesperei de o fazer no proprio Libano.

Mas.. por Bussaco, sabes tu que estou com medo de lá ir? Este caminho de ferro povoou-me aquellas solidões magestosas e despoetisou-m'as; estou vendo. Temo de encontrar por lá uma familia burgueza jantando á sombra dos cedros como jantaria á sombra de qualquer parreiral, com a mesma insensibilidade, com a mesma irreverencia, e, o que é peior, dormindo a sesta depois. Tremo de encontrar meninas a jogar as escondidas e a cabra-cega n'aquella famosa mata, rapazes jogando a bola ou homens serios a lerem jornaes e a tomarem café para auxiliarem a digestão. Se tal me acontecesse. . ficava doente oito dias. Por isso tremo de lá ir. Continuemos:

Tinha eu comigo o Jocelyn, que abri ao acaso. Li algumas paginas das mais apaixonadas d'aquelle bello livro e fiquei-me a scismar, sabes em que? Nos destinos do padre, não do padre vulgar e prosaico que vemos todos os dias; mas do padre ideal, irrealisavel talvez como a gente concebe e como quasi acredito que já não existe. Um padre como Jocelyn; com travadas luctas, com intimas tempestades no coração e com a impassivel serenidade e brandura no semblante; como esse parocho obscuro, que Genoveva servia

e de cuja juventude o leitor do inspirado poema de Lamartine sabia bastante já para mais admirar a heroicidade d'aquella vida tranquilla, para scismar no que havia de ir no coração do malfadado quando lhe pairava nos labios um sorriso de placidez que enganava, de benevolencia que attrahia; esse homem sempre votado á consolação dos outros, elle, o desconfortado, que abafou no crepe as revelações dos seus tormentos.

Pensava n'isto, Cecilia, n'estes martyrios obscuros e ignorados; nestes heroes que se não celebram, nestes poemas que se não escrevem, nestas lagrimas que se escondem, nestes suspiros que se abafam... pensava n'isto e commovia-me.

Quem pudesse devassar os dramas intimos de algumas isoladas residencias ruraes! E isto a occorrerme e logo a lembrança de que justamente n'aquelle momento estava eu sentada talvez nas ruinas d'um d'esses theatros, onde dolorosos dramas intimos se tinham passado já.

A vida solitaria do ultimo parocho, aquelle seu apêgo á velha egreja e residencia, que ambas ameaçavam a cada instante sepultal-o nas suas ruinas, a pouca memoria que deixára de si... tudo parecia conspirar-se para fazer-me crer ter sido este um d'aquelles heroes em que eu pensava, um d'aquelles martyres sem penegyristas, victimas sacrificadas sem deixarem vestigios que lhes prolonguem, mais que a vida, a memoria entre os que ficam, quando a não perpetuem.

Sob o dominio d'esta ideia, levantei-me e possuida de certa inquietação, olhei para aquellas paredes arruinadas, como se a ver se ellas encontrariam uma vóz com que me dissessem: «E' verdade! padeceu»; como se pudesse descobrir ainda vestigios de lagrimas vertidas em segredo; como se a tristeza de um olhar se pudesse imprimir, pela continuação, nos objectos em que se fixa.

E queres que te diga? Pareceu-me então que alguma coisa havia effectivamente n'aquellas pedras soltas, que não podia ter outra origem. Puerilidade minha, não é verdade? Mas olha, Cecilia, eu ás vezes penso:

Quem sabe que mysterios terá ainda a devassar a sciencia?

Sabes tu? Tenho sempre escrupulos de me rir dos visionarios e utopistas; receio que os vindouros se riam do meu riso. Isto de ver as coisas só á luz da occasião tem seus inconvenientes tambem.

O que é certo é que me puz a examinar as paredes com attenção e quasi com supersticioso temor.

Ainda não durava um quarto de hora este exame, quando fiz uma descoberta.

Proximo a um dos angulos da parede reconheci, em lettras a lapis quasi desvanecido o que quer que era escripto. Corri para ellas com uma soffreguidão que não descrevo.

Não foi sem difficuldade que consegui ler e ás vezes adivinhar o que ellas diziam.

Eram versos.

Pareciam uma resposta ás minhas mudas interrogações. Se o espirito das ruinas me ouviria?

Ahi t'os copío da minha carteira, onde então os escrevi com mão tremula e em sobresalto:

O BOM REITOR

Sabem a historia triste
Do bom reitor?
Misero! toda a vida
Levou com dor

Fez quanto bem podia...
Mas... a final
Morre e na pobre campa
Nem um signal.

Nem uma cruz ao menos
    Se ergue do chão!
Geme-lhe só no tumulo
    A viração

Vedes, além... na relva
    Junto ao rozal
Flores que ha desfolhado
    O vendaval?

Cobrem-lhe a louza humilde:
    A creação
Paga-lhe assim a divida
    De compaixão.

Pobres que amava tanto,
    Nunca ao passar
Choram, curvando a fronte
    Para rezar

Nunca, ao romper do dia
    O lavrador
Pára e lamenta a sorte
    Do bom reitor

As creancinhas nuas
    Que estremeceu
Já nem sequer se lembram
    Do nome seu

No salgueiral visinho,
    Ao pôr do sol,
Vae-lhe carpir saudades
    O rouxinol

Lagrimas, pobre campa!
    Ai, não as tem
Só de manhã o orvalho
    Rocial-a vem.

Da solitaria lua
    A triste luz
Grava-lhe em vagas sombras
    Estranha cruz.

E elle repousa, dorme...
Vive no ceu;
Dorme esquecido e humilde
Como viveu.

Ha n'esta vida amarga
Sortes assim,
Vive-se n'um martyrio,
Morre-se emfim...

Sem que memoria fique
Para dizer
A's gerações que passam
Nosso viver.

Quem me escutar, se um dia
Ao prado fôr
Ore pelo descanço
Do bom reitor

Não te copío a poesia se não por lhe andar ligada uma das mais profundas e indeleveis impressões que trouxe do campo.

Que mão escreveu estes versos? Ignoro. Alguem que passou e que, como eu, se sentiu arrebatar por a mesma serie de pensamentos, dominar pela mesma ordem de impressões.

Na aldeia não só não ha quem faça versos, mas até não sei de quem os leia.

O primeiro leitor d'esta pequena producção fui por certo eu.

Que te direi mais? Vaes rir da minha simplicidade. Desci ao cemiterio, procurei, adivinhei o logar onde o velho parocho repousava e... cumpri o desejo do poeta, ajoelhei e orei. Depois colhi da roseira proxima quantas flores ella tinha e esfolhei-as na campa.

Era talvez a primeira homenagem que recebia o bom velho. Ser-lhe-ia ao menos grata? Gosto de acreditar que sim.

Adeus, minha boa Cecilia, até cêdo; pois bem sabes que fiz voto de te communicar as minhas impressões de campo, a ver se te converto.

Porto, julho de 1864.

Diana de Avelleda.

Impressões do campo

A Cecilia

Publicada em 21 de agosto de 1864 no «Jornal do Porto».

II

Ahi está como tu és. Fallei-te de tanta coisa na minha ultima carta, empreguei todos os meus esforços em excitar o teu interesse a favor de um pobre e obscuro parocho, ou antes da sua memoria tão mal conservada entre os homens... e tu vaes logo occupar a imaginação... com o que? Com uma palavra que eu soltei ao acaso, uma promessa que fiz, talvez sem pensar em satisfazel-a; e agora já me não deixas, impacientas-te, agitas-te, interrogas-me, persegues-me para que eu te falle... nos *amores de Margarida.*

Mas sabes o que me custa, filha? é suppores tu talvez que é a historia de uns amores romanticos, que eu tenho para te contar. E com certeza que o suppões, d'outra sorte não insistirias assim. Que sei eu? Imaginas que emquanto examinava o rol da minha lavadeira descobri na filha d'ella uma Virginia uma Graziella, uma d'essas raras perolas de que os romancistas se apoderam sofregos e que os leitores com mais sofreguidão contemplam e admiram? Perolas na maior parte artificiaes, sempre t'o irei dizendo. Estás phantasiando scenas de requintado sentimentalismo, phrases de delicada ingenuidade, phrases que estão mesmo a

pedir que Manoela Rey as pronuncie, porque só na bocca d'ella realçam com toda a sua graciosa singeleza; e vaes de certo ficar... ficar... sim, ficar desapontada quando souberes o que é.

Primeiro que tudo preciso dizer-te que Margarida nada tem de vaporoso, sylphidico, e franzino; não é d'estas mulheres nevoeiros que nos apparecem nos romances e que nos conservam em continuado sobresalto, receando que o menor raio do sol as evapore, que o mais leve sopro do vento as desvaneça.

Margarida não é pallida, não tosse, não tem ataques nervosos, dorme tranquillamente, tem digestões faceis e ri com todas as veras do coração, quando ha motivo para o riso.

Já vês que não tem nenhum dos requisitos das heroinas de romances sentimentaes. Margarida não permanece em contemplações extaticas diante da luz poetica da lua. Quando a vê, sae-lhe espontaneamente dos labios, quando muito, uma saudação como esta:

O' luar da meia noite
Tu és o meu inimigo
Estou á porta de quem amo
Não posso fallar comtigo

Já vês que isto não é coisa para se cantar com acompanhamento de harpa e em tão melancolica toada, que commova até ao intimo do coração qualquer trovador extraviado nos desvios da floresta.

Margarida, amando, não interrompe por isso os seus habitos de vida laboriosa.

Entre nós uma menina de dezoito annos, quando sente o coração occupado por luminosas e fascinantes visões, já não quer saber de costura ou de bastidor, e ahi vagueia pelo seu jardim, como a joven Lilia do sr. Castilho, ou recostada á janella, segue com os olhos languidos o vôo rapido das andorinhas, o fulgurar de uma estrella, a trajectoria luminosa d'um astro

cadente e, á falta da outra coisa, o balão de papel com o qual os festeiros de algum santo popular, elevaram juntamente ás nuvens o jornalismo da epoca.

Eu não sei, dil-o-ei de passagem, de alvo mais luminoso e sublimado para as aspirações de um escriptor publico do que o balão aereostatico, nada mais lisongeiro do que vêr qualquer os seus escriptos subirem assim illuminados a aguaraz, e entre os aplausos da multidão, aos espaços onde vagueam as aguias, com o indesculpavel indifferentismo litterario que todos lhe conhecem.

As mamãs, quando as filhas manifestam aquelles symptomas, tentam fazer-lhes algumas observações a bem da paz e da economia domestica.

— Menina; é preciso fazer por a vida. Isto assim não tem geito.

A menina porem responde-lhe com algum escriptor predilecto.

— Deixe-me. Eu não sei o que sinto. Profunda revolução se opera em mim. Parece-me que as estrellas, as brizas, o arroio que murmura, as aves que gorgeiam, o sino da ermida, o rumorejar das relvas me segredam uma mysteriosa linguagem. Dir-se-ia que um cherubim de azas offuscantes de alvura e longos cabellos d'oiro, desce a meu lado a entreter-me em apaixonado e castissimo dialogo. Uma indizivel languidez se apodera de mim.

E' sonho isto? é illusão? é realidade? Deixe-me, oh! deixe-me!

E que remedio tem a mãe senão deixal-a.

— A pequena não trabalha hoje? — pergunta-lhe depois o chefe da familia.

— Ella diz que não sabe o que tem — responde a mãe — Ouve lá umas coisas exquisitas que a não deixam applicar-se ao trabalho.

— Zunidos de ouvidos. Ha-de ser força de sangue. Pois para isso, banhos de chuva.

E assim terminam de ordinario estes episodios domesticos. Ora Margarida é que não tem... estes zunidos nos ouvidos.

E' verdade que para ella o trabalho é mais exigente tambem.

O crochet, o bordado em relevo, as flores artificiaes, a final de contas, são tarefas que permittem e desculpam estas negligencias ás meninas de dezoito annos; mas as occupações de Margarida são de uma severidade que bem lhe fariam amargar qualquer descuido de momentos, que ella tivesse; mas não tem, podes estar certa d'isso.

Prevenida como ficas das nenhumas pretenções romanticas d'estes amores, cuja narração tão anciosamente me pedes, vou satisfazer-te, um pouco mais tranquilla de animo do que estava ao principio.

Foi por um dia de festa. Ao abrir as janellas do meu quarto achei o largo todo enfeitado de mastros revestidos de murta e presos por festões inflorados de hydranjas e rosas e uma infinidade de bandeiras e flamulas tremulando, saccudidas pelo vento da manhã.

Ao longe... Esta circumstancia é pouco poetica mas refiro-a em reverencia á verdade — ao longe ouvia-se o Zé Pereira.

Debaixo das minhas janellas travára-se uma dansa aldeã em que tomavam parte as mais nomeadas bellezas da terra. Margarida estava entre ellas.

Dansaram deliciosamente. Aplaudi-as com toda a sinceridade da minha alma mas... não queres saber? vieram-me pedir desculpa por não dansarem á moda da cidade.

— Não digam isso que as póde Deus castigar — disse-lhes com verdadeira convicção.

Porque olha que é assim, Cecilia; dansar como nós dansamos, dansar com aquellas formalidades de estylo, ou sérias como uma ingleza ou affectadamente amaveis e com um sorriso de tarifa como uma parisiense,

é uma coisa de mau gosto, comparado com aquelle dansar a rir e a cantar da gente do campo.

Tu bem sabes que eu sou partidaria da dansa. Se eu adoro todas as frivolidades!

Mettem-me uma raiva os rapazes de agora, em geral mais serios e compostos do que os homens sisudos d'outros tempos!

Aos quinze annos já dizem que vão aos bailes para *analysarem.*

Analysar o quê? pobres creanças.

Esta insupportavel raça de philosophos pigmeus, que me persegue por toda a parte!

— Não dansa senhor F...?

— Não minha senhora, eu já não danso.

— Ainda não dansa, quer dizer?

— Perdão, já não danso, foi o que disse e repito. O baile é hoje para mim um logar de observação apenas — Vejo, estudo e rio.

— Ah! imita Democrito? Tambem lhe dava para ahi, dizem.

— E é o melhor systema; a sociedade não vale a pena de ser tomada a serio.

— Acha?

— E V. Ex.ª pensa o contrario? N'ella é tudo fingimento e impostura. Sorrisos falsos, sentimentos postiços. Na apparencia um drama em que influentes paixões se complicam, no fundo... um escriptorio de contabilidade apenas.

— Que idade tem o sr. F...?

— Dezesete annos, minha senhora.

— Pobre moço! Então a experiencia, aquella veneravel matrona, que dantes visitava apenas os velhos, fez-lhe a fineza de o acalentar no berço? E' muito para agradecer, porque ella sempre antipathisou com creanças. Dê-me licença, sr. F..., o meu par vem buscar-me. Bem vê que ainda danso. Observe-me, mas... por quem é, seja benigno.

E o meu philosopho assesta a luneta, senta-se a um canto e observa.

Que pena que conserve ineditos os sumarentos fructos da sua observação nocturna!

Mas o que eu lhe dizia era verdade; ainda danso; mas, aqui para nós, não danso á minha vontade.

A dansa não é, não deve ser isto assim.

Antigamente é que se comprehendia o dansar. Basta dizer que não havia quem de o fazer se envergonhasse.

Em quanto a mim, aquelle seculo de Luiz XIV não se chamou o *grande seculo* só por as grandezas politicas, militares, financeiras e litterarias do reinado, desse monarcha. Concorreram e muito, para lhe grangearem o epitheto as festas esplendidas de Fouquet, as noites deslumbrantes de Versailles e aquelles bailados que Molière era constrangido a entremeiar nas suas comedias para satisfazer a mania choreographica da côrte e nos quaes tomava parte o proprio rei, transfigurado em pastor; dessa graciosa raça de pastores que povoavam os tablados d'aquelle tempo. E julgas que Luiz XIV era lá homem que dansasse como qualquer dos nossos *partners* da actualidade executa um fastidioso solo? Qual! dansava saltando, rodopiando e cabriolando, que é a verdadeira maneira de dansar.

Dansar, dansava David á frente da arca da alliança e vejam lá os nossos elegantes se se lhes mette na cabeça deixarem aos vindouros memoria de si, mais acatada e sisuda do que a do rei psalmista.

Sisudos e até sombrios foram D. Pedro I e D. João II e digam-me se elles não dansaram com toda a agilidade dos seus musculos.

D. Pedro, o terrivel D. Pedro, o amante de D. Ignez, tomava parte em folias populares e D. João II só deixou de dansar quando a gordura o impediu de o fazer, diz o chronista, o que prova que não se contentava com dansar, passeando.

E depois... que santos e singelissimos costumes

aquelles! As mais honradas e respeitaveis damas não punham muito em sairem á rua de pandeiro na mão e em festivaes choréas por occasião de regosijos publicos.

Uma tal D. Briolanja Anriques, que eu quizera dar por modêlo ás elegantes dos nossos dias, fel-o nas ruas d'Evora, diante de D. João II, o qual tanto folgou com a lembrança, que a tomou nas ancas do seu cavallo e assim a levou aos paços.

Ora a isto é que eu chamo comprehender o dansar.

No seculo passado...

Ai, perdão, perdão! esquecia-me que estás impaciente, que estás febril, que estás phrenetica, por eu não entrar no assumpto.

Venham os amores de Margarida á barra. Vamos lá aos amores de Margarida.

Desci ao largo para gosar mais de perto d'aquella alegria. Margarida veio ter comigo. Estava offegante.

— Bravo! disse-lhe eu, estiveste inimitavel, sabes? Nunca admirei tanto a tua agilidade na dansa, nem a tua voz no canto!

— Está a mangar?

— Fallo séria. Muito alegre te principiou hoje o dia!

— Que diz, senhora; alegre! Não, ao que hoje tenho chorado já...

— Mas... n'esse caso, Margarida, se essas são as tuas tristezas, não me darás uma amostra das tuas alegrias?

— Então? a gente precisa de se distrahir. Isso lá! De que vale dár-se uma pessoa á melancolia? Não remedeia nada e...

— E posso saber a causa das tuas tristezas? atalhei eu.

— Ai, porque não? julguei até que a sabia já. E' que hontem prenderam o Luiz... a senhora conhece o...

— Bem sei, o teu conversado. Mas... prenderam-no porque?

— Prenderam-no para soldado.

— Para soldado?!

— E' verdade, minha senhora. Veja o pobre rapaz que é tão socegado, tão bom, tão mettido comsigo. Aquillo é mesmo um coração de pomba. Que vae elle fazer com uma espingarda, elle que nem aos pardaes atira? No dia em que elle matar alguem na guerra, estala-lhe o coração de pena, assim como me estalaria a mim se o matassem a elle.

— Socega, Margarida, os nossos soldados não matam ninguem... na guerra; felizmente não lhes dão occasião para isso. Morrer, isso lá morrem... mas como toda a gente, como qualquer de nós pode morrer. Tu estás muito nova; dentro em cinco annos Luiz obtem a baixa e estão muito em idade de se casarem.

— Dentro em cinco annos! Ora! d'aqui até lá, tinha elle tempo de me esquecer. Longe da vista...

— Nem para tão longe vae que vos não possaes vêr e visitar. Do Porto aqui é um passeio e assim não tens probabilidade de ser esquecida, fallando-lhe a miudo.

— Fallar-lhe? Que diz, senhora? Sendo elle soldado!

— Ah! então?

— Não, isso é que não, senhora. Que diriam por ahi se me vissem a fallar com um soldado?

— Mas sendo esse soldado um rapaz da terra, sendo Luiz...

— Nem assim. Isso parece muito mal.

— Mas então... estás resolvida a romper para sempre com elle?

— Eu! A'gora estou.

— Mas não dizes que os cinco annos de ausencia...

— Mas é que eu... Olhe, tenho a dizer-lhe e a pedir-lhe uma coisa... Agora vou dansar mas volto já.

E dizendo assim, afastou-se de mim a saltar e dentro em pouco, escutava lhe já a voz cantando:

Agua leva o ribeirinho
P'ra regar o laranjal;
As penas de amor que eu peno
Hão de acabar afinal.

Ahi está, pensava eu comigo, vão lá accusar aquelle coração de insensibilidade. E' proprio da natureza humana esta inconstancia na dôr; cada vez mais o acredito — Percebo o gesto que fazes ao lêres isto, Cecilia. Eu bem sei. Entre nós são menos vulgares estas subitas transições, mas... será porque o nosso coração seja menos voluvel? Que te parece, Cecilia, será? Falla-me com franqueza. Eu, pela minha parte, hesito em affirmal-o. Não haverá antes em nós um pouco de affectação tambem?

A sociedade para tudo faz regulamentos, é a sua mania; em tudo quer as apparencias salvas. Decreta que o orfão seja inconsolavel durante seis mezes, e manda-o vestir de rigoroso dó; outros seis mezes quer que os empregue a consolar-se, sem o conseguir de todo, e traje lucto aliviado; passado o anno, deve considerar-se consolado, e permitte-lhe esquecer completamente os paes fallecidos. Para irmãos reduz apenas a metade estas manifestações de saudade. Se durante o praso em que nos manda ser tristes, se infringe a mais pequena clausula do seu regulamento funerario, estigmatisa a infracção com severidade; mas, se no fim d'esse tempo, nunca mais se venera a memoria do morto, pouco se lhe importa com isso, não se julga auctorisada a censurar porque se teve para com ella as attenções reclamadas.

Ora muitas das nossas inconsolaveis amantes, repara que ainda não digo todas, bem vontade tinham de fazer como Margarida, mas a moda tem exigencias! e porisso conservam a tristeza por tempo conve-

niente... Margarida que não sabia affectar o que não sentia, ia assim alternando com suas lamentações as cantigas festivaes que a distrahiam. Fazia ella muito bem.

Quando de novo se interrompeu a dansa, voltou a procurar-me.

— Então que me querias tu pedir?

— Olhe; lembrou-me uma coisa. Disseram-me que quem dér não sei quantas moedas se livra de soldado. Ora o rapaz, coitado, não as tem. Sabe Deus como elle se arranja com o pouco que ganha. Mas aquella senhora que era minha madrinha, quando morreu, deixou-me um ourito, que eu tenho no fundo da caixa, porque a final a gente anda cá no trabalho e quasi nunca traz aquillo. Lembrou-me que se o vendesse...

— Então queres desfazer-te do teu ouro, Margarida? Mas repara bem.

— Ora, senhora, então? E' bom tel o para as occasiões. E esta é uma. Luiz é trabalhador. Eu... vendendo o meu ouro... perco, é verdade; mas, quem sabe? Talvez ainda venha a ganhar.

— Como?

— Por isto. Olhe, deixando elle de ser soldado e casando comigo, eu por um lado e elle por outro, iremos mareando a nossa vida melhor; e em pouco tempo poderei comprar ainda mais ouro do que tenho agora. Em quanto que ficando elle soldado...

— E então que me querias tu pedir?

— Era para que fallasse a minha mãe n'isso. Eu tenho medo que ella me não deixe.

Terminei este dialogo, como tu o terminarias, Cecilia; apertei Margarida nos braços e prometti-lhe collaborar n'aquella boa acção.

Margarida voltou a dansar. Dansar outra vêz! Ainda! Que inconstancia! Não é verdade? Mas

quantas das nossas bellas apaixonadas, que se privariam de dansar oito dias depois da ausencia de um namorado como Luiz, não teriam coração para se desfazerem... do seu leque que fosse, mesmo sabendo que esse pequeno sacrificio lh'o restituiria?

Não te offendas por quem és, nem tu nem as tuas amigas; repara que não disse todas.

Eu voltei para casa e puz-me a pensar n'isto. Contei tudo a meu marido e deixei-lhe perceber desejos de poupar este sacrificio á rapariga, adiantando elle o dinheiro para a soltura.

Sabes o que elle me respondeu?

— «Deixa-a. Esse sacrificio de agora é uma garantia para a sua felicidade futura. Dá-lhe direitos a exigil-a d'aquelle por quem assim o realisa.» Em vista d'este parecer, resolvi fallar á mãe e, com algumas difficuldades, sempre obtive o seu consentimento.

Meu marido encarregou-se de comprar, elle proprio, o ouro que pagou por um preço muito superior ao seu valor e que conserva ainda em seu poder, desconfio que para fazer presente d'elle a Margarida no dia do noivado.

Luiz foi effectivamente livre. Commoveu-me vel-o chorar de alegria aos pés da sua desposada. Por nossa intervenção conseguio uma collocação mais lucrativa do que a que tinha. Arrendou uma quinta e suspeito que já capitalisa um poucochito. O rapaz não dezeja casar sem ter algum pequeno dote a offerecer áquella que se sacrificou por elle.

Ora aqui tens o que eu te queria contar dos amores de Margarida. Bem vês que não ha aqui nada de romantico; é uma historia que a gente conta sem perceber que a está contando e da mesma maneira a escuta, tão desprovida ella é de situações que affectem a imaginação.

Não me queiras mal por te haver feito conceber

esperanças, que não pude realisar. Eu prometto nunca mais cair n'essa imprudencia.

Adeus, Cecilia, adeus que se eu continuo a fallar não acabo hoje; até outra vez.

Porto, agosto de 1864

Tua affeiçoada

Diana de Avelleda

Impressões do Campo

A Cecilia

Publicada no «Jornal do Porto» em 11 de janeiro de 1865.

EDITOR.

Fragmento de uma carta que não era para ser publicada.

AUCTOR.

III

Já que me fallaste em musica na tua ultima carta, não quero terminar esta sem te dizer quaes os meus pensamentos actuaes sobre o assumpto.

Repara que digo — actuaes — E' que eu sou já cautelosa. Receio que a minha versatilidade, que sou a primeira a reconhecer, me ponha em contradição commigo mesma d'entro em pouco tempo.

Vamos por isso firmando desde já a clausula que me seja depois desculpa. Tratemos pois de musica.

Poucas como tu estão no caso de fallar n'isto; poucas, menos do que eu, no de te responder.

Sabes que estou muito longe de ser uma mulher da moda. Sou uma mulher do antigo systema e nada mais.

Meus paes entenderam que me seria mais util uma educação que me tornasse prestavel, quando os annos da juventude me não garantissem já um *bill de indemnidade* para a minha inaptidão, do que rodear-

me d'esses mil pequenos dotes que até aos vinte annos nos servem de alguma coisa, mas que, depois de certa idade, infallivelmente nos abandonam, deixando-nos então mais desacompanhadas e indefezas que nunca.

Meu pae teve, por exemplo, o mau gosto de me mandar ensinar a cosinhar; minha mãe não abdicou nas directoras do collegio o cuidado da minha educação. Coitada! dizia ella que não me poderia formar tão bem a intelligencia, mas que o coração, tinha fé que o formaria melhor.

Em quanto ao primeiro artigo da sua piedosa e sincera crença, accredito-o porque esta intelligencia não sahiu lá de grandes forças.

Reconheço-me, em desenvolvimento intellectual, muito aquem de todas as mulheres da geração nova, que fallam francez com uma accentuação de parisiense *pur sang;* copiam a dois crayons cabeças de Julien e discutem Meyerbeer, Rossini com um desplante admiravel. Ultimamente parece que até se filiam nas lojas maçonicas—pelo menos assim m'o affirmaram.

Não sei se tu tambem estarás já iniciada nos mysterios do grande Oriente.

Agora sim, acredito na regeneração da patria. *Çá irá.*

Mas em todo o caso, bem sei que eu não posso discutir musica comtigo; nem é essa a minha tenção.

Com este genio que Deus me deu hei-de — isso sim — dizer tudo o que penso, que a mais não póde ninguem ser obrigado.

Respondo-te como te responderia se me fallasses n'isso em um d'aquelles despretenciosos colloquios que tantas vezes temos tido em que até os maiores absurdos e atrevidos paradoxos são aventados sem a menor responsabilidade, sem incorrermos na censura de ninguem. Porque hei-de ter mais escrupulos escrevendo-te do que fallando-te?

Acaso terá uma carta mais fundadas pretenções á

immortalidade do que um dialogo? As palavras vôam, os escriptos ficam. Historias! Se os escriptos ficassem todos, em pouco tempo o mundo seria uma papeleira. Só fica o que merece ficar.

Ha palavras que atravessaram seculos e escriptos que nem duram dias. Mas vamos ao assumpto.

Tu entraste em plenos mysterios da arte, Cecilia. Admirei-te mas comprehendi-te mal. Via-te cá de baixo, subir, não te pude seguir. O mau humor que d'ahi me resultou, explica talvez a direcção, que extranharás em minhas ideias.

E depois eu recebi a tua carta em uma epoca em que andava preoccupada por um pensamento, que alguns mezes de vida campestre me haviam suggerido. Foi talvez por isso que não pude apreciar as tuas theorias musicaes, como as apreciaria ahi debaixo das mesmas impressões sob que as meditaste e formulaste.

Occupava-me muito da musica popular cuja singeleza e originalidade me tinham namorado.

Sabes que eu em musica tenho o mau gosto, que só a ti muito baixinho confessarei, de preferir a execução fiel e correcta de qualquer trecho lyrico que me agrade, ás brilhantes *fioritures* e variações de fantasia com que um artista de genio consegue revelal-o, sacrificando — aos meus ouvidos profanos — o motivo musical que lhes serve de pretexto.

E' por uma razão analoga áquella que me faz preferir o ondeado natural das tuas bellas tranças negras ao impertinente e caprichoso frisado com que as martyrisas em uma noite de baile.

Espero que a comparação me faça perdoar a heresia de arte, que acima julgo que pronunciei.

Podes vêr que com estas decididas tendencias para tudo que é natural e singelo, estou muito arriscada a apaixonar-me pela musica popular, por essa caprichosa e ligeira musica que voga nos ares com todos

os mais rumores de que a escola romantica ha tempos os traz povoados.

Ora, apaixonada assim, dize-me se me era possivel escutar com a reverencia de discipula ignorante, a erudita dissertação, a que o ultimo concertista, de quem eu te pedi informações, deu logar.

Esses periodos da tua apreciavel carta vieram despertar-me de uma especie de sonho — e digo sonho por não saber bem como hei-de traduzir d'outra maneira aquella eloquente *rêverie* dos francezes — em que me deixára arrebatar; é natural que respondesse com a rabugice propria do despertar.

Vinhas fazer-me a apologia da musica scientifica, academica, classica, entendida só por os raros iniciados nos mysterios do contraponto, e eu, que estava a escutar uma cantilena aldeã repassada de poesia, impacientei-me, reagi.

Contrariedade por contrariedade, minha querida. Agora has-de ouvir-me tu. Vê se a tua sciencia musical te dá a solução do seguinte problema que era o que me preocupava. E' como respondo á tua dissertação. Este problema — em que eu muitas vezes scismo e para o qual peço a tua cooperação — é o da origem da musica popular.

Sabes me dizer qual o maestro inspirado d'essas toadas singelas que se cantam ao bater das roupas nos ribeiros, ao esfolhar das espigas nas eiras, ao espadelar do linho nos serões?

E terão ellas compositor? Chego a duvidal-o.

Ouve a minha theoria:

A's vezes lembra-me que o povo é como os passaros, que amenisam a espessura das selvas. Qual d'elles foi o auctor d'esses quebros e gorgeios que todos repetem? Quaes os maestros? quaes os discipulos? Não ha distincção. Cantam assim porque lhes está na natureza aquelle cantar, porque as vozes do campo desafiam um ecco e elles respondem-lhes, como a con-

cavidade da collina responde aos ventos que a bafejam — Ahi está.

Assim me parece o povo.

Uma noite — penso eu — as brisas adormentadas mal fazem ciciar os olmedos da campina; os ribeiros afagam serenamente, e murmurando apenas, os musgos humidos das levadas; scintillam as estrellas no azul escuro do ceu; prorompe das moitas e silvados um concerto magnifico de insectos... e o povo sente vagamente a poesia da hora, a poesia da noite, a poesia da natureza.

Sente-a o velho pensativo á soleira da porta, balanceando lentamente nos joelhos um gracioso grupo de netos adormecidos, sente-a a mãe, joven e desvelada, ao acalentar o filho no berço e fitando os olhos na mais brilhante d'essas estrellas, como se ali se escrevera o destino d'aquella creança que estremece; sente-a a aldeã namorada aspirando os aromas que dos alegretes do jardim lhe sobem até ao peitoril da janella, onde se esquece a devanear; sente-a a propria infancia, deixando os brinquedos ruidosos, fallando baixo, escutando, scismando... — Este scismar da infancia! este scismar da infancia! Que germen de futuros pensamentos!

N'essa noite pois, em uma noite assim, opera-se o mysterio, o genio popular estremece, visita-o o fogo sagrado, a brisa da noite acorda a estatua de Memnon; e então, no mesmo instante, no instante solemne, um canto vem naturalmente aos labios d'esses numerosos poetas, que todos sentiram e scismaram.

Do balcão enflorado, do lumiar da porta, de junto dos berços, dos largos, das encruzilhadas, prorompe uma voz; o ancião, a donzella, a mãe, as creanças cantam a um tempo e uma nova musica nasce então, suave, saudosa, melancolica, como as maviosissimas notas d'aquella noite que a inspirou.

Todos compozeram, todos imitaram. Mysterios das

multidões! Decifre os quem puder. Eu não os discuto; creio n'elles, como outros tantos artigos de fé.

Como explicar d'outra sorte as nenhumas relamações de propriedade, tão naturaes á vaidade humana, e que, até no seio das mais doutas academias, consomem a maxima parte do tempo, que devia ser votado a investigações mais uteis, do que as de prioridade entre dois inventores litigantes?

Não sei.

Que melancolia a de alguns d'aquelles cantares; que festiva graça a de outros! Lembra-me que uma noite deixára eu aberta a janella do meu quarto — vinha-me de fóra um tão suave perfume de larangeiras que não tive coragem para fechal-a — o rouxinol, esse poeta dos bosques, o chefe da escola romantica entre aquella sonora turba, porque não soffre modular as suas canções por fórmas sempre as mesmas, antes as varia, segundo as aspirações do seu genio, o rouxinol estava admiravel!

As folhas brincavam com a luz do luar e desenhavam no cortinado do meu leito uma renda buliçosa de extravagantes ramagens. Cedi á influencia languescente e deliciosa d'aquella noite de estio. Adormeci. Por altas horas acordei ao som de uma cantiga aldeã.

Entoava-a uma voz feminina, cujo timbre melodioso e juvenil me commoveu como ainda nenhuma *prima dona*. Perdão, perdão, reconsiderei a tempo. E' certo porem que me commoveu aquella voz. Durante o meu somno a lua desaparecera e agora scintillavam algumas estrellas palidas, procurando combater infructuosamente a escuridão mais intensa que precede o amanhecer.

Não pude resistir, corri á janella.

A voz partia já de mais distante. Era a de uma joven lavadeira, que ia para as prezas lavar.

Olhei o relogio; pouco passava das quatro horas!

Pobre rapariga! Ella ahi ia sósinha votar-se ao

trabalho! Aos desoito annos, repara tu e todas as tuas elegantes companheiras; á hora em que vós apagaes a luz, ainda com a imaginação alvoroçada pelas aventuras do mais sympathico personagem do romance que vos disputou ao somno, á hora em que desprendeis o enfeite que vos adornou as transas no baile e vos despis, scismando na phrase de leviano galanteio que vos segredou o ultimo walsista, ella, coitada! ergue-se para ir lavar, ergue-se para atravessar sosinha os caminhos ermos, cujo aspecto bastaria para vos desafiar um ataque de nervos, melindrosas organisações.

Muito felizes sois! muito malfadada é ella!

E comtudo... — vêde — De quando em quando o vosso silencio é interrompido por um suspiro, que não podeis reprimir; cahis em desalento no sofá visinho do leito e apodera-se de vós uma tristeza que vos faz chorar.

E ella? ella canta, ella desperta, cantando, os eccos escondidos pelas quebradas e afugenta os espectros sinistros que povoam os recantos obscuros.

Mas é que vós não podeis cantar como ella, por isso tambem não tendes aquellas expansões que distraem e alliviam.

Cantar! Pobres meninas! Se vos ensinam a cantar em italiano! Se a moda, essa tyrannica divindade que do alto do seu throno de rendas e vidrilhos vos impõe um codigo absurdo, menospresa a nossa harmoniosa lingua! Se para saudardes a lua precisaes de lhe chamar — *casta diva* — e repetir a letra de Felice Romani! se só com o auxilio dos libretos e martyrisando a lingua do Dante podeis celebrar Deus, as flôres, as estrellas, o mar! Se vos ensinam a erguer-vos ás onze horas! Se vos mostram as bellezas do amanhecer nas gravuras inglezas ou, quando muito, no polyorama que adorna uma das mezas do vosso salão! Se só vêdes o mar quando apequenado pela affluencia de banhistas!

Se vos mandam cantar ao espelho para estudardes o gesto conveniente a uma cantora que tem escola! Se quando cantaes tendes na idéa tudo menos o canto!

Oh! vós não podeis, vós não sabeis cantar!

Com todo o vosso estudo ficaes supplantadas por tantas espontaneas cantoras que abundam nos campos.

Ainda não encontrei artista de profissão que a final de contas não fizesse caretas a cantar e ainda não vi rapariga aldeã que não fosse mais bonita cantando. Porque é isto? O artificio mata-vos.

E não é só a letra estrangeira que neutralisa para vós todo o effeito calmante que um antigo ditado portuguez de tempos immemoriaes concede ao canto, é tambem a musica estrangeira

Da Italia, da França, da Allemanha, da Inglaterra, da Hespanha, de toda a parte acceitaes de bom grado a musica, só desdenhosamente sorris para a que não é de importação.

Ao lado do vosso piano, se se depara com alguma composição firmada com um nome portuguez, é como envergonhada e escondida nas rimas de cadernos onde, em grande typo, se leem os nomes de compositores de fóra, nem sempre dignos de celebridade.

– Mas se nós não temos musica popular — disse-me ainda ha pouco um dos nossos melhores talentos musicaes. Não o contestei; seria arrojo de leiga, heresia de profana. Houve quem, sem o saber lhe respondesse — e pela imprensa — que a fizesse elle. O artista lendo o conselho, encolheu os hombros e riu-se. Desta vêz tinha rasão — Como! fazer musica popular! Pois a musica popular faz-se? Se ella não existe, haveria genio tão superior que a tirasse do nada?

Mas, não existirá de facto? Ahi é que se resume a questão. Pois será este nosso povo um povo que não canta? ou para cantar irá pedir trovas emprestadas ás outras nações?

Responde por mim essa harmonia que sae dos campos, que nos enche os ouvidos, que anima o trabalho das ceifas, das esfolhadas, das malhas... Musica rudimentar — dizem-me. Concordo. Mas é que se não vae assim de repente á opera.

Exigir de um compositor que escreva uma opera com musica nacional é exigir muito, é marcar-lhe uma meta superior ás forças de qualquer artista.

Fossem lá dizer aos escriptores de lingua portugueza, esses que balbuciavam as primicias da poesia nacional, ao auctor d'aquella canção do Figueiredo das Donas por exemplo — se é que depois da opinião de um nosso illustre critico ainda lhe podemos dar o fôro de nacionalidade — fossem lá dizer-lhe:

Escrevei um poema epico nacional! Tomae folego, fazei o que fez Homero, o que fez Virgilio.

Mas a ave não sóbe ás alturas logo ao primeiro vôo.

Camões só podia nascer quando nasceu.

Não digaes pois aos nossos compositores: Escrevei operas nacionaes — Isso é exigir-lhes o impossivel, — mas dizei-lhe: Escrevei trovas, escrevei canções, escrevei cantigas .. porque devéras não sei porque se ha-de pôr de parte esta palavra e esta coisa tão genuinamente portugueza — a cantiga — devéras que não sei.

Vós que fallaes em romanzas, em cavatinas, em rondós, em barcarólas, sentis um certo escrupulo de máu gosto em fallar de cantigas.

Pois eu, se estivesse no vosso logar, legisladores do gosto, não o sentiria; eu havia de dizer desafogadamente aos nossos talentos artisticos: Fazei musica para cantigas inspirando-vos do gosto popular, subireis depois ás composições lyricas ligeiras e mais tarde, no futuro, os nossos netos aplaudirão a verdadeira opera nacional — antes d'isso tental-o é absurdo.

As artes teem todas a sua infancia. E Deus nos

livre de creanças assenhoradas que é a mais antipathica especie de *Preciosas ridiculas* que eu conheço.

Mas attendei a que não é só dos compositores que depende a refórma.

Alguns teem feito as primeiras tentativas, mas como luctar entre a tremenda potestade que se chama *a moda?*

Ainda me recordo de um malicioso sorriso que te vi nos labios quando em certa reunião uma senhora teve a coragem de cantar deliciosamente a canção do *Marujo* do drama de Cesar de Lacerda. Sorrisos como esse é que estragam tudo, Cecilia.

Momentos depois ouvias, já muito sisuda e attenta, uma pequena aria franceza, d'estas que os editores de romances publicam nas capas dos seus *feuilletons* e que se pódem cantar sem offensa do *bom tom* — porque são francezas.

Eu tenho vontade de promover uma revolução proclamando n'este sentido:

— Senhores folhetinistas, é necessario convencer as nossas elegantes que não é de mau gosto cantar em musica portugueza poesia portugueza; ridiculisae muito embora a *Joven Lilia* e as antigas modinhas, mas substitui-lhe canções nacionaes como ellas. Não vos mostreis benignos sómente para com os *ohimés, infelices, miseros, mios contentos* e *addios* das lettras italianas.

A moda é um potentado. Para a combater é preciso uma alliança poderosa, poderosissima.

Não exijaes de ninguem desacompanhado essa façanha de Hercules. Não ha forças isoladas que bastem.

Vós não creareis musica nacional nos salões e gabinetes. Desenganae-vos. Ide ao campo e ás ruas, percorrei as provincias e depois ponde á moda a Euterpe rustica que tiverdes encontrado por lá, perfumando-a e apresentando-a com a etiqueta do estylo, na sociedade elegante.

E' uma subservencia necessaria. A musa popular, para se tornar nacional, tem de sujeitar-se a essas formalidades. Os promulgadores dos diplomas não lh'o dispensam. Sujeite-se, que faz bem. Colloque-se á moda, depois o resto virá naturalmente.

Ahi tens o meu modo de pensar.

Em troca da tua dissertacão scientifico-artistica, que me impacientou — por inintelligivel — dou-te uma opinião de leiga que te revoltará — por absurda.

Estamos quites.

Até outra occasião.

Continuo a ser toda ao teu dispôr.

Janeiro de 1865.

Diana de Avelleda.

Uma das minhas madrugadas

Carta a Cecilia

(Inedita)

. . . .

Na antevespera da nossa partida, o administrador, vindo visitar-nos perguntou-nos quaes os nossos projectos para o dia seguinte.

— O arranjo das malas, respondeu lhe a L... sorrindo.

— Por amor de Deus; — disse aquelle jovial companheiro dos nossos serões da aldeia. — Por amor de Deus! V. Ex.as fasem-me recordar o tempo das liteiras e das jornadas com almocreves, os meus bons tempos de Coimbra. O arranjo das malas! isso, actualmente é obra de uma hora quando muito.

— Mas tambem que mais curiosidades nos pode offerecer a sua terra, meu caro senhor doutor? A seus olhos triplicemente investigadores de archeologo, de naturalista e de poeta, que poderá ter ainda escapado?

— O mosteiro

— O mosteiro?!

Escuso diser-te, Cecilia, que ficámos já sem a menor vontade de contrariar o nosso *ciceroni*. Eu a acabar de pronunciar aquella palavra magica — *mosteiro* — e logo um mundo todo de fantasia, como se evocado por um condão mysterioso, a surgir-me, a encantar-me, a pedir-me toda a attenção aos meus sen-

tidos distrahidos... Um mosteiro! E nós ha um mez ali, ignorando-lhe a existencia.

— Sabe, doutor, — disse-lhe eu, — que é indesculpavel a leviandade com que até hoje se tem conservado silencioso em relação a esse mosteiro? Não nos podia ter prevenido da existencia d'elle, para eu ao menos me preparar com a leitura de Walter Scott e ir bem prevenida do espirito fantasioso que concebeu a «Dama do Lago», aquella deliciosa creação?

— Seria uma triste desillusão para V. Ex.as quando vissem as mudanças que o tempo exerceu n'aquelle antigo retiro de virgens.

— E de mais a mais mosteiro de monjas extinctas! O' doutor, cada vez estou menos disposta a perdoar-lhe. O tempo! as mudanças do tempo! Tem graça. Tanto melhor. Hera pelos muros, não é isso que quer diser? Estatuas derrubadas, fustes partidos, capiteis despedaçados nos lagedos, baldaquins e cornijas servindo de asylo ás aves? Tudo isso augmenta prodigiosamente o interesse da scena. Pois uma lenda bem conservada na memoria do povo visinho, cheia de maravilhoso, cheia de phantastico. Diga, diga se ha em toda esta sua terra, a que tanto quer, coisa mais digna de se mostrar e menos capaz de se esquecer?

— Infelizmente, minha senhora, — continuava o desapiedado doutor, parecendo deliciar-se em destruir todas estas minhas fantasias com a indifferença revoltante do botanico que desconjuncta a mais bella flôr do campo para — inutil crueldade — para a classificar —Infelizmente, minha senhora, o mosteiro onde desejo condusil-as offerece pouco alimento á curiosidade justificadamente feminil de V. Ex.as. Não é a poesia do tempo que se respira ali. Desta vêz deu-lhe o mithologico velho para ser utilitario e esqueceu os seus antigos brios de poeta. Verão V. Ex.as a cerca aproveitada para hortas, transformadas as celas em tulhas

e vivendas de rendeiros e a igreja invadida pela cal e pelo desastrado pincel do unico artista da localidade.

— Nesse caso não vamos.

— Porque não? — disse a L. — deixa fallar o doutor. Eu te prometto que a poesia e a saudade do passado conseguirão romper toda essa grande camada de prosa. Os perfumes de uma e d'outra hão de subir ao ar com os vapores que de tarde se elevam d'entre o milho desses mesmos campos, penetrar nas celas com os ultimos raios de sol, voejar na igreja com as particulas coloridas da poeira que a claridade de uma fresta venha illuminar.

— Bravo! — exclamou o doutor — Com essa boa vontade, minhas senhoras, não ha poesia que se não encontre.

— Emprasamol-o para amanhã doutor.

— E têm coragem de madrugar?

— Bôa! Ao romper do dia estaremos promptas.

— Então, até ao romper do dia de amanhã.

Tu que sabes como eu sou, Cecilia, podes imaginar em que azafama andou toda aquella noite a minha fantasia. Eu que ainda não consegui olhar com indifferença para o convento de Monchique do Porto, não obstante estar desde creança habituada com aquellas ruinas e apesar da influencia do Trem, da Alfandega e de tudo, como poderia receber de animo frio a inesperada promessa de um mosteiro retirado, quasi destruido, talvez ignorado de todos ou pelo menos ignorado por mim. Porque para mim é de facto nova a existencia do convento de... das... Então não queres tu vêr que nem nome lhe posso dar!

Pois é verdade, satisfiz-me com a denominação generica de mosteiro e nem me lembrou perguntar qual a invocação sob que foi erigido aquelle obscuro azylo de almas timidas e qual a ordem monastica que por tanto tempo o habitou.

Mas que importa? Não é tambem uma memoria

archeologica que eu te escrevo. E' uma carta, como todas as minhas, como todas as tuas em que se diz tudo quanto lembra e não se fica responsavel por nada do que esqueceu.

Mas, como eu te disia, scismei e sonhei em monjas toda a noite.

Lembrou-me effectivamente Walter Scott e lembrou-me tambem Meyerbeer.

A dansa fantastica que no quarto acto do Roberto fascinava o filho de Bertrand e cuja musica, por uma diabolica coincidencia, a L... lhe deu para tocar essa noite no piano, parecia atordoar-me tambem.

Acordei deste somno pouco restaurador quando me vieram diser que principiava a madrugada e que ha muito havia luz no quarto do doutor.

Tu não sabes bem ao certo o que é uma madrugada, tu a quem vae despertar no teu tranquilissimo bairro o ruido das dez horas da manhã; nem eu me proponho a faser-te a analyse dos encontrados sentimentos que nos agitam em taes occasiões. Dir-te ei só, de passagem, que parece que n'aquelles momentos a habitual corrente das nossas idéas muda de direcção. Costumadas a pensar no meio de um determinado grupo de condições, de luz, de movimento, de vida, quasi sempre as mesmas, quando em presença de condições tão outras das ordinarias, como são as de uma madrugada, como que os nossos pensamentos tomam uma diversa feição e novas soluções a problemas, que tinhamos por definitivamente resolvidos, avultam e avultam sob um aspecto tão luminoso que todos os mais offusca.

Isto não é philosophia, socega; é a simples expressão do que eu senti quando acordada por L. me dispunha, não sem um pouco de má vontade, a cumprir a promessa feita na vespera ao doutor.

A L. estava admirada do meu silencio pois desde que principiára a vestir me não lhe dera uma palavra só.

— Em que pensas tu? — disse-me por fim impaciente, — se isso não é ainda sonhar.

— Não é, não. Queres saber? Penso que talvez não tiveram rasão os que mandaram fechar as portas dos conventos e prohibiram as profissões.

A L. obrigou-me a repetir esta resposta.

— Que extravagante reflexão politica é essa tua agora?!

— E' que eu, por mais que tenha estado a recordar-me dos argumentos pelos quaes havia conseguido, julgava eu, convencer-me da utilidade de tal reforma, não os encontro.

— Vê se os deixaste no travesseiro — disse a L. rindo.

— Olha que te fallo séria!

— Nesse caso dir-te-ei que a rasão mais justificativa, a meu vêr, é a de nos ter proporcionado esta visita matinal, que espero será deliciosa. Porque, olha que se existissem lá freiras que não fossem penadas, tudo mudava.

Eu odeio, como sabes, os dôces e os conceitos das freiras e decididamente não acompanharia o doutor, se me esperassem lá essas duas especies de gulodices.

Não gostei da feição jocosa que a L. continuava a dar á conversa, e por isso calei-me.

A dictadura de D. Pedro IV estava a ser julgada no tribunal da minha consciencia.

Bem vês que o momento era solemne.

Tal se manifestou em mim d'esta vêz a influencia da madrugada. Mais poder do que as jovialidades de L. teve porem a voz do administrador cantando junto de nossas janellas como o baixo no primeiro acto do Trovador:

Alerta! Alerta!

Respondemos-lhe pondo os chapeus e apresentando-nos na rua.

— Vamos a saber, doutor, inventou alguma bonita mentira para nos contar quando estivermos no mosteiro?

— Eu?!

— Sim; é impossivel que ha tanto tempo nesta terra tenha resistido á tentação de meditar a esse respeito algum romance.

— Um romance meditado no gabinete da administração! Nem V. Ex.ª sabe o que pede.

— Nesse caso medite-o no caminho porque não posso dispensar uma historia quando visito ruinas.

— E' um mau systema. O mais interessante é fantasial-a cada um a seu modo na occasião. E' a maneira melhor de nos satisfazer. Eu por mim tenho sempre achado muito áquem do merecimento da scena as lendas dos sitios que visito.

E n'este conversar fomos nós matando o tempo do nosso curto passeio.

Como sabes estavamos no outomno e as manhãs eram já repassadas d'aquella suavissima poesia da tua estação predilecta.

O caminho que seguiamos, ora por vales cheios de sombras e de mysterios, ora por planuras desafogadas, compensaria de sobra o sacrificio da madrugada, quando a visita do mosteiro nos não reservasse outra compensação.

A'quella hora do dia ha mais vida nos campos do que n'esses magnificos sarcofagos que se chamam cidades.

Cantam nos montes os guardadores de gado, nos ribeiros as lavadeiras, os lavradores nos campos e o moleiro ao ruido das levadas despedaçando-se nas rodas das azenhas.

Depois e melhor que todos cantam as aves e tantas e tão variadas na côr, no canto e no vôo que eu não sei como ha naturalistas que as conheçam a todas, se é verdade o que se diz.

Eu sinto-me outra em passeios assim, inteiramente outra.

Pois ha lá prazer como o de internar-se a gente por entre campos orlados de moitas viçosas, sebes naturaes donde se debruçam as rosas e as madresilvas sedusindo com seus perfumes o caminhante, que raro deixa de ceder aos encantos d'estas formosas flores, colhendo-as na passagem?

A luz do sol coada pelas frondes dos alamos e castanheiros e das vides que estreitamente abraçadas com elles suspendem no caminho seus festões verdejantes, cheios de cachos promettedores, derrama uma meia claridade n'estas veredas pouco frequentadas e porisso mesmo gratas talvez ás recordações de muitos amantes campesinos.

N'uma manhã bem clara, passando por uma rua assim, Cecilia, parece-me que com os insectos que a minha chegada vae perturbar e que, impacientes, ou amedrontados, se põem a voltear-me em torno da cabeça, se ergue tambem um enxame de memorias agradaveis que me ficaram pelos campos nos poucos mas deliciosos momentos da minha vida que tenho passado lá, turba inquieta que me envolve, que me embriaga, que me arrebata, no seu vôo vertiginoso longe, ai bem longe do presente, da realidade, do mundo.

Digo-te uma coisa; então reproduzem-se em mim aquellas intensas e desannuviadas alegrias de creança que tão depressa os annos modificam, alegrias espontaneas sem pensamento reservado, sem explicação possivel, que se não reprimem, que rompem em risos, em cantos, em jogos, alegrias de causa toda interior que nenhum travo perturba.

Depois de algum tempo de caminho o administrador, que dirigia o rancho, retrocedeu e com uma phisionomia entre risonha e contrariada disse:

—Uma difficuldade imprevista!

—Qual é?—perguntamos nós a um tempo.

—Nada menos que uma cancella a transpôr e uma cancella que se não pode abrir.

Saudamol-a com uma exclamação de prazer que deixou embaraçado o administrador, homem commodista, que desejaria ver alizar-se-lhe debaixo dos pés em suave macadam todos os caminhos e arrasarem-se-lhe os mais insignificantes estorvos, qualquer que fosse o ponto do universo para onde a necessidade ou o capricho o podessem um dia levar.

—Então que é isso? Pois devéras não as amedronta uma cancella?!

—Está a gracejar—disse a L. Pelo contrario acolhemol-a como um interessante episodio no decurso de um poema.

—Ah!... pois estão n'essas disposições? Então eu lhes prometto difficuldades, verdadeiros episodios para o poema, inclusivé um ataque de cães de quinta.

—Menos isso—exclamou a L. já quasi séria.

Devo porem confessar-te que effectivamente foi com o coração folgado que eu vi surgir a difficuldade da cancella. Que queres tu? Outra puerilidade minha.

N'isto conservo todos os instinctos de creança. E' sabido que nada ha mais fastidioso para estes pequenos entes, cujos instinctos naturaes ainda não foram falsificados pelo prosaismo da vida ordinaria e pela influencia das occupações que, tantas vezes com bem pouco fundamento, se dizem mais graves que as d'elles, como a seguir um caminho facil, commodo, feito de proposito, trilhado por toda a gente. Elles odeiam as estradas principaes, acham-as monotonas, sem accidentes, sérias de mais para elles, essas risonhas creaturas de Deus.

E se não, observa aos domingos qualquer d'esses numerosos grupos de familias burguezas que transpõem as barreiras da nossa cidade e se espalham nos arrabaldes para sobre a meza de louza e á sombra das frondosas ramadas dos deliciosos retiros campes-

tres, celebrarem o bom repasto patriarcal a que classicamente se chama merenda. Em quanto os paes e as mães seguem em linha recta pelo meio da estrada conversando, aquelles, do tempo do cerco, do estado das novidades agricolas e das questões do abbade com a confraria do Sacramento e da confraria com o abbade e estas, das creadas, das novenas e das teias de panno de linho que deitaram esse anno; em quanto as meninas donzellas, de braço dado, e languidamente apoiadas uma na outra, entregues a confidencias de tal ordem que nem se atrevem a fitar-se, quando muito descrevem zigue-zagues caminhando obliquamente entre os dois lados da estrada; o rancho infantil, turbulento, ruidoso, indomavel borboleteia em torno de uns e de outros, ameaçando-lhes perturbar estonteados cometas, a reguralidade da trajectoria que seguiam. Trepa aos muros, salta aos valados, interna-se nos campos, explora os caminhos vicinaes, desaparece atraz de um comoro, surge ás gargalhadas do alto de outro mais distante, pendura-se das arvores, rebola-se na relva, atola-se nos lameiros, rasga-se pelo tojo e silvas, indifferente aos gritos, exclamações, ameaças e até ás correcções maternas e paternas.

E se, por acaso, a pacifica caravana depara com uma dessas cancellas rusticas como a que tinhamos deante de nós, em quanto os papás se preparam para abril-a, já as creanças a teem cavalgado, receando perder a occasião de uma nova peripecia que vem augmentar o interesse do passeio.

Effectivamente abrir uma cancella é uma vulgaridade, é o que todos os dias cada um faz em sua propria casa e uma excursão nos arrabaldes, sendo um facto excepcional no curso monotono da vida, a regra manda evitar tudo quanto seja vulgar.

Eu sou ainda como elles, essas creaturas sem presumpção, que não teem pejo de brincar, saltar um

muro, sendo possivel, transpôr uma cancella, franquear um vallado de silvas, vadear um ribeiro... que impagaveis prazeres!

Passados momentos achavamos-nos em plena campina.

Tinhamos diante de nós a indicar-nos o caminho um desses estreitos carreiros conservado entre terras cultivadas para o serviço das lavouras. De um lado e d'outro elevava-se-nos o milho até aos joelhos. Em torno uma immensa planicie verde onde só alvejavam as camisas brancas dos sachadores dispersos em numerosos grupos em toda ella.

As improvisadas cantigas com que esta gente se anima no trabalho crusavam-se em disputado certamen interrompido de quando em quando por um côro de sonoras gargalhadas.

O socego da hora, a vastidão do horisonte do logar e o timbre puro d'aquellas vozes deixavam ir ao longe, muito ao longe, esses villancetes cantados na popular toada da Canna Verde. Percebiam-se ainda distinctamente das collinas circumvisinhas cujos eccos as repetiam como se participando da contenda.

Altos castanheiros, cuja plena florescencia os tingia n'aquelle tempo de reflexos doirados e as faias de tronco liso que agitadas pela viração offereciam alternadamente aos raios solares as duas faces da sua folhagem bicolor, repartiam em figuras irregulares toda esta planicie. Aqui e ali uma pequena casa branca em cujo telhado se beijavam as pombas e volitavam as andorinhas, que vinham aninhar-se-lhe nos beiraes. Nos quinteiros adjacentes misturava-se com o agradavel ruido de vozes infantis, o cantar do gallo respondido por o de outros mais afastados.

Depois eiras extensas onde numerosas raparigas ripavam o linho colhido de pouco, cabanas e colmo de tentarem o pincel de um artista, medas de palha dispostas em longas fileiras, que vistas de noite á luz

fantastica da lua, tantas vezes se me affiguravam compridas procissões de monges brancos, aspecto que, sabe Deus, quanta superstição tem fomentado por lá! Plena aldeia emfim, plena aldeia da nossa terra, fertil, risonha, amena, abundante em verdura, em flôres e em agua, onde a luz e as sombras se casam em mysteriosa combinação; cheia de vagos rumores de folhas agitadas, de arroios invisiveis, de gorgeios de aves, de tudo o que consola, de tudo o que nos dá vida.

*

* *

Tendo atravessado os campos subimos por entre giestas e urzes em flôr e á sombra de magnificas carvalheiras, o mais frondoso dos outeiros que os limitavam e, atraidos pelo longinquo rumor de uma queda de agua fômos ladeando a encosta até encontrarmos a corrente donde esse rumor partia.

Era para vêr a agilidade com que eu e L. desciamos então a vertente opposta da collina, seguindo sempre a beira da levada, com grande susto da parte do doutor que, a cada momento estava esperando vêrnos despenhadas no abysmo.

— Cautella! cautella! — bradou elle de longe, embaraçado em afastar os estorvos que lhe interrompiam a passagem.

De quando em quando voltavamo-nos. Viamol-o apegado aos troncos das giestas, deixando-se escorregar docemente pelo suave declive todo arrelvado e que elle insultou com o nome de despenhadeiro. A nossa hilaridade saudava-o então cá de baixo.

A corrente era a cada passo interrompida por açudes e moinhos, atravessada por pontes rusticas, occulta ás vezes pelos arbustos das margens e, dos sitios mais profundos, soltava do seio os amieiros sempre avidos e insaciaveis de frescura.

Conduziu-nos finalmente este caminho a uma devesa na qual cessaram as tribulações do administrador. O mau humor que a descida lhe tinha exacerbado desvaneceu-se totalmente no remanso que o esperava ali e não foi elle o que menos se riu dos seus passados terrores e apprehensões.

Mas que devesa aquella, Cecilia! Que intimo recolhimento! Que mysteriosa tranquillidade! Os rouxinoes, occultos na copa espessissima de carvalhos seculares cantavam á porfia sem que a nossa presença os inquietasse. A andorinha dos bosques, cheia de confiança passava ao nosso lado perseguindo os insectos com aquella graciosa agilidade de movimentos, que nos encanta n'ella. De quando em quando uma folha secca, uma lande desprendida da arvore vinham cahir-nos aos pés; um raio de sol que, atravessando já amortecido aquelle arrendado de verdura, descia a procurar na relva a florinha côr de anil que não sei que nome barbaro tem em botanica, traçava obliquamente no recinto assombrado pelo arvoredo uma columna luminosa que se disséra fuste tombado de um templo em ruinas. Insectos de côr variada, cujos zumbidos eram o maior rumor d'aquella solidão, seduzidos por este raio de luz procuravam-o com anciedade e vertigem.

Instinctivamente fallavamos baixo ali.

Subjuga-nos tanta solemnidade, intimida-nos, sentimo-nos pequenos e... — A caminho! a caminho! — foi a exclamação que ruidosamente nos arrancou da silenciosa abstracção em que pouco a pouco nos deixaramos cair.

Desnecessario será dizer-te que foi do doutor que ella partiu. Para tanto só a coragem d'elle.

— A terra da promissão não está longe — continuou apontando por entre um claro que deixava a folhagem.

Olhámos n'essa direcção. Descobrimos ao longe a

grimpa e toda a parte superior de um velho campanario. Sahiu-nos dos labios uma exclamação de praser a mim e á L.

— O mosteiro?

— O proprio.

A estas duas palavras succedeu o silencio. Com os olhos fitos n'aquelle ennegrecido edificio que, pouco a pouco, parecia ir-se despojando á nossa vista do envolucro da folhagem que ao principio nol-o encobria, fomos caminhando para elle de novo possuidas d'aquella mesma impressão que sentiramos na vespera.

Perdoa á minha ignorancia de architectura se omitto a minuciosa descripção d'aquelle vetusto convento transformado hoje em uma dusia de coisas muito diversas, que nem já te sei ennumerar. Não perdes muito, tu, nem perde a arte com a lacuna porque a final de contas conhecia se pelo que vimos ainda d'elle que o convento nunca passou de uma d'essas construcções irregularissimas, acanhadas, sem estylo, que um pensamento religioso erguia a cada canto para abrigo dos foragidos aos tormentos mundanos e nos quaes se procurava symbolisar o desapego ás verdades da terra na ausencia completa da menor belleza architectonica. Extensas paredes crivadas de janellas mesquinhas, carencia absoluta de symetria nas construcções posteriores á do edificio principal, assim uma coisa á semelhança do convento de Corpus Christi em Villa Nova de Gaia e mais nada.

Tinha alguma rasão o administrador quando nos fallava no caracter prosaico das modificações que o tempo introduzira n'este mosteiro.

Nada do grandioso das ruinas! renovações escandalosas, verdadeiros sacrilegios de arte, isso, muitas. Montes de palha por toda a parte e a vegetação das hortaliças de uma exuberancia insolente!

A L. bem se esforçava por reconstituir um romance com o pouco que via; mas as galinhas que esgaravata-

vam nos claustros dilaceravam-lh'o á nascença. E' uma ave essencialmente burgueza a galinha. Não ha lenda que possa florescer onde constantemente cacarejam estes prosaicos bipedes.

A L. chegou a desesperar.

— Visto isso, nem uma pedra historica, nem uma memoria ligada a estas paredes. O' doutor, compadeça-se d'esta nossa anciedade. Recorde, descubra, invente um romance — disia eu.

— Eu só conheço o logar como a matriz de um circulo eleitoral e ligada a este recinto só posso recordar-me da historia das eleições passadas.

Cheguei a odiar o administrador ao ouvir-lhe dizer isto:

— Silencio! Nada de profanações.

— E comtudo estas naves — disse a L. entrando na egreja, effectivamente a parte mais solemne do edificio, — são ainda assim longas, elevadas bastante, convenientemente obscuras. Nem as reformas tolas dos restauradores conseguiram prival-as de uma certa magestade e poesia. Doutor, doutor, eu quero levar d'aqui alguma impressão mais duradoura! Não saio sem isso.

E dizendo estas palavras encaminhou-se para uma capella mal alumiada por um lampadario antigo e ainda não visitada por nós.

Seguimol-a. A' entrada porem a imprevista apparição de um vulto fez-nos recuar. Não era afinal nenhuma alma do outro mundo, tão somente um rapaz muito pallido, vestido com singeleza, o qual com um sorriso modesto e melancolico nos cortejou.

O doutor correspondeu-lhe com um gesto de afabilidade.

— Quem é este homem? — perguntei ao doutor quando o recem-aparecido se afastou de nós.

— E' o mestre escola da aldeia.

— Ninguem o dirá! Tem uma physionomia intelligente.

— E d'esta vez não fica mal Lavater.

— Devéras? Mas... mestre escola!

— Então que quer? Com aquelle estofo — disse o doutor apontando para elle que já ia á porta da egreja — fazia-se talvez um bom academico, fazia. Mas amarraram no á atafona das primeiras letras.

N'isto saía a L. da capella verdadeiramente desesperada.

— Não ha meio de tirar coisa alguma destas paredes. Temos de nos resignar a partir com as nossas carteiras em branco. Incommode, sacude a sua imaginação para nos mentir, doutor, ande. Invente, seja amavel uma vez na vida.

— Não sou poeta e V. Ex.as perderam talvez a occasião de satisfazerem tão innoffensivo desejo deixando saír esse rapaz.

— Quê! Pois é tambem poeta! exclamei admirada,

— Afiança-me que pode dizer-nos alguma coisa interessante? — perguntou a L.

— Aqui, para o que V. Ex.as desejam, ou elle ou ninguem.

— Pois vou chamal-o.

E a L. com aquelle estouvamento que lhe conheces dirigiu-se para a porta, sem fazer caso das minhas observações e dentro em pouco voltava com o palido mestre escola, singularmente embaraçado com a assistencia que se lhe pedia.

—Emprasamol-o — disse a L. usando das maneiras convenientemente familiares com que logo á primeira entrevista sabe pôr á vontade os seus interlocultores — Emprasamol-o para que nos tire d'estas paredes, d'estas naves, d'estas abobadas uma memoria, uma lenda, um drama, seja o que fôr. Porque ha de concordar ir a gente d'aqui sem qualquer d'estas coisas é desagradavel, é impertinente, é triste.

O professor sorriu e naturalmente dirigiu o olhar para a capella d'onde o viramos sahir.

— D'ali? — exclamou a L. que lhe seguira o olhar — Bem me quiz parecer. Ha um ar de mysterio n'aquelle altar, ha; mas já procurei e nada vi.

— Quer V. Ex.ª que as paredes fallem, sem se lembrar que ellas só dizem o que a gente lhe ordena.

— Cale-se, doutor. Os codigos asphixiaram-lhe toda a poesia que talvez em tempos felizes existiu em si. E se não experimentemos. Glose este motte alambicado.

Saudade, cruel saudade
Tormento da minha vida

— Não sou capaz de a satisfazer a não ser que me conceda algumas semanas para procurar inspiração nos autos administrativos e partes dos regedores.

— Então, silencio! Este senhor, tenho fé que satisfará gentilmente a nossa curiosidade. Ou elle não fosse um poeta!

— Poeta! — disse timidamente o interpellado.

— Sim. Sabemol-o porque o doutor o denunciou e denunciava-o até esta sua visita solitaria á capella d'onde ha pouco sahiu. Vamos, diga-nos, o que ha n'ella de interessante?

O mancebo continuou a sorrir e parecia hesitar em tomar uma resolução. Depois, corando levemente, tirou de um livro que trazia na mão um pequeno papel no qual se enfileiravam linhas regulares de uma lettra miuda mas de traço firme e entregou-o sem pronunciar uma só palavra a L., que se apoderou d'elle com vivacidade. Com não menor presteza nos approximámos eu e o doutor e por cima do hombro da L. fômos acompanhando a leitura das seguintes quadras, leitura a que ella procedeu com voz profundamente commovida.

A NOVIÇA

«Oh! vem, querida irmã; do santuario do templo
«Já desce a receber-te o celestial esposo.

«Vem ser da nossa fé sublime e vivo exemplo ;
«Vem, deixa sem pesar do mundo o falso goso.

«Vem ; dos cirios á luz, ao som de alegres hymnos,
«Cinge o habito escuro, emblema da humildade,
«E, abrazada no ardor de teus éstos divinos
«Despe, ao entrar no claustro, as galas da vaidade.

«Esposa do senhor, virgem candida e pura,
«Do teu noviciado expiram hoje os dias.
«Não tremas ao fitar as portas da clausura,
«Tambem na estreita cella ha grandes alegrias»,

Assim das monjas sôa o religioso canto :
Juntas, em procissão pelas extensas naves
Espalham-se na egreja as vozes do hymno santo,
Melancolica voz de aprisionadas aves

Cahido o longo veu por sobre a fronte airosa
Caminha lentamente a pallida noviça ;
Nos olhos lhe fulgura uma aura mysteriosa,
Um como scintilar de lampada mortiça.

Sobe os degraus do altar, humilde se ajoelha
E ao culto fervoroso as tranças sacrifica.
«Recolhe-te ao redil, immaculada ovelha,
«Teus thesouros d'amor nas azas santifica».

E o côro ergue outra vez o ritual hossana,
Entre nuvens de incenso, á voz do orgão sagrado ;
Responde-lhe o rezar de multidão profana,
Que transpôz curiosa o portico elevado.

A cerimonia é finda ; a monja de joelhos
Permanece, inclinada a face para a terra ;
Era no occaso o sol ; e seus clarões vermelhos
Vinham tingir o altar, tingindo ao longe a serra.

Longo tempo ali esteve, as palpebras descidas,
Immovel, silenciosa, em extasis absorta.
Ergueram-n'a afinal as monjas commovidas ;
Doloroso mysterio. . . a pobre estava morta !

— Tinha ou não rasão? — exclamou a L. elevando ao ar o papel assim que acabou de o ler.

Todos instinctivamente procurámos o auctor. Havia desaparecido.

Estupefactos olhamo-nos em silencio sem saber o que pensar desta surpresa. Bem longe estava eu n'aquelle momento de encontrar um metrificador de alexandrinos!

— Agora o que me apetecia decifrar, — disse eu ao doutor — era o mysterio deste melancolico e sympathico mestre escola.

— Se V. Ex.ª ordena, porei em acção os meus cabos de policia para qualquer dia me habilitar a revelar-lh'o, já se sabe, em estylo de relatorio administrativo.

— Pois olhe, esse mysterio preoccupa-me pouco — disse L. — o que pretendo é saber os fundamentos d'isto — e apontou para o papel que conservava na mão.

— Fantasias, — disse o doutor.

— E como diz isso! Fantasias! E é coisa de pouco valor isto de fantasias? Assim fantasia quem quer? Pois ha tres horas estou eu a pedir-lhe que fantasie e o doutor sem me fazer essa fineza que, pelos modos, lhe parece facil tarefa. Ora, na verdade, não lhe mereço essa crueza de frase que me está revoltando.

— Por amor de Deus, não me condemne, minha senhora. Ninguem admira mais do que eu as obras de imaginação; mas como vejo que V. Ex.ª quer achar forçosamente rasão de ser a uma coisa que a contem em si, é porisso que eu...

— Mas elle olhava insistentemente para esta capella. Deve estar aqui a explicação que procuramos.

— Vamos — disse eu — tenha a condescendencia de procurar comnosco.

— Mas procurar o quê?

— O mysterio.

— Mas que mysterio?

— O vestigio do drama denunciado n'estes versos — disse a L. — Venha, acompanhe-nos.

Investigamos tudo. Eu, pela minha parte, nada encontrava. A L. não era mais feliz. De repente o doutor perguntou no tom de indifferença que lhe dera para affectar n'aquella manhã:

— Serve-lhes uma inscripção tumular?

— Uma inscripção? — exclamou a L. — Pois que mais poderemos querer? Está decifrado o enigma! Leia, leia depressa.

— *Hic jacet* — principiou a dizer o doutor.

— Latim, doutor! — exclamamos nós a um tempo, com o mais justificado dos terrores.

— Eu traduzirei, que até ahi ainda chega a minha sabedoria. O peior é que as letras estão quasi todas safadas. Aqui jaz... a irmã Maria de... não sei quê... Nasceu aos... do anno do Senhor de mil seiscentos e... tantos, professou aos... tantos de tal e morreu in *codem* no mesmo dia. Pater noster.

— Victoria! — exclamou a L. com um grito que eccoou por toda a egreja. — Até que emfim! Esta pedra com o seu eloquente laconismo vale um thesouro!

— Que enthusiasmo! Não o comprehendo — dizia o doutor sorrindo — Que grande significação acha V. Ex.ª nessa descoberta?

— Que significação? Pois não vê nella confirmada a interessante historia contada nestes versos? Desvendado o doloroso mysterio que matou aquella pobre martyr no proprio dia do seu noviciado?

— Romances, romances... poesia, minha senhora. Se V. Ex.ª quer, eu vou glosar-lhe mais prosaicamente este epitafio. Era talvez uma menina...

—Cale-se, barbaro! Que affliição! Não lhe perdoaria nunca se me tirasse a memoria agradavel que a final consegui levar d'aqui. E, sabe? Vou rezar por aquella desventurada.

E a L., ajoelhando junto ao altar da capella pôz-se a rezar.

No entretanto dizia eu ao doutor:

— O que me parece interesssante, curioso e, quem sabe se humanitario até, é estudar o caracter e historia d'este mestre escola tão triste quanto sympathico. Porque não ha de dar-se a essa tarefa, doutor?

— Estava pensando agora n'isso mesmo. Alguma coisa que sei já d'elle excita-me a curiosidade.

— Então diga o que sabe, diga.

— Deixe-me investigar o que me falta saber para então lhe contar a historia completa.

— E promette não se esquecer?

— Prometto.

— Dou-lhe então quinze dias.

— Será pouco; mas farei a diligencia por não faltar.

Ao sair da egreja ainda fomos á escola da aldeia procurar o professor mas não o encontrámos. Voltámos em seguida para casa. A L. com a poesia e com a sincera crença na historia da noviça, historia que ficará sempre mysteriosa se algum romancista a não quizer decifrar, e eu interessada em conhecer a vida d'este mestre escola e insistindo com o doutor para se não demorar em satisfazer esta tão justificada curiosidade.

Se elle cumprir a promessa, terás cedo, minha Cecilia, noticias minhas.

Diana de Avelleda.

Cartas á vontade

A Cecilia

Publicada em 10 de julho de 1867 no semanario «Mocidade».

Amas, mestras e maridos

Vaes gritar: paradoxo! ao ouvir-me affirmar, Cecilia, que da maneira porque as coisas vão, cedo veremos desapparecer da scena social essa poetica e amavel entidade, esse typo affectuoso e candido a que chamamos *mãe*.

Pois é com intimo convencimento que t'o digo, acredita, e com doloroso aperto de coração tambem. A mãe, a mulher sublime, que tantas vezes inspirara o escopro, o pincel e a penna, que a arte aureolava de prestigios ao apresentar-nol-a espiando com antecipada alegria o primeiro sorrir da creança adormecida ou apertando-a amorosamente ao seio, áquelle seio que pela segunda vez a faria mãe; o anjo da guarda que velava com carinhosa sollicitude o successivo desabrochar da intelligencia do ente fraco, que a natureza e a sociedade collocaram sob a sua protecção e assim fazia a abençoada sementeira de affectos, que deviam mais tarde florescer e fructificar; a confidente natural dos primeiros segredos do coração, que nasce para a vida dos objectos; a fada que pela magia do seu amor extremoso, debaixo da sua suavidade, sere-

nava a revolta das paixões, tornava salutar o fogo que podera ser destruidor, essa mãe tende a desaparecer; mais algum tempo e tornar-se-ha lendaria. Matam-a, annullam-a os habitos actuaes.

Um dia virá em que o poeta, tocado pela magestade d'aquelle typo, pelo augusto d'aquella missão não poderá exclamar, dirigindo-se a ellas, como ainda não ha muito o fazia um poeta portuense:

(1) *O' santas que embalais o berço das creanças*

Não; porque as não encontrará ahi junto d'esse berço, d'onde a moda terá conseguido arrancal-as para as substituir pela ama mercenaria.

Ao coroar-se de flores de larangeira, a noiva dos nossos dias não principia vida nova; para ella não se fecham as portas dos bailes e dos salões. Espera que os vagidos infantis a não afastem de lá, retendo-a no gyneceu, porque em outros ouvidos declinará a impertinencia de os escutar, em outros seios o encargo de os satisfazer; não será ella que escutará enlevada, que procurará decifrar as primeiras mal articuladas syllabas do pequeno ser que desperta á luz do mundo, não, que mais agradaveis lhe são as phrases completas, intelligiveis, torneadas, elegantes, pelas quaes recebe nas salas a affirmação de que é ainda bella.

Bella! E precisa que lh'o affirmem! Como se a verdadeira maternidade não devêra ter sempre a consciencia de que o é! juram-lhe que perante o viço exuberante da sua formosura, ninguem a acreditará mãe e isto lisongeia-a!

Corre-se d'este nome sagrado que em casa, a todo momento, lhe está apregoando entre choros e sorrisos essa creança que não sabe ser lisongeira, calando-o!

Este continuado=*memento quia mater es*—se me

(1) Guilherme Braga.

é licito fallar latim, impacienta-a! Pobre senhora! Ella tem razão. Como se não bastassem para preocupal-a e affligil-a os descuidos e as imperfeições da costureira!

Olha, Cecilia, no pequeno drama intimo, que o nascimento d'uma creança faz representar sob cada tecto, o papel mais sympathico é, quanto a mim, o da ama.

Ella, a quem muitas vezes a miseria obriga a recusar o seio ao proprio filho para o offerecer ao de outra mulher que, quasi sempre, voluntariamente o nega ao seu, olha ao principio com desculpavel aversão para este innocente usurpador que se lhe pendura ao cólo; mas pouco a pouco afaz-se áquelle olhar carinhoso que a fita; áquelle sorriso que inscientemente a consola quando a saudade lhe está ainda orvalhando de lagrimas os olhos; áquellas pequenas mãos, que a afagam; áquelles labios que a beijam; e ella, a pobre, a rude mulher, chega a persuadir-se que um milagre de Deus permittio que o espirito de seu filho viesse animar este corpo debil, que voasse evocado pelo amor materno, a acolher-se ao seu abrigo, e illudida, apaixonada, já não distingue entre os dois, já sente de novo estremecer suas entranhas de mãe a cada grito afflictivo do infante, innundar-se-lhe de jubilo o coração, a cada sorriso de alegria! Em quanto a mãe verdadeira se embriaga no volutear das walsas, que a arrebatam de sala em sala, como em nuvens de harmonias e perfumes, ella só, á luz da lamparina domestica, acalenta-lhe o somno do filho, cantando uma d'aquellas melancolicas e populares cantilenas, que a mãe ignora, pois só lhe ensinaram a cantar *romanzas, ballatas* e *rondós,* em italiano. Ora o estylo do cantar da opera não é muito proprio para acalentar creanças, e n'este ponto, é uma providencia que a mãe se não julgue obrigada a soltar junto do berço as notas que foram applaudidas na sala.

Assim decorrem mezes de intima convivencia da

ama e da creança. Fôra um pensamento de interesse que trouxera aquella mulher áquella casa; mas agora um laço mais forte a retem alli, prende-a um sentimento generoso como poucos; e é quando o laço é mais forte, é quando o amor a estreita á creança, á qual cedeu porção de sua vida, que um dia lhe dizem — «Parte!».

O amor que ella viu nascer, que cultivou com alegria, não lhe era destinado; arrancar-lho-hão do seio, embora este fique *sangrando* ao separar das raizes. A affeição d'aquella creança é como a planta estimada que recebe de um terreno a seiva que a faz vigorosa e a outro concede mais tarde a sombra da sua folhagem e o perfume das suas flores.

Pobre mulher! Curvando resignada a cabeça á crueldade da sua sorte, parte, acompanhada de saudades, como com ellas viera. Rega segunda vez de lagrimas o limiar d'aquella porta. Encontra lá sentada, onde a deixara, a imagem da melancolia, que lhe estende novamente a mão. (1)

E a mãe, a mãe elegante, recebe então nos braços a creança, que passada já a edade dos primeiros vagidos, é menos exigente e incommoda; agora já diverte pelos seus ditos e brinquedos; é uma distracção para a indolente senhora. Mas como todas as distracções repetidas cançam, estas mesmas graças infantis acabam por aborrecel-a.

Depois vem a epoca da educação e esta exige cuidados e attenções para as quaes falta a paciencia á nervosa dama, que, sem grande prejuizo dos negocios do toucador, se não poderia entregar a elles.

---

(1) Este trecho recorda a sua bella e sentimental poesia *A despedida da ama,* com a qual está de perfeito accordo.

(EDITOR).

Novas exigencias sérias obrigam por tanto a uma nova abdicação.

Deixando o regaço materno é a creança entregue aos cuidados de uma mestra.

Uma mestra! Valha-nos Deus! n'este personagem nem se quer encontro a poesia da ama. E' um typo exotico e de procedencia britannica principalmente, que eu do coração detesto. As melhores não passam de um codigo vivo de regras e maximas de bem viver, frio, rigido, inflexivel, impertinente, antipathico.

A preceptora, que ensina como se dança, como se resa, como se falla, como se corteja, como se deve sorrir e até não sei se como se deve chorar, esmera-se principalmente em insinuar no animo de suas educandas os principios de hypocrisia social, que se chama a etiqueta, e esforça-se por suffocar tudo o que são impulsos naturaes, espontaneos de um coração sensivel. Das suas mãos saem d'estas raparigas que nós todos os dias encontramos na sociedade em quem cada gesto, cada palavra, cada movimento, cada sorriso, é regulado pelas prescripções de uma coisa, que se chama por ahi — uma educação distincta.

Pobres meninas! Constrange-as, mais do que o espartilho, uma absurda pragmatica; á qual se deixou usurpar o logar da verdadeira moral.

D'ahi veem essas reservas, menos modestas e candidas do que as expressões cheias de confiança, de quem muitas vezes não desvia os olhos do mal, por o desconhecer; d'ahi vem esses ouropeis da intelligencia, com que se procura encobrir a nudez, em que deixaram o coração.

A lingua franceza, uma geographia comesinha, uma historia do *Museu das Familias*, as primeiras noções de desenho e não sei o que mais, somma total, uma pedanteria que desespera, um fallar de tudo com supposição de que de tudo se sabe, eis a grande sciencia

por cuja acquisição as tristes raparigas pagam o exorbitante preço das caricias maternas! Cada composição franceza, insulsa e descórada, que a mestra applaude como um modelo de linguagem e de estylo, foi escripta á custa de um grande sacrificio; foi preciso resignar por ella o ensino affavel mas insinuante, despretencioso mas continuo, livre mas indelevel que uma mãe verdadeira sabe fazer com um sorriso, com uma oração, com uma esmola e com o exemplo.

Malfadadas mães, que estaes por vossas proprias mãos rasgando a alva tunica da pureza, o veu magico da poesia com que o nosso amor vos revestira! Já vos não viamos junto dos berços e ainda agora vos não encontramos a presidir aos jogos, a dirigir as primeiras preces, a formar o coração d'essas pequenas mulheres, que um dia em sua consciencia vos julgarão e condemnarão por lhes terdes privado assim a infancia de affectos e carinhos.

Que mal comprehendeis a vossa missão sagrada!

Abdicastes a vossa dignidade abençoada, perante a instituição dos collegios. Os collegios! Perdôa-me, minha boa Cecilia, se não posso calar a minha aversão por esta palavra e por a coisa que ella exprime — os collegios.

O collegio é uma empreza industrial, que se propõe formar intelligencias e corações para a sociedade. E como os fórma ella? Muitas vezes ouvi da tua bocca humoristica a descripção dos seus processos.

As regras da sciencia e os preceitos da moral são formuladas em commum e a horas fixas por dia a todos os que ali concorrem; observa-se n'isso a escrupulosa regularidade de um estabelecimento industrial. A regra do ensino é inflexivel, inalteravel, unica. Não se modifica para amoldar-se ás desigualidades de aptidões e caracteres de cada discipulo, que para tanto falta o tempo e a paciencia.

Não se procura combater o mal, sob as suas fór-

mas mais occultas e dissimuladas; institue-se contra elle uma batalha organisada e geral.

E' sob um fogo cerrado de preceitos e conselhos, registados no programma, artilharia formidavel cujo estrondo é repercutido ao longe, que se procura a victoria dos bons principios. Ora o inimigo é arteiro e dado á guerra de embuscadas. Deixa troar nos ares os canhões da educação official, mostra-se subjugado pelos principios que lhe são respeitavelmente impostos e, occulto em algum logar inacesso ás metralhadas disciplinares, espera por occasião favoravel para desenrolar aos ventos a sua bandeira de guerrilha.

Porque o desgraçado estava intimidado, mas não convertido, se não apparecia era por prudencia e não porque tivesse deposto as armas e renunciado á rebellião. Para o converter, para tornar impossivel a insubordinação futura, era mister substituir o general que com as bocas dos seus canhões e espingardas defende todas as estradas e caminhos e o obriga a viver occulto pelas cavernas e florestas, pelo missionario que se aventura á longa, laboriosa e até terrivel peregrinação do deserto, que fosse procurar o rebelde ao seu esconderijo, que se aproximasse d'elle com o sorriso nos labios e a fé no olhar; que lhe fallasse com amor e brandura, sem se deixar intimidar nem desalentar pelas primeiras resistencias e defecções; que d'ali se não levantasse sem o trazer comsigo pela mão, humilde, resignado, mais do que resignado, contente pela estrada ampla da virtude para o bom caminho da felicidade.

Mas este papel do missionario só uma mãe o pode desempenhar. Esta obra de persuasão, e não de repressão, só do ensino individual, domestico, intimo pode ser exigida.

A directora do collegio contenta-se com a submissão apparente, com a obediencia explicita; não gasta tempo nas delicadas e metaphysicas sondagens das

consciencias sempre que a rebellião se não revele em actos, embora esteja nos espiritos. Proclama a ordem.

E' uma especie de ordem de Varsovia. E' o Evangelho imposto a lançadas e pelouros e não pelo poder da cathequese. Os actos de submissão da educanda são muitas vezes comparaveis á missa huguenote de Henrique IV.

Nem outra coisa se podia exigir d'estas casas de educação.

O ensino nos collegios ha de ser forçosamente administrado como a alimentação — em refeitorio. Mal da instituidora se ia a fazer cosinha á parte segundo os gostos e talvez as necessidades de organisação de cada educanda. A tanto não vae o seu compromisso. Só as mães sabem temperar differentemente o prato de cada filho, só ellas igualmente sabem ministrar, sob fórmas diversas, a cada um o ensino dos preceitos invariaveis de uma sã moral.

A este deve o ensino ser feito com sorrisos; áquelle quasi que com lagrimas; umas vezes uma supplica vale um codigo de preceitos; outras, uma palavra sevéra, um gesto de desagrado, corrigem mais que todas as classicas penalidades do collegio. Mas a preceptora tem por pratica adoptada não tomar estas fases diversas, o que, segundo ella, seria indigno da sua gravidade e importancia profissional.

Não ri, não chora e não supplica; endireita-se, franze o sobr'olho e reprehende — com a mesma voz com que manda trabalhar, manda brincar, manda rezar, manda até dormir. Sempre o regulamento, sempre a disciplina!

Oh! eu abomino os collegios e por isso é que morro de sympathias por todas as privilegiadas que, como tu, Cecilia, sairam d'aquellas casas com os affectos do coração salvos e com o espirito livre de pedantescos preconceitos, n'uma palavra, tão propriamente tu como

se nunca tivesses saido de junto de tua mãe, que só a chorar se resignava ao sacrificio de te apartar de si.

A mestra é quando muito como o director de uma officina de fundição que recebe de fóra os moldes em que tem de vasar os metaes mais diversos confiados aos seus cadinhos e procede a essa obra com escrupulo, mas sem inspirações; a mãe é o artista, que a golpe de cinzel vae modelando a sua obra vendo a tomar vulto e expressão com estremecimentos de enthusiasmo. A inspiração nunca a abandona, a cada instante o genio lhe formula um preceito, a cada instante lhe modifica outros. E' mais intima a sua relação com a obra que produz, porque ella é effectivamente a realisação de um pensamento seu; é como que uma parte de si mesma n'uma existencia independente.

Deixem embora ás mestras o cuidado de dar ás jovens educandas esse verniz de educação que as tornará bem vistas na sociedade, quando as mães lh'o não saibam dar, mas não lhes confiem o resto, não lhes confiem sobretudo o coração, que é mais uma vez deixar de ser mãe, renunciar a um dos mais santos, mais invejados direitos da maternidade.

Mas emfim volta a casa com quinze annos a filha que aos oito se separára da vigilancia materna.

Como vem prendada! Sabe dançar, tocar piano, bordar, cantar, fallar francez, inglez e italiano, sabe que o mundo é uma esphera, que o descobridor da America foi Christovão Colombo, que S. Petersburgo é a capital da Russia, que Napoleão perdeu a batalha de Waterloo, sabe de cór os nomes de todos os poetas e romancistas notaveis da França e Inglaterra, sabe tudo que a mestra lhe ensinou e muita coisa que lhe deixou aprender. Traz os bahus cheios de livros de devoção francezes, volumes de Bonald, de Lorgnes e Dupanloup e de envolta a litteratura de Alphonse Karr e Teoph. Gautier e a sciencia de Figuier e da Bibliotheca das Maravilhas.

Numa palavra, vem uma menina da sociedade elegante, mais devota que religiosa. Costumada ao culto do regulamento, sugeitar-lhe-ha tambem o cumprimento dos seus deveres para com a divindade. Fóra das horas de devoção não lhe deixará remorsos um estouvamento, um peccado de maledicencia, uma inveja implacavel; porem nos momentos decretados para o culto, a mais innocente e involuntaria distracção lhe avultaria como uma tentação diabolica, como um delicto para ser expiado por jejuns e cilicios. E' moral de occasião, infelizmente muito na moda.

Eis a occasião escolhida pela mãe para fazer valer os seus direitos, para principiar a colher os fructos apetecidos do amor filial. Agora sim, que é uma intelligencia desenvolvida já, que saberá apreciar devidamente os extremos maternaes, que com a dedicação de filha lhe recompensará o ter pago a sua amamentação a uma pobre mulher de quem já ninguem se lembra, e despendido avultadas mensalidades para a acquisição d'aquella geographia, d'aquella historia, d'aquella educação que todos admiram. Emfim, chega o tempo de principiar a mãe a ser mãe, tarefa que até agora tem addiado. E' porem tarde para isso. O coração da menina já começou vida nova, passou a opportunidade para essas suavissimas affeições que, cultivadas a tempo, deixam vestigios eternos mas que não podem desenvolver-se quando semeadas tarde.

O ideal revestio novas fórmas, não o podereis vós realisar. Pobres mães e dignas de piedade sois de certo, se a peito tomaes a tentativa.

Um dia apparece um homem a pedir-vos a mão de vossa filha. Este homem, ou seja impellido a dar este passo pelas incitações apaixonadas da menina, ou pelos calculos positivos do pae, é em todo o caso mais um rival vosso e d'esta vez aquelle que nunca vos restitituirá a filha que ides confiar-lhe.

«Por este deixarás pae e mãe», esta lei quasi fatal

a que nós todas, mães e filhas, nos curvavamos resignadas, era uma lei cujo cumprimento nunca deixava de ser sellado com lagrimas de tristeza e de saudade.

E vós mesmo tendes-vos esforçado por lhe facilitar a execução. Affastando de vós o berço de vossos filhos, negando-lhes o seio, confiando a estranhos a sua educação, deixando a outros tomar o logar de confidente dos primeiros segredos, annullaes-vos ante seus olhos, e quando um dia apparece o homem, que as separará de vós, deixam-vos quasi sem uma lagrima, porque mal vos conhecem, porque se acostumaram a orar, a pensar, a chorar e a sorrir longe de vós, sem vós, que de pequenas as repellistes.

E' muitas vezes então que começa o vosso castigo. Os annos mostram-vos a inanidade dos gozos do mundo em que viveis, pedem-vos e ensinam-vos a apreciar a concentração do lar domestico, a alegria intima, o amor dos filhos; mas é tarde.

Quando os procuraes com sincero amor, fogem-vos elles.

Então, se a cegueira e a loucura da vaidade vos não acompanhar até ao limiar do tumulo, só vos resta ser a mãe dos vossos netos.

E' frequente de facto, Cecilia, vêrmos muitas d'essas mulheres a quem as loucas exigencias da moda trouxeram sempre arredadas dos deveres da maternidade, tornaram-se depois as mães estremecidas dos filhos de seus filhos, pagando assim tarde á natureza o tributo que, quasi sacrilegamente até ali lh'o haviam negado.

E' tempo de terminar esta carta, Cecilia, que não tem a pretenção de te moralisar. Tu és d'estas indoles privilegiadas que saem intactas de todas as más influencias.

Vives no mundo onde a moda é soberana e comtudo, vê a fé que eu tenho em ti, estou certa que, se um dia fôres mãe, evitarás que te usurpem o amor dos

teus filhos essas duas rivaes da maternidade — a ama e a mestra — e, se o fizeres, está certa que nunca t'o usurpará inteiramente o rival, quasi sempre victorioso, — o marido.

A affeição filial, duplamente confirmada pelo estado de amamentações e dos ensinos não murchará nunca, ainda mesmo que passe sobre ella o vento esterilisador da paixão.

Adeus até breve.

Tua sempre

Diana de Avelleda.



Jazigo no cemiterio de Agramonte — Porto

Cartas para a minha familia

(Inedita)

Meu amigo

Voltámos hontem do campo sem que merecessemos á politica o favor da tua presença, por poucos dias que fosse.

As pequenas chegaram boas e parece-me que não demasiado saudosas dos praseres e das bellezas campestres.

E' tão raro que raparigas de desesseis annos amem a bucolica!

E é pena, que se me enchia o coração de alegria e de confiança, quando as via a ellas á sombra d'aquellas arvores salutares, respirando com desafogo um ar embalsamado e vivificador.

Não sei como me persuadia de que era impossivel que ellas me adoecessem ali.

Sabes, meu amigo, aquelles meus continuados sustos, aquelles meus escuros presentimentos pela saude dos nossos filhos, motivo de me ralhares tantas vezes? Pois nunca os senti lá.

O campo era para mim como uma destas pessoas de juizo a quem se deixa entregue um filho, quando a necessidade nos obriga a separar-nos delle por momentos.

Olhava para aquellas velhas e frondosas arvores e parecia-me achar-lhes uns ares protectores e amigaveis que me inspiravam confiança.

Dir-se-ia que ao abrigarem minhas filhas na sua som-

bra me disiam: Deixa-as comnosco que t'as protegeremos.

Mas emfim viemos; aqui estamos outra vez nesta terra do Porto e aqui estaremos até á hora de emalarmos para qualquer praia de banhos.

E tu em Lisboa, e tu occupado em acudir á patria, meu bom amigo, e esquecendo por ella um poucochinho a familia.

E' uma virtude civica a venerar em ti, Gustavo? Será? Eu sei?

Desculpa me mas, como sabes, não morro de amores pela politica. Ou eu não fôra mulher, com quem em geral os politicos são bem pouco amaveis.

Alem de que a politica occupa-se de umas pequeninas coisas, que são, sem contestação, as mais detestaveis de todas as coisas pequeninas.

Mas deixemos por hoje as minhas reflexões e reparos sobre politica, Gustavo, e façamos como é nosso costume, quando aqui estás.

Lembras te? Depois do chá conversamos ás vezes horas esquecidas sobre os acontecimentos do dia, ora domesticos ora civis, ora alegres, ora tristes, e disemos tudo quanto nos acode á idéa, sem observancia de programma nem de methodo, sem escrupulos de estylo e até sem rigoroso respeito pela coherencia logica da opinião.

Se a politica te não derrancou ainda de todo a bondade natural e te não cerrou a alma ás expansões affectuosas, ser-te-ha agradavel a leitura das minhas cartas escriptas, como conversamos, á vontade.

Escrever-te-hei sob a impressão dominante do dia.

A de hoje é pouco agradavel.

Como te disse, chegamos do campo e as pequenas vinham verdadeiramente anciosas pelas distracções da cidade.

Andavam-me a fallar em *toilettes* e theatros havia oito dias.

Não tive remedio senão condescender.

Ao entrarmos na cidade depararam-se-nos nas esquinas uns cartazes enormes, annunciando no theatro S. João a Grã Duqueza de Gerolstein.

As pequenas fitaram-me uns olhos eloquentes.

Este olhar, as saudades que eu devéras sentia já por aquelle nosso elegante theatro e este titulo Grã Duqueza, que ha tanto tempo me anda nos ouvidos, como um zumbir de importuno mosquito volteando em torno de mim, formaram a minha resolução de ir ao theatro essa mesma noite.

Fui; fomos e que doida alegria a da Ernestina e da Luiza! Pobres pequenas! apesar de todo o praser que me vem sempre da vossa alegria, quiz mal a mim mesmo por ter cedido á tentação d'esta vez.

O' Gustavo, tu que viste já a Grã Duqueza, não adivinharás o resto da minha carta? Tu que tens vivo o sentimento e o respeito da arte, que te enthusiasmas pelo bello, que concebes o que deve ser o theatro na sociedade, não voltaste de assistir a essa hybrida e absurda composição theatral, como eu vim hontem de lá? com desgosto, com tedio, com indignação, duvidando do progresso da arte, acreditando na total degeneração do gosto entre nós?

Que epoca atravessamos, meu amigo?

Que cidade de quasi cem mil almas é esta em que só se aplaude o disparate? Ha nada mais vergonhoso do que uma chronica da ultima epoca theatral no Porto?

Dois exitos brilhantes a caracterisam: O joven Telemaco e a Grã Duqueza, dois disparates, duas irreverencias para com o bom senso, para com o bom gosto, para com a arte nobre e digna, para com a arte que se respeita!

Mas não é isto uma immoralidade tambem?

Pois não é certo que as bellas artes teem uma missão social a preencher?

Não é certo que encaminhal-as erradamente é offender o interesse publico?

Não é verdade que progride na carreira da civilisação um povo, cujo bom gosto e instinctos se educam e aperfeiçoam pela arte e que se deprava e desmoralisa o que se costuma a insultal-a?

Que malevolo espirito move então os artistas a perverterem assim o gosto em vez de o educar? a pôrem ás ordens do desproposito e do desconchavo as harmonias da musica, a cadencia da poesia, as illusões da pintura, n'uma palavra, todos os prestigios da arte?

E illumina-se para isto um theatro! e enfeitam-se as senhoras nos toucadores! e rodam as carruagens nas ruas e avilta-se uma orchestra para acompanhar o carro de triumfo do disparate!

E no dia seguinte emprega-se typo para fallar no assumpto!

Acabou pois a religião da arte entre nós?

Pois não é a arte uma religião tambem?

Não haverá ninguem a quem estas orgias afflijam e revoltem, como o austero, o fervente sacerdote que visse o tripudio profanando o logar de augustos sacrificios?

Esta aberração do gosto publico, este desvairamento que invade todas as cabeças, estes excessos e abusos que fazem recuar seculos o nosso progresso artistico, dura, reina, propaga-se, sem que uma cohorte de leaes enthusiastas e vigorosos luctadores se levante para combater a todo o transe o mal deploravel! combatel-o atravez de sacrificios, combatel-o apesar da indifferença ou das repugnancias do publico, combatel-o como combateu Garrett, como combateu Victor Hugo, como combateram todos quantos tentaram uma reforma litteraria util e efficaz.

Pois tinha fé que venceriam, se bem d'alma e com boa coragem o tentassem! Os instinctos da arte não morrem no povo; adormecem ás vezes; mas é prom-

pto o seu acordar, se os desperta uma voz altiloqua animada por uma verdadeira crença, por uma sincera e pura intenção.

E' preciso prompto remedio para este mal, que é grave.

Ha muito que lavra, revelado por essas producções morbidas da arte, que se chamam parodias e disparates, galhas venenosas que vegetam sobre os ramos viçosos de uma litteratura e lhe roubam a seiva dissipando-a em excrecencias balofas e inuteis como bugalhos ou prejudiciaes como esses cogumellos destruidores das searas.

Isto accusa uma debilidade crescente na imaginação dos auctores e uma assustadora irreverencia nas massas para tudo quanto ha de bello e portanto de veneravel.

Afadiga-se um compositor em tradusir pela musica as paixões violentas, os effeitos suaves, as tristezas e os jubilos, que formam o drama da vida. Exaltado, febril, na excitação nervosa que acompanha os mysterios da concepção, não vive senão para aquella ideia, atravez da qual antevê o esplendor da gloria. A inspiração visita-o illumina-lhe as noites de tão longas e laboriosas vigilias e apoz esta aurora, surge a obra de arte esplendida, impregnada do pensamento do artista, cheia de vida e de futuro e anhellando levantar o vôo em busca de mais amplos horisontes, por um instincto como o da ave que, ainda com pouco vigor para bater as azas, já estremece sedusida pelo espaço vasto que a rodeia.

Um dia parte a filha predilecta. Separa-se d'ella a procurar a realisação da sua ultima metamorphose, a sua encarnação final.

Chega ao theatro perante uma multidão que a aguarda desprevenida; revela-se em fim, primeiro timidamente como se as nervosas pulsações do compositor n'aquelle momento se reflectissem na obra; pouco

a pouco ganha coragem e desassombro, falla, penetra nos corações, subjuga os sentidos, domina as massas e o sonho da ambição do artista realisa-se e compensa-lhe as vigilias de muitas noites uma só noite de gloria.

Mas, a um canto da sala, no meio d'esse mesmo enthusiasmo e delirio, ha um coração frio e incapaz de sentir, que se não commove; ha um olhar maligno que estuda a commoção da platêa e não se fascina; ha um pensamento satanico que premedita uma obra sacrilega.

E uma noite basta a esse espirito para consummar a obra facil, impia, fatal á arte, perversa e immoral que premeditou.

A mesma musica concebida para exprimir sentimentos e paixões elevados e nobres é por elle rebaixada ás vulgares, ridiculas e insulsas peripecias de um enrêdo chôcho e rasteiro; e a musa que nas vestes alvissimas com que a inspiração a cingira, arrebatara a multidão; agora, irreverentemente, vestida com o jaleque multicor de truão e atada ao pelourinho das praças, recebe as alvares e insultuosas gargalhadas dos mesmos que a adoraram e que experimentam um maligno praser em desprestigiar o seu idolo.

E quando de novo se apresenta aos mesmos olhares, sob as suas primeiras vestes, ha sempre quem se recorde de a ter visto já d'outra maneira e ainda então o riso a insulta.

Não é esta uma acção altamente condemnavel?

Não é quasi o mesmo que expôr em completa nudez aos olhos cynicamente curiosos do povo uma virgem ingenua e pura, cuja innocencia os mais ousados respeitam e condemnal a assim a córar eternamente ao recordar a sua involuntaria aviltação?

E esta profanação é a ultima recompensa que recebe o artista pelas suas fadigas!

Nos seus sonhos de gloria não contára com o apupar das turbas!

E consente-se o attentado! E não se protege a obra do genio de tão irreverentes ataques?!

Estes insultos tem-os recebido com a musica, a poesia tambem. A parodia nada respeita. Os mais bellos typos, as mais ideaes concepções, as mais brilhantes imagens que tem concebido uma phantasia de poeta, de dramaturgo, de romancista, tudo ella abocanha e profana.

Para fazer rir as turbas, os truões dos nossos dias ignorantes dos verdadeiros mysterios da arte, destituidos de engenho, incapazes de produzir nada util, especulam com os contrastes irreverentes e fazem rir como o macaco porque irrisoriamente imita as visagens do homem, como o pagagaio porque de igual forma, lhe imita a falla!

E todos riem, ainda que me quer parecer que no peito de todos se esconde certo desgosto, como o que eu sinto e em geral toda a gente, perante essas duas parodias do homem, que nos apresenta a natureza. Quem ha que experimente por um mono a mesma affeição que tem a um cão? Ou que ligue a um papagaio o interesse que lhe inspira o original e inspiradissimo rouxinol?

Em geral é o gosto duvidoso d'um embarcadiço ou sertanejo da America que mais os aprecia.

Mas ao lado da parodia nasce o disparate. E' mais um passo dado pela arte no caminho da devassidão.

A musa perde então todo o casto pudor que caracterisava as nove filhas de Jupiter.

Eil-a no palco, desgrenhada, descomposta, ebria, rouca da orgia e do tripudio, soltando como a bachante cantigas licenciosas e risadas cynicas. Reparem para aquelles gestos, para aquellas maneiras, para aquellas dansas e digam se é esta a musa que se respeita, se é esta a musa que civilisa.

E é no mesmo tablado onde nos appareceu já a

severa e nobre Melpomene, no palco onde se nos revelou o genio de Donizeti, de Bellini, de Meyerbeer; em que o drama leal e consciencioso nos tem por vezes commovido e onde havemos aplaudido a boa e salutar comedia; é a esse mesmo tablado que deixaram subir a embriagada?!

E não receiam que não volte ao templo assim profanado a arte que se presa?

Fechem antes os theatros, fechem-os porquè os espectaculos assim não são os que civilisam, corrompem; não educam, pervertem.

Sabes tu, meu amigo? estou em acreditar que vamos a respeito de arte n'um periodo de retrocesso.

Não sei se te lembras de que nos nossos tempos de creança havia n'esta hoje tão enfastiada cidade uma companhia lyrica italiana e uma companhia nacional. Tenho uma vaga ideia de que o theatro portuguez, bom ou mau que fosse, era então concorrido, que ninguem se envergonhava de o frequentar e de se interessar por os assumptos theatraes. A arte não florescia, é certo, mas encontrava no interesse do publico uma garantia da sua regeneracão. Pouco a pouco abandonaram o theatro nacional e só foi moda tratar do theatro lyrico. Hoje nem d'esse.

De maneira que no decurso d'um anno, abrem-se trez ou quatro vezes as portas dos nossos theatros e lança-se ao difficil e apurado paladar do nosso publico delicados manjares como estes: «El joven Telemaco», «Franchifredo», «Os sete castellos do Diabo», a «Grã Duqueza»; amanhã o «Barba Azul» e não sei quantas mais parodias, magicas e disparates e tudo isto condimentado com uma especiaria de scenas comicas insulsas e farças sem sabor, em que um falso comico usurpa o lugar do comico de bom quilate.

E o talento de alguns bons actores que temos, a corromper-se á falta de exercicio nobre e consciencioso da arte!

Dize-me tu quantas vezes encontras o Taborda desempenhando um papel digno d'elle?

Do coração abomino todos os collaboradores d'esta obra impia da depravação da arte. Não perdôo, por exemplo, a Offenbach o acceder ao derrancado gosto da epoca pondo ao serviço d'elle o seu grande talento musical. Um homem verdadeiramente artista nunca o teria consentido.

O sacerdote que, para satisfaser os caprichos de uma companhia de ébrios, consente em entoar psalmos e antifonas na sala de uma orgia, avilta a religião de que é ministro e pollue os labios que nunca mais celebrarão nos altares com a pureza digna do sacrificio.

Mas, dizem os homens para quem as regras do bom gosto são mudaveis e chegam todos os annos com os figurinos de Paris e das capitaes á moda, que escrupulos são esses de portugueza puritana? Acaso não se applaude hoje a «Grã Duqueza» em Paris? o «Barba Azul»? e todo este genero a que tanta aversão mostras?

E que me importa? Se fosse certo como dizem, que em Paris é este o gosto dominante, o que não posso ainda acreditar, se fosse certo que o mais espirituoso povo do mundo precisava já para excitar a sua embotada sensibilidade, destes derrancados productos de uma arte aleijada e doentia, eu não duvidaria dizer que a arte estava em lamentavel decadencia lá tambem; que a imaginação parisiense sentia-se esgotada e o gosto em via de perder-se.

Se em vez de ser só Paris, toda a Europa, todo o mundo aplaudisse estes escandalos, ainda assim a consciencia nos dizia que toda a Europa, que todo o mundo estava em declinação em assumptos de arte e de gosto porque não são de convenção as regras do bello. Ha em nós alguma coisa que nol-as formula, que nol-o ensina a reconhecer e que nos dá a coragem e a convicção para nos revoltarmos contra a opinião geral,

quando a sentimos extraviada da verdadeira e recta estrada que o gosto e a rasão lhe traçaram.

Mas não é assim, não pode ser assim! Em Paris ao lado do mal está o remedio; ao lado da arte doente e degenerada, a arte sã e vigorosa.

Entre nós o mal é maior porque, nação de pouca gente, quando o mau gosto estabelece uma corrente para os theatros, desaparece o bom gosto, á falta de quem o siga.

E depois nós hoje estamos em um periodo de educação artistica, desfavoravel á verdadeira arte e no qual estes excessos são perigosissimos.

O gosto d'uma nação corre fases como o gosto de qualquer individuo. Em creança, por exemplo, o theatro interessa-nos de uma maneira diversa d'aquella porque nos influe adultos. E' o enredo do drama que nos commove e não as bellezas litterarias, não o merito dos artistas que, se nos influem, é sem que o percebamos. Choramos as desgraças da protagonista, odiamos o tyranno, afflige-nos como real a morte dos personagens sympathicos, trememos ante a perspectiva d'um duello e recolhemos a casa alegres ou tristes conforme a natureza do desfecho.

Esta ingenuidade dissipa-se cedo; substitue-a mais tarde o gosto pelas bellezas da composição e da execução. Este porem forma se mais lentamente do que se dissipa a primitiva illusão de que fallámos. Daqui resulta haver um periodo de transicção em que já nos não illude o enredo como em creança nem ainda nos commovem as bellezas litterarias, como quando o bom gosto se formou em nós.

Nesse periodo frequenta-se o theatro com insensibilidade artistica, aprecia-se tanto os intervallos como os actos, é indifferente perder uma scena inteira ou no principio ou no fim e, se a moda pôz isso em costume, adopta-se o costume da melhor vontade.

Então aplaude-se tudo quanto a moda recommenda,

o enthusiasmo não é espontaneo, é de convenção e antes de saber se nos devemos arrebatar, perguntamos se o que vemos já arrebatou alguem que auctorise o enthusiasmo.

O nosso povo na sua educação artistica está quasi n'este caso, acha-se n'este antipathico e esteril periodo de transicção.

Perdeu já aquella ingenuidade dos bons tempos em que corria aos theatros interessado pelas peripecias dos grandes dramas em que chorava e ria e se indignava com diversos episodios que presenceava de boa fé; em que tão completamente encarnava nos actores os personagens do drama, que nem os distinguia.

Elle não queria então saber quem era o auctor da obra dramatica, que o interessava. Esquecia-se até de que um drama precisa de ter um auctor.

Estava na infancia do gosto, nem os theatros eram então concorridos.

Desenvolveu-se porem o nosso publico e hoje já assiste com o sorriso sceptico aos espectaculos; já tem vergonha de os tomar a serio, de chorar nas scenas sentimentaes, de rir abertamente nas comicas. Mas, por infelicidade o bom gosto não veio ainda occupar o terreno para fazer florescer a arte. Não ha ainda bastante amor e conhecimento d'ella para manter entre nós um theatro permanente.

Quem dá as leis, quem domina exclusivamente é a moda. Aplaude-se o bom e o máu, comtanto que a moda o recommende.

São capazes de fazer hoje uma ovação á Ristori e passar a noite seguinte a ouvir em delirio as interminaveis e insulsas coplas de Telemaco na ilha de Calipso.

Ponham pois em moda o bom, os legisladores da moda.

Perdôa-me demorar tanto esta minha conversa, Gus-

tavo; mas sabes que eu tenho destas indignações a que preciso dar expansão.

Custa-me vêr que, reconhecendo o mal que está corrompendo entre nós a arte nascente, não se organise entre os nossos homens de letras uma cruzada leal e corajosa, tendo por divisa a arte e combatendo sem quartel nem misericordia o mau gosto que nos vem do estrangeiro de mistura com os *chignons* e os mais artigos da moda.

Adeus que chegam visitas a que tenho de attender, até breve.

Porto 6 de setembro de 1868.

Diana de Aveleda.

A ilha da Madeira

Meu amigo

Funchal, março 1870

Recordo-me de lhe haver promettido, ao separarmo-nos, escrever-lhe de quando em quando desta ilha, onde pela segunda vez abordei, á procura do ideal que se chama saude.

Tarde me lembrei do cumprimento da promessa; mas a tempo vae ainda.

Não é uma monographia que eu vou fazer. Deixarei em paz a constituição geologica, a flora, a fauna da ilha e todas as questões medicas, economicas e politicas que se prendem a este torrão fertilissimo. O meu intento é mais modesto.

Quero mostrar-lhe a Madeira atravez das individualissimas impressões que o meu espirito recebe n'ella e isto sem plano, sem methodo, sem coordenação didactica e só conforme a corrente irregular e caprichosa das minhas ideias.

Fazer-lhe esta observação equivale a avisal-o de que não serão de tintas muito vivas os quadros que traçarei.

A imaginação de um valetudinario tinge de côres amortecidas as mais ridentes paisagens e as scenas mais pitorescas que observa; para elle o brilho do sol é visto como atravez de um cristal córado; percebe as gradações de luz, mas sempre sob o tom uniforme e sombrio do cristal, que n'este caso se chama: preoccupação.

As viagens, esse sonho doirado que tanto seduz a imaginação da mocidade, anciosa como a ave prisioneira, por alargar horisontes e bater azas em demanda de climas novos, transformam-se em amarga proscripção, sempre que as emprehendemos, forçados por uma triste necessidade e partimos levando o espirito assombrado por uma idéa, ou antes, por um presentimento doloroso.

Nada então nos compensa as lagrimas da despedida e o cruel confrangimento do coração, que responde ao ultimo adeus do amigo que, de olhos humidos, nos acena da gare do caminho de ferro ou nos aperta a mão no tombadilho do vapor. Partimos com a alma opprimida e sem aquelles voluptuosos estremecimentos de jubilo que se misturam ás saudades de quem se aparta dos seus seduzido pelo praser de viajar.

Quando se perde de vista a terra em que nos ficaram todos os affectos intimos, parece nos escutar uma voz interior a perguntar-nos se voltaremos a vel-a. E não ha um clarão de esperança a responder a essa interrogação!

Que tristeza a d'aquelle instante!

Depois o mar, o mar, esse immenso foco de melancolias, acaba de escurecer-nos o pensamento!

Olhar em roda e não avistar um só d'esses objectos que nos fallam do passado, da familia, do remanso domestico!

Vêr tudo em movimento, tudo em irrequietação, tudo revolto! Ter necessidade, para satisfazer a instinctiva ancia de repouso que sentimos, de elevar os olhos para o ceu, como faz o homem desalentado pelo tumultuar das vagas da vida e que considera aquella outra patria como o unico logar do verdadeiro repouso. Impressões são estas que não dissipam as nuvens do nosso horisonte, antes mais as carregam.

Apezar da sua grandiosa solemnidade, o oceano é

um desconsolador companheiro para a alma n'aquellas disposições.

Por isso quando, ao amanhecer de um d'esses dias longos e desoladores se avista alem, muito alem no horisonte, uma sombra mal distincta, atravéz da qual só o olhar amestrado do marinheiro consegue distinguir a terra demandada, sauda-se essa sombra como uma promessa de redempção.

Todos os olhos a procuram com anciedade e á medida que ella se ergue e aclara e avulta e se contornea e se colora com as tintas naturaes, revelando se emfim, tal qual é, entre o azul do mar e o azul do ceo, dissipa-se a mais e mais a cerração da melancolia que nos poisava no coração.

Como a ave, extenuada de longa travessia por sobre mares vastissimos, abate o vôo a repousar na terra que lhe surge do seio das ondas, assim o espirito, cansado d'aquella immensidade e irrequieta agitação das aguas, vôa a engolfar-se no regaço das verduras que parece, haverem emfim obedecido á evocação das suas nostalgicas saudades.

Quando a formosa ilha da Madeira, levantando-se da espuma do mar como a mithologica Citherêa, crescia para nós a receber-nos, abrindo o seu seio benefico e maternal aos desconfortados que n'ella só depositavam as suas derradeiras esperanças, sentimos todos penetrar-nos o coração um d'esses suaves praseres como o que nos produz no meio de uma turba de estranhos, o encontro de um rosto e de um sorriso de amigo.

Formava um consolador contraste com a tremenda severidade do mar a amena perspectiva da ilha!

Horas depois de a avistar, a marcha rapida do vapor fez-nos dobrar o cabo de S. Lourenço; transpondo o amplo portico que elle forma com o grupo das penhascosas Desertas, sentira-se uma subita mudança de clima, como se de repente se tivessem vencido

muitos graus de latitude. Afagou-nos a face a brisa tepida e perfumada da ilha, aspirámos com prazer o halito acalentador e salutifero d'esta fada maritima; achavamos-nos sob o seu abençoado encantamento, reconheciamos emfim a Madeira!

A costa do sul ia passando em revista com as suas rochas escarpadas, as suas ribeiras profundas, a sua vegetação vigorosa, as suas formidaveis quebradas e os altos picos onde poisam as nuvens, os valles fertilissimos e as povoações graciosas.

Momentos depois, vencida a ponta do Garajão, as casas e as quintas do Funchal, illuminadas por um esplendido sol de outomno, que doirava as extensas plantações de canna, saudaram-nos por sua vez.

A magia do espectaculo emmudecera nos. De um lado o mar, do outro as serras, e entre estas duas grandezas magestosas, a cidade sorrindo, como a creança adormecida entre os paes, que a defendem e acalentam.

Dentro em pouco poisavamos pé em terra.

Não é grata a impressão recebida ao desembarcar. Costumados aos extensos e alvejantes areaes das nossas praias tão ricas de formosissimas conchas e em cujas penhas se formam aquarios naturaes onde aos raios do sol as actinias matizadas escondem os seus braços gelatinosos e as algas crescem em delicadissimas arborisações, costumados ás praias risonhas que attraem as mulheres e as creanças com o animado e variadissimo espectaculo que lhes offerecem e os abundantes thesouros de pedrarias que escondem nas suas moveis areias, affecta-nos tristemente o aspecto d'esta praia negra formada de calhàus roliços, côr de lousa, sem uma d'essas pequenas maravilhas naturaes que são o principal attractivo da beira-mar.

Esta pedra escura parece conservar ainda evidentes os vestigios do cataclismo vulcanico que a arremessou á superficie das aguas. Dir-se ia que ainda está

defumada e quente do fogo do immenso forno em que foi fundida. Ao seu aspecto comprime-se o coração do viajante.

Entramos na cidade. Ha um não sei quê de melancolico no aspecto d'ella. Por isso mesmo que é a generosa consoladora de tantos afflictos, por isso mesmo que acolhe no seio maternal os que soffrem e que de toda a parte do mundo correm a abrigar-se ao seu calor salutar, por isso mesmo, parece annuviar-lhe os sorrisos aquelle ar de piedade e de compaixão que é, por assim dizer, a alegria da caridade.

Não nos sentimos impellidos a saudal-a com um cantico festivo, com uma acclamação de prazer; mas apenas com uma serena commoção, igual áquella com que se beija a mão generosa que se estende a soccorrer-nos ou a enxugar nos as lagrimas.

O' Funchal! Que tristes dramas se teem passado á luz do teu sol benefico! Que luctuosos desenlaces de tantas historias de paixões! Que de lagrimas ardentes caídas no teu solo sequioso que se apressa a escondel-as discreto! E á sombra das tuas arvores quantas frontes escaldando de febre vergaram sob o peso da cruel melancolia!

Illusões desvanecidas, esperanças desfolhadas, sonhos de amor, de gloria, de felicidade, dos quaes se desperta á beira do tumulo, tudo tens presenciado, ó humanitaria cidade! E debaixo dos cedros e cyprestes dos teus cemiterios dormem o ultimo somno muitos martyres sem que as lagrimas dos que os amaram lhes caiam na campa como tributo.

D'ahi vem a sympathia e a tristeza que inspiras. As tuas virtudes como irmã de caridade que consagra os dias ao cumprimento de uma missão christianissima, brilham entre scenas e espectaculos de desolação e de dor.

Este caracter da cidade avulta aos primeiros passos dados no interior d'ella. O viajante cruza-se a

cada momento com certas figuras pallidas, emaciadas, pensativas, marchando lentamente, ou transportadas em rêdes, encontra-as nos assentos dos passeios em ociosa meditação, ou fitando melancolicamente as ondas que se succedem na praia; são inglezes cadavericos, allemães diafanos, portuguezes descarnados, brazileiros, norte americanos, russos; são velhos, adultos, creanças, vaporosas bellezas femininas de todas as partes do mundo, todos a convencer-nos de que estamos na *citá dolente;* mas no portico d'esta não se lê gravado o distico desesperador que o poeta inscreveu no da região das tormentas eternas. Pelo contrario, á entrada aqui revestem-se de esperança os proprios condemnados.

Para que a Madeira nos sorria, para que nos appareça formosa como a descreve o poeta inglez e fragrante como uma verdadeira flôr do Oceano, é necessario sair do recinto da cidade, procurar as freguezias ruraes, subir as ingremes ladeiras que costeiam os picos e espraiar então a vista pelos formosissimos valles que vão descobrindo o seio fecundissimo aos nossos olhos maravilhados.

Que vigor e variedade de vegetação!

O verde doirado da canna realça entre as differentes cambiantes da mesma côr de plantas de todos os climas. A palmeira de Africa agita a sua fronde graciosa junto dos carvalhos da Europa; a bananeira vergando sob o peso dos seus cachos, cresce cheia de viço nos mesmos pomares onde se enfeitam de flores os pecegueiros e as laranjeiras odoriferas. As rosas, as malvas, as madresilvas florescem espontaneas á beira dos caminhos; debruçam se dos muros as bougainvillias entretecendo os seus cachos roixos com as flores alaranjadas das bignonias; tudo tem um ar de festa e alegria. A choça mais humilde tem um jardim á entrada; as flores sorriem á porta dos ricos e dos pobres.

E quanto mais nos elevamos mais se pronuncia este magnifico aspecto do paiz. De um lado vemos aos nossos pés, o mar liso como um espelho, azul como saphira, limitado ao longe pelo grupo das Desertas vagamente tingidas do azulado da distancia; do outro as altas serranias que rompem as nuvens e cujos cimos tantas vezes tinge a offuscante alvura das neves. E nos flancos, abertos em fundas quebradas, sulcados em ribeiras pelas torrentes do inverno, uma vegetação exuberante, cheia de vida, encobrindo aqui uma casa isolada, enfeitando alem uma povoação risonha, que se agrupa em torno de um campanario.

Então sim, então a atmosphera embriaga, o peito aspira com voluptuosidade esse ar balsamico, o espirito liberta-se de todas as apprehensões que nos gelavam os sorrisos nos labios e gosa-se despreoccupado do mais surprehendente espectaculo que pode imaginar-se.

Mas não é só a natureza que tão affavel e acariciadora se mostra aos desesperados enfermos que se refugiam aqui; impressões igualmente gratas, igualmente consoladoras lhes veem de origem diversa.

E' geral a sympathia que os doentes inspiram á gente da Madeira. Se os doces affectos de familia, se os carinhos de uma esposa, de uma mãe ou de uma filha se podem substituir no mundo, é aqui a terra para tentar a experiencia.

Sentis que vos rodeia uma atmosphera de sympathia. Pessoas que nunca vos fallaram, que não conheceis, seguem passo a passo, com sincero interesse, os progressos das vossas melhoras ou as alternativas do vosso padecimento.

Com o olhar que a experiencia tem amestrado, estudam-vos no semblante as probabilidades de bom ou mau exito na lucta pertinaz da natureza contra o influxo fatal que vos subjuga. E esse prognostico é quasi sempre infallivel.

Rara é a familia que, levada por generosa curiosidade, se não informe com o medico que a visita ou com os proprietarios dos hoteis, do estado dos estrangeiros doentes.

Nestas victorias do clima sobre a doença, estão empenhados os brios e o principal brasão da terra, e o amor patrio é um sentimento profundamente entranhado no coração d'este povo. Uma cura operada é um triumfo e todos a conservam na tradição gloriosa da terra com sympathico e louvavel orgulho.

A sympathia vae ainda mais longe, revela-se sob mais cordial manifestação, exerce-se mais efficaz e abençoada ainda. As formosas Madeirenses, e quem, tendo visitado esta terra, não conservará memoria d'ellas? condescendem muita vez em animar a alma desolada dos solitarios enfermos com o raio vivificador dos seus olhares magneticos. Amoraveis, movidas por uma generosa sympathia, exaltadas pelo enthusiasmo natural a um coração de rapariga acalentam muitas vezes esses amores que ellas bem sabem ser sem futuro, e illuminam os ultimos dias de uma triste existencia com a doce luz do mais casto e immaculado affecto. Quantos que morriam longe dos seus com o coração partido de saudades, lhes devem os ultimos doces sonhos da sua vida, as derradeiras illusões e um tributo de lagrimas na campa?

Anjos adoraveis, corações generosos, vós concorreis com o thesouro dos vossos affectos para a santa missão que se desempenha aqui. A's vezes sob a influencia do vosso amor, voltam as côres ás faces desmaiadas, um sangue novo circula nas veias exhauridas e por um milagre de affecto renasce para a vida o que a sciencia já condemnára.

Outros succumbem, mas tendo ao menos nos labios um nome querido, no pensamento uma imagem e no coração a esperança de que não ficará sem sentido para todos a inscripção funeraria que lhes gravarem na louza.

Abençoadas sejaes pelo conforto que tendes dado ás almas tristes, que succumbiam á mingua d'elle!

Reparo porem agora, meu amigo, no tom elegiaco que vae tomando a missiva. Será prudente parar aqui, procurando para outra vez ser mais alegre

Seu do coração

J. D.

CARTAS PARTICULARES

A seu pae quando teve noticias da sua nomeação de demonstrador da Escola medica do Porto

---

Papá

A estas horas é provavel que já saiba que estou despachado. Não tinha informado inexactamente o amigo do Teixeira Pinto, quando disse que na quinta feira se assignava o decreto da minha nomeação. E' com a data de 20 que elle vem no Diario de 22.

Esse mesmo rapaz escreveu de Lisboa e eu acabo de ver o Diario. O amanuense da Eschola escreveu-me tambem. Finalmente está decidido; acabaram-se todas as duvidas e inquietações.

N'esta occasião em que o meu futuro se fixou, não posso deixar de me recordar do muito que devo ao Papá pelos sacrificios feitos por mim.

Alegra-me duplamente o resultado d'este meu empenho porque, com o praser que me causa, sei que não menos intenso havia de produzir no Papá, que até agora tão improficuos tinha visto ficarem os seus grandes esforços para a felicidade dos filhos.

Meus irmãos foram privados, não sei por que vistas providenciaes, de colherem n'este mundo os fructos da esmerada educação que lhes déra. Esse mesmo poder, que os sacrificou tão novos, parece ter-me reservado, como que para realisar em mim a recompensa que lhe merecia a resignação do Papá.

Alegra-me esta ideia e anima-me a acreditar que não me faltará a vida e a saude para poder cumprir essa missão talvez providencial.

Creia que tenho sentimentos para avaliar todos os

seus sacrificios e para comprehender o alcance da delicadeza com que procurava não m'os fazer sentir.

Neste dia, um dos mais solemnes de toda a minha vida, permitta-me que cumpra com o meu primeiro dever beijando lhe respeitosamente a mão.

Seu filho grato e affectuoso

Joaquim.

Felgueiras, 24 de julho de 1865

A sua sobrinha Anna C. Gomes Coelho

I

Annitas

Apesar de te haver escripto ainda ha pouco, como foste prompta a responder-me, escrevo-te de novo, promettendo-te desde já dar-te poucas novidades porque as não sei. Já fui á egreja e lá procurei no adro a covita, que estava quasi desvanecida; renovei-a, mas á pressa porque não era occasião de me demorar.

E' preciso que saibas que estamos em meados de agosto e que os alamos já não são tão copados, nem tão verdes como eram em julho, por isso a sombra no adro, á hora do meio dia não é tão agradavel como no tempo em que nos iamos lá sentar.

Morreu uma irmã ao sr. Mendonça e por isso já não é elle que toca o sino, em quanto estiver de lucto, quero dizer, nos oito dias destinados a receber vizitas de pezames. O que o substitue já não diz como elle *vou jantar e vou jantar* que nós tantas vezes ouviamos, quando vinhamos pela ponte da Graça.

Tambem já aqui não está a familia do Correia. Foi tudo para o Porto passar o mez de agosto.

Já chegou de Coimbra o primo do Antoninho e por aqui está quasi sempre. Agora mesmo, 4 horas da tarde, já está nos Campos, onde dorme todas as noites.

A bicharia toda passa sem novidade, á excepção de um ou outro frango que se tem comido com arrôz, prato excellente, que recomendo aos portuenses.

A tia e prima mandam-te muitas visitas. Já no outro dia me tinham incumbido de te responder ás perguntas que mandaste fazer-lhes por mim. A resposta deves sabel-a já.

Em quanto ao que me dizes de eu não me lembrar de ti, só tenho a responder que, para castigar a tua duvida, era bem feito que eu te fizesse fallar verdade, esquecendo-me. Mas seria isso para ti um grande castigo? Tambem duvido, assim como tu duvidaste da minha amisade.

Ora vamos, faze por ter saude, ganha as côres melhores que possas e deixa correr o mundo como elle quizer; alem d'isso todas as vezes que possas lembra-te do

teu tio e amigo affectuoso

Joaquim.

Ovar, 9 de agosto de 1863.

II

Annitas

Não te escrevi logo que cheguei, mas não te fiz esperar muito, porque é esta a terceira carta que mando para o correio.

Disendo-te que cheguei a salvamento a esta villa de Ovar e que continuo gosando uma feliz disposição do corpo e de espirito, dou-te a unica noticia que, n'este momento, me é possivel dar-te, a não ser que desejes que eu te falle no tempo porque, n'esse caso, dir-te-ei que antes d'hontem e hontem choveu desenganadamente, coisa de que muito gostei por já estar mal habituado a estas finezas do inverno, do qual vou sentindo saudades.

Hontem de tarde parecia-me um dia de magustos, pela escuridão, pela chuva e até pelo tocar dos sinos

a defunto. Tinha morrido não sei quem e, em homenagem, todos os sinos da terra executavam cabriolas atordoadoras.

Hoje apparece o tempo com uma cara menos rabujenta, mas já se pode andar pelas ruas sem receio de morrer de calor ou de voltar para casa com uma côr semilhante á de uma batata assada no fôrno.

Tudo isto me indica que o verão anda fazendo as suas despedidas porque em breve nos quer deixar. Que vá, que vá. Para fallar a verdade eu não hei de morrer de saudades.

Brevemente haverá cá em casa a primeira esfolhada, outro signal de que está o inverno á porta. Eu já vou vestindo o meu casaco grosso para o receber, como é devido, no caso de elle vir por ahi d'um momento para o outro.

E tu que fazes? Quando principiam as tuas ferias e o que fazes, depois d'ellas principiarem? Vens a Ovar, vaes tomar banhos ou em que outra coisa te occupas?

Responde a estas perguntas quando escreveres.

Vizitas á mamã, tio, manos e a toda a familia e suppõe que te dá um abraço

o teu tio e sempre muito amigo

Joaquim.

Ovar, 28 de agosto, de 1863.

III

Annitas

Estou na Batalha. São 10 horas. De tarde volto para Leiria para d'ahi seguir ámanhã para o Bussaco e Coimbra.

Tenho dormido em casas e camas de muitos geitos e feitios. Antes de hontem tomei conhecimento com as pulgas d'Alcobaça que julgo serão descendentes d'aquellas que costumavam apoquentar os frades bernardos que viviam n'aquella villa. Olha que os taes frades possuiam uma chaminé onde cabia quasi toda a casa em que tu moras.

Não repares terminar com lapis, tendo principiado com tinta, mas é que me vieram pedir o tinteiro e não estive para esperar.

Adeus. Sou sempre

Teu tio e muito amigo

Joaquim.

Batalha, 19 de setembro de 1864.

IV

Annitas

Escrevo-te hoje sómente duas linhas. Estou bom. Hontem tive muito frio mas o dia apparece hoje com melhor cara e pede-me desculpa de não me ter recebido amavelmente.

Estou convencido que é uma imprudencia confiar em S. Pedro para fazer viagens. O velho porteiro do céo não entende d'essas coisas e, apesar de ter sido pescador, dá vento e chuva á gente, no seu dia, como se fossem coisas muito commodas. Tu deves achar-me rasão, se te lembrares d'aquella manhã passada em Ovar.

Acabei agora de almoçar e não almocei mal. Hontem dormi devéras e acho-me por isso melhor. D'aqui a pouco vou passear.

Não te posso dizer se já principiei a engordar, mas

julgo que sim, comtudo, por emquanto ainda a roupa que trouxe me serve.

Escreve-me brevemente, dando-me noticias tuas, da mamã e dos manos. Dize se o Guilherme já fez exame e o que faz o Alberto por ahi.

E adeus, que esperam por mim. Escreve e não esqueças o

Teu tio e muito amigo

Joaquim.

Felgueiras, 1 de julho de 1865.

V

Annitas

Recebi a meia carta que me escreveste, inspirada por um pouco de mau humor imperdoavel. Eu por aqui tenho andado e passeado com o fim de me curar, como um presunto. O certo é que graças ao vento, sol e ar do mar que tenho apanhado, estou negro, vermelho e feio de metter dó. Quando ahi chegar ninguem me ha-de conhecer.

Ao praser que a tua carta me deu podia muito bem reunir-se o de receber noticias da tua saude, mas julgaste desnecessario dizer-me se passavas bem, se não tinhas dôres de cabeça, de dentes, somno, preguiça ou outra coisa assim.

E' verdade que, se algum d'esses males que affligem a humanidade, pezasse sobre ti não terias coragem de encher a terceira pagina da carta; mas emfim sempre é bom dizer as coisas.

Como vae tua mãe e como passam teus irmãos? Aqui estão dois assumptos para meia pagina, pelo menos.

Agradeço a saude que me fizeste e que eu espero retribuir-te d'hoje a vinte dias.

Dize ao Guilherme que, se ainda fôr a tempo, lhe mando os meus emboras pelos seus 15 annos e ao Alberto que não me conserve nenhum vestigio de tosse, quando eu voltar ao Porto.

Adeus. Vou almoçar. Quando quizeres e puderes escreve, que n'isso me dás prazer. Acredita na sincera amizade do

Teu velho tio

Joaquim.

Aveiro, 17 de setembro de 1866.

VI

Annitas

Recebi a tua carta esta manhã, antes de almoçar, e ainda agora, depois da ceia, te vou responder. Este sabbado ha de ficar-me para sempre impresso na memoria; um dia de inverno declarado, chuva a cantaros, vento desesperado, nuvens como montanhas e eu aborrecido desde pela manhã até á noite! Que dia! Decididamente a minha excursão está a findar por este anno. O vento está sul e por conseguinte sopra-me para o Porto. Qualquer dia da semana em que vamos entrar, uma rajada dá comigo nas Devezas, isso dá. Escusas pois de recear que eu deixe de comparecer a 7 de outubro, que antes d'esse dia conto eu estar comvosco.

Estimei que nada tivesses a dizer-me da mamã nem dos manos, signal evidente de que estão de saude. Recommenda-me a todos e dize-lhes que eu continuo pas-

sando bem, o que dentro em pouco lhes assegurarei de viva voz. Adeus...
....

Até breve

Teu tio, muito mal disposto
com o outono

Joaquim.

Ovar, 22 de setembro de 1866
10 horas da noite, depois de
ceiar e ao som da chuva.

VII

Annitas

Para te provar que não me esqueci do dia 7 de outubro, (1) apesar de n'este anno a tua presença m'o não lembrar, offereço-te essas duas flôres que, sobre as verdadeiras, só teem a vantagem de serem um pouco mais duradouras.

Como por essa particularidade representam melhor do que as outras a minha affeição, preferi-as; que se não fosse por isso, dar-te-ia a primeira flôr do campo que encontrasse á mão, certo de que tu não acceitarias com menor vontade o presente, ao qual só dás, como deves, o valor da amizade.

Teu tio e muito teu amigo

Joaquim.

7 d'outubro de 1867.

---

(1) 16.º anniversario natalicio de sua sobrinha.

A seu primo José Joaquim Pinto Coelho

I

Meu José

Occupado a redigir officios prosaicamente semsaborões, foi-se me a semana toda sem conseguir da musa, com a qual ando mal avindo ha muito tempo, a fineza de me auxiliar a celebrar em verso o teu anniversario. Pouco exigia d'ella; contentava-me com ser servido como nos annos anteriores, porque por experiencia sabia, poder contar com a tua indulgencia. Nem assim!

Desde que esta caprichosa me viu um pouco inclinado para a prosa, sua rival, deu em fazer pouco caso de mim e vinga-se não me acudindo em occasiões de apertos. Queixa se de que eu só me sirvo d'ella para o não chega; de que, fazendo fallar em prosa as personagens dos meus romances, só a vou incommodar quando ellas estão de maré para cantar cantigas; acrescenta que não está para isso e que já que eu por a prosa a tenho abandonado, que com a prosa me entenda agora.

Eu ponderei lhe que, se me dou melhor com a prosa, é porque esta é mais condescendente, mais prompta em correr, quando eu a chamo e que, se não faço d'ella tudo quanto quero, é certo que a muitas coisas ella se presta a que a musa se não sujeitaria. Apesar dos meus arrasoados, não quiz attender-me. Pedia-lhe rimas, negava-m'as; instava com ella para que forjasse um verso, batia-m'o de mais na bigorna a ponto de me sair esticado; atanasava o até fazel-o côxo, torcido, sem tom nem som. Depois de mil diabruras, ter-

minou por me negar redondamente os seus serviços.

Em vista d'isto que partido tinha eu a tomar? Contar-te sinceramente o que se passou e justificar-me assim da minha falta.

Occorreu-me porém fazer isto mesmo por escripto para deixar documento da minha boa vontade que correspondesse ao anno de 1867 e ao mesmo tempo para mostrar á musa que effectivamente cá me arranjei com a prosa; não muito bem, é certo, mas tambem não muito peior do que por ella musa seria servido.

O que desde já prometto é não me reconciliar tão cedo com a ingrata. Negar-me um favor tão simples! Eu só lhe pedia que me ensinasse a dizer em verso que folgava poder mais uma vez celebrar o teu anniversario; que por muito tempo esperava ainda fazel-o. Pedia-lhe para me ajudar a passar em revista o anno que passou, a fazer balanço ás penas e praseres experimentados n'elle; a mostrar assim que felizmente estes excederam aquellas, que a doença não veio assombrar de nuvens muito pesadas o nosso firmamento, que antes nos sorriu mais benignamente a sorte, abrindo-nos mais largos horisontes ás nossas aspirações. Que applicando as faculdades a tarefas difficeis, mas mais nobres e elevadas, não vimos esgotarem-se em vão os nossos esforços. Que hoje mesmo estamos em vesperas de novos successos. Eu esperando a todo o momento que uma familia inteira e principalmente duas raparigas, (1) filhas queridas da minha imaginação, me venham pedir as bençãos paternaes para se apresentarem em publico, que sabe Deus como as tratará; tu, esperando que fazendo justiça ao teu finalmente já reconhecido merecimento, te venham elevar ao logar que em glorioso combate conquistaste e para

---

(1) Allusão ao romance *Pupillas do Sr. Reitor.*

EDITOR.

o qual parece que vistas providenciaes te andaram a reservar até agora.

Podem ser ainda illudidas essas esperanças mas o que ellas são já é annuncio de uma nova ordem de coisas que, mais cedo ou mais tarde, se realisará. Por isso acceitemol-as como um dos mais saborosos manjares d'este banquete de familia.

E' pois o dia de hoje um dia feliz. Se algumas aspirações houver ainda por satisfazer, não seja isso motivo para turbar a festa. Aspirações ha de natureza tal que não devemos procurar satisfazer porque melhor é esperar que a Providencia, sob a apparencia do acaso, as realise. Quando não, corre-se o risco de terriveis enganos.

Tudo isto era o que eu desejava que a musa me ajudasse a dizer e que, por sua recusa, fui obrigado a exprimil-o por este modo.

Confio que me acceitarás o tributo como se valor tivesse.

20 de Outubro de 1867.

Teu primo e amigo

Joaquim.

II

Meu caro José.

Como os vapores da carreira de Africa não teem dia certo de chegar aqui, vou principiar a escrever-te para não perder a occasião de te mandar noticias minhas. Nada se tem passado de novo que mereça menção, mas, ainda assim conversaremos; da mesma maneira que eu para ir a tua casa não esperava por ter noticias a dar-te, tambem devo prescindir d'essa condição para escrever-te.

E' verdade que tu estás n'uma fase da vida em que menos se sente a necessidade de conversar, mas eu

é que não posso prescindir desse praser, eu que vivo isolado de antigos amigos e convivendo com pessoas que apenas conheço ha quinze dias.

Reli a *Morgadinha*, a qual sahiu bastante mal tratada da composição, o que não admira, attendendo á maneira porque foram revistas as provas.

Não calculo a sensação que produsirá o livro e quasi estimo estar longe de Lisboa e Porto para me vêr livre, pelo menos, dos commentarios oraes. Os criticos, prevejo o que dirão. A complacencia com que foram acolhidas as *Pupillas*, hade ser descontada em todas as publicações que eu fiser. A amortisação principiou com a *Familia Ingleza* e hade continuar.

O Funchal ainda não é a localidade mais propria para eu fugir ás apreciações officiosas dos meus escriptos. Aqui lêra-se já as *Pupillas* e meia hora depois que desembarquei corria na cidade a noticia da minha chegada. Não te pareça o facto extraordinario; aqui os dias da chegada dos vapores de Portugal são dias solemnes. Emquanto se não sabe tudo que de novo dizem os jornaes e a gente que chegou, não acalma a febre que corre a população. Ora o Damião Moreira, lendo a lista dos passageiros e conhecendo o meu nome, disse na alfandega que tinha chegado o auctor das *Pupillas*. Meia hora depois de eu entrar em casa, veio um rapaz d'aqui, de proposito, dar a noticia ás minhas patroas, que já conheciam o livro. Depois houve quem, não tendo ainda lido o livro, sentisse desejos de o lêr por verem o auctor. Isto tem dado logar a cumprimentos na rua (felizmente não me têm obrigado a visitas) que eu dispensava porque ainda não aprendi a responder-lhes.

Renovo o pedido que te fiz de dois exemplares da *Morgadinha* porque não posso deixar de offerecer um ao Damião Moreira e outro ao conego Abel, rapaz muito illustrado, pois ambos me teem feito excellente companhia.

Entreguei aqui as tres cartas que trouxe do Placido; entreguei-as para não faser dar cavaco ao Nogueira Lima e fugir a alguma rabugisse futura por causa d'isso. Valeram-me a massada de bater ás portas dos sobreditos sujeitos e um bilhete de visita de cada um. Engano-me; um delles que é medico fêz-me mais um favor: Não me encontrando em casa, deixou dito que voltaria no outro dia depois das quatro. Perdi o passeio d'esse dia por causa d'elle e o homem não appareceu.

Já vês quanto valem as taes cartas de recommenção.

Outro facto galante: Julgo que o João Bastos em Lisboa pedio a um tal Roberto de Campos, que eu não conheço, para me recommendar aqui. O homem por amabilidade escreveu cartas como se eu fosse conhecido e amigo pessoal d'elle. De maneira que, de vez em quando apparece-me em casa um ou outro individuo offerecendo-me os seus serviços, a pedido do *nosso commum amigo Campos*. Eu fico n'uma posição falsa; se lhe digo que o não conheço, o homem fica a olhar para mim com cara exquisita, como me aconteceu com o primeiro; se me dou por conhecido, sujeito-me a uma pergunta como hontem um d'elles me fez: — Como ficou o Roberto? — Ao que eu respondi, com a maior naturalidade — Bom — e mudei de assumpto.

Aqui passo uma vida muito monotona. Já vou adquirindo habitos e não é sem esforço, que não faço em um dia o que fiz no antecedente. Leio pouco e não escrevo, nem penso em escrever. O meu fastio litterario é mortal. Na tua carta, modificando o plano do Gramaxo, como os nossos ministros modificam o contracto de Sueste, fallas-me em escrever pequenos romances, poesias, miscellanias... Santo Deus! Era uma ampliação e não uma divisão de trabalho! Eu ainda concebo que se um dia, no decurso de um dos meus passeios me occorresse um assumpto que me namorasse,

a ideia principal de um enredo, eu encontrasse depois algum praser em digeril-a, amplial-a e organisal-a e alguma facilidade em pôl-a em execução. Mas conceber cada dia um enredosinho de curto folego e tratal-o em poucas paginas, brincar com um assumpto ligeiro e tirar d'ahi um folhetim publicavel, isso já não é para mim, acredita. Sinto que vou perdendo a pouco e pouco uma certa leveza de espirito necessaria para escriptos d'essa ordem. O cabello vae-me caindo, embranquecendo a barba, os trinta veem ahi perto, a sombra da doença não deixou de escurecer o sol dos meus dias e tudo isto me torna pouco disposto para a litteratura amena.

As minhas patroas teem alguns livros de litteratura que eu não li ainda, pois não senti ainda desejos de os ler.

Aqui não ha livreiros, a não ser de livros de escola, por isso não tenho grande esperança de modificar o meu actual estado de aversão litteraria.

O Francisco Luiz Gomes está aqui no Funchal. Fiquei desapontado quando o vi. E' uma figura que ninguem vê, sem se voltar para tráz depois d'elle passar. Imagina tu um esqueleto, no rigor da palavra, alto, esguio; as pernas a vergarem-se-lhe sob o peso do corpo, a roupa a fluctuar-lhe como se pendurada de um prego, a côr de cobre propria dos indios; os dentes descarnados e salientes. Faz medo, coitado! Ninguem dirá que está alli um homem de intelligencia.

Eu vou tendo mais força e verdadeiramente só agora principio a sentir os beneficos effeitos do clima da Madeira. Tenho a respiração mais livre.

. . . .

Estamos na semana santa, que eu tomára vêr terminada porque não estou para estas solemnidades. Quero-me no tempo em que cada qual faz o que quer. Estas semanas em que todos fazem o mesmo, são insupportaveis.

Tu com mais rasão deves desejar o fim d'este tempo, pois é de crêr que se lhe siga o periodo da tua felicidade. Confio que tu gosarás emfim da ventura que ha tanto procuras em vão.

Agrada-me a ideia de voltar em maio ao Porto e encontrar em tua casa mais alguem a acolher-me. Isso me compensará as faltas que encontrarei na minha, faltas que, para o principio do anno lectivo proximo augmentarão.

Eu ás vezes penso n'este isolamento crescente em que me vou vendo, n'esta diminuição incessante de amigos e de parentes que se faz em volta de mim e pergunto a mim mesmo a que ponto chegará isto e que influencia exercerá no meu espirito? Cada vez sinto em mim menos disposição para contrair affeições novas; receio chegar a um estado de misanthropia que é quasi uma loucura.

Adeus. Escreve-me no paquete de 5. Lembra-me a todos e acredita que tens no Funchal um coração a desejar-te venturas, que é o do teu

Amigo do c.

Joaquim.

Supplemento — Afinal só hoje 5 d'abril chegou o carroção! Mais duas palavras. Segundo o combinado, é hoje o dia do teu casamento. (1) N'essa supposição beberei hoje pela tua felicidade futura porque, a presente, essa, tens tu segura. Acredita que sinto devéras não te poder dar hoje um abraço; reserval-o-ei para a volta. Eu vou vivendo. Estes ultimos dias um pouco

---

(1) Allusão ao casamento de seu primo com D. Maria da Gloria Rodrigues de Freitas, irmã do fallecido professor e publicista Rodrigues de Freitas.

Editor.

encatarroado, graças a um exame que me quiz fazer o dr. Pitta e que me obrigou a estar despido alguns quartos de hora. Esta medicina é uma coisa tão doentia!

A final disse o mesmo que os outros: Cautela com o lado direito. Pomadas, fricções, oleo, e inverno na Madeira. Adeus.

Funchal, 5 de abril de 1869.

Teu primo e amigo

Joaquim.

III

Meu José

Cá estou outra vez na inclita Ulyssea a ouvir os gritos dos vendilhões que possuem a propriedade de me irritar os nervos mais do que os de outra qualquer parte. A viagem não foi má; apenas nos incommodou o calor e o andamento de carroção do comboio, que nos trouxe a Lisboa, julgo que em 14 horas.

Travamos amigaveis relações os companheiros de carruagem. Eramos eu, o Alberto, o Correia, o governador civil de Vianna, que se mudava para Faro e um ex-militar, major julgo eu, hoje empregado da alfandega de Lisboa, que recolhia de Leça, onde estivera a banhos com a esposa, para reassumir as suas funcções.

A senhora tinha lido os meus livros e sabendo, por acaso, quem eu era incitou o marido a vir cumprimentar-me. Este apresentou-se-me como o mais intimo amigo de A. Herculano, o que me fez suppôr que seria o compadre Filippe Sousa, que com o mestre fórma aquelle *duumvirato* de homens honrados que ha em Portugal. A final soube que era o major Lima.

A senhora veio tambem á falla, era natural da ilha da Madeira e conversamos muito a respeito da ilha.

O governador civil, cujo nome, graças á minha ignorancia de coisas politicas, não sei, era um rapaz *sans façon.* O Corrêa na mesma; de maneira que formamos um amigavel club, que já considerava como intruso qualquer passageiro que entrava em jornada de uma estação para outra.

Vim para o hotel Alliança. Dormi excellentemente e agora preparo-me para almoçar.................

Lisboa — Hotel Alliança, 13 de outubro de 1869.

Teu primo e amigo do coração

Joaquim.

IV

Meu caro José

Lisboa — Hotel Alliança, 26 de maio de 1870.

Não sei porque recebi só hoje, 26, a tua carta expedida a 24. Já estranhava a falta de noticias tuas e tinha mandado ao correio saber se havia cartas para mim.

Por aqui estou ainda e provavelmente até 2.ª feira em que tenciono partir caminho do Porto, não sei se com escala por alguma parte.

Não tenho passado peior; apenas com muito calor e muita sêde, que me obriga a metter no estomago toda a qualidade de bebidas.

Ainda não fui ao theatro. A's oito horas, a força do habito arrasta-me para casa e não quero saber de coisa alguma mais. Lisboa ainda não me pôde fascinar. Não me sinto bem aqui. Podia aproveitar o tempo para ver muita coisa que ainda não vi, mas falta-me a vontade e limito-me ao Chiado e Passeio Publico.

Se não tivesse a certeza de que no Porto as distracções serão para mim da mesma força já lá estava.

Mas acho certo prazer em conservar este desejo de voltar a vêr esses sitios, porque sinto que satisfeito elle, não tenho mais a que aspirar e então o fastio é mais completo ainda.

Estimo o que me dizes das melhoras da prima Gloria. Espero que progridam e que cedo ella se encontre restabelecida.

Não me lembra se te tinha ou não fallado nos *Serões da Provincia.* Recebi-os e não me desagradou a impressão.

. . . .

Tenho aqui fallado com o Diogo (1) que está um politicão dos diabos. Andando-se com elle pela rua é-se obrigado a parar de tres em tres passos para cumprimentar outros politicões, desses que enxameiam as ruas da baixa.

No outro dia achei graça a mim mesmo. Tinha o Diogo vindo visitar-me e estava sentado á janella do meu quarto e eu a pouca distancia. No meio da conversa, elle interrompeu-se, bradando para a rua: — Adeus, ó Saraiva, como vae isso? — Era o Saraiva de Carvalho que passava. Bastava-me erguer um pouco a cabeça para ver o homem, vulto notavel da facção Vizeu. Pois não me mechi porque naturalmente não senti vontade de fazel-o. O Diogo como que estranhou a minha indifferença porque me perguntou: — Tu conheces o Saraiva de Carvalho? Respondi-lhe que não. Elle não disse nada, mas creio que não pode conceber um tal grau de indifferentismo.

O Papá já d'aqui partiu levando os passaros africanos que foram meus companheiros durante o meu exilio na Madeira.

---

(1) Diogo de Macedo, engenheiro florestal e deputado por Villa Nova de Gaya.

EDITOR.

Os *Fidalgos da Casa Mourisca* entram no Porto mais proximos do termo da sua educação do que eu suppunha. Aqui mesmo, ao som infernal das rodas dos trens e carroças e dos pregões lisboetas, tenho trabalhado n'elles.

Fico por aqui por não ter mais que dizer.

Recommenda-me a todos

Teu primo e amigo

Joaquim.

A sua madrinha D. Rita de Cassia Pinto Coelho (1)

I

Ritinha

Não quero que me accuse na minha volta de não haver consagrado, a escrever-lhe, alguns minutos das minhas innumeraveis horas de ócio. Eu não sou remisso em escrever; é para mim um entretenimento agradavel e muito mais pela esperança, que me alimenta depois, de uma resposta que me causa sempre verdadeiro praser.

Mas que lhe direi eu nesta carta? Que presentemente me sinto com saude, córado e com um apetite devorador? E' uma noticia tão curta que nem tres linhas occupou. Que neste momento me estão atordoando os ouvidos as mulheres da villa cantando ladainhas n'uma capella visinha? Mas que interesse pode causar isso á Ritinha? Sabe o que mais? Vou contarlhe como passei a noite de hontem.

Imagina talvez que foi alguma noite aventurosa que faça arripiar os cabellos só de a recordar? Pois engana-se; passei-a fazendo casinhas de cartas com uma menina de quatro annos! E o mais é que a pas-

---

(1) Senhora de raras virtudes, muito illustrada e intelligente, irmã consanguinea de José Joaquim Pinto Coelho, primo e intimo amigo de Julio Diniz. Falleceu no Porto em 15 de agosto de 1874 com 49 annos de idade, sendo mais velha 14 annos do que Julio Diniz. Estas cartas e as precedentes a Pinto Coelho foram offertadas aos sobrinhos, herdeiros de Julio Diniz, por seu primo o sr. Carlos Rodrigues de Freitas Pinto Coelho.

EDITOR.

sei soffrivelmente. De cada vez que o edificio se desmoronava, eram gargalhadas interminaveis da parte da creança ás quaes eu e os paes nos associavamos irresistivelmente. Foi isto em casa de um irmão do Correia que vive aqui na villa.

Já vê a Ritinha que com pouco me satisfaço. E' certo que quando me deitei estava contente porque não sei de alegria mais contagiosa do que a das creanças.

Perguntaram-me já aqui a rasão porque, divertindome eu com tão pouco, me conservava ainda solteiro. Foi uma senhora que me fez a pergunta. Eu respondi que, por muitas rasões, sendo uma, a de não encontrar ainda uma senhora que fosse tão facil de contentar. Eu reservava as outras rasões para o caso em que ella se declarasse n'essas circumstancias, o que felizmente não fez.

Hontem fui ao mar; mas não vi a pesca da sardinha. Estou receando que parta sem assistir a esse espectaculo.

Não sei quando partirei para Aveiro; em todo o caso escreva-me a Ritinha para aqui que é mais que provavel encontrar-me ainda.

....

Ovar 14 de maio de 1863.

Seu afilhado e amigo affectuoso

Joaquim.

II

Ritinha

Ovar, 31 de maio de 1863.

A sua terceira carta não escripta em resposta a nenhuma minha, mas espontaneamente ditada pelo de-

sejo de conversar commigo, foi, por esse mesmo facto, uma das que mais apreciei. Deus queira que mais vezes a continuem visitando essas felizes disposições de animo, que me proporcionaram um dos mais gratos passatempos de que posso gosar na villa.

E' para mim um praser inexprimivel receber cartas do Porto, sobretudo aquellas em que foi collaborador o coração e nas quaes transbordam sobre o papel as effusões da alma, sem as reservas ridiculas impostas por uma mal entendida gravidade. Esses colloquios silenciosos que certos espiritos bem formados travam com a natureza, sobretudo na solidão dos campos e durante a mudez de uma noite de estío, são os que eu desejo vêr tambem trocarem-se entre amigos e conhecidos de muitos annos. Estas pequenas confidencias, que indifferentes chamam futilidades, são entre pessoas que se estimam e comprehendem assumpto de agradaveis conversações.

Eu tambem sinto aspirações iguaes ás suas; tambem quizéra por futuro a vida tranquilla do campo e os affectos de uma familia eleita pelo coração para satisfazer esta necessidade de viver por os outros e para os outros, que é um dos impulsos mais irresistiveis da natureza humana. Trocar o rumorejar das turbas por o rumorejar das folhas; viver, amar e até soffrer — já que o soffrimento é elemento indispensavel na liga das nossas sensações — mas á sombra de arvores e no meio da pura atmosphera e aprasivel solidão dos campos, é o ideal dos meus sonhos do futuro, ideal que receio nunca chegue a realisar-se.

E mais não sou eu d'aquelles que descrêem do futuro. Tenho direitos a esperar d'elle um quinhão de felicidade que o passado me negou. E aqui baixinho sempre lhe direi que o espero. E' uma illusão talvez da minha parte; eu sei que ha entes tão malfadados que d'esta vida só chegam a conhecer as lagrimas; sei

que mais do que um desherdado da fortuna podia disêr de si o que disia um poeta:

Au banquet de la vie, infortuné convive,
J'apparus un jour et je meurs!
Je meurs et dans la tombe ou lentement j'arrive
Nul viendra verser des fleurs.

Mas ha em nós sempre um fundo de esperança que nos não deixa acreditar no mal se não quando nos achamos face a face com elle.

E' por isso que não desanimo e diante do véu que me encobre o futuro, estou como o espectador aguardando com anciedade que corra o panno para assistir ao espectaculo que veio presencear e que espera hade corresponder á sua expectativa.

Se alguma vez sinto disposições para a poesia é quando penso isto A primeira que em Ovar pude escrever foi expressando este mesmo pensamento.

O meu passado foi pouco abundante de flôres; uma só persiste, a qual nasceu no meio da aridez e comtudo vicejou e conserva ainda a frescura primitiva; é a esperança, a mais fragante das que podem amenisar a longa campina que atravessamos na vida. Esperarei pois e direi aos outros que esperem.

Basta por hoje

Seu amigo e afilhado

Joaquim.

III

Ovar 10 de junho de 1863.

Ritinha

Novamente me quiz proporcionar o praser de ler uma sua carta e pela minha parte novamente lhe agradeço tambem os momentos de ineffavel e suave gôso

que ao lel-a experimentei. A amisade faz-lhe vêr nas que recebe de mim um merecimento que ellas por certo estão muito longe de possuir, mas essas proprias expressões, que eu reconheço immerecidas, são-me em extremo gratas por me provarem evidentemente quanto me devo ufanar dos sentimentos que as ditam. Apesar de tudo não pude eu, ao que vi, desvanecer inteiramente aquellas nuvensitas que lhe escureciam o horisonte e, não obstante quanto disse a bem do futuro e do inverno, a Ritinha conservou a sua pouca confiança no primeiro e muito má vontade ao segundo. Não lhe serviu a metaphora do terreno fertil e abençoado que mesmo no rigor do inverno se reveste de folhas e de flores. Valha-nos Deus com tanta descrença!

Eu a prégar fé, fé viva e cega no futuro, para com mais resignação supportarmos as amarguras do presente e acalmarmos o mais possivel o acerbo das saudades do passado e estes incredulos que me não attendem!

Eu morro de sympathias por aquelles bemaventurados crentes que vendo quebrar-se-lhes nas mãos o ramo florido de esperanças a que se apoiavam, estendem-as de prompto a outro para se apoiarem de novo. Ha-os tão pertinazes que, infelizes com os paes, apellam para a felicidade de esposos, infelizes como esposos, esperam nas doçuras de paternidade; se os filhos lh'as negam, voltam-se para os netos, até que no fim da vida, quando todo o apoio lhes falta, voltam se para o céo e esperam só em Deus!

Tudo isto é esperar, tudo é appellar para o futuro das injustiças do presente e se os tribunaes regeitam a appellação, não o fará de certo o Tribunal Supremo, sempre aberto e patente, diz a revelação christã, aos desafortunados deste mundo. Viver de esperança em esperança é o volutear da borboleta de flôr em flôr; viver sem fé e com o desalento n'alma, é o arrastar lento e penoso da lagarta á qual só faltam as azas para

se transformar n'aquella. No caso em que fallavamos ha tambem umas azas e póde haver uma metamorphose tão admiravel como a do insecto; as azas são as crenças no futuro; prendei-as a vós, scepticos e desesperados, vereis como vos sentis mais ligeiros.

E esta constancia na fé é fertil em bons e alegres pensamentos; por ella todas as quadras da vida se adornarão de suas flores e a existencia se assemelhará a estas roseiras de todo o anno, ás quaes não são indispensaveis os orvalhos vivificadores da primavera, nem os raios do sol ardente do estio para florescerem. Encontram-as cobertas de flôr os vendavaes do outomno e os furacões do inverno ainda as não vêem tão despidas que não tenham algumas pétalas desmaiadas para alastrar na relva das campinas mais proximas.

Abençoadas roseiras! Disse-me já aqui alguem que eram estas rosas as flores que preferia ás outras, por serem de todas as estações. Quem não hade sympathisar com ellas? Os mais tristes d'este mundo sympathisam com aquelles que no meio da adversidade conservam nos labios um sorriso de conforto e resignação; estas roseiras fazem lembrar os privilegiados de que fallo.

Mas aqui estou eu a devanear e tão longe já do assumpto primitivo! Desculpe-me esta sem ceremonia de conversar; auctoriza-a a amizade que lhe tributo e a confiança que deposito na sua.

Faça o mesmo, falle commigo como costumamos fallar com nós mesmos em horas de silencio e longe do rumor e vozearia do mundo.

Não ha maneira de fallar menos logico nem mais deleitavel. A ordem nas cartas, o methodo ao escrever a pessoas de amizade fazem-me lembrar as ruas direitas e os circulos e ellipses bem traçados e com um rigor geometrico irreprehensivel de um jardim da cidade, regular mas fastidioso; esta confusão e desordem, este successivo afastar e aproximar de um

mesmo assumpto, parece-se com a tortuosidade e curvatura das ruas e avenidas d'um parque inglez, irregulares mas deliciosas.

Acceite-me a intenção e fazendo-me recommendado a todos, receba as saudades do

Seu amigo e afilhado

Joaquim.

IV

Ritinha

Estou lhe em divida ha já bastante tempo. Se não fosse confiar na bondade do credor seria com verdadeiras apprehensões que hoje lhe iria fallar. Mas conheço-o ha tanto que me não fallece o animo ainda. As suas cartas são-me em extremo agradaveis; falla-se muito nellas em coisas do coração e eu por emquanto, fraqueza propria da edade, ainda não pude habituar-me a fazer menos caso d'este sympatico orgão, tão despresado hoje em dia.

Que quer? Pelo coração é que principia a vida e pelo coração é que ella termina. Ama-se antes de conhecer, antes de pensar e quando a intelligencia se embotou pela proximidade da morte, o coração conserva os seus affectos, como o legado precioso que lhe resta de outras mais felizes edades.

Venha pois a collaboração do coração nas cartas que me escreverem que por certo não hei de ser eu que me queixe do collaborador. Eu tambem quero dar-lhe um logar nas minhas, não pondo difficuldades a tudo quanto elle me ditar. Poderia ser inconveniente para com outros o processo, não para com a Ritinha e para com todos quantos se interessam por as sensações intimas que constituem os diversos episodios d'esta segunda vida, que os biographos ignoram, mas

que a memoria do individuo que as experimentou retem mais religiosamente do que os factos succedidos e phases variadas da vida social. Mas d'esta vez o meu coração pouco tem a dizer de novo. Repetir os sabidos protestos de amisade que sente e que desde os primeiros annos sentiu germinar dentro em si, seria insistir em assumptos sabidos e a intelligencia não lhe agradeceria o auxilio na confecção desta carta. Novos sentimentos a revelar, uma destas confissões geraes feitas de amigo para amigo e que tantas vezes nos alliviam do peso de certas apprehensões que nos importunam, fal-a-ía se tivesse tido vagar para proceder a um exame de consciencia escrupuloso e para me interrogar a mim proprio a respeito de alguns pontos obscuros desta vida latente, ou vida do coração, como lhe chamam.

Mas diz-me a Annitas (1) que para uma confissão bem feita são necessarias quatro coisas: 1.ª — Exame de consciencia, 2.ª — confissão de boca, 3.ª — dôr de coração, 4.ª — a satisfação da obra. Já disse que não fiz ainda o exame de consciencia; a confissão de boca não a posso igualmente fazer por isso que estou longe; restam-me a dor de coração, de que não estou de todo isento, e a satisfação da obra. que não sei bem o que é. A Annita diz-me que é satisfazer a penitencia que nos dá o confessor e alem desta outras muitas para desconto dos nossos peccados. Não sei qual a penitencia que a Ritinha me imporia, se eu conseguisse fazer a confissão, mas que eu faria a diligencia para a satisfazer é certo. Em todo o caso terei de addiar esta confissão, visto a ausencia dos predicados para ella sair bem feita.

---

(1) Sua sobrinha, que tinha então 13 annos incompletos.

EDITOR.

Hontem escrevi ao José convidando-o a vir ter commigo uma noite. Escusado é dizer que a presença da Ritinha não me causaria pequeno prazer. Então sim que melhor poderia eu realisar o que não pude n'esta carta apesar dos bons desejos. Mas é que nem sempre a gente tem aquellas disposições de espirito necessarias para todos os intentos e hoje as minhas são avessas a confidencias. Com vontade as faria de viva voz, mas a maneira lenta por que ellas se fazem por escripto não pode ser supportada pela minha impaciencia, que não sei porquê acordou esta manhã muito excitada.

Até breve. Peço recommendações para toda a familia e envio-lhe com esta carta as saudades do

Seu afilhado e sincero amigo

Joaquim.

Ovar, 17 de junho de 1863.

V

Ritinha

Eu nem sei como me hei de apresentar diante de si depois de lhe ter desobedecido, usando de um praso bem mais longo do que o que me concedeu para voltar ao Porto. Mas acredite que não esfriaram em mim aquelles desejos de tornar a ver reproduzidos os meus habitos de vida portuense, d'aquella vida pachorrenta que eu vivia com meia dusia de pessoas intimas e com meia duzia de livros e folhas de papel. Tenciono voltar breve; quando, não o digo ao certo para não faltar a uma promessa. Prometter é sempre perigoso.

Ha tantas contingencias na vida que não sei que haja promessas em cuja estabilidade nos possamos fiar. Nem quando essas promessas são ditadas pelo coração. Eu, que sympathiso com elle, reconheço porem que é tão inconstante e susceptivel de se esquecer, que sempre hei de faser por ser muito prudente em promessas de que elle seja a garantia. E já que fallamos n'isto, na ultima carta sua disse-me que voltasse breve para o Porto e que não levasse muitas saudades de Ovar. Essas, peço-lhe agora que m'as deixe levar n'um cantinho da bagagem. Passar mais de dois mezes longe do Porto e da companhia d'aquellas pessoas que mais estimo e no fim de tão longa ausencia voltar sem uma recordação saudosa como recompensa d'ella, seria infelicidade de mais. Deixe-m'as levar; é um pequeno ramo de flores silvestres que destino para o meu cofre de recordações; pouco logar occupam e o perfume que exhalam é tão disfarçado e subtil que poucos o perceberão. Ha flores assim que só os sentidos muito delicados lhes reconhecem o perfume e, se certos sentimentos se podem dizer flores d'alma tambem nem todos os sentidos interiores estão educados para as presentir.

Mas a Ritinha ha de reconhecel-as e de certo não rirá da pobresa do meu ramo. Para quem gosta deveras das flores, nem só as dos jardins são de apreciar; as pobres que nascem sem cultura pelos campos teem ás veses mais suave perfume no meio da sua singeleza.

Adeus. Faça-me lembrado de toda a familia e receba as saudades do

Seu afilhado e amigo sincero

Joaquim.

Ovar, 13 de julho de 1863.

VI

Ritinha

Partindo do Porto era com tenções de não deixar passar o dia 29 de julho sem ir conversar com os meus amigos da rua de S. Miguel. (1)

A facilidade de transportes com que actualmente se percorre o espaço que me separa do Porto, fasia-me suppôr a possibilidade de realisar este intento, mas agora mesmo me acabo de convencer que talvez não seja de tão facil realisação como julgava. Ainda bem não tinha dado meia dusia de passos em Ovar, já me tomavam, com projectos meditados antecipadamente, os primeiros dias que devia aqui passar. Ainda ámanhã farei uma tentativa, mas como desconfio do bom exito d'ella, escrever-lhe-ei hoje porque no caso de eu pessoalmente me não encontrar com a mais familia a festejar o dia que tantas vezes tenho festejado, vão ao menos as minhas palavras associar-se ás que outros de viva voz lhe dirigirem congratulando-a. Hoje não escreverei a mais ninguem, travarei comsigo uma destas conversações faceis em que nada nos constrange, em que é desnecessario reler o que se escreveu por se estar certo da indulgencia de quem recebe a carta. Conversemos pois; supponha que me sentei no seu quarto e principiei um destes dialogos em que se não discute nada interessante, no sentido utilitario da palavra e que, não obstante, tanto nos interessam.

Um dia de annos é sempre um dia de recordações; poucas são as almas tão desprovidas de alegrias no passado que n'estes dias se não sintam dominadas pelo sentimento delicado e ao mesmo tempo delicioso e

---

(1) Familia Pinto Coelho.

Editor.

amargo que nós chamamos saudade. Lembram todos os momentos passados nestes dias consagrados aos affectos da familia. E nos intervallos das manifestações da alegria presente, uma certa melancolia nos acommette e o espirito, a furto, realisa as suas excursões nas regiões encantadas de um passado que para sempre volveu.

Mas esta contemplação do tempo passado tem seus encantos, é uma satisfação para os infelizes do mundo recordarem-se de que houve uma epoca em que provaram a felicidade. A illusão ás veses é tão completa que chegamos a imaginar-nos transportados a essas epocas que passaram e cujo verdadeiro valor só apreciamos agora.

Por isso eu não interrompo essas meditações a que involuntaria e irresistivelmente nos entregamos nestes dias; ellas tem bastante de agradavel na sua melancolia. Respeito-as, como desejo que façam ás minhas.

Ora está-me a parecer que no dia em que receber esta minha carta ha de ter experimentado alguma coisa d'isto que digo. Alguns dias do passado hão-de surgir-lhe, mas já com as alegrias de então coloridas com as magicas tintas com que o tempo completa as suas obras. Nesses momentos é justificada a melancolia e justo é que se respeite. Não a sentir seria uma ingratidão para com o passado, de que só as almas menos delicadamente formadas seriam susceptiveis. Mas, de quando em quando, afastam-se essas nuvens que nos escurecem a perspectiva e por alguns instantes entregamos-nos todos á communhão de alegrias, que nos nossos mais proximos parentes e amigos intimos se manifestam n'estes dias.

Domine-se, Ritinha; faça, por momentos calar as recordações que a impellem á melancolia e acceite os gosos ainda que limitados do presente, com fé e esperança. São estas duas irmãs as melhores companheiras que podemos tomar para as jornadas da vida.

Mesmo quando percorramos caminhos agros e juncados de espinhos, tão enlevados vamos que nem reparamos que os pés são lacerados pelo trilho que pisamos e, fitos os olhos na extremidade da estrada, que ás vezes nem chegamos a attingir, esquecemos as difficuldades e estorvos com que luctamos no presente.

Ai bem fadados os tristes
Que nunca perdem a espr'ança;
Sempre com fé no futuro
Nunca o soffrimento os cança.

Nunca lhes fallece o alento
O alento quasi divino.
Nunca nas mãos se lhe verga
O bordão do peregrino.

E como o antigo romeiro,
Visitando a Palestina,
Pisava os areaes ardentes
Com resignação divina,

Assim elles esp'rançados
N'um porvir longinquo ainda
Passam affoitos na viagem
Com uma fé que nunca finda.

E quantos, quantos não morrem
Por esse extenso deserto!
Quantos succumbem cançados
Quando se julgavam perto!

Mas embora succumbindo
Vendo a morte que se avança
O som que lhes sae dos labios
E' ainda um hymno d'esperança

Pois quando de todo findam
As esperanças da terra
A alma aspira os perfumes
D'aquellas que o ceu encerra.

Confiemos pois, confiemos
Não abatamos a fronte.
Esperemos que o sol resurja
D'um ponto do horizonte
....

Se lhe agradarem estes versos, mal alinhavados, recompense-me enviando no seu dia de festa uma saudosa lembrança

Ao seu afilhado e intimo amigo

Joaquim.

Ovar 28 de julho de 1863.

VII

Ritinha

E' á pressa que lhe escrevo hoje pois ouço já tocar o sino para a missa e não quero faltar a este dever de catholico que quasi todos os domingos observo.

A missa ouvida aqui na Egreja recorda-me a de S. Francisco á qual se prendem já tantas memorias d'outros tempos que não posso entrar alli sem experimentar uma certa commoção.

N'este ponto sou como a Ritinha, sympathiso com o sino de S. Francisco. (1) Parece-me que elle sabe parte da minha vida; aquelles santos conhecem-me e quando voltar ao Porto e entrar na Egreja, onde ha tantos annos elles existem, quasi espero vel-os saudarem-me como a um amigo velho.

---

(1) Do extincto convento de S. Francisco.

EDITOR.

Quantas vezes encostado ás grades da nave direita d'aquella Egreja, quando ainda ella está despovoada de fieis e por tanto mostrando melhor toda a solemne severidade da sua architectura, eu deixo correr o pensamento pelo passado onde me surjem, á luz da saudade, as imagens d'aquelles que, em tempos mais felizes alli encontrava tambem. Tem-me acontecido engolfar me tão profundamente n'estas reflexões que quasi perco a consciencia do logar onde estou e me julgo transportado a um passado de que nunca me recordarei sem uma triste desillusão pela aridez do presente. Agora porem reparo que ha de estar notando na minha linguagem uma differença consideravel comparando-a com a que empregava nas primeiras cartas que lhe escrevi.

Então, fasia a apologia do futuro, hoje faço o elogio do passado. Ora quem falla muito no que foi, é porque se sente pouco de animo para se occupar do que ha de ser. Quem sae de um enterro pouco pode desejar assistir a um baptisado. Mas é que effectivamente n'estes ultimos tempos eu não tenho podido gabar-me de possuir, no grau que recommendava aos outros, a primeira d'aquellas tres virtudes, que dão a quem as possuir devéras, a felicidade que é possivel na terra e que, se não se enganam os vistos e entendidos em assumptos theologicos, lhes devem abrir tambem as portas do céo.

O José promette-me uma descompostura por causa d'isto; aguardo-a com impaciencia a vêr se terá o poder de me curar.

Eu confio que a doença não seja de desesperar e que, mesmo sem medicamentos ella passaria; comtudo sempre é bom não confiar demasiadamente nas forças medicatrizes da natureza. Em medicina eu não sou dos mais amigos de medicamentar a humanidade enferma, mas tambem não deixo as coisas correrem á sua vontade e, sendo preciso, até um caustico receito.

Ora n'estas doenças moraes ha tambem os seus causticos e Deus queira que elles me não sejam nunca precisos, pois não seria o medo que me faria recusal-os. Por isso se souber de algum abençoado medicamento moral que me possa curar, receite-m'o sem escrupulo. Verá como eu me sujeito ao tratamento com a obediente submissão do enfermo.

Que a Ritinha é bom medico para estas molestias conjecturo-o, por saber que tem experiencia de sobra; resta-me provar-lhe que sou bom doente, o que eu proprio ignoro.

Adeus, por hoje, recommende-me a todos e transmitta-lhes tambem as saudades do

Seu afilhado e amigo verdadeiro

Joaquim.

Ovar 9 de agosto de 1863.

VIII

Funchal 19 de abril de 1870.

Ritinha

Recebi com muito prazer a sua carta como a de uma das pessoas que mais estimo e á qual me prendem laços de amisade e affeições e memorias communs.

Na vida desconsolada e insipida que aqui passo ha verdadeiramente só duas occasiões de satisfação para mim. A primeira é quando recebo e leio com ardor as cartas da familia e dos amigos; a segunda é em alguns momentos em que me esqueço da realidade em

que vivo, por muito me engolfar em um certo mundo que ando construindo e na convivencia de umas creaturas que me devem a tal ou qual existencia de que principiam a gosar (1).

Já vê que eu tambem tenho filhos e experimento um pallido reflexo dos gosos da paternidade, que na sua mais intensa manifestação está agora saboreando o nosso caro José.

Estes meus filhos teem a vantagem de só chorarem quando eu quero e nas condições que lhes são por mim impostas. Penso como pae no destino que lhes devo dar; mas tenho n'isso mais directa e segura intervenção do que os verdadeiros paes a teem em relação aos seus filhos. Emfim vou-me contentando com esta meia paternidade, assim como o faço com todos os gosos da vida, dos quaes uso sómente em meia força para não prejudicar a minha saude.

E comtudo imagino que deve ser agradavel principiar outra vez a viver na vida de um filho. Ainda ha pouco tempo um amigo meu, que é pae, me escrevia dizendo-me que soffrera mais uma vez os incommodos da dentição, porque sentira tudo quanto a filha sentia ao romper-lhe os primeiros dentes. São esses gosos e impressões que se preparam para o José, para quem os successivos periodos da existencia da filha vão ser como que uma recapitulação da propria existencia.

O que é pena é que estes prazeres tão puros e consoladores sejam amargurados pela doença, essa terrivel perseguidora de nossa familia, á qual nós devemos os unicos infortunios que nos tem feito soffrer. Espero porem que a crise passará e que cedo n'essa casa não haja sombras a escurecer o tentador quadro de familia que n'ella se encerra.

---

(1) Referencia ao romance «Os Fidalgos da Casa Mourisca».

EDITOR.

Peço-lhe que se incumba em meu nome de recommendar prudencia ao José nos seus disvellos, aliás naturalissimos, e coragem á prima Gloria.

A' sua nova afilhada dê um beijo de mando de um afilhado mais antigo e a toda a familia muitas saudades. Creia sempre na affeição que lhe tributa

Seu afilhado e muito amigo

Joaquim.

A Alexandre Herculano

Recebi hontem uma carta do meu amigo A. Soromenho, na qual elle teve a bondade de me communicar a opinião, em extremo lisongeira, que V. Ex.ª formava de uma producção litteraria minha — «As pupillas do senhor reitor» — que eu lhe pedira para sujeitar á valiosa apreciação de V. Ex.ª.

Quando o alvoroço, em que a noticia me deixou — alvoroço a que n'este caso, não sei de espirito que fosse superior — me permittiu, serenando, conceber um pensamento, foi o primeiro o de agradecer do coração a benevolencia de tal juizo, tanto mais para apreciar, quanto, vindo da origem que vem, é alem d'uma grande recompensa a um pequeno trabalho, um grande estimulo para trabalhos novos.

Peço pois a V. Ex.ª que se digne acceitar por isso a minha profunda gratidão.

Mas o primeiro obsequio recebido anima-me a rogar mais um. E' que me seja permittido, quando publique em volume o meu romance, fasel-o apparecer, dedicando-o a V. Ex.ª, sob a egide de um nome tão justa e unanimemente respeitado.

N'isto ha uma especie de restituição tambem. Este romance, das «Pupillas» é a realisação d'um pensamento filho das impressões que, desde a edade de doze annos, tenho recebido das successivas leituras do «Parocho d'Aldeia.» O meu reitor não fez mais do que seguir, a passo incerto, as fundas pisadas que o

inimitavel typo creado por V. Ex.ª deixou na sua passagem.

Mais d'uma razão milita a favor do meu pedido; tenho fé que me não será recusado.

Além de que, estas minhas pobres «Pupillas» não podiam encontrar asylo mais do seu gosto, do que na solidão no Valle de Lobos. Seria crueldade cerrar-lh'o.

Ser-me-ha dado encaminhal-as para lá?

Porto 7 de Abril de 1867.

De V. Ex.ª

O mais obscuro e mais obrigado discipulo

Joaquim Guilherme Gomes Coelho.

Ao Sr. Visconde de Castilho (Julio) [1]

I

Meu amigo

A extrema bondade, com que me tratou durante a minha demora em Lisboa, anima-me a escrever-lhe para lhe pedir mais um obsequio; — é o de me desculpar para com seu bondoso pae, o Exmo Sr. Antonio Feliciano de Castilho, por não concorrer ao serão do Sr. Latino Coelho na noite de domingo. Realisou-se o que eu previra, fui obrigado a partir n'esse mesmo dia. Fiquei assim privado do prazer de ouvir mais uma obra prima da benemerita e incançavel penna do nosso grande lyrico.

Chegaram-me aqui os eccos dos applausos, com que a leitura foi a cada momento interrompida, e fizeramme sentir inveja dos que assistiram a ella.

Faço votos para que cedo possa pagar a minha divida, applaudindo no theatro o que não pude applaudir na salla.

Rogo-lhe o obsequio de transmittir os meus respeitos a seu pae e a sua Exma esposa, cujo affavel acolhimento recordarei sempre reconhecido.

---

(1) Ao sr. Visconde de Castilho agradecemos a amabilidade de nos confiar estas cartas para serem transcriptas.

Editor.

Se aqui no Porto de algum prestimo lhe poderem ser os meus serviços, disponha de quem é

seu amigo agradecido e sincero admirador

Joaquim Guilherme Gomes Coelho.

Porto 1 de abril de 1868

II

Meu caro Julio de Castilho

Estava fóra do Porto quando me procurou a sua amavel e apreciada carta. Remetteram-m'a para a praia de Leça da Palmeira, onde eu me refugiára dos ardores caniculares de agosto. Não foi das menos agradaveis impressões que trouxe d'este desafogado mez de férias as que a leitura da sua carta me proporcionou; não que eu me convencesse de que me eram cabidas aquellas expressões, de que se serve em toda ella a meu respeito; mas porque, interpretando-as como symptomas da sua amizade, lisongeava-me a interpretação, como homem que ainda sou sensivel á acquisição d'um amigo.

Agradeço-lh'a pois por tal motivo e prometto nunca deixar de ser grato ao affectuoso acolhimento que fez ao meu livro, como o sou ao que meses antes lhe mereceu já o author.

Recorda-me um projecto que formei em março de voltar a Lisboa, quando melhor podesse travar relações com ella; e bem vontade tinha eu já de realisar esse projecto. Mas no estado actual do serviço no estabelecimento scientifico a que pertenço, onde estão

tantas vagas por preencher, não posso ainda saber se conseguirei já n'estes meses proximos satisfazer o meu desejo.

Se não poder em pessoa acceitar o seu tentador convite de ir visital-o á solidão onde se refugiou creia que em espirito o vou visitar, muita vez, eu que por indole e por habito fujo aos ajuntamentos e me comprazo nas solidões *affectuosas,* como essa que me descreve. N'esse ponto ha parentesco nas nossas tendencias, ao que parece.

O que lhe desejo é que Deus o livre das más interpretações a que as indoles assim andam sujeitas e de que eu já tenho sido victima.

Adeus, até á vista ou até quando a sua amizade quizer de alguma maneira lembrar-se de mim.

Peço o apreciavel favor de transmittir a sua esposa os meus respeitosos cumprimentos e de me fazer lembrado de seu Exmo pae e manos.

Obsequeia-me dispondo da amisade pouco valiosa do

seu aff.º e reconhecido amigo

Joaquim Guilherme Gomes Coelho.

Porto, 12 de Setembro de 1868.

III

Meu amigo

Ha perto de dois mezes que tive o prazer de receber o volume das suas poesias com uma delicada e lisongeira dedicatoria.

Ainda não accusei a recepção d'elle, nem lhe agradeci o obsequio do offerecimento, porque desde então

tenho luctado com uma pertinaz molestia de que ainda hoje me considero mal convalescente. Sem poder sahir, sem poder ler nem escrever, imagine a agradavel vida que tenho passado este hinverno, tendo por unica distracção ver cahir uma chuva torrencial e incessante e ouvir o assobiar do sul nas janellas do meu quarto.

Desejo do coração que em toda a sua vida o meu amigo não experimente uma pequenissima fracção sequer dos tormentos moraes, ainda maiores de que os physicos, que eu tenho experimentado, desde fins de Outubro.

No meio d'isto tudo era-me delicioso allivio, ouvir ler, nos momentos em que o meu espirito serenava mais, algumas das bellas composições do seu livro, em tudo digno de ser firmado com o nome de Castilho.

O meu amigo não podia esquecer o «Noblesse oblige» de fidalguia antiga. O meu amigo cumpriu admiravelmente as exigencias litterarias do seu illustre nome...

Que os primeiros versos não sejam os ultimos é quanto eu desejo e espero e julgo que commigo todos quantos os leram.

Perdoe-me ser tão laconico. Sinto ainda tremer a mão e receio que a medicina me ralhe. Fico por aqui.

Se o tempo melhorar talvez, seguindo o conselho da sciencia, fuja por algum tempo dos meus patrios nevoeiros e vá respirar em Lisboa um ar mais adequado aos meus pobres pulmões.

Nesse caso espero aceitará um abraço do

seu mt.º am.º e adm.or

J.m G. Gomes Coelho.

Porto 1 de Janeiro de 1869.

IV

Meu caro Julio de Castilho

Resolvi. Parto na sexta feira.

Não se incommode porem para obter-me as informações, em que fallamos. Encontrei ha dias um patricio meu, chegado recentemente da Madeira, que me deu as precizas indicações para eu me orientar na ilha.

Agradeço-lhe porem cordialmente os seus offerecimentos, como se d'elles me utilisasse.

Ponho á sua disposição, e de todos os seus, os meus fracos serviços na ilha.

Recommende-me a seu illustre pae e manos e creia-me

seu sincero e reconhecido amigo

Gomes Coelho.

Lisboa 2-3-69.

V

Funchal 10 de Abril de 1869

Meu caro Julio

Recebi com inexprimivel prazer a sua carta. Na monotona vida que passo n'esta ilha, é a chegada dos vapores de Portugal o acontecimento que mais me alvoroça o coração.

Nunca tinha experimentado o que é passar quinze dias em absoluta ignorancia do que vae nas casas por onde deixamos os mais intimos e sagrados affectos de alma. E' desesperador!

Viver no meio d'uma população obsequiadora e affavel, mas onde não vemos um só rosto que conhecessemos quinze dias antes, olhar em roda de nós e encontrar para todos os lados o mar, a separar-nos cruelmente dos nossos amigos, e sómente em raros dias, á espera dos quaes se passam melancolicamente os outros, avistar ao longe uma nuvemzinha de fumo a prometter-nos as almejadas novas... é um estado de tal influencia sobre a innervação que, em grande parte annulla os beneficos effeitos d'este maravilhoso clima.

Sim, meu amigo, tenho aqui soffrido repetidos accessos da minha já agora habitual e incuravel doença — a melancolia ou mais prosaicamente — a hypochondria.

Imagine pois com que ancia rasgo os sobrescriptos das cartas que recebo e vou ao fim da pagina procurar o nome d'um amigo.

D'esta vez li, entre outros, o seu, e saudei-o como uma visita bemvinda á minha solidão.

A agradavel impressão, com que encetei a leitura, desvaneceram-na as primeiras paginas da carta em que me falla da doença de seu pae.

A noticia magoar-me-ia, quando ainda me ligassem a elle os simples laços que unem leitores e authores, laços que no caso actual, datam do tempo das minhas primeiras leituras.

Mas depois de me ter sido dado o conhecer pessoalmente o escriptor, depois de ter recebido d'elle as mais lisongeiras provas de sympathia, depois de o ter visto na vida de familia e admirado como pae, quem ha muito admirava como poeta, a impressão foi e devia ser muito mais profunda.

Felizmente creio que será apenas uma nuvem que

passa no ceo da sua felicidade domestica, meu amigo, essa que o faz triste. Das suas proprias palavras, assim o julgo. Os meus votos reunem-se aos seus para que cedo possa seu pae entregar se inteiro á familia, á patria e á humanidade.

Deixe-me passar em claro o muito que diz do meu livro, que tão malfadado foi, que nem as provas lhe vi. Tenho aqui um exemplar, mas é tal o meu indifferentismo ou, melhor direi, o meu fastio litterario que ainda nem animo tive para o passar por os olhos.

Dizem-me porém que lhe não faltam delictos typographicos de assustar.

As suas observações parecem-me justas e sinto sómente que não desse mais largas á sua franqueza ou perdesse o medo de me ferir a susceptibilidade de escriptor, de todas a mais sujeita a pruridos.

Mas, ó meu caro Julio, o meu estado de espirito actual torna-me inteiramente insensivel aos encantos do elogio e aos amargores da censura. Os criticos mais atrabiliarios podem dar sem commiseração, que dão n'um homem, senão morto, pelo menos profundamente anesthesiado.

Emquanto ao conselho de reforma para uma segunda edição, não o seguirei ainda quando o meu livro tenha de ter uma segunda edição, caso muito hypothetico. Eu tinha havia muito, por systema não alterar, senão em coisas minimas, qualquer livro que publicasse.

Os leitores e compradores da primeira edição teem direito a que nas subsequentes se não dê nem mais nem menos do que o que appareceu na primeira. A ausencia d'um aleijão que se mutilou, julgando melhorar a obra, é ás vezes lamentada por um leitor singular. Depois, formada uma vez opinião a respeito d'um livro, de nada valem reformas para a modificarem; morre ou vive agarrado a ella.

Esta era, como disse, a minha opinião, a qual fol-

guei de encontrar confirmada n'uma das paginas do Werther. Vendo-a auctorisada por Goethe, adoptei-a para o meu credo litterario e custa-me sempre mentir a um dos artigos dos meus credos, de qualquer natureza que sejam.

Demais a uma obra d'aquellas faz já o author muito favor, se a relê, depois de publicada; reformal-a é importancia demasiada.

Adeus, peço que me faça lembrado de seu pae e de seu mano, que transmitta os meus respeitos a sua Ex.ma esposa, mãe e mana e creia sempre na affeição e sympathia do

seu reconhecido amigo

Gomes Coelho.

P. S. Esquecia-me agradecer-lhe o offerecimento que me fez de tratar da prorogação da minha licença. Tenho porém necessidade de ir em maio ao Porto.

No inverno talvez volte á ilha.

G. C.

VI

Meu caro Julio

Escrevo-lhe para me congratular comsigo e com os seus pelo restabelecimento do seu bom pae.

Passei em Lisboa, de volta da Madeira, na epoca em que os jornaes do dia o davam por seriamente doente. Foi isto o que me impediu de realisar a tenção com que vinha de ir visital-o.

Em transes de familia, como aquelle porque a sua estava passando, só os muito intimos são bemvindos á cabeceira do enfermo. Eu receiava ser importuno; não fui.

Segui porém anciosamente a successão das phases da molestia, tal como a imprensa periodica a descrevia; e agora que d'ella soube ter entrado em convalescença o illustre doente, é que entendi poder associar a minha voz ás de tantos que o estavam felicitando, exprimir-lhe o jubilo com que recebi a boa nova, boa não só para a familia, como para a patria, que como tal a saúda.

Adeus, meu amigo; não lhe quero roubar mais tempo, que todo elle deve parecer pouco para as alegrias domesticas.

Disponha sempre do

seu amigo muito reconhecido e admirador.

Porto, 18 de Junho de 1869.

Joaquim Guilherme Gomes Coelho.

Ao Sr. José Pedro da Costa Basto (1)

Meu caro amigo

Funchal, 20 de Janeiro de 1869.

Julguei que não teria tempo de lhe escrever por este correio e por isso lavrei na carta para o Soromenho um *post scriptum*, que esta carta inutilisa. O mar do Funchal quiz finalmente mostrar-se-me com cara de mar, que ainda lhe não conhecia; salta, ronca e espuma de maneira que o vapor ainda não poude descarregar e portanto não sae amanhã. Em tal caso, aproveito, com muito prazer, a occasião para responder á sua carta, a qual recebi com tanto maior prazer, quanto mais inesperada foi a surpreza.

Fallo-lhe com franqueza; não sei porque, tinha o meu amigo na conta de remisso n'estas coisas de epistolographia e por isso fiquei extremamente penhorado, assim que li o seu nome por baixo d'uma carta, cuja letra desconheci. Creia que do coração lhe agradeço a lembrança.

Não sabe o prazer com que se recebem aqui as cartas dos amigos. E' geralmente um dia de febre o da chegada dos vapores. O motivo principal da sua carta augmenta o meu reconhecimento. Uma fineza egual devo ao Soromenho, que tambem me mandou

(1) Ao Sr. José Basto consignamos o nosso reconhecimento por nos ter confiado estas cartas.

EDITOR.

uma receita experimentada com efficacia em doenças analogas á minha. Isto prova-me que por ahi ando eu ainda na lembrança dos amigos e não posso ser indifferente a provas taes.

Sabia da receita do balsamo. E' tambem aqui muito aconselhada, o que depõe a favor d'ella por serem n'esta terra todos especialistas de molestias pulmonares.

Ainda não o experimentei porque tenho sentido melhoras *sine arte* e, quando isto succede, entendo eu apezar das minhas cartas e insignias professoraes, que não é prudente entrar a medicina em scena. O copo de vinho do Porto bebo eu todos os dias, não em jejum mas ao jantar e d'esse não tenho nada a dizer, que não seja em seu louvor. Rir não podia eu da sua receita, porque ha tantas razões para acceitar essa como muitas que os medicos formulam.

Não crimine a auctora do romance em que fallei ao Soromenho. A impressão que me causou o paragrapho que citei não foi profunda. Notei-a por achar singular a lembrança, que teve a auctora, de me mandar o livro em que escrevera aquillo quando não sabia em que estado de doença elle me viria encontrar.

Tenho vontade de seguir os conselhos que me dá relativos a trabalhos litterarios porque hoje a unica maneira de minorar os symptomas moraes da minha doença, é andar com a cabeça pelos mundos da imaginação. E, se puder hei-de fazel-o, mais para distracção do que para gloria minha e muito menos *do paiz* (Esta foi a phrase mais maliciosa da sua carta).

Retribua ao mestre as suas recommendações. E'-me grato saber que elle ainda conserva uma recordação do seu hospede de Valle de Lobos.

Um abraço a seu irmão e creia-me

seu muito amigo

Gomes Coelho.

II

Meu caro amigo

Agradecido pela sua carta e desde já lhe peço desculpa do que, estouvadamente, disse na minha anterior a respeito de preguiça em escrever.

Creia que não ia n'aquellas palavras a menor intenção de offendel-o. Reconheço que, se havia motivo para tal censura, era antes da minha parte, porque deixei sem resposta uma carta sua do anno passado. Qual fôra a rasão d'essa falta não posso eu já descobrir; mas aquelle anno foi para mim uma epoca excepcional; nem eu sei como ainda tive cabeça para algumas coisas que durante elle fiz. Por isso não se poderá, sem demasiada severidade, tornar-me responsavel por o que então pratiquei ou deixei de praticar e nem da sua já provada bondade para commigo espero taes rigores.

O meu estado de saude tem-se resentido bastante do inverno que aqui tem feito, não tão rigoroso como no continente, mas excessivo para a ilha, onde não ha memoria, mesmo entre os velhos, de outro inverno egual.

Espero comtudo que estes incidentes desfavoraveis não conseguirão aggravar o meu estado a ponto de fazer-me arrepender de ter vindo á Madeira.

Confio que os dois meses que me faltam para terminar o tempo desta estação hygienica me desforrarão do tempo perdido.

Distracções sómente aqui nol-as fornece a lucta eleitoral descabellada e furiosa como em poucas partes. A politica da ilha é das mais malcreadas que tenho visto. As gazetas mimoseiam-se com epitetos, um só dos quaes daria fundamento sufficiente para uma policia correcional. Eu não pude ainda interessar-me por esta

contenda, nem tomar partido entre o decimo quarto morgado do Caniço e Dr. Affonseca de um lado e o Heredia e um tal Dr. Vieira do outro, de maneira que falta-me este meio de diversão e fica-me só o recurso de contar os dias que me faltam para mudar de vida e de terra.

Não lhe tomo mais tempo; ficarei por aqui, pedindo-lhe que acredite sempre, e apesar de tudo, na sinceridade da affeição do

Funchal 20 de março de 1870.

Seu muito amigo

Gomes Coelho.

III

Meu amigo

Principio a escrever-lhe ás 11 horas da noite. Não é porque tenha coisa importante a communicar-lhe mas porque de dia o tempo em que não tenho que faser na Escola passo-o estendido em um canapé, deliciando-me na leitura dos periodicos politicos onde se narram as heroicas façanhas da dictadura que felizmente nos rege ou contemplando a grata perspectiva d'uma proxima suspensão de pagamentos. E não ha arrancar-me d'esta indolencia.

E comtudo sentia vontade de escrever-lhe para saber de si e de seu mano e do Soromenho e para lhe agradecer a carta que me escreveu.

Faço-o agora. Peço lhe para me desculpar o cumprir tão tardiamente este dever. Em falta estou tambem para com seu mano, a quem ainda não dei os parabens pela justiça que lhe fiseram; que isto de faserem justiça a um homem é negocio muito para parabens em um paiz de pataratas como está sendo o nosso.

Peço-lhe que lhe dê por mim um abraço exprimindo a minha sincera congratulação.

Fallando de mim, tenho a diser-lhe que vou muito soffrivelmente. Tive um pequeno incommodo ha perto de um mez, mas já me restabeleci e hoje estou melhor do que antes de o experimentar. Se assim continuar, não tenho rasão de queixa.

Espero que a sua saude e a dos seus seja boa e que o meu amigo gose d'aquella satisfação de espirito que pode gosar um homem de bôas intenções em um paiz como o nosso e n'uma epoca de tanta pouca vergonha.

Acceite muitas saudades deste

Seu amigo muito obrigado e affeiçoado

Joaquim Guilherme Gomes Coelho.

Porto 14 de julho de 1870, 11 horas da noite.

IV

Meu caro amigo

Ahi vae a minha vera effigie. Oxalá que eu possa sempre satisfazer tão promptamente os seus desejos.

Mas como o tempo não vae para desinteresses, lembro-lhe que é de justiça recompensar-me mandando-me tambem o seu retrato, que ainda não tenho, e obter-me o de seu mano, cuja divida está ha muito mais tempo em aberto.

Tenho passado soffrivelmente apesar de permanecer no Porto em consequencia de um incommodo de meu pae. Espero porem por estes dias ir para mais perto de arvores e para mais longe dos politicos, se é

que antes algum inesperado acontecimento me não obrigar a vestir a farda miliciana e a immobilisar-me.

Os lavradores queixam-se da falta de agua; eu porém não posso deixar de me congratular por causa d'isso; quando a atmosphera se carrega de vapores é quando passo mal. O peior é que se vae aproximando o tempo de emigrar e esta vida de ave de arribação principia a bulir-me com os nervos. Resignemo-nos porem, que é o grande remedio das coisas que não o teem.

Pela sua carta vejo que tem passado bem e que se retemperou n'aquelles bons ares de Valle de Lobos. E seu mano? Não aproveita algum tempo para descansar? Passará toda a estação entre os pergaminhos da Torre?

Escuso de dizer-lhe que desejo me faça lembrado d'elle, assim como do Soromenho, que não sei com certeza se ainda vive.

Disponha de mim e creia sempre na verdadeira estima do

seu amigo muito do coração

Joaquim G. Gomes Coelho.

Porto, 11 de agosto, de 1870.

V

Meu amigo

Recebi a sua carta e cordealmente lhe agradeço o interesse que toma pela minha saude.

Como para justificar o requerimento que eu fiz a pedir licença para ir para a Madeira, fugindo ao inverno de Portugal, augmentou-se-me a tosse n'estes

ultimos dias e com ella vieram umas dôres musculares que me atormentam bastante.

A sua ideia a respeito do Algarve não me desagradava inteiramente. Era uma maneira de me tornar menos custoso o exilio, variando as impressões recebidas durante os mezes de inverno; mas não confio demasiado nas commodidades que podem encontrar-se nas nossas cidades do Algarve; alem de que, presentemente, a epidemia anda por aquellas paragens e eu respeito muito a illustre viajante.

Emfim cruzemos mais uma vez as ondas em demanda d'aquella perola do Oceano, onde já tenho passado horas de fastidiosa melancolia. Mas respira-se melhor, que é o essencial.

Breve tenciono vêl-o. Os meus papeis já andam pela secretaria. Aguardo a decisão do Bispo.

Talvez a 11 de outubro ahi esteja.

Adeus. Creia-me sempre

seu amigo do coração

Joaquim G. Gomes Coelho.

Porto, 30 de setembro, de 1870.

VI

Meu caro amigo

Escrevo-lhe a participar-lhe que vou vivendo soffrivelmente. Já soffri um defluxo depois que cheguei, mas felizmente não teve grande importancia. Agora estou em um dos melhores periodos dos meus habituaes incommodos; tusso sómente a horas certas e tenho o resto do dia livre. E' ao que aspiro; com saude mais apurada já não conto. Assim esta se mantivesse.

Este anno a afluencia de doentes á Madeira é consideravel. Estão todas as casas alugadas e as hospedarias bem fornecidas. Esta circumstancia que é lisongeira para os que vivem á custa d'esta melancolica e desalentada colonia, para mim não é muito agradavel, porque augmenta o numero das caras amarellas e das organisações deterioradas que encontro todos os dias pelas ruas. A's vezes o Funchal parece-me uma verdadeira *cittá dolente* na qual pesa uma nuvem de melancolia, que se não evita.

Falleceu ha poucos dias o pobre Galhardo. Ha um anno que chegou pela segunda vez á Madeira. Este anno foi para elle um periodo de continuos padecimentos. Ultimamente sobreveiu-lhe uma complicação cerebral, que lhe fez perder a rasão e a que succumbiu dentro de poucos dias. Pobre rapaz; era um sympathico companheiro.

Deixemos porém estas ideias tristes. Não fallemos nos negocios da politica interna, que enjoam, nem da externa, que indignam. Fallemos de si e dos seus. Como passa? Como passa seu mano? Como se dão com o inverno de Lisboa? Responda-me a tudo isso quando me escrever. Faça-me lembrado de seu mano João e do Soromenho, se o vir. No caso de fallar com o mestre não se esqueça tambem de lhe transmittir os meus respectivos cumprimentos.

Fico por aqui para não o massar mais; só lhe peço que se não esqueça de um retrato em que lhe tenho fallado.

Seu amigo reconhecido

Gomes Coelho.

Funchal, 19 de novembro de 1870.

VII

Meu bom amigo

Não quero deixar passar o vapor sem dar signal de mim.

Serei laconico para não o massar. A minha saude continua no mesmo estado — longe do typo ideal a que já não aspiro — mas supportavel para quem como eu se contenta com pouco.

O tempo vae aqui de primavera e n'estas condições passo sempre melhor. Semsaboria a mais não poder, mas já estou habituado a isso.

Diga-me o amigo como passa assim como seu mano a quem me recommendo e agradeço o cuidado que tem tido de me escrever.

Aqui fico á espera que me occupe, dando ensejo a satisfazer a boa vontade que tem de lhe servir para alguma coisa ao

seu amigo do coração

Joaquim G. Gomes Coelho.

Funchal, 19 de Janeiro de 1871.

VIII

Meu bom amigo

Recebi com prazer o seu retrato para o qual tinha, havia tanto tempo, logar reservado. Foi-me agradavel ver um rosto amigo, principalmente porque as minhas disposições de espirito eram tristes n'aquelle momento. A causa do silencio que tenho guardado em dois ou

trez paquetes successivos foi a da minha doença. O mez de fevereiro foi um mez de provação para mim. Tive todos os symptomas mais apoquentadores que podem affligir um mortal. Nevralgias, spasmos, dôres visceraes e afinal mais tosse, mais catharro, mais expectoração, fraqueza, emmagrecimento e um estado nervoso que mal me deixava fallar e escrever e que por isso não me deixou cumprir para com os meus amigos os deveres que a amisade me impunha.

Agora vou melhor, mas devagar. Confio em abril e maio. Eis o motivo da minha falta que espero me desculparão.

Mostre esta carta a seu mano a quem escreverei pelo paquete seguinte.

Fico por aqui para não abusar das minhas poucas forças.

Adeus, um abraço a seu mano e receba outro do

seu amigo muito reconhecido

Joaquim G. Gomes Coelho.

Funchal, 19 de março de 1871.

A Eugenio Luso

Meu caro Eugenio

Andava com vontade de conversar comsigo. Separámo-nos em Aveiro, mas d'uma maneira que não permittia uma despedida *secundum artem*. Lembra-se? Vossê estava mettido dentro de uma carruagem, eu sobre a plata-forma d'uma estação de caminho de ferro onde pela primeira vez havia pousado os pés.

Vão lá despedir-se em termos, dadas essas circumstancias! Ouve-se o silvo da locomotiva e... tudo desapparece sem dar tempo a dizerem-se as coisas mais importantes, que, segundo a regra, ficam para o fim.

Uma das coisas que, por exemplo, me esqueceu dizer-lhe era que me escrevesse. Vossê não é homem que o faça, sem lh'o recommendarem, assim espontaneamente, como eu o estou fazendo.

Cada vez mais me convenço de que sou um homem extraordinario! Basta esta disposição para escrever cartas que ha muito conheço em mim. Nos outros não vejo isto. Por muito contente me dou quando respondem ás minhas.

Experimentemos se vossê está n'este ponto em melhor estado do que ha dois annos, epoca em que eu lhe escrevi, esperando até hoje a resposta. Experimentemos.

A difficuldade está em encontrar assumpto. Vive-se tão monotonamente aqui! Não faz idéa. O meu unico passatempo é o cavaco nocturno em casa do nosso

amigo Passos, onde a concorrencia de-socios é cada vez mais limitada.

De dia estou por casa e frequentes vezes divirto-me a recordar os episodios romanticos d'aquella nossa ainda não descripta digressão. A catastrophe do caminho na estrada de Pombal a Leiria, os esquecimentos e abstrações de Manuela Rey; (1) as effusões de incommoda amizade d'aquelle espirituoso alcobacense, os sorrisos da sua innocente patricia; a cerveja de Bass, o arrebatamento amoroso do jumento que eu cavalguei; os percevejos da Batalha e a lampada romana que tanto sorria a seu mano Augusto, aquellas barbacãs arruinadas do castello de Leiria, d'onde cahiam pedras de instante a instante; tudo isto e outras muitas coisas se me renovam na memoria, sem que as possam offuscar as outras recordações, embora mais recentes, que me ficaram de Aveiro, da sua ria, do seu mexilhão, dos seus ovos molles e sobretudo das suas bellas trigueiras. Porque de facto, não sei se concorda commigo, em Aveiro ha trigueiras como em parte nenhuma. Pois nem ellas me fazem esquecer da nossa excursão e das impressões que me ficaram d'esses dias que passámos juntos.

Diga-me vossê se o mesmo succede comsigo e sirva isso de pretexto para escrever ao

Seu amigo e companheiro de viagem

Joaquim G. Gomes Coelho.

Porto, 27 de outubro de 1864.

---

(1) Vide a carta IX a Custodio Passos.

EDITOR.

A Custodio Passos

Transcriptas do «Portugal Artistico».

I

Meu Passos

Escrevo-te de Ovar onde estou desde quinta feira ás sete e meia horas da tarde.

A villa não me parece de todo feia.

Verdade é que eu fazia d'ella uma ideia tão desfavoravel que pouco bastou para me satisfazer.

De saude vou alguma coisa melhor; comtudo tenho tido ainda por aqui as minhas horas do celebre incommodo nervoso, que mais frequentemente experimentava ahi.

Nesses momentos sinto vontade de retroceder para o Porto, tão aborrecido me vejo com todos e com tudo.

Tenho convivido com gente com quem mal me entendo; sou obrigado a admirar tudo quanto querem que admire. As horriveis figuras dos judeus que estão nos Passos deram-me que entender. Eu lia na cara dos que m'as mostraram que as mais eloquentes interjeições, de que pude dispôr, estavam muito longe de exprimir a admiração que elles julgavam dever esperar de mim.

Eu, por minha vontade, passava o tempo debaixo de um laranjal que ha na casa onde móro e no qual, desde pela manhã até á noite, canta um rouxinol. Mas as visitas a fazer e a receber não m'o permittem.

O doutor Zagallo, meu principal ciceroni, é um tanto original. Tem-me massado horrivelmente com as suas apologias ao seculo 19.º e ao poder inventivo dos homens; é o Eugenio Pelletan cá da terra.

Fallei aqui com o José Correia, que me pareceu um tanto arrependido de ter deixado Aveiro.

Se fallares com meu tio Bernardo (1) e elle te perguntar se eu tenho escripto, dize-lhe que sim e que te contei maravilhas da terra. E' uma coisa que o lisongeia e que é de facil execução.

Aqui já me valeu sympathias geraes o ter dito, logo que cheguei, que do pouco que tinha visto da villa fizera d'ella um excellente conceito.

Ora, tendo chegado de noite, eu não tinha visto coisa alguma. Houve logo quem propozesse o vir eu residir para aqui.

Custou-me a achar um fundamento para declinar tão risonha perspectiva.

Se me escreveres, manda-me novas tuas e da tua familia e tambem do Augusto Luso. Se escreveres ao Teixeira Pinto, que a estas horas deve ir a caminho do Fundão, recommenda-me. Adeus.

Ovar, 11 de maio de 1863.

Teu amigo do coração

Coelho.

P. S. Desculpa-me para com o Azevedo por me não ter ido despedir d'elle quando parti.

---

(1) Pharmaceutico da rua do Loureiro no Porto e natural de Ovar, já fallecido.

EDITOR.

II

Meu Passos

Entre as poucas distracções que esta villa offerece aos seus visitantes, nenhuma tanto do meu gosto como a da chegada do correio.

Todos os dias me levanto mais cedo para estar ás nove horas na loja em que se distribuem as cartas. Imagina tu uma pequena sala humildemente mobilada, com bancos e meza de pinho e uma estante ao fundo contendo *infolios* de formidavel aspecto. Um homem idoso, a quem chamam aqui doutor, mas de cujo grau ainda não tirei informações, como decerto teria já feito um nosso conhecido, toma fleugmaticamente a sua pitada, conservando elle só uma imperturbavel indifferença no meio da anciedade de quantos o rodeiam.

Mais de trinta pessoas, homens, mulheres e creanças, sentadas no chão, no limiar da porta e na rua, fitam com impaciencia a esquina d'onde deve surgir o portador das cartas.

Quando este apparece, todos se levantam a um tempo, e apinham-se sobre o mostrador, como se pretendessem abafar o pobre do doutor.

Este, conscio da importancia da sua pessoa, retira-se, de uma maneira grave, ao seu gabinete, sujeita as cartas recebidas a uma tal ou qual classificação e volta para distribuil-as. E' o caso de repetir aqui pela millionessima vez o *Conticuére omnes* perfeitamente applicavel á situação. O homem lê pausadamente o nome da pessoa a quem vem a carta sobrescriptada, estende-se um braço, entrega-se a carta e, ás vezes, é alli mesmo aberta e lida. A' medida que o masso se vae esgotando, é para ver as transições por que

passa a physionomia dos que ainda nada receberam desde que principia o receio até quando se desvanece de todo a ultima esperança.

Faz pena vêl-os partir tão desconsolados. Escuso dizer-te que eu não sou simples espectador d'esta scena, mas actor e dos mais possuidos do seu papel. E' com uma quasi soffreguidão que eu recebo a correspondencia do Porto, que leio alli mesmo pela primeira vêz.

Na quinta-feira proporcionaste-me tu um prazer com a tua carta, cuja lettra immediatamente conheci. Li-a no correio, reli-a no adro da egreja, emquanto esperava pela missa e, logo que acabei de jantar, tornei a lel-a, e ainda quando me preparei para lhe responder.

Sob o pretexto de dormir a sésta, pude reservar para mim o tempo que medeia entre o jantar e as cinco horas da tarde; é então que leio, escrevo, ou não faço nada, o que é tambem um passatempo. Se não fôra isto, prevejo que me obrigariam a vêr quantos nichos e oratorios tem a villa ou quantos quintalejos quiz a sorte qne meus parentes, proximos e remotos, possuissem aqui na terra.

Não me aborrece escrever para o Porto; é um trabalho como o das sementeiras, que se faz com a esperança da colheita futura. Actualmente estou em correspondencia com toda a minha familia, inclusivé com meus trez sobrinhos, de quem tenho recebido pequenas cartas que me teem feito rir.

Por felicidade minha encontrei aqui o José Correia, em casa de quem passo as noites, conversando em familia e formando castellos de cartas com dois galantes filhitos que elle tem. E' uma vida mórna a que se passa aqui.

Para fallar a verdade, nem sei bem o que me obriga a demorar-me ainda; é certo porem que, tencionando partir para Aveiro no domingo que passou, ainda para

domingo que vem tenho um passeio projectado com a familia Correia e não posso dizer em que dia da semana proxima seguirei viagem.

Tem-se-me proporcionado occasiões de fazer algumas visitas e frequentar certas partidas que ha por aqui ás noites, mas tenho-me abstido de as frequentar por me parecer um passatempo semsaborão para quem, mesmo no Porto, não morre de amores por esse genero de divertimentos. Mais depressa me verão a escolher feijões na casa da eira, como hontem fiz, ou a conversar no escriptorio do recebedor de decimas, grande original que vim encontrar aqui, um verdadeiro typo de romance. Chama-se o sr. Thomé Simões. Fui-lhe apresentado pelo Correia.

Participo das tuas apprehensões em quanto ao Teixeira Pinto; tambem me parece que, depois de tantas hesitações da parte d'elle, escolheu mal a carreira que lhe convinha. Concebo quanto lhe devia ter custado deixar o Porto pelo seu desterro para o Fundão. Sinto a sua partida tambem pela mãe a quem ella deve ter causado um pezar difficil de desvanecer.

Tens fallado com o Alfredo Cardozo? Acaso voltará elle devéras aos habitos litterarios ha tanto tempo perdidos? O quintal que elle possue aqui está perfeitamente situado e, sobretudo, tão povoado de rouxinoes, que, por vezes, me tenho sentado na borda de uma ponte que lhe fica proxima para os ouvir cantar.

Escrevi ao Nogueira Lima; tinha-lh'o promettido e fil-o com vontade por saber que é homem exacto em suas contas epistolares; e não ha para mim prazer como é o de receber cartas. Não sei já o que lhe disse; nada de interessante. As minhas cartas são escriptas para ter direito a uma resposta; pois não me querendo metter a descrever a villa de Ovar, não sei o que hei-de dizer em quatro ou seis paginas de papel.

Ha oito dias que estou em uma rigorosa abstinencia de noticias do reino e estrangeiro; podia mandar que me

enviassem para aqui os jornaes, mas não quiz. Esta ignorancia é tambem hygienica. Não ha digestões tão boas como as da gente que não lê folhas depois de jantar. Parece-me que não digeriria tão bem um cosinhado de enguias que comi, se estivesse a ler o *Commercio do Porto.*

Agora estou á espera que deem quatro horas, para ir com a familia Correia a uma aldeola das immediações que me disem ser um sitio pittoresco. Vamos visitar uma tal sr.ª D..., filha de um já fallecido capitão mór e que tem presumpções de nobreza tão arreigadas, que não se digna visitar a maior parte das familias da villa. E' uma *preciosa ridicula*, cuja unica boa qualidade é fazer muito bem doce, graças á sua educação do convento.

Visitei aqui o Fonseca; é sempre o mesmo homem. Ainda hoje falla de suas passadas glorias de emprezario, e nos tempos de saudosa recordação, em que elle tocava rebeca no theatro academico.

Fizeste-me tu um convite na tua carta, que eu de boa vontade acceitaria, se as minhas disposições de espirito, neste momento, me auxiliassem no empenho. Animaste-me a escrever. Com essas tenções vinha eu e até esperava encontrar na localidade os fundamentos da obra.

Todos os dias, depois de jantar, me conservo meia hora pelo menos conversando com a santa gente em casa de quem estou hospedado, interrogando-a sobre costumes da terra, crenças e factos succedidos; mas, por emquanto, a colheita que fiz é escassa e duvido que por ella me seja possivel mais tarde fazer obra.

Precisava para isso demorar-me mais tempo por aqui, o que não me seria demasiado aprasivel.

Por emquanto nada escrevi e até pouco tenho lido. Mas quem dá taes conselhos, porque os não adopta? Accaso terás tu chegado já a attingir aquelle grau de desalento de que me fallas? Odiar-te-has a ti proprio?

Ora vamos ; esse excesso de misantropia é indesculpavel, sobretudo em quem só precisa de um pequeno esforço para avivar um enthusiasmo que pode ter adormecido por instantes, mas que não creio se tenha extincto de todo.

Ovar 16-5.º-1863.

Teu amigo do coração

Coelho.

III

Meu Passos

Antes de mais nada quero agradecer-te o interesse que espontaneamente tomaste por o negocio de meu primo, que um mau fado parecia apostado a contrariar em tudo.

Enviei-lhe immediatamente o *post scriptum* incluso na tua carta e imagino ter mandado com elle uma nova duplamente agradavel para aquelle padecente, de quem tenho recebido cartas escriptas em cima de lençoes e travesseiros, e ditadas por um espirito em luta com os dissabores de uma impertinente e complicada molestia.

Ha pessoas com quem a sorte se diverte, sujeitando-as a toda a especie de privações. Se ao fim destas ainda lhes fica um resto de paciencia, são verdadeiramente admiraveis. Meu primo está neste caso ; poucos terão gozado menos e supportado mais (1).

Ha dias recebi uma carta de meu tio Bernardo em resposta a outra que eu lhe escrevera, agradecendo-

---

(1) Referencia a José Joaquim Pinto Coelho.

EDITOR.

lhe os offerecimentos que em nome d'elle me fizera aqui em Ovar o seu procurador.

Ha um periodo n'esta carta que *ipsis verbis* transcreverei, até porque a redacção tem o estylo do homem.

—«Agora falarei na demanda passada e injustamente vencida em primeira instancia; falo do concurso; já se fala pouco n'elle; maravilhas são trez dias, diz o dictado, mas ainda de quando em quando lá leva a sua trincadela algum dos lentes. Quem não quer ser lobo não lhe veste a pelle; não tem nenhuma folha do Porto falado n'isso, mas ha desconfianças de que a *Gazeta Homeopatica* o venha a fazer; o *Jornal do Commercio,* de Lisboa, já o fez. E' de 13 do corrente.»

Este periodo, com sua linguagem um tanto imaginosa, veio-me recordar uma coisa que, para te falar a verdade me ia passando da ideia, e uma vez que assim aconteceu, sempre dezejaria saber o que disse o *Jornal do Commercio* provavelmente na correspondencia do Fr.

Se o lêste dize-me em duas palavras o que é.

Favoravelmente para as terras, mas desfavoravelmente para mim, temos a chuva comnosco.

O que seja Ovar em dias de chuva, e consequentemente o que seja a minha vida n'esta villa, poderás tu facilmente julgal-o; o que n'este caso, ao contrario d'aquelle de que falou Camões, vale muito mais que experimental-o.

O dia de quarta-feira e a noite passei-os eu verdadeiramente enclausurado, receando aventurar-me nos archipelagos insidiosos em que se haviam transformado as ruas d'esta villa.

Conto por toda a semana que vem partir para Aveiro.

Eu tenho evidentemente tendencias para estacionar. Estou aqui ha quinze dias, conheço que não me tenho divertido demasiado, e vou ficando, e custa-me resolver a continuar a jornada.

O prazer que experimento n'esta vida que levo em Ovar, pode-se comparar ao de um banho tepido; agrada-me, adormecendo-me.

Por que dormir durmo-lhe bem agora. Felizmente que já não tenho tido d'aquellas insomnias insupportaveis que, entre varios incommodos que me affligiam, não eram dos menores.

Será radical esta cura? Veremos.

O Nogueira Lima já me escreveu. Não desmentiu para commigo a sua infalibilidade epistolar. Pediu-me elle d'aqui algumas curiosidades archeologicas; vejo-me porém tão incapaz de o satisfazer como ao Augusto Luso na sua encommenda de molluscos. Tudo o que encontro seria *muito novo* para um muzeu de archeologia e velhissimo para um de historia natural.

Verdade é que os meus olhos não teem os predicados de olhos exploradores e que eu respeito muito os lodos d'esta terra para os revolver á procura de caracoes.

Terá sido mais feliz n'este particular o Outeiro em Lisboa?

Que é feito d'elle?

Acabaria já de catequisar o Gaspar Pereira e viverá ainda nas delicias de Capua, esquecido do Porto, de Fanzeres e de si proprio?

Quem por certo não está a estas horas tão philosophicamente resignado como o padre Outeiro é o Teixeira Pinto.

Tens noticias d'elle?

Já cahiria no Fundão?

Estou curioso por saber qual a natureza das impressões que elle recebeu da terra que vae ser talvez por muito tempo a sua patria de adopção.

Não sabia da estreia do Noronha; sinto que se mettesse a fazer a côrte á poesia quando tão bem se dava com a musica.

E' uma infidelidade indesculpavel. O peor dos males

não é que a amante lhe seja pouco fiel, mas sim que a esposa resentida se vingue atraiçoando-o tambem.

Acontece d'isso ás vezes e é sempre uma calamidade.

Ainda não procurei o original de que me fallaste na tua ultima carta, sei já porém onde móra e tenciono visital-o antes de me retirar. Apresento-me sob a tua protecção.

Tenho notado que em Ovar os typos não degeneraram ainda.

Entre os males que traz a civilisação comsigo, um d'elles é a meu ver, a deterioração dos typos classicos. No Porto já se não distingue facilmente um medico de um advogado, este de um boticario ou de um padre; a confusão não vem só do vestuario, que todos capricham em fazer á moda, vem dos habitos, dos assumptos predilectos de conversação, dos gostos e opiniões que d'antes variavam em cada classe e hoje tendem cada vez mais a tornarem-se communs a todos.

Em Ovar não é assim.

O medico é ainda aqui o antigo medico que se denuncia ás primeiras palavras; o merceeiro apresenta todos os caracteres proprios da especie, o padre é o padre typo; o doutor em direito, ao qual se reserva aqui o nome de bacharel, conserva illesa a sua bacharelice.

Não podia deixar a terra sem observar o boticario, que espero será um bom exemplar; pois mesmo no Porto é a classe que menos se tem adulterado. O sr. Teixeira de Pinho será pois o escolhido para este philosophico estudo.

Mas fallemos serio. Ovar tem effectivamente mais que notar emquanto a homens do que emquanto a coisas. Ha mais biographias excellentes e aproveitaveis do que pontos de vista. Estou fatigado de tantas planicies; é uma monotonia a final, e, ás vezes chego a sentir desejos de exclamar, quando me mostram qualquer suburbio da villa:

— Uma montanha, pelo amor de Deus!

Aveiro julgo que é a mesma coisa. Se fôr ao Bussaco, o contraste deve fazer-m'o apreciar ainda mais.

E como o Bussaco é uma solidão e esta é favoravel á poesia, não estranhas que eu salte d'ella para o assumpto de que te occupaste, incitado por mim, no final da tua carta.

O *je n'ecris... pourquoi? Je n'en sais rien. Parce qu'il ne le faut pas,* com que, invertendo as palavras de Chatterton, pretendes responder á minha pergunta, seria razão plauzivel e irrespondivel, se eu podesse acreditar que ella ou outra qualquer te tem de facto impedido de escrever.

Permitte-me usar da franqueza que me concede a amizade para te dizer que não o creio.

Emquanto á possibilidade de *escrever em termos,* de que dizes ser o primeiro a duvidar, tambem me parece seres tu o mais incompetente juiz para a avaliares, pois julgo que o homem que crê demasiado nas suas forças e se satisfaz completamente com as suas producções é, como diz o Herculano, impotente e incapaz de qualquer educação litteraria.

E com isto termino.

Ovar 11 de maio de 1863.

Teu amigo do coração

Coelho.

IV

Meu Passos

Recebi a tua carta ainda na villa de Ovar, o que deve causar estranheza a quem saiba, como tu, que as primeiras impressões que recebi, chegando a esta

terra, estavam muito longe de serem convidativas de tão longa demora.

Mas é que, felizmente, as impressões não são as mesmas hoje do que eram então. Ovar é uma villa e é uma aldeia. Pode-se aqui viver segundo as predilecções de cada um, uma vida de cidade pequena, ou uma vida d'aldeia. No primeiro caso frequentam-se os *salões* da localidade, discute-se o que faz a camara, o que disse o administrador, quanto custou o chapeu do sr. F., as dimensões do balão da sr.ª C... etc... etc...; no segundo assiste-se ás lavoiras, ás ceifas, ás regas; conversa-se com os jornaleiros sobre as novidades agricolas, escuta-se o estalar das cascas nas fogueiras... etc.... etc.

Nos primeiros dias que passei aqui tive de viver do primeiro modo, aborreci-me; agora felizmente que me deixaram viver do segundo, se não posso dizer que me divirto excessivamente, affirmo que não me enfastiei ainda.

Tu que, por vontade, trocarias a vida do Porto pela de Paranhos, que tantas vezes fizeste diante de mim a apologia da aldeia, não estranharás por certo estes gostos campesinos, que me teem conservado por aqui esquecido dos tempos da cidade, ainda que muito lembrado das affeições que deixei por lá.

Pelo menos, se os estranhas em mim, deves comprehendel-os por ti.

Se alguma coisa podia convir ao estado do meu espirito era isto. Este *não fazer nada* com faculdade de fazer tudo, de que tenho gosado em Ovar, espero será efficacissimo para completar a cura de uma doença, que hoje me vou quasi convencendo ter sido mais de imaginação do que real.

Tenho lido pouco; completei hontem *Le monde tel qu'il será,* do Souvestre, que trouxe de tua casa; leitura que, n'uma localidade como esta, tem mais sabor picante do que em qualquer grande cidade.

Tenho escripto cartas. Como costumo responder com exacta pontualidade ás que recebo, calculo o numero d'ellas, avaliando-o por o d'estas ultimas, em quarenta e tantas, sem exageração. Não me enfada esta tarefa, é um passatempo para depois de jantar e cear, com que me tenho dado bem.

Espero que me recommendes ao Teixeira Pinto, logo que lhe escrevas. Quando estiver no Porto eu proprio lhe escreverei, o que não faço d'aqui, porque, estando a partir mais dia menos dia, não lhe poderia indicar o local para onde elle devia dirigir a resposta.

Escrevi ha dias novamente ao Nogueira Lima. Não lhe dizia nada de novo, porque nada tinha que lhe dizer; francamente confesso que é para obter uma resposta que eu escrevo, pois, para encher uma carta dirigida d'aqui para o Porto, é necessario pôr em tractos as faculdades da nossa imaginação.

Em mim tem-se operado algumas mudanças physicas, segundo dizem as pessoas com quem convivo; acham-me mais gordo e mais trigueiro.

E' questão de colorido local, que olhos mais habituados decidirão depois.

Meu primo pergunta-me em uma carta, se tu me poderias inculcar um bom procurador em Lisboa para, no caso de obter o despacho que requer, lhe tratar dos differentes negocios necessarios.

O Azevedo fallou-me no d'elle; mas são tão mal agourados os serviços do Azevedo n'esta questão, que meu primo, com alguns fundamentos, hesita em lh'os acceitar d'esta vez, quanto mais que são pouco asseguradas as informações que o proprio Azevedo dá do homem. Informa-me do que pensas a este respeito, ou informa meu primo que, provavelmente, encontrando-te te fallará n'isso.

Recommenda-me ao Luso, Freitas, A. Cardoso, Falcão e Azevedo, quando os vejas por ahi. Estimei.

saber que o Falcão se decidia a ir ao concurso de desenho.

Deus queira que se repita o caso do *tertius gaudet* para lição dos machinadores de nichos que deviam dar ao diabo a resolução do Falcão.

Não posso deixar de fallar do padre Outeiro. Aquelle seu somno é admiravel! Que bom frade alli se perdeu! O ministro que o não despachar pratica uma asneira redonda. D'aquelle estofo faz-se tudo quanto se quizer; até um pastor de povos, pois ainda que o seu somno habitual não pareça grande penhor de salvação das ovelhas, tem tanto de contagioso que é de esperar consiga adormecer os proprios lobos.

Se quando escreveres souberes de alguma noticia palpitante da actualidade, não te esqueças de m'a communicar; tudo para mim é novo, visto que não leio jornaes.

Adeus, acredita na minha amizade e dispõe

Do teu do coração

Coelho

Ovar, 3 de junho de 1863.

V

Meu Passos.

O Teixeira Pinto escreveu-me; a carta veio-me ter aqui. Hontem respondi-lhe mas como não sabia se bastaria designar no sobrescripto o nome da villa onde elle está ou mais alguma coisa, para maior segurança, resolvi enviar-te a carta para lhe fazeres no sobrescripto as modificações que julgares necessarias. Pe-

ço-te para, em seguida, a mandares para o correio, porque desejava não demorar muito a resposta.

Soube aqui a velhacada do Adriano no negocio do meu primo; não me surprehendeu demasiado pois não sei porque, nunca agourei bem de toda esta historia.

Parece-me que meu primo fez bem em resignar a cadeira; a posta não era tão boa que valesse a pena acceital-a á custa de uma humilhação e com um futuro incerto. Eu pelo menos teria feito o mesmo.

E' já assumpto aborrecido este de concursos.

Não ha um só em que não se deem d'estas pequenas miserias que enojam e revoltam. Eu desejava mandal-os, para sempre, ao diabo, mas não posso e, em breve, talvez estarei a braços com outro. Seja o que Deus quizer, direi eu com um pouco d'aquella philosophia tão fertil em consolações e que me parece sêr a causa principal da gordura de um nosso amigo abbade que a estas horas está lutando com o calor da capital.

Parece-me que já não vou a Aveiro. Um parente meu em casa de quem tencionava hospedar-me, tem de partir para Lisboa. Mandou-me dizer que ficava a casa ás minhas ordens; ora isto é motivo para nem sequer entrar na cidade, pois teria de acceitar o convite, o que, na ausencia d'elle, me não convem. Como me acho restabelecido, demorar-me-hei aqui mais alguns dias e depois voltarei para o Porto, de que tenho já minhas saudades.

Adeus. Hoje não posso ser mais extenso. Faze por me escreveres.

Acredita na amizade

do teu do coração

Coelho.

Ovar, 12 de junho de 1863.

VI

Meu Passos

Estou em atrazo de cartas com tanta gente que me tem escripto que chego a envergonhar-me. Mas apoderou-se de mim aquella inacção que me impossibilita de escrever, apesar de não haver occupação alguma a obrigar-nos a abandonar o delicioso *não fazer nada* que eu não sei que seja menos dôce em Portugal do que debaixo do firmamento Napolitano; comtudo um esforço faz-se; muito mais quando sabemos que depois do primeiro movimento nos agradará a empreza. E' como o levantar-se a gente de madrugada: damos os parabens a nós mesmos quando, tendo-o conseguido, aspiramos o ar perfumado e refrigerante da manhã, mas é necessario lutar para nos furtarmos ás doçuras do somno matutino.

Assim me acontece agora.

Eu bem sei que me é sempre agradavel conversar comtigo d'esta maneira, já que a ausencia me privou de o fazer d'outra; mas sentar-me a escrever é uma resolução que exige de mim certo esforço que muitas vezes tenho tentado em vão. Agora, porém, 10 horas da noite do dia 3 de julho consegui vencer esta poderosa apathia e escrever-te, promettendo-te desde já não te dar noticia alguma palpitante da actualidade vareira, a mais insipida das actualidades.

Sabia já que tinhas passado um dia na villa, mas soube-o oito dias depois que tal succedeu. Meu Pae havia-me dito que tu e o Augusto Luso tencionaveis ir a Estarreja e eu resolvera procurar-vos na estação, ou á ida ou á volta dos comboios, mas exactamente a essa hora vi-me impossibilitado de o fazer, por vizitas

que fui obrigado a receber e a fazer com a minha familia que, como sabes, passou aqui esse mesmo dia. O acaso fez com que, passando nós na villa ás mesmas horas, nos desencontrassemos. Disseram-me já que o Luso tencionava reproduzir o passeio, mas tenho-o em vão procurado nos dias de maior concorrencia; decerto que esfriou nos seus projectos, ainda que me parecia que, se elle não perdeu o amor aos molluscos, lucrava em explorar estes logares, que, apesar da inutilidade das minhas tentativas, julgo não deixariam sem recompensa as fadigas de um naturalista experiente e apaixonado como elle é.

A mim, a quem falta a experiencia e a paixão, só tem apparecido alguns individuos de tal classe, notaveis pela vulgaridade; na classe dos insectos tenho n'um vidro quatro personagens a que se chama aqui *brancas loiras*, cujo nome scientifico ignoro. Não sei se fazem parte da collecção do Augusto. Sempre hei de vêr se lh'as levo.

Cumpre fazer aqui uma advertencia tão necessaria como a d'aquelle educador de phocas que recommendava que as não confundissem com o tigre marinho, e é que não se devem confundir as mencionadas *brancas loiras*, com *cabras loiras*, bicharoco cornudo, a que se chama em Ovar, e não sei se em mais partes, *carocha*. São os conhecimentos de historia natural que tenho adquirido desde que estou aqui.

Ainda hoje pergunto a mim mesmo o que me tem retido tanto tempo n'esta villa e, para te fallar com franqueza, não obtenho de mim mesmo resposta satisfatoria.

Eu que parti do Porto com o animo votado a grandes commettimentos e quasi decidido a correr as sete partidas, como o infante D. Pedro, fiquei-me por aqui a engordar e a ganhar côr, até voltar ao Porto, levando em branco as minhas impressões de viagem, e tendo em perspectiva a rude e anciosa tarefa de ex-

plicar a mil e uma pessoas a razão porque não passei de Ovar.

Tu podes-me fazer um favor; a todos quantos te fallarem de mim, irás explicando os motivos que me determinaram a isso. E' trabalho que me poupas, o que eu de todo o coração te agradecerei. Mas agora me lembro que tu proprio os ignoras talvez. Ahi vão pois, em poucas palavras, alguns d'elles, que te poderão servir no caso que me queiras fazer o favor que te peço.

Em primeiro logar, desde que principiei a sentir que robustecia em Ovar, fui adiando a minha partida intimidado pelas descripções tetricas que os facultativos d'aqui me faziam de Aveiro; em segundo logar concorreram cartas de familia em que se me pedia que me demorasse até que se pozesse em exploração o caminho de ferro, para me visitarem; em terceiro, a sahida de Aveiro de um primo em casa de quem me tinha de hospedar, porque na ausencia d'elle seria eu obrigado a acceitar a hospitalidade da familia, que conheço pouco ou nada e, por isso, a viver pouco á vontade, condição indispensavel para eu viver bem.

Deixemos as outras razões, porque me parecem menos fortes do que estas e apontemos só mais uma para confirmar todas as outras: são as saudades do Porto, que já me não deixam viver muito satisfeito longe d'elle.

Já me fazem falta aquelles habitos da vida pacifica e monotona que vivia ahi e, quando me lembro de voltar, já sinto uma certa alegria interior. Isto acaba de me provar que a minha cura é radical.

Dos males physicos é indicio sufficiente de cura a boa carnação que teem admirado em mim; dos moraes julgo ser indicio não menos eloquente esta vontade de tornar á vida portuense com todas as suas massadas e até com a convicção de que dentro em pouco me enfastiará.

Quando isto se dá comigo, que estou aqui por vontade propria e que dentro de uma hora posso satisfazer estes desejos, que fará com o nosso Teixeira Pinto, o desterrado no Fundão?

Ha dias recebi d'elle uma carta de tres folhas de papel. O pobre rapaz até mostrava saudades do S. João da Lapa! E' o ideal da saudade. Confesso-te que, entre tanta coisa de que sinto saudades já, não entra em linha de conta o tão lamentado arraial da alameda da Lapa.

Sempre me lembro d'aquella noite de S. João, do anno passado em que eu, tu, e o Azevedo estivemos sentados n'um banco da praça da Farinha, qual de nós mais aborrecido e morto por se deitar. Recordo-me ainda que se fallou na *cholera-morbus* e no *vomito negro,* assumpto que mostrava bem as disposições lugubres do nosso espirito n'aquella noite.

Este anno estive aqui tambem n'um arraial. Calcula como me havia de divertir. As orvalhadas eram boas de mais. O santo excedeu-se. Por pouco me ia constipando, por ter cahido na patetice de esperar pelo fogo prezo que um curioso da villa fez para delicias dos devotos do santo.

Ainda não respondi tambem ao T. Pinto nem ao Nogueira Lima, a quem peço-te que digas que brevemente conto escrever-lhe, talvez que a ultima carta, pois não conto demorar-me muito mais aqui.

Adeus, recommenda-me ao Augusto e a todos os rapazes conhecidos e, se puderes, escreve ao teu

amigo do coração

Coelho

Ovar, 3 de julho, de 1863.

VII

Meu Passos

Um impertinente defluxo acompanhado de um apparatoso cortejo de simptomas febris quasi me impossibilitou até hoje de escrever aos amigos, com quem sempre me é grato conversar por esta forma, já que me não é possivel fazel-o d'outra.

Verdade é que na minha situação e com o genero de vida que passo aqui é uma empreza difficil esta de encher algumas paginas capazes de merecerem a attenção de quem viva no Porto onde, por mais monotono que seja o modo de viver, sempre ha thema para escrever todos os dias um noticiario, coisa que, affirmo-o, seria, n'esta terra, absolutamente impossivel. Mas como tu és d'aquellas pessoas, com quem eu me entretenho horas, sem dar nem receber uma unica novidade, com quem converso á vontade, sem dar tratos á imaginação para escolher um assumpto, resolvo-me a escrever-te, apezar d'esta completa pobreza de noticias, e firmemente convencido que, depois da leitura, não terá augmentado com a menor particula a massa dos teus conhecimentos.

Não te farei uma descripção da minha vida aqui. Mentindo e poetisando um pouco, talvez me fosse possivel transformal-a n'um idillio, que teria a realidade de todos os idillios, mas limitando-me a dizer a verdade, descreveria apenas uma coisa monotona e sem sabor, que tornaria para quem a ouvisse, tão admiravel a conformidade do meu caracter, com a do nosso reverendo amigo padre Outeiro, que eu nunca me cançarei de apreciar como modelo de philosophos. Mas, em todo o caso abster-me-hei da descripção e deixo a cargo da tua imaginação esse trabalho. E' certo que

não serás tu, ao que me parece, a pessoa que mais estranhará esta minha maneira de viver; sempre te conheci tendencia para a vida do campo e verdadeira antipathia para com a das cidades e julgo que ainda não se operou nos teus gostos uma tão completa metamorphose que hoje te seja incomprehensivel que se possa viver assim.

Com o Teixeira Pinto ou com o Nogueira Lima, muda o caso de figura; o primeiro altamente proclamou sempre a sua pouca simpathia pela vida do campo; e o segundo, apezar de dizer que suspira por ella, parece-me que está n'uma completa illusão.

Elle imagina-a á maneira dos poetas e estou que não a acceitaria de boa vontade tal como ella é em toda a parte e como ella foi e será em todos os tempos; bem menos poetica do que se pinta nas bucolicas e nas poesias pastoris.

Uma das mais tristes necessidades é a que nos obriga a prescindir de muitos dotes poeticos para encontrar uma Phylis, por quem romanticamente nos possamos apaixonar. Que sacrificios tem de fazer a imaginação á prosaica realidade!

Ora existem imaginações pouco dispostas a fazerem d'estes sacrificios e que exigem a exacta realisação do que haviam concebido sob pena de rejeitar o que se lhes apresenta; e pode ser que me engane, mas parece-me que a imaginação do nosso amigo Nogueira Lima é uma d'essas. A fallar a verdade lá custa ter a gente de se contentar com uma Graziella immensamente áquem da que Lamartine nos diz ter encontrado; mas desde que nos convençamos que Lamartine mentio um bocado, é mais facil conformar-nos com as inevitaveis exigencias da realidade.

Vejo agora que está quasi concluida a quarta pagina da minha carta e, fallando francamente, nem eu sei bem com que.

Aproveitarei o que me falta para te pedir que me

escrevas sem muita demóra, dando-me noticias tuas, que me recommendes ao Eugenio, Luso e Alfredo Cardozo e que, se te decidires a vir aqui algum dia, m'o mandes dizer antecipadamente, para te procurar na estação.

Adeus, por hoje; qualquer destes dias escrevo ao Nogueira Lima; em quanto o não faço, espero ser-lhe recommendado por ti e egualmente a toda a tua familia.

Teu amigo do coração

Coelho.

Ovar, 4 de agosto de 1863.

VIII

Meu Passos

....

Hontem no S. Lazaro estive para dar espectaculo cahindo ao chão com um deliquio.

Valeu-me entrar n'uma loja de carpinteiro e sentar-me.

Por causa d'isto não posso saber de ti e de tua mana; manda-me noticias pelo portador d'esta.

Teu do coração

Coelho.

(Sem data mas deve ser de março de 1864).

IX

Leiria, 10 de setembro de 1864.

Passos

São tres horas da tarde do dia 10 de setembro de 1864. Estamos em Leiria na Nova Reforma da Hospedaria de João Antonio de Oliveira. O Augusto Luso dorme, o Alfredo suspeito que se prepara para o imitar, o Eugenio, meu collaborador, está sentado á janella com o seu chapeu inglez e com algumas tendencias para meditações poeticas, e ouvindo embebecido as notas suavissimas de um piano dedilhado pela menina mais velha do governador civil, nosso visinho. Eu escrevo-te sobre a cama em que durmo e serve-me de pasta o opusculo de Morelet, que faz parte da bagagem do Luso.

O Eugenio não pode occultar que se sente desapontado por vêr que, afinal de contas, a gente de Leiria tem uma configuração vulgar e não se torna distincta por nenhuma particularidade de organisação que pudesse impressionar a imaginação apathica d'este *touriste blasé.* Já o ouvi dizer que, emquanto não chegar a uma terra em que sejam todos pretos, não se dá por satisfeito.

Admiramos o Castello e o Passeio publico. Não nos tem causado sensação as bellezas femininas, que parece quererem satisfazer os gostos do Eugenio, apresentando-se-nos todas meias pretas.

Puzeram-nos, ao principio, em dieta forçada de gallinha e arroz. Agora, felizmente, já nos fazem concessão de alguma vacca. O vinho de Torres Novas, não sendo demasiado do nosso agrado, substituiram-no por o de Porto Moniz, com vantagem para o nosso paladar.

O Luso affirma que é este um vinho puro. Nós bebemol-o acreditando na affirmação, que era o unico partido rasoavel que podiamos tomar.

O Eugenio vae na crença de que comeu já aqui carne de rhinoceronte; é uma illusão agradavel que eu não me sinto com animo de desvanecer.

O Luso tem feito grande colheita de molluscos fluviaes e terrestres. O Eugenio fez a acquisição de uma flôr de liz do capitel de uma columna do castello, que julgo destina ao Nogueira Lima.

Tem causado grande estranheza ver o Luso e o Alfredo agachados pelos ribeiros fazendo acquisição de molluscos. Esta gente, em quanto a mim, imagina que o Liz é abundante em perolas e palpita-me que logo que nós voltemos costas, correm a vêr se as encontram tambem.

Na hospedaria em que estamos ha uma rapariga que, por ser filha do antigo estalajadeiro chamado Manoel Rey, o Eugenio, com todo o rigor de uma deducção de philologo, entendeu que se devia chamar Manuela Rey. Nós todos acceitamos a denominação e já nem concebemos que se possa chamar d'outra sorte. E' ella actualmente o objecto dos pensamentos eroticos do nosso amigo, não obstante ser casada. *(Seguem-se algumas linhas escriptas por Eugenio Fernandes da Silva.)*

X

Aveiro, 28 de setembro de 1864.

Meu Passos

Escrevo-te de Aveiro. São 7 horas da manhã do historico dia de S. Miguel. Acabo de me levantar. Acordou-me o silvo da locomotiva. Abri de par em

par as janellas a um sol desmaiado que me annuncia o inverno.

A primeira coisa que este sol allumiou para mim, foi a folha de papel em que te escrevo; aproveito-a como vês, consagrando-te n'este dia os meus primeiros pensamentos e o meu primeiro quarto de hora

Aveiro causou-me uma impressão agradavel ao sahir da estação; menos agradavel ao internar me no coração da cidade, horrivel vendo chover a cantaros na manhã de hontem, e immensas nuvens côr de chumbo a amontoarem se sobre a minha cabeça, mas, sobretudo intensamente aprasivel, quando, depois de estiar, subi pela margem do rio e atravessei a ponte da Gafanha para visitar uma elegante propriedade rural que o primo, em casa de quem estou hospedado, teve o bom gosto de edificar alli.

Imaginei-me transportado á Hollanda, onde, como sabes, nunca fui, mas que supponho deve sêr assim uma coisa nos sitios em que fôr bella.

Proponho-me visitar hoje os tumulos de Santa Joanna e o de José Estevão, duas peregrinações que eu não podia deixar de fazer desde que vim aqui.

A casa em que eu móro fica fronteira á que pertenceu ao José Estevão. Ha ainda vestigios das obras que elle projectava fazer-lhe e que, por sua morte, ficaram incompletas. Tudo isto se vendeu, e dizem-me por uma ninharia.

Cheguei a Aveiro um pouco dominado pela apprehensão de que talvez viesse ser infeccionado pelos effluvios pantanosos da terra e cahir atacado pelas sezões, circumstancia que não obstante o colorido local que me havia de dar, nem por isso me havia de sêr muito agradavel.

Nada porém de novo me tem por emquanto succedido, e continuo passando bem, e, o que é mais, engordando.

E tu? Estás ainda em Paranhos? Sentes alguma

mudança para melhor nos teus impertinentes incommodos? Aconselho-te a que te não atemorises á perspectiva de um inverno na aldeia; por feio que seja sempre é melhor que o da cidade, principalmente para quem, como tu, não gosa n'ella aquillo que para a maioria das pessoas torna preferivel a ultima.

Tua mana continua melhor?

O Eugenio de quem fui companheiro de viagem de Ovar até Aveiro, deu-me noticias favoraveis d'ella e espero que melhor as daria hoje se a visse.

Não tardará muito que eu te procure ou no Porto ou em Paranhos. Está a expirar o mez de setembro e eu dou em breve por terminada a minha excursão.

Se fallares com o Nogueira Lima recommenda-me e dize-lhe que o azulejo da cosinha dos Bernardos de Alcobaça lhe será entregue depois da minha chegada ao Porto.

Recommenda-me egualmente, tendo occasião, ao Augusto e ao Alfredo e, se puderes escreve ao

teu amigo do coração

J. G. Gomes Coelho.

XI

Felgueiras, 9 de julho de 1865

Meu Passos

Depois de ter collaborado n'aquelle aranzel (1) que te enviamos d'aqui, julgava-me obrigado a escrever-te

---

(1) «Coisas jocósas, que parecem sérias», publicadas em 4 folhetins no «Jornal do Porto» em novembro e dezembro de 1879.

EDITOR.

uma carta séria, o que faço hoje, emquanto o Teixeira Pinto está rabiscando em uns autos com aquella escandalosa lettra que elle arranjou.

Tenciono tambem escrever brevemente ao Nogueira Lima, a quem te peço para, desde já, me fazeres recommendado.

N'este momento estão caminhando os eleitores para a urna, sem grande consciencia da importancia da sua missão. Ainda agora o observei ao Teixeira Pinto — não ha soberano mais modesto e despido de soberbas e orgulhos do que o *povo soberano.*

Era interessante o quadro que, esta manhã, se podia observar no adro da egreja parochial.

As freguezias chegavam aos magotes, capitaneadas por um caudilho que pizava o terreno com certos ares de general marchando á frente d'um exercito.

Que figuras! Quando me lembrava que cada um d'aquelles eleitores trazia no bolso uma lista com o nome de Roque Joaquim Fernandes Thomaz, e me punha a comparar aquellas individualidades, a do eleitor e a do eleito, quando via a distancia que os separava, a completa ignorancia em que estava um das qualidades e até da existencia do outro, não podia deixar de fazer as minhas reflexões sobre o muito que distava ainda da ideia constitucional á realidade.

Aqui, o candidato opposicionista parece haver desistido á ultima hora; quando o não fizesse, poucos votos arranjaria em todo o circulo, segundo affiançam os influentes.

D'ahi resulta um socego que deve contrastar com a balburdia que a estas horas vae de certo pelo Porto.

Estou com curiosidade de saber o resultado d'ahi principalmente no circulo de Cedofeita.

E deixemos agora o assumpto eleitoral.

Tenho passeado muito por aqui e obrigado a passear o Teixeira Pinto, cujos habitos sedentarios teem sido altamente perturbados com a minha presença.

O que não consegui foi obrigal-o a assistir ao levantar do sol.

Ha dias em que, ás 8 horas, ainda ninguem o ouve, o que, na verdade, é um escandalo para quem vive n'esta terra tão abundante em passeios lindissimos.

Que isto não te faça julgar que eu, pela minha parte, vou saudar a aurora para as cumiadas dos montes ou nas profundidades dos valles.

Ainda não venci esta irresolução que me é natural e em virtude da qual me conservo em casa apesar de me levantar ás 7 horas.

Sahimos mais tarde. Estou convencido que passamos aqui por dois grandes originalões. Teem-nos visto sentados pelas devezas e pelos montes a lêr, e isto deve sêr, aqui, uma prova irrecusavel d'alguma perversão de faculdades.

Eu tenho feito grandes prelecções ao Teixeira Pinto a respeito do que é incompativel com a poesia, mas aquelle seu commodismo reage contra os preceitos que eu lhe proclamo. Teima em seguir os caminhos trilhados, negando os atractivos do desconhecido, e á sombra da mais poetica deveza, quando parece mais enthusiasmado pelo gorgear dos passaros, sorve a sua pitada com a mais prosaica satisfação d'este mundo.

E' um escandalo.

Ainda até hoje não tive noticia de terem ido para Lisboa os papeis relativos ao meu concurso. Que gente tão atada!

Deus queira que me não seja prejudicial tal demora.

Adeus. Escreve quando puderes ao teu

amigo do coração

J.[me] *G. Gomes Coelho.*

XII

Felgueiras, 22 julho de 1865.

Meu Passos

Amanheceu um dia macambusio. A chuva ameaça-nos a ponto de recearmos sahir.

O Teixeira Pinto já escreveu em um papel com a maxima correcção de que elle é susceptivel, *Batalhoz* e *Carlos Ramires.*

São dez horas. Passa um carro chiando impertinentemente. Digo como tu:

Quoties fastidiosa ipsa pulcherrima natura!

Li de principio a fim o «Jornal do Porto» e o «Commercio» de hontem, arrostei ainda com a insipidez do «Diario de Lisboa», que havia de fazer mais? Tinha diante de mim esta folha de papel, pousei-a em cima d'um volume das *Causas celebres* e principiei a escrever-te.

Mas a grande difficuldade é encontrar assumpto.

Tu não me agradecerias uma descripção do campo, nem quando m'a agradecesses, eu me metteria n'essas aguas mornas do descriptivo e da bucolica.

E' verdade que hontem nos demos um pouco a esse genero de litteratura, porque, tendo trazido eu d'ahi um volume do Parnaso, lemos á sombra de um deveza algumas das mais innocentes composições lyricas do Gonzaga e Bernardim Ribeiro.

Podes pois avaliar que os nossos habitos competem actualmente em singeleza com os das sociedades primitivas.

O Teixeira Pinto reage um pouco contra o romantico. Não se conforma com sentar-se na relva; lamenta que em todos os logares pittorescos que visita não

haja uma cadeira de palhinha para se sentar. Então sim, que apreciaria devéras a natureza e não repetiria como Mucio Scevola:

Quoties ....

Prefere sempre as estradas aos caminhos abertos pela natureza, privando-se voluntariamente das grandes impressões que recebe o viajante dos variadissimos accidentes desses caminhos. Levanta-se ás nove horas e ainda com saudades do leito; finalmente está impregnado de prosa até á medulla dos ossos.

Acabo de lhe ler este periodo e a consciencia não o deixou protestar.

O Coelho que estava engasgado sem saber como havia de acabar esta carta, por estar deshabituado de escrever com seriedade, pediu-me para eu a continuar e encher o resto do papel que falta, porque, como sabes, não ha carta séria que não encha as quatro paginas.

Accedi ao pedido e vou tratar de encher o resto do papel. Não tenho assumpto, nem sei bem sobre o que hei-de escrever, mas vá lá, vamos a vêr o que sae.

Dizia o Coelho que a consciencia me não deixou protestar. Pobre da consciencia. Se não fôsse a consciencia, eu protestava, mas não protesto por causa da consciencia.

O Coelho incumbe-me de te pedir o favor de offereceres em seu nome ao Nogueira Lima uma copia da cabeça do Holophernes que foi achada nos archivos municipaes.

Ora o diabo! E falta ainda tanto papel! Como hei-de eu fazer?

Vou rectificar e não ratificar o que disse o Teixeira Pinto.

A cabeça não é offerecida por mim como se pode vêr no verso da sobredita.

Ainda faltam nove linhas e eu, a fallar a verdade, não sei como hei-de enchel-as.

A coisa custa; mas sempre se hão-de encher; mais por aqui, mais por ali; esforço por cá, esforço de lá.

Oh Diabo! e agora que se me deparava o assumpto e a musa me começou a inspirar!

Para outra vez será.

Joaquim G. Gomes Coelho.
Miguel Teixeira Pinto.

XIII

Felgueiras, 26 de agosto de 1865.

Meu Passos

Devo-te duas cartas. Vou responder te á ultima, porque é divida mais urgente.

Com quanto não fosses o primeiro a dar-me a boa nova do meu despacho, acredita que nem por isso me foi menos agradavel a tua carta. Sente se sempre prazer em receber cartas das pessoas que nos são caras, e em occasiões como esta, porque, n'este momento, estou passando provas de que os nossos sentimentos são partilhados por ellas.

Eu tambem faço justiça ao Julio Gomes. O processo do meu concurso foi para Lisboa no dia 9 de julho, exactamente quando no paiz se decidiam os destinos da patria. E' facil de imaginar que em todos os onze dias que se seguiram, até á data do meu despacho, não faltaram preoccupações e cuidados ao bom do ministro, desde as cartas e pamphletos dos Tanas despeitados, até ás hypocritas artimanhas dos grandes estadistas que o rodeiam.

Pois apezar de tudo e de todos, o homem despachou-me.

Hei-de sustentar a todo o mundo que o Julio Gomes é um ministro de grandes iniciativas e de medidas rasgadas.

Mas agora fallando sério: foi um momento dos poucos felizes na minha vida aquelle em que obtive a certeza de que estava despachado. Tinha-me quasi habituado a acreditar na impossibilidade da coisa e tanto que, nem depois de obter a votação favoravel da Escola a desconfiança me abandonou.

Agora é que principio a convencer-me de que effectivamente estou dentro.

Como pelo mesmo caso em que se faz a pergunta se deve dar a resposta, não te responderei aqui á carta que hontem me escreveste. Reservo-me para outro dia. Comtudo sempre te direi que me cauzou grande prazer a sua recepção porque vi n'ella uma prova das tuas boas disposições no momento em que a escreveste.

Ha mezes que, nem que te pagassem, conseguirias escrever uma carta como aquella que nos fez passar alguns instantes agradavelmente. A que o Teixeira Pinto recebeu, verdadeiramente bafejada pelos ventos da Allemanha, confirmou-me n'esta opinião commum.

Ainda bem. Gosto de te vêr assim, com disposições para rir e para fugir áquella indifferença para com tudo, e pertinaz aborrecimento que tantas vezes te ameaça.

Para o principio da semana que vem conto chegar ao Porto e ser-me-hia muito agradavel achar-te ainda n'essa boa disposição de animo, em que me parece estás.

Antes de chegar espero responder-te á epistola com toda a vivacidade que a musa indignada me inspirar.

Recommenda-me ao Nogueira Lima e dize-lhe que está proxima a naufragar a sua pontualidade epistolographica.

O Teixeira Pinto observa-me que a carta vae grande e que, com menos palavras, elle mata um homem, digo, dá conta de um homem, digo, dá conta da morte

de um homem, sem deixar nada por dizer. Por isso termino aqui.

Teu amigo do coração

Coelho.

XIV

Porto, 10 de outubro de 1866.

Meu Passos

Intimidou-me o aspecto da noite. Resolvi evitar-lhe os afagos. Como porem tinha de mandar ahi buscar o boletim, sempre quiz escrever-te para que tu não fosses ás vezes attribuir a coisa mais séria a minha falta.

Não tive mais nenhum incommodo, alem dos da imaginação, a qual, como eu conjecturava, lidou toda a noite. Esses mesmos m'os curou em grande parte o Reis, com quem fallei esta manhã. Espero dormir bem esta noite e o mesmo te dezeja

O teu do coração

Coelho.

XV

(Dias depois)

Passos

Com quanto me não possa dizer peor, julgo prudente, attendendo á persistencia da febre e a certo mal estar indefinivel, principiar a usar o oleo de figado de bacalhau, se o estomago não protestar contra elle.

O meu creado vae para o trazer d'ahi. Adeus.

Teu do coração

Coelho.

XVI

Lisboa, 11 de março de 1868.

Passos

Cá estou! O Silva veio commigo a final. A viagem foi commoda. No mesmo carro veio o Gustavo Nogueira Soares lendo constantemente as «Pupillas». Na estação de Santa Apolonia, ao despedirmo-nos, o homem tratou-me pelo nome e offereceu-me os seus serviços. Estou pois descoberto. Veremos o que d'ahi resulta. Confio porem que a politica me valerá.

Para esta noite ha muitos espectaculos. Alem das «Pupillas», (1) que conto ir vêr, temos o *Arco da Velha* do Noronha, o beneficio do Rosa em D. Maria etc. etc. São derivativos tranquilisadores. Adeus. O Silva pede para ser lembrado.

Recommenda-me ao Luso, Nogueira Lima e Albuquerque.

Teu amigo

Coelho.

XVII

Lisboa 25 de março de 1868.

Passos

Pelos jornaes de 10 réis deves já saber o que se passou na noite da primeira representação das «Pupil-

(1) Foi a primeira representação no theatro da Trindade, a que J. Diniz queria assistir incognito, do drama «As Pupillas do sr. Reitor», extrahido do seu romance por Ernesto Biester.

las», aparte algumas particularidades que depois te contarei. Andei, como imaginas, mettido n'uma dança curiosissima. (1)

Na segunda feira, dia de recepção em casa do Mendes Leal, era esperado por este que fizera convites especiaes, allegando a minha apresentação, como o facto principal da noite.

Fui para o theatro francez, onde vi os convidados diplomaticamente vestidos de casaca e collete branco.

Olhei para a minha modestissima apparencia e... vim para casa.

O Diario Popular de 24 de março de 1868 escreveu a proposito da representação das «Pupillas do sr. Reitor».

«Desde o final do primeiro acto até que o panno baixou «terminando o espectaculo, os applausos repetidos e enthu«siasticos testemunharam o prazer com que era recebida a «producção que o sr. Biester com tanta habilidade desentra«nhou d'aquella chronica d'aldeia, que num só dia deu nome ao «que a havia escripto. Na primeira representação o publico «chamou, no fim do terceiro quadro o sr. Biester, que veiu á «scena agradecer. Quando novamente foi chamado no fim do «sexto quadro sabendo já que o celebre auctor do romance, o «sr. Gomes Coelho (Julio Diniz) se achava na platéa, veiu ao «palco o sr. Biester, pediu silencio e disse mais ou menos as «seguintes palavras:

«Aquelle que realmente merece os vossos applausos está entre nós. Eu não fiz mais que apresentar debaixo da fórma dramatica um dos mais notaveis livros que se teem publicado n'este paiz. A esse escriptor já curvado dos applausos publicos peço eu agora a honra de permittir-me que o apresente n'este logar ao publico que o deseja ver».

A platéa levantou-se para applaudir o sr. Biester e o sr. Gomes Coelho, que se recusou a subir ao palco. Veio buscal'o á platéa o sr. Biester e mal appareceram ambos no palco, o enthusiasmo do publico chegou ao delirio. A todos commovia a modestia dos dois escriptores; um escondendo se na platéa e furtando-se aos applausos, outro pretendendo que toda a gloria coubesse ao sr. Gomes Coelho.

Os actores que ainda estavam em scena abraçaram o sr. Gomes Coelho, que profundamente commovido mal podia proferir uma palavra.

O Thomaz de Carvalho insistiu commigo para que fosse; o Castilho mandou-me pedir o mesmo. Eu dei uma desculpa absurda e vim para casa. Não sei como seria recebido o desacato. Hontem, sondando o Biester, pareceu-me que não estava muito horrorisado.

Agora entrou o Soromenho com um jornal em que se contradiz tudo quanto acabo de te dizer. Elles que o dizem é porque o sabem.

Como verás pelo sobredito Diario, eu fui a casa do Mendes Leal, gostei de ir e parti para o Porto. Ficam pois revogadas todas as asserções em contrario...

Diz-me mais ainda o Soromenho que escapei a uma poesia á queima roupa disparada não sei por quem. Talvez pelo proprio Mendes Leal. Que choque!

O mesmo Soromenho annuncia-me a visita de um inglez, parente de Lord Stanley, que aqui está estudando a historia dos descobrimentos portuguezes, o qual inglez tem a excentricidade de querer traduzir as «Pupillas».

O homem, pelos modos, já hontem me procurou. Entendendo perfeitamente o portuguez lido, não percebe palavra do pronunciado. Ha de ser curiosa a entrevista. Adeus. Faze-me lembrado ao Luso e recebe do Soromenho e Silva muitas lembranças. O Silva talvez parta ámanhã; eu ainda fico.

Teu amigo do coração

Coelho.

XVIII

Meu Passos

Como sabes estamos em Mattosinhos desde quinta-feira. No nosso programma de vida, religiosa e uniformemente executado, comprehende-se o banho do

Eugenio, tendo me por espectador, na praia de Mattosinhos; a passagem para Leça, onde vamos vêr tomar banho os outros banhistas; o almoço obrigado a café com leite e a pão com manteiga, passeios extensos e variados, maritimos, bucolicos, fluviaes e georgicos, cortados pelos mais variados episodios: jantar modesto e burguez, durante o qual eu e o Eugenio discutimos pontos importantissimos, *verbi gratia:* se quando está a chover se molha mais quem vae devagar ou quem corre, se elle desejava ser grillo, se nos havemos de entregar a bebidas alcoolicas, etc. etc.

A patrôa, a sr.ª D. Anna vem dar-nos cavaco no fim. E' viuva de um mestre escola; dá tambem mestra, ou antes a menina sua filha. E' a sr.ª D. Anna uma boa senhora, cuja unica impertinencia, a meu vêr, é a de querer que nós conheçamos toda a gente do Porto, o que a arrasta através d'uma fieira de parentescos e relações dos sujeitos que cita, que é de desesperar.

Passeamos depois do jantar *(janta* na linguagem da patrôa*)*, vamos ao correio buscar o jornal do Porto e alguma carta d'algum excentrico que por acaso se lembra de nos escrever.

Tomamos chá ás 9 horas, entremeiado com um cavaco analogo ao do jantar e, ás 11 horas, mais bocado menos bocado, deitamo-nos.

Escusado é dizer que a todo o momento jogamos o xadrez, no qual eu estou revelando uma inaptidão escandalosa. Em raros momentos rilha o Eugenio um bocado das viagens ao Oriente de Lamartine e eu uma poesia de Schiller ou uma carta persa de Montesquieu. Mas isto em doses minimas para não fazer mal.

O Eugenio andava com um prurido de ir ao Porto e já hoje fallava em chegar ahi ámanhã. Eu não estou resolvido a acompanhal-o. Parece-me porem que não irá elle tambem ámanhã ainda.

Eu confesso que ainda não me aborreci. Quero ir

ao Mindello onde o immortal D. Pedro fez aquella falla do «respeito ao altar e não sei que mais» e, se o tempo o permittir a Leixões que o Almeida Garrett tornou celebre.

Acabamos de tomar o chá. O tempo serenou um pouco. Dentro de poucas horas estamos a dormir. Adeus.

Mattosinhos 12 de agosto de 1868 ás 9 da noite.

Teu do coração

Coelho.

XIX

Porto — Novembro de 1868.

Meu Passos

Espero que se resolva breve esse impertinente incommodo que te retem na cama. Anda o azango comnosco. A minha tosse tambem continúa; a cerveja, porém, modificou milagrosamente, para bem, as disposições do meu estomago; ainda que não em grande escala seguem as melhoras. Resignemo-nos. Sinto não te poder visitar hoje, verei se ámanhã o faço antes do conselho.

Ahi vae o livro do Ramalho. Não me occorre mais nada para te mandar

Teu do coração

Coelho.

XX

Sem data

Passôs

Depois do estado em que hontem dizias achares-te, é de crêr que viesse um periodo de remissão e alli-

vio. Manda-me dizer de qualquer maneira, por boca se não estiveres para escrever, se de facto te achas melhor.

Eu continuo na mesma. A chuva e o frio de hoje não me deixaram sahir.

Até quando durarão estas nossas provações? Eu que me queixo dos meus incommodos, acredita que avalio bem quanto deverás ter soffrido, tu em quem elles são mil vezes mais exasperadores.

Teu do coração

Coelho.

XXI

Passos

O nevoeiro d'esta manhã obrigou-me a sahir de casa só ao meio dia, hora do conselho na Escola. Ainda assim era tal o frio que ia nas ruas, que eu, que passára um pouco melhor a noite, senti que se aggravava algum tanto a tosse, concorrendo para o mesmo fim o conselho.

Manda-me dizer como passaste a noite e como estás actualmente e se conseguiste ler o livro que me pediste. Não sei se te deva mandar mais algum, mas a fallar a verdade não tenho a certeza de o ter.

Alguns collegas fallaram-me n'um passeio a Lisboa, outros, o José Fructuoso, a Setubal. Agradou-me mais este; mas... resolver-me-hei? Não posso dizer. Não me lembro de atravessar uma época de tanto e tão profundo aborrecimento como esta.

Nem eu posso dizer o que quero.

Adeus. Se te custar a escrever manda-me de boca novas tuas e dize-me se ainda estás na cama.

Teu do coração

Coelho.

XXII

Passos

Que novas me dás hoje de ti?

....

Passo mais outro dia inteiro em casa e, não sei se por influencia d'esta vida de reclusão, e de quasi absoluta separação em que estou da humanidade, téem-se-me exacerbado os meus humores negros e estou, pelo menos moralmente, algum tanto peor.

Adeus; agradeço-te o lembrares-te de mim no meio dos teus incommodos, que aliás creio que eram bastantes para não te deixarem pensar em outra coisa. O que me dizes em relação a Setubal é exacto. Havia de custar-me a partir para lá. O que farei? Não sei.

Vou vivendo n'isto, até que uma causa maior me obrigue a tomar um partido.

Adeus; seria o meu primeiro prazer n'este dia se me mandasses dizer que estavas melhor.

Teu do coração

Coelho.

XXIII

Passos

A tua carta é um bom simptoma. Espero que se succedam semelhantes ou melhores e que cedo te aches restabelecido.

Applaudo a tua resolução de ir a Braga.

Eu não sei como vou; os assistentes não são os que me retéem em casa; é antes um desanimo que eu proprio não explico. A'manhã talvez saia.

Sei de ti todos os dias por noticias que dá o Luso a meu sobrinho. Não te tenho escripto para te não incommodar. Até breve.

Teu do coração

Coelho.

XXIV

Meu caro Passos

Porto, 29 de novembro de 1868.

Eram tenções minhas ir vêr-te hontem, quer o tempo permittisse quer não, porque ia de cadeirinha, se não pudesse ir a pé. Mandei pedir ao Silva para te dizer a razão porque o não podia fazer. Um ataque de hemoptyse, maior do que os que tenho tido, obriga-me a estar em casa e na cama. Não sei qual será o resultado d'isto. Os collegas dão-me as melhores informações do meu estado, mas que outra coisa hão-de elles fazer?

Em todo o caso é certo que me deu para não desanimar de todo. Acredita que uma das maiores mortificações que sinto é a de te não poder vêr antes da tua partida. Tu não tens motivos para não confiar na operação. E' simples, ainda não houve um caso em que ella não aproveitasse tanto nos da clinica do Alves Passos como nos do Almeida e até nos do José Fructuoso, que, comquanto não seja operador, já a tem praticado tres vezes.

. . . .

Não sei se poderás lêr o que escrevo, por isso que estou escrevendo na cama. Adeus, até á vista.

Espero que ainda passaremos muitas noites juntos,

n'aquelles nossos inoffensivos colloquios. E, para então, terás tu mais saude do que a que ha muito tempo gozas.

Creio-o firmemente.

Recebe um abraço do teu verdadeiro amigo do coração.

Coelho.

XXV

Meu caro Passos

Porto, 2 de dezembro de 1868.

(Para Braga).

Foi-me em extremo agradavel receber a tua carta justamente no momento em que esperava noticias tuas, que mandei saber a tua casa. Quando receberes esta minha é de crêr que estejas mais satisfeito de espirito pelo bom exito da operação, na qual eu firmemente creio. Julguei que o Silva tinha ido tambem comtigo, mas da tua carta parece concluir-se estar só ahi o Luso. Mal sabes quanto estimo que te tenha acompanhado, porque o seu animo forte é um excellente companheiro para os desalentados como nós, e muito mais porque ha n'elle, além disso, uma verdadeira amizade que tambem dá alento.

Eu para aqui estou no estado habitual de espirito que podes imaginar, achando-me consideravelmente melhor na presença dos collegas e horas depois da visita d'elles, peorando, quando anoitece e pela madrugada, em que os diabos negros se apoderam de mim.

Quando me achar meio restabelecido sahirei do

Porto e, actualmente a vida que mais me sorri é uma vida bem aldeã e bem esquecida do mundo.

....

Se tu não poderes, o Luso que me mande dizer o que se passar com a operação.

Teu muito do coração verdadeiro amigo

Coelho.

XXVI

Porto, 16 de dezembro de 1868.

Passos

Quero saber de ti. Não te tenho escripto porque me constou que te recommendaram não escrever e não queria que a minha carta fosse motivo a obrigar-te por ventura a infringir o preceito medico.

....

Eu julgo que vou melhor; asseguram-me os collegas que se não fartam de clamar contra a minha imaginação como a molestia principal de que padeço. Ha verdade n'isto quero crel-o, ainda que não no grau em que elles dizem.

Em todo o caso, o dia nasceu hoje bonito e o sol dá esperanças e animo. Creio nas nossas convalescenças e na continuação, mais ou menos remota, d'aquelles cavacos e passeios e da nossa velha e imperturbada amizade.

Teu amigo do coração

Coelho.

XXVII

Porto, 20 de dezembro de 1868.

Meu caro Passos

Vi pela tua carta, que me veiu agradavelmente acordar na manhã de hoje, que és, como eu, dotado de pouca fé no allivio dos soffrimentos proprios. Eu tambem, por mais que me assegurem os collegas e amigos que vou melhor, inda não pude acreditar firmemente que possa voltar para mim a vida de outros tempos.

....

Imagino quanto te ha de affligir o isolamento em que estás. A isso é que me parece de necessidade attender. O Luso, cujas férias estão á porta, não voltará a passar comtigo alguns dias?

E' homem que só vi uma vez depois que veio.

Tem-me causado impressão esse abandono de amigos em que me vejo.

Sou visitado por muitos medicos, mas uma fatalidade fez com que não pudesse vêr a meu lado os rapazes com quem convivia.

Adeus. Não me escrevas, no caso d'isso te incommodar, mas n'esse caso vê se achas meio de informar do teu estado de saude o

Teu amigo do coração

Coelho.

XXVIII

Porto, 5 de janeiro de 1869.

Meu Passos

Sei que vaes bom. Que passeias como o judeu errante e que te preparas para comer como Brillat Savarin. Parabens, do coração t'os dou, acredita.

Na qualidade de amigo e de convalescente, sou eu quem, com mais convicção, posso dizer-te: parabens.

Dizem-me que vens brevemente. Em parte estimo, porque estou ancioso por te ver, o que não faço desde aquelle memoravel passeio que demos juntos; em parte porem dezejaria que ficasses mais tempo ahi. Receio que tornes aos teus habitos sedentarios, voltando ao Porto.

O ideal dos projectos era se, voltando do norte, tu te resolvesses a partir para o sul, para onde, mais dia menos dia, tenciono emmalar. Os colegas promettem-me o desapparecimento dos poucos symptomas que ainda me restam, se fôr passar os mezes de inverno nas proximidades de Lisboa.

Ando em correspondencia activa com os meus amigos da capital para que me descubram no Lumiar ou em Bemfica um canto onde me metta.

. . . .

Por isso sorri-me a ideia de viver algum tempo fóra d'este berço de muralhas e, logo que possa, parto.

A não ser a felicidade de te ter por companheiro de viagem, espero que, ao menos d'esta vez, não me succeda não te vêr antes da partida.

Adeus até á vista.

Teu do coração

Coelho.

XXIX

Meu Passos

Lisboa, 10 de Fevereiro de 1869.

Estou em Lisboa ha quasi oito dias, na rua Direita da Graça, á Cruz dos 4 Caminhos, n.º 35. Não sei se estou melhor, julgo que, por emquanto, pouca differença faz o meu estado physico do que era ahi. Como porem os novos habitos de vida me teem constrangido o espirito a desviar-se da direcção em que, ahi, tudo o encaminhava, sinto menos apprehensões ordinariamente, e estou mais disposto a aguardar os factos á proporção e medida que elles succederem.

Não é campo o sitio em que habito, nem sei a que distancia de casa o encontrarei, o tal campo; pois que ainda não passeei, porque n'estes dias de carnaval era perigoso o passeio em Lisboa.

Verei hoje quarta-feira o que ha. Tenho empregado o tempo a ler um romance do Dickens traduzido em francez, e a passear no quintal pertencente á caza em que moro. As minhas patroas tinham pretensões a quererem viver muito em familia comigo; mas eu fui-lhes dando a conhecer o meu genio sorumbatico e ellas estão quasi educadas para acceitarem esse facto como natural.

O Soromenho e o João Basto já me procuraram e recommendam-se-te.

Dize me como tens passado e em que alturas vae o teu projecto de emigração do Porto.

Teu pae vae melhor? Como passa o Luso e o Silva? Tudo isso me interessa, como podes suppor, e espero que, se tiveres disposição para me escreveres, me informarás de tudo circumstanciadamente.

Pareceu-me ver no outro dia o Silva Ferraz no Rocio, não me cheguei porem a elle, porque não estava com vontade de falar a ninguem.

A altura em que estou parece-me que me livrará das visitas e cumprimentos dos meus amigos de Peniche, circumstancia que me é agradavel.

Eu devo passar entre esta gente por um lobo selvagem. No outro dia deu-se um facto que me fez rir quando pensei depois n'elle.

Querendo encarregar alguem de me abreviar a licença no Ministerio do Reino, lembrei-me do Th. de Carvalho que me ficava perto de caza e que tem a bossa da prestabilidade. Effectivamente o homem prestou-se a fallar n'isso ao Latino Coelho, dispensando-me assim de correr para as secretarias, que era o que eu queria evitar.

Mas vamos ao caso; em meio da conversa annunciou-me elle, como uma grande nova, que o Camillo Castello Branco estava tambem em Lisboa. A' vista da minha indifferença elle não pôde deixar de perguntar-me se eu não tinha relações com elle. «Poucas» foi a minha resposta. Logo depois segunda noticia de polpa: o Ramalho Ortigão morava perto da casa para onde ia. A mesma indifferença da minha parte; a mesma pergunta da parte d'elle, á qual eu respondi: «Algumas». Que pensaria o homem comsigo?

Adeus que o papel está no fim. Quando puderes dá-me o prazer de receber noticias.

Teu amigo do coração

Gomes Coelho.

XXX

Lisboa R. Direita da Graça 35.
18 de Fevereiro de 1869.

Meu Passos

A solidão longe dos homens é para mim uma coisa agradavel; a solidão no meio d'elles, reconheço agora, que é uma tortura *sui generis* que desconsola e impacienta. Crusar nas ruas com milhares de pessoas azafamadas, que correm, e fallam, e riem, e barafustam e não conhecer nenhuma, e ter a certeza de que em nenhuma existe por nós um sentimento leve que seja de sympathia, não é demasiado agradavel.

Depois quando a gente vê uma pessoa que conhece, embora não lhe fale, segue por algum tempo pensando n'ella, em alguma particularidade da sua vida e, insensivelmente, distrahe-se; mas se estas caras, que eu vejo por aqui, são para mim como um livro em allemão, cujos caracteres não me é dado decifrar, como hei-de eu distrahir-me ao vê-las? O resultado é adquirir, depois de se passear algum tempo na baixa, um certo gráo de irritação nervosa, que eu novamente comparo ao que me produziria uma bibliotheca, em que me fechassem, toda composta de livros em lingua desconhecida.

Quando por acaso ponho a vista em uma cara que conheço, sinto uma impressão exquisita e nova.

Foi de certo este phenomeno que produziu a effusão com que se deu um encontro entre mim e um homem a quem, ahi no Porto, sou inteiramente indifferente. Quem nos visse havia de tomar-nos por amigos intimos. Foi o Coutinho de Madureira, que encontrei

quasi tão perdido como eu n'este redemoinho da cidade baixa.

Ainda outro phenomeno quasi do mesmo genero. Hontem descendo o Chiado, esbarrei cara a cara com não menor personagem do que Camillo Castello Branco. Se fosse no Porto, saudar-nos-iamos muito ceremoniaticamente e passariamos. Aqui foi outra coisa. O *amavel* romancista dirigiu-se-me com maneiras tão affaveis, que dir-se-ia sentir um real prazer em me encontrar.

Queixou-se-me por miudo dos seus males physicos, que o tinham obrigado tambem a vir a Lisboa; das suas apprehensões a respeito d'uma supposta doença de espinha medullar (e alguns fundamentos tem para a supposição), das canceiras que lhe tinha dado a doença d'um filho, obrigando-o isso a dias de continuada vigilia; informou-se dos meus padecimentos, deu-me conselhos, sentiu do *coração,* que a minha doença me não deixasse escrever; e terminou offerecendo-me a sua casa. Separamo-nos como grandes amigos, depois d'um *tête-a-tête* do um quarto de hora. O homem está realmente muito escavacado. Elle diz que morre saciado — porque soube viver muito em 42 annos.

Ora aqui tens os phenomenos d'este viver exepcional que eu estou experimentando.

As minhas melhoras não são grandes, com quanto tenha conseguido affazer-me a habitos de vida de quem tem saude, o que acredito ser meia cura; com tudo não me satisfazem ainda os meus canaes bronchicos.

. . . .

Adeus, não prolongo mais esta carta porque não posso escrever muito ou porque receio fazel-o.

Teu amigo do coração

Coelho.

XXXI

Lisboa, 28 de fevereiro de 1869.

Meu Passos

Escrevo-te porque tenho que te communicar. Dizias-me na tua carta, que recebi hontem, que dezejavas que eu sahisse de Lisboa; pois bem, hontem mesmo escrevia eu á minha familia, dizendo-lhe que estava resolvido a fazel-o. E sabes para onde vou? Deixemo-nos de Setubal e de Abrantes; visto que me resolvi a expatriar-me (perdoe-me o Porto o não ter experimentado ainda as tristezas do exilio), faço um sacrificio um pouco maior, imprimo á minha irresolução um solavanco de mais força e vou para a Madeira. Isto não é motivado por aggravação de incommodo, pelo contrario, acho-me melhor e o dr. May Figueira, que me examinou, foi em tudo de accordo com os collegas d'ahi. Foi elle porém o que me convenceu de que pouco lucrava em estar em Lisboa e que, visto que procurava ares mais salutares fosse para a Madeira.

A ideia figurou-se-me ao principio uma aventesma; depois principiei a voltal-a de todos os lados, a ponderar tudo que se me suggeria, e acabei por me convencer de que o passo era naturalissimo e racional.

A unica dureza que lhe encontro é a despeza, que não é pequena; mas para quem anda como eu tão desapegado ao dinheiro, o sacrificio de algumas economias não é o mais custoso. Demais, eu estou aqui vivendo caro e estupidamente ha perto de um mez; e afinal estou a ver que passava o tempo e eu entrava no Porto a tossir, coisa que me seria muito desagradavel.

Sabes o que completava admiravelmente o meu plano e me faria adoptar este partido ainda com mais vontade do que o adopto? Era se tivesse um companheiro como tu. Que bellos dois mezes passariamos n'aquella ilha quasi encantada, sentindo-nos convalescer do corpo e do espirito! Tambem me lembro do Luso, que muito teria que explorar por lá. Sinto, no caso de realisar como espero, a minha ida, não possuir mais extensos conhecimentos de Historia Natural para poder ser d'algum prestimo ao nosso amigo. Em todo o caso dize-lhe tu, que se me quizer dar algumas indicações, ou fazer alguma incumbencia, muito desejaria servil-o.

Antipathiso um pouco com a ideia de uma viagem maritima, porém o May disse-me que o mesmo abalo do enjôo me era util.

Estou pois quasi decidido. Sexta feira parte o paquete. Talvez que de hoje a oito dias já eu vá — «longe, por esse azul dos vastos mares, na solidão melancholica das aguas» — se bem me lembro ainda dos versos de Garrett.

. . . .

Sinto que teu pae se não resolvesse a ir para a Foz com o Moniz. Não será possivel resolvel-o ainda? Seria util para ambos e para ti.

Em todo o caso, meu Passos, toma uma resolução. Sahe d'essa vida; não te deixes outra vez dominar por os velhos habitos que mais te custarão depois a modificar.

Quando se venceu o primeiro esforço não se deve parar. Eu por mim o digo. Quantas vezes ahi no Porto me fallaram em ir á Madeira. Nunca pensei a serio na proposta. Desde que venci a primeira batalha e cheguei a Lisboa, achei a coisa natural.

Escrevi a meu primo para me mandar um dinheiro que ahi tenho. Lembrei-lhe o Cruz Coutinho para, por os seus correspondentes, me fazer a remesssa,

mas se por qualquer motivo o não puder fazer é provavel que meu primo te vá incommodar. Se não fôr isso custoso, obsequeias-me acceitando a commissão.

Adeus. Recommenda-me a teu pae, ao Luso e ao Silva e escrevam-me, se alguma coisa quizerem da Madeira, até quinta ou sexta feira, porque, se partir, parto n'este ultimo dia. Recebe um abraço cordeal do

Teu velho amigo

J. G. Gomes Coelho.

XXXII

Lisboa, 5 de março de 1869.

Meu Passos

Quando receberes esta carta já eu irei por sobre as ondas, aturdido e enjoado. O Nogueira Lima fallou-me assustadoramente da viagem por o vapor de Africa — «Mau tratamento! mau cheiro! companhia de degredados!» Aqui anda, decerto, a côr negra da paleta do nosso amigo. Em todo o caso vou. Pouco cuidado dá o tratamento a um homem, que espera ir enjoado toda a viagem. Em quanto aos degredados... ás vezes não são os peores membros da sociedade os individuos d'essa classe.

Li o que me dizes das tuas esperanças de viver na Madeira. Facilmente as poderás realisar. Eu não tanto; o Estado exige a minha fixação no Porto. A não ser que realise um fantasioso projecto financeiro que hontem li em uma carta do Gramaxo.

O Gramaxo tem suas utopias. Fallava-me em con-

verter em inscripções a propriedade dos meus romances e em escrever depois um por anno, para viver dois ou trez annos seguidos na Madeira, com o fim de alterar a minha organisação e crear um temperamento novo. Como se, desde o momento em que me resolvesse a fazer da litteratura modo de vida eu, *ipso facto,* me não tornasse incapaz de escrever duas linhas?!

Contentemo-nos com estas escapadellas que, no estado das coisas no nosso paiz, já não são pequeno arrojo. O mais será o que Deus quizer.

Não é amor ao Porto o que me prende. A minha familia é cada vez mais limitada. Se não fosse meu pae, talvez me resolvesse a dar um golpe de estado d'esses que me attrahiriam dos homens sensatos o epiteto de *pateta.* Meu pae, porém, está hoje mais isolado que nunca. Eu imagino o quanto lhe ha-de ter custado a separação, a um tempo, do filho e da neta. Basta que se diga que foi isso o que o obrigou a vir a Lisboa, onde hontem me appareceu. Como lhe custaria se a minha ausencia fosse permanente!

Meu primo, um dos mais honrados caracteres que eu conheço, e um dos meus mais dedicados amigos, sentiria tambem a minha ausencia; mas esse tem cedo uma compensação que lhe abrandaria esse pezar. Em segredo te digo que elle arroja-se a resolver o problema que eu e tu ha tanto tempo inutilmente discutimos. Para principios de abril casa com a irmã do Rodrigues de Freitas. E' a primeira loucura economica, que eu conheço em meu primo. Pelo lado da poesia e sentimento é um casamento sympathico.

Se elle tiver saude confio ainda, que, graças aos habitos de economia de ambos os conjuges, as finanças correrão menos mal.

Estes homens de caracter severo teem d'estas resoluções. Eu pensaria annos. Meu primo resolveu-se em mezes.

Já vês que deixo o Porto, quando o santo matrimonio me principia a esvoaçar por casa. E' agouro; dir-se-ia que fujo d'elle.

Ahi tens quaes as impressões, sob que parto. Vou recheado de cartas de recommendação. Só por intervenção do Nogueira Lima recebi tres. Algumas ficam na carteira.

Adeus, recebe um abraço que, com a mais sincera affeição, te dá o teu velho amigo

Coelho.

P. S. Escreve-me por os vapores que tocam na Madeira e recommenda-me ao Luso, Silva, Albuquerque e a teu pae.

XXXIII

Funchal, 19 de março de 1869.

Meu Passos

Estou finalmente na Madeira e arrependido de ter gasto, quasi inutilmente, um mez em Lisboa.

A viagem foi excellente na opinião de todos quantos vinham a bordo; ao que eu sómente observo: — «Que faria se fosse má!!» — Decididamente o mar não é o meu elemento; perdoem-me os navegadores, nossos avós. O surprehendente e tão gabado espectaculo, que se gosa do convés d'um navio, quando nada mais se avista além do ceu e mar, achei-o monotono. O mar parecia-me até menos magestoso e o horizonte mais limitado do que quando os observo das praias, o que julgo explicavel por uma lei optica. E' verdade que

eu trazia a cabeça atordoada, e ia de mau humor, e só por um esforço de philosophica curiosidade é que pude erguer-me por um momento do beliche para contemplar o padre Oceano.

Quando no dia seguinte repetia o esforço, figurava-se-me estar ainda no mesmo sitio da vespera, o que me fazia o effeito d'um longo dialogo no theatro, que nos obriga a dizer muito baixo para o nosso visinho: «não é feio, mas já era bem bom que acabasse».

Graças a esta indisposição de animo com que ia contra o liquido elemento, foi com verdadeiro prazer que, na manhã do dia 8, me achei á vista da formosissima ilha da Madeira.

Socega, não tenho a presumpção de te descrever a ilha, que já é como Paris, uma coisa que se não descreve. Deixa-me porém dizer-te que o campo não me fez esquecer o Minho ainda.

A vegetação não é aqui mais abundante, o que é, é mais variada porque reune a flora dos climas quentes. Isto é o que lhe dá um aspecto novo para nós e que me agrada immenso. As casas de campo, n'um gosto inglez, com os mais bonitos jardins que eu tenho visto, descobrindo-se por entre plantações da cana e adornadas por altas palmeiras, bananeiras e outras arvores tropicaes, são de um effeito surprehendente.

Para viver bem na Madeira é preciso viver n'um d'esses *cottages,* porque a cidade é feiíssima.

Ha dias estive n'uma d'essas pequenas quintas, a melhor das immediações.

Pertence a um inglez chamado Dario, que tem a coragem de viver em Malaga.

Não t'a sei descrever. Só te digo que, ao sahir de lá, parecia-me que acordava d'um sonho.

Como, bebo e, se ainda não estou livre da tosse, sinto-me mais forte e bem disposto. Nos dois mezes que tenho ainda para me demorar aqui, espero restabelecer-me.

O que eu desejava era voltar para o inverno, mas alugando uma d'essas casas de campo que por ahi vejo. Dizem-me que a coisa é muito realisavel, porque a vida aqui é barata e, sobretudo, se duas pessoas viverem juntas, mais suave lhes fica.

Vê por tanto se te vaes resolvendo, porque n'esse caso volto decididamente.

Ainda não vi o Barão, que sei que, para maio, vae para Portugal, tendo eu assim o gosto de o ter por companheiro de viagem. A estação está ainda pouco adiantada para permittir passeios ao sertão, por isso ainda não vi o interior da ilha.

Nada ainda pude obter para o Luso em resultado d'isso. Além de que a Madeira está tão explorada, que se me mettesse a arranjar alguma coisa, arriscava-me a ir carregado de muitas ninharias.

O dr. Lowe e sua esposa por aqui andam. E' a mais perfeita caricatura ingleza que tenho visto este erudito par. A mulher sobretudo é indescriptivel.

Qualquer dia vou ver o grande *til* de que me fallaste. Dizem-me que, a quatorze leguas da cidade, ha arvores que se julgam do tempo do descobrimento da Madeira e que, em certos valles, teem apparecido troncos carbonisados do incendio d'essa epocha. Desejava muito vêr isso, mas a viagem não é commoda, ainda que se vá de rede, que é aqui o meio de transporte usual.

Adeus. Recommenda me ao Luso, Silva e Albuquerque e não te esqueças de me escrever no paquete de 5 ou de 15 pelo menos.

Manda-me noticias de teu pae.

Teu do coração

Coelho.

XXXIV

Funchal, 18 de abril de 1868.

Meu caro Passos

Dizes-me tu na tua carta, que se esta ilha pertencesse aos inglezes os meios de communicação com a metropole não seriam tão escassos como os que nós temos d'aqui para Portugal; sabe pois que os nossos caros alliados não esperaram que lhes pertencesse a ilha para multiplicarem o numero de vasos que a frequentam. Em quanto nós, os portuguezes, só sabemos noticias dos nossos duas vezes no mez, a colonia ingleza d'aqui tem-n'as de Inglaterra quasi de oito em oito dias, e, ás vezes, com intervallos mais curtos. A cada momento fundeiam na bahia do Funchal vapores inglezes, ou de guerra ou mercantes, que andam na carreira de Africa e vão para o Cabo da Boa Esperança, ou de lá voltam.

Causam me inveja aquelles diabos, que a cada momento me apparecem nas ruas a lerem a correspondencia que receberam. Porque devo dizer-te que o momento de maior prazer que experimento aqui é quando recebo cartas de Portugal. Não fazes ideia o que é ver correr quinze dias sem saber o que terá acontecido áquelles a quem nos liga a amizade, e, no fim d'elles, ouvir dizer que está fundeado o vapor que nos traz essas noticias. Esse dia é um dia perdido para tudo que não seja esperar pela distribuição das cartas, lêl-as e relêl-as. Eu quasi fico com febre quando chega a noite; não exagero. Succedeu-me isso no dia 8 d'este mez, quando recebi 10 cartas do Porto.

A vida que passo aqui é altamente monotona. Tenho adquirido alguns conhecimentos, mas não me satisfazem. Eu não tenho a qualidade, que admiro em certa gente, de apreciar a convivencia, sejam quaes forem as pessoas com quem convivem; para mim só é realmente agradavel a convivencia com pessoas muito intimas, com quem se esteja á vontade e despido de tudo que se pareça com etiqueta. Outra qualquer fatiga-me. Já vês pois que hei-de andar por aqui quasi sempre fatigado.

Causa estranheza o eu não frequentar, aos domingos de tarde, o passeio publico, onde toca a musica e vae toda a sociedade elegante da terra. Mas eu prefiro ficar em casa ou passear para fóra da cidade só. O passeio é um largo plantado d'arvores, mettido entre casas pouco elegantes, e com um aspecto triste a que ainda me não pude costumar.

Por isso tenho tambem saudades dos nossos cavacos, dos nossos passeios, e dos nossos passatempos, a meu ver, unicos no seu genero. Se tu aqui estivesses poderiamos passar então alguns dias agradaveis.

Eu estou assim meio resolvido a vir passar aqui o inverno proximo. Se então se modificassem as circumstancias da tua vida, que hoje te prendem ao Porto, e me acompanhasses, talvez se pudesse arranjar uma casinha nas proximidades da cidade e ahi *rusticariamos,* longe das conversas sobre a politica, que até aqui me perseguem.

Que praga! Atravessar o mar n'uma viagem de tres dias e, quando se espera estar longe dos questionantes de politica de freguezia, vir encontrar exactamente o mesmo aqui! Massam-me com as probabilidades de victoria do Lampreia contra o Agostinho d'Ornellas, morgado do Caniço; com as cartas do centro ao Bispo e do Bispo ao centro, e isto desde pela manhã até á noite. Eu, ás vezes, olho para as ilhas Desertas, que me ficam fronteiras, tres enormes

rochedos, onde ninguem habita, e apetece-me viver alli para não ouvir fallar em eleições e deputados.

A estas horas devem estar decididos os destinos politicos da nossa terra. Ouvi dizer aqui que o Ayres se propunha outra vez. Cahiria n'essa?

O Porto está eminentemente casamenteiro. N'este paquete chegaram-me muitas novas matrimoniaes. O José Carlos mandou-me dois cartões a dar parte do seu casamento. Meu primo noticiava-me que o d'elle se effectuaria a 5 d'Abril e, no mesmo dia, tinha lugar o do Albuquerque!

Cahiu pois aquelle colosso que eu julgava inabalavel! Baqueou uma das mais seguras columnas do celibato! A nossa tripeça descambou por o pé mais solido! Afinal ninguem póde reputar-se immune. Que destinos nos reservarão os fados?

Eu, quando penso nas soluções que vão dando a este grande problema da vida os nossos amigos, perco-me em longas meditações.

Veio-me ter aqui uma carta que o... me escreveu para Lisboa. Entre outras coisas, dá-me parte de que tem uma filha, por quem é doido. Isto sem que me falle na mãe nem no casamento!

Triste consequencia logica da exquisita posição em que elle se collocou.

Sabes tu que, pensando n'isto, me pareceu que a mãe ha-de sêr mais prejudicada do que favorecida pela existencia da filha, no conceito do nosso amigo? Quanto mais amor elle tivér á creança mais custoso lhe será pensar que da mãe venha para ella alguma mancha que a sociedade tem sempre cuidado de notar.

Fiquei n'uma posição peor do que estava para com o... depois d'esta carta. Se elle me não falla na mulher, como posso eu fallar-lhe n'ella?... Se não fallo, não é o mesmo que uma triste declaração de que acho o assumpto espinhoso? Se eu tivesse descáro bastante e menos consideração pelo... fingir-me-ia admirado

e pedir-lhe-ia explicações sobre o nascimento da creança. Era o que naturalmente faria se a nova realmente me tivesse surprehendido. Mas repugna-me este jogo de comedia.

Assim pois dei-lhe os parabens pela existencia da filha e guardei descripção a respeito de assumptos correlativos.

Escrevo ao Luso n'este mesmo paquete. As razões porque o não fizera antes digo-lh'as na carta e são as verdadeiras. Eu sei que o Luso não é muito amigo de massadas epistolares e receei servir-lhe de incommodo escrevendo-lhe. Mas uma carta não é coisa que se não vença e porisso sempre lhe destinei uma folha de papel.

Deu-me cuidado o que me dizes do Eugenio. Participa-me o mais que vieres a saber.

Espero receber melhores noticias a teu respeito e de teu pae, cujo incommodo confio diminuirá com o melhor tempo. O frio que me dizem ter feito ahi, é, de certo, a causa principal dos teus incommodos e dos delle.

Agradou-me o que me dizes das impressões que te causou a leitura da Morgadinha; não por me convencer de que ella tenha o merecimento que a tua amizade lhe ache; mas por isso mesmo que vi na illusão uma prova d'essa amizade.

O Julio de Castilho escreveu-me. Diz-me que o pae está com um anthraz e que, nos intervallos das suas dôres só tem querido ouvir lêr o meu romance. Depois passa a levar o livro ao septimo céo; mas temendo que, deixando-me lá só, eu me despenhasse, põe-me, com muito geitinho cá em baixo, dizendo-me *a medo* que o romance, dos dois terços para diante, tem accumulações de episodios, precipitações, confusão, faltas de perspectiva e que eu devo reformal-o para outra véz. Eu percebi que o rapaz, que não sei a que proposito me diz que é e se preza de ser muito reli-

gioso, não gostou do que por alli se diz dos padres e das beatas.

Adeus. Escreve-me e Deus queira que me dês boas novas a teu respeito e de teu pae, a quem me recommendo.

Teu do coração

Coelho.

Parece-me que não te disse que vou melhor. Não tenho tempo de verificar e por isso o digo aqui.

XXXV

Meu Passos

Funchal, 5 de maio de 1869.

Remetto-te a minha vera effigie, tirada pelo sol d'Africa. Por ella verás que a doença não me transfigurou demasiadamente o physico, em quanto ao moral, parece-me que alguma mudança houve. O sorumbatismo augmentou consideravelmente.

Estamos no mez de Maio, no fim do qual tenciono voltar ao Porto. A minha cara patria reclama-me e eu obedeço á reclamação ainda que não de todo em todo tranquillo de espirito. Vou firmemente resolvido a voltar no inverno e demorar-me aqui talvez seis mezes. Veremos se as delicias d'essa Capua me obrigam a mudar de tenção. O que te digo é que a humanidade é a coisa mais monotona que ha. Eu imaginava que a Ilha da Madeira teria costumes novos para mim, que haveria n'esta sociedade uma feição especial. Nada d'isso ; os mesmos cavacos politicos nas praças, as mesmas cerimonias nas salas de partidas, as mesmas bisbilhotices nas lojas, onde se reune a

élite funchalense. E' o Porto sem tirar nem pôr, com a unica differença de se entrar ainda mais pelo intimo das casas para assoalhar o que por lá vae.

Uma noite houve aqui um baile em casa d'um morgado. Os morgados andam por cá a rodo. Pois ao almoço do dia seguinte eu sabia das minhas patroas, que aliás não tinham lá ido, as minimas particularidades da *soirée*. As informações distribuem-se aqui ás horas do leite e do pão quente.

A natureza compensa as impertinencias d'esta sociedade. Mas não é facil a um doente passear no campo. Passeios a pé são impraticaveis, graças ás pavorosas subidas que por toda a parte se encontram. A rede não é tão commoda como parece; os carros sem rodas não podem vencer todos os caminhos. Depois um homem habitua-se, como ahi no Porto, a dar todos os dias a mesma volta e acabou-se.

Outra impertinencia do Funchal é a conversa forçada em doenças do peito. Todos os dias os doentes se encontram nas ruas e informam-se reciprocamente de quanto tossiram, de como passaram a noite, da maior ou menor pressão que sentem, e de mil pequenas coisas a que os doentes dão importancia. Não ha meio de fugir d'isto.

Apezar de tudo, eu devo ser grato a este clima, que, se me não curou de todo, deu-me mais vigor e mais resolução. Conto voltar a 20 de Maio, e conto voltar melhor. Estou ancioso por te ver e abraçar, assim como ao Luso, Silva e todos com quem me entendo. Adeus, até então. Espero carta tua no vapor de 5 e que me dês boas informações a teu respeito e de teu pae, a quem me recommendo.

Teu do coração

Coelho.

XXXVI

Lisboa, 23 de maio de 1869.

Meu Passos

Voltei da Madeira. Estou em Lisboa onde tenciono demorar-me alguns dias para descançar da viagem e para me affazer aos ares do continente. Por toda esta semana conto, porém, estar no Porto.

Meu pae veio esperar-me e eu, não só para acompanhal-o, como porque me tarda ver alguns amigos de que ha tanto vivo separado, queria seguir com elle para ahi, mas foram geraes as recommendações para que me demorasse e eu não quiz tentar a providencia ou a physica.

Volto melhor, mas volto com tenções de me expatriar de novo no inverno; ainda que me assusta a ideia da viagem maritima, de enjoativa memoria. Decididamente o mar foi feito para os peixes e quejandos, e quanto ás phocas não podem servir de regra aos mamiferos d'este mundo.

As condições d'esta ultima viagem foram memoraveis.

Accrescia ao incommodo proprio a circumstancia de ir cercado de *poitrinaires*, sete em numero que formavam um concerto de catarrhos e de tosse admiravel!

Estou com vontade de cortar a viagem para o Porto em duas. Hesito onde pararei. Se tu tivesses occasião de dar uma passeata algures, podias tirar-me d'esta hesitação. Que dizes?

Adeus, até breve; faze-me lembrado do Luso, a

quem não perdôo o não me ter escripto para a Madeira, recommendando-me egualmente ao Silva e a teu pae, cujas melhoras muito estimei e dispõe do

Teu velho e sincero amigo

Coelho.

P. S. Tencionava escrever ao Nogueira Lima, não tenho porém actualmente papel á mão. Portanto junta ás mais recommendações outras para elle.

XXXVII

Lisboa, 27 de maio de 1869.

Passos

Em supplemento ao telegramma que te mandei e cuja resposta acabo de receber, escrevo-te para te dizer que ainda que não saiba quaes são as vossas tenções relativas á demora em Coimbra eu, de antemão approvo tudo quanto resolveres. O que péço é que depois de calculares o dia que estaremos no Porto, mandes d'isso aviso a minha casa.

Adeus. Recommenda-me ao Luso, Silva, Nogueira Lima e acceita recommendações do Soromenho e Basto (João).

Teu amigo do coração

Coelho.

XXXVIII

S. Salvador de Fanzeres, 24 de agosto de 1869.
(Residencia parochial)

Meu caro Passos

O Luso tem novamente sido ameaçado de dôres de queixos e, por isso, pede que lhe mandes doze papeis de sulphato, como os do costume.

Eu tambem, ao acordar fui mimoseado com um leve incommodo, para me não esquecer de que sou doente, como ás vezes estou proximo a convencer-me. Por isso e por a trovoada matinal, gorou-se a projectada pescaria e limitou-se o divertimento do dia a simples passeio campestre. Não tenho remedio, para não desconsiderar de todo em todo a medicina, em que cada vez creio menos, senão esfregar-me com alguma coisa que me evite a repetição da pouco agradavel surpreza de hontem; por isso peço-te que me mandes uma porção d'oleo de croton. O meu estado de espirito não é mau; digo-te com sinceridade. Já me vou costumando ás peripecias da minha doença; acceito-as como factos habituaes. O nosso bom abbade continúa afflicto com o calor, desconfiado com a politica moderna, e preoccupado com a engorda dos seus porcos. Pede-me elle que tu lhe mandes comprar um rol para a roupa da lavadeira, d'esses que tem os objectos pintados, para supprir a falta de sciencia das lettras de Clemencia; quer tambem uma mão de papel fino para cartas e um masso d'enveloppes.

Adeus. Visitas ao Eugenio, que espero que tenha menos pressa de deixar o Porto.

Recommenda me a teu pae, que estimarei saber que experimenta melhoras.

Teu do coração

Coelho.

XXXIX

Lisboa, 14 de outubro de 1869.

Meu Passos

Para ter jus a uma carta tua no primeiro paquete que partir para a Madeira, vou escrever-te uma pequena carta. A minha jornada feita debaixo d'um calor insupportavel, ainda que principiada sob um nevoeiro de cortar á faca, acabou por afinar o meu defluxo, que tomou as serias proporções d'uma constipação. Felizmente, uma noite bem passada, apressou o periodo da cocção e por isso estou mais alliviado.

Parto effectivamente sexta feira ás 8 horas da manhã. Conto que o vomito maritimo deve fazer-me bem ao estomago, que anda avêsso á comida e a sympathisar com as theorias alimenticias do nosso amigo Luso.

O Soromenho é o mesmo homem. Traz atrancada na garganta a questão Barata e já por causa d'ella escreveu para França, Italia e Allemanha.

Vi o Ramalho Ortigão na Bibliotheca da Academia. Correu para mim com os braços abertos e com uma expansão de me deixar *sensibilisado*. Achei-o adoentado; mais magro e sem côr. Leu diante de mim e do Soromenho o original de um folhetim sobre o

Fr. Caetano Brandão, em que dá no Gayo d'uma maneira desapiedada e n'aquelle estylo irritante com que elle costuma escrever as suas descomposturas litterarias. Se o folhetim se publicar temos provavelmente polemica litteraria, como a do D. Jayme.

....

Quero vêr se vou hoje vêr o drama.

O João Basto e Soromenho recommendam-se-te muito.

Espero que tenhas passado melhor, assim como teu pae. Recomenda-me ao Luso, Silva e Albuquerque e dispõe do

Teu amigo do coração

Coelho.

XL

Funchal, 19 de outubro de 1869.

Meu Passos

Cheguei ao Funchal na manhã de domingo, depois de 48 horas de uma excellente viagem. Paguei ao mar o meu tributo no primeiro dia, mas em seguida, fiquei fino e fui até jantar e almoçar á meza com os mais companheiros. O tempo aqui vae magnifico. E' um gosto abrir pela manhã a janella a este ar. Tenho muito boas esperanças de me aborrecer o melhor possivel n'esta boa terra.

Durante a viagem assisti a uma das mais graciosas scenas comicas que tenho presenciado. Eram onze horas da noite e travou-se entre o Barão de Castello de Paiva e um allemão, que é administrador da casa dos

Ornellas na Madeira, um dialogo comico, sobre phrenologia, metaphysica e theologia, no que, para complemento da obra, interveio o Conde de Sabugal, que é o typo de doidivanas mais bem accentuado que se pode conceber. Foi soberbo. O allemão, com a ingenuidade da sua nação, dizia ao Barão que não lhe leria os Novissimos por coisa alguma d'este mundo; o Barão retorquia-lhe que talvez lucrasse com a leitura; o allemão dizia-lhe que um homem, que estudou medicina e historia natural, não podia escrever coisa que prestasse em theologia. O Barão allegou sete ou oito annos de estudo que lhe absorveram os Novissimos. O Conde de Sabugal perguntou-lhe o que queria dizer Novissimos; o Barão, tomando a coisa a serio, principiou a explicar dizendo, que o primeiro era a *morte,* fim necessario do homem. Acudiu o allemão, perguntando se tinha levado oito annos a fazer aquella descoberta. O Barão zangou-se. Depois, não sei já como, formulou o Barão a proposição de que Deus dá a todos um bocadinho de juizo, mas que os homens fazem mau uso d'elle. O allemão contestou fallando em temperamentos e phrenologia; o Barão, espinhado, advertiu-o de que estava em frente d'um homem que sabia anatomia e acreditava em Deus. N'isto entra de novo o Conde de Sabugal na camara e o Barão recorre a este e pergunta-lhe se não concordava em que Deus tinha dado a toda a gente um bocadinho de juizo? Como é isso? respondeu-lhe o Conde, então V. Ex.ª supprime assim de repente os idiotas d'este mundo? O Barão ficou embatucado.

Finalmente o dialogo podia ser todo transcripto que ficava perfeito para uma comedia.

E' esta a principal impressão da minha viagem, por isso t'a descrevo. O mais não tem chronica possivel.

Vamos andando de saude. Recommenda-me ao Luso, Silva e Albuquerque.

Escreve-me no paquete de 5 de abril e manda-me

dizer como estás e como está teu pae, a quem me recommendarás.

Teu amigo do coração

Coelho.

XLI

Meu caro Passos

Funchal, 19 de novembro de 1869.

Não preciso dizer-te a impressão dolorosa que me causou a tua carta. Antes de a abrir já conhecia a triste noticia que ella continha, e a sua leitura acabou de me magoar, por o profundo e justificado desalento que denunciava em ti.

Pela primeira vez faltei a teu lado n'esses dias de lucto, por que tantas vezes temos passado. Senti-o; parecia-me que a minha presença te poderia ser d'algum allivio, porque para ti eu sou d'aquelles diante de quem se chora e se não procura reprimir a dor. Duas coisas me preoccuparam, depois que soube esta triste noticia; pensava no que devias estar soffrendo, e acredita que, infelizmente, não me é difficil comprehender toda a intensidade dos teus desgostos, e pensava tambem na resolução que tomarias agora. Por o vapor do 25 não recebi noticias a teu respeito.

Persiste pois, para mim, a anciedade n'este ponto. Eu não ouso hoje dar conselhos, porque acho tão incertos todos os caminhos no mundo, que não sei qual se deva aconselhar. Comtudo, a tua vida tem sido até hoje uma sequencia de sacrificios realisados com a maior abnegação.

E' tempo de viveres para ti. O coração já não te impõe deveres; ainda mesmo quando podesses ser egoista, já ninguem tinha direito de t'o estranhar.

Tinhas obtido bem caro o direito de o ser. Mas não está no teu caracter ir tão longe e receio até que fiques muito áquem do que exigem de ti a saude do corpo e a tranquilidade do espirito.

Acredita que temo devéras que o desalento nem te deixe luctar contra a especie de fatalidade que te tem perseguido. Toma uma resolução, rompe o circulo em que tens vivido, adquire habitos novos. E' uma necessidade urgente para ti. Deus queira que a realises.

Se te não custar, escreve-me informando-me da tua resolução. Infelizmente só a 8 de dezembro posso ter noticias tuas!

Vê se, para então, me podes escrever. Se te der prazer desabafar com um velho amigo, escreve-me uma longa carta, se, pelo contrario, ainda não tiveres animo para isso, duas linhas apenas. De qualquer das maneiras satisfarei a anciedade em que fico por tão longo espaço de tempo.

Adeus, meu Passos; recebe de longe o mais sentido abraço do

Teu amigo do coração

Coelho.

XLII

Funchal, 19 de dezembro de 1869.

Meu Passos

Commoveu-me mas não me surprehendeu a tua carta de 3 de dezembro.

A nossa velha amizade permitte-me já prevêr, até certo ponto, qual a tua maneira de sentir e de pensar em dadas situações da vida.

Antes que me escrevesses, tinha eu pensado muita

vez em ti, nas muitas horas em que estou comigo e com a lembrança dos amigos ausentes, e eram aquellas mesmas palavras as que se me figurava escutar da tua bocca, quando pela imaginação me transportava ahi, ao teu lado, a prestar-te o unico e bem pouco valioso serviço que um amigo pode prestar em casos taes, o de abrir o coração ás expansões do coração que soffre e de as acolher com sincera sympathia.

Pedes-me desculpa de haver talvez com as tuas palavras ferido as minhas crenças. Não feriste.

Eu, meu Passos, não quero blasonar de sceptico, porque creio até que o não sou. E' certo porém que não possuo taes e tão melindrosas crenças, que as tuas palavras podessem assustar. Tenho ás vezes, sondando-me com o firme intento de me conhecer, chegado quasi a acreditar que estou vivendo em uma santa illusão, suppondo-me menos sceptico do que outros que o são mais manifestamente. Desvio, porém, sempre que posso, o espirito d'estas sondagens, porque prefiro illudir-me e ignorar o que lá vae no fundo. D'ahi vem o não me chocarem as expressões de desalento ou descrença dos outros, e muito menos quando tão fortes motivos ha para ellas, como os que tens.

Pedes-me que te falle de mim. Pouco tenho que dizer-te. Vou vivendo. A Madeira não reserva para mim um d'aquelles milagres, cuja tradição passa de familia para familia e se perpetua através dos seculos. Não passo mal, porém nunca livre de achaques. Nos habitos monotonos da minha vida actual encontro certo prazer, porque não me tentam já as emoções das vidas agitadas. Esta separação em que estou do mundo quadra-se bastante com as exigencias do meu espirito. A ideia de ter de voltar um dia a occupar o meu logar na sociedade é que me apparece já sob um aspecto tão estranho, que não posso conformar-me com ella. Não sei o que terá de succeder, mas, se estiver destinado para me demorar mais annos cá n'este mun-

do, muito singular terá de ser a minha vida, porque o anno que está a findar tirou-me a aptidão para viver como vivia até áquella época.

Tenho tentado escrever, para me distrahir. Enfada-me, porém, agora, em pouco tempo, a tarefa que d'antes tanto me entretinha. Isto é mal que se não cura.

Peço-te que me escrevas quando possas. Dá-me parte das resoluções que tomares e de tudo o que te disser respeito, na certeza de que tudo immensamente me interessa.

Disse-me meu primo que estavas meio resolvido a ires viver algum tempo no campo. Quando mais não seja, senão para attenderes á tua saude, acho que farias bem se fosses.

Adeus, meu Passos, não escrevo mais, não só porque estou cançado, mas porque talvez já vá longa de mais esta carta para a justificada impaciencia do teu espirito. Crê-me sempre

Teu amigo do coração

Coelho.

XLIII

Meu caro Passos

Funchal, 19 de janeiro de 1870.

São passados tres mezes depois que estou n'esta terra, onde duas vezes, no decurso de um anno, me tem trazido os caprichos da sorte.

Quero acreditar que a minha saude aproveitou com isso e que só por uma impertinente exigencia de valetudinario é que eu ainda murmuro pelo pouco que obtive. Tenho diante de mim tres ou quatro mezes mais, para me saturar bem da monotonia d'este viver e habilitar-me até a achar o Porto divertido, quali-

dade que ha muito não tenho o gosto de conhecer-lhe. Por emquanto tenho saudades dos parentes e dos amigos mas não as tenho do Porto. Se me fosse dado escolher, preferia trazer para aqui as pessoas que me são caras a ir eu para ahi viver com ellas.

Que me perdoe o *berço de muralhas* este desapego de filho!

Uma outra coisa pela qual sinto ter esfriado muito em mim o enthusiasmo, é o professorado. A augusta missão offerece-me poucos attractivos, desde que a minha saude não me permitte entregar-me a ella como deve ser. Professor para traduzir compendios e marcar lições a dedo, não tenho vontade de ser. Confesso-te que, se n'essas viravoltas de serviço publico e reformas que por ahi vão, eu podesse aproveitar ensejo para dizer adeus ao Porto e á toga, não o deixava fugir.

Tu, que me parece não te expatriarias com muito maior repugnancia, luctas ainda com certa irresolução que aliás concebo muito bem. Digam o que disserem, não é somente a velhice que é escrava dos habitos; nós todos o somos e em todas as edades. Eu tomaria mais depressa o partido de abandonar o Porto, para sempre, depois de estar já fora d'elle, do que se estivesse vivendo essa vida invariavel e fastidiosa que ahi vivo. Em todo o caso, eu não desespero de te ver cortar por hesitações, principalmente depois que os banhos de mar te obrigarem a mudar de habitos e dérem á vontade aquella especie de tensão elastica, que o monotono viver da cidade parece tirar-lhe.

E eu que farei? Que farei no verão? Que farei no inverno seguinte? Não sei; não posso saber, porque não conto já comigo e portanto não formulo projectos. Veremos. A fallar a verdade eu sou tão inimigo do frio, que me ha-de custar a prescindir na epocha d'elle do beneficio d'esta ilha, onde, devo dizer, apezar do inverno relativamente desfavoravel que tem feito este

anno, ainda não senti coisa que em Portugal merecesse o nome de frio. Ponho-me á janella todas as manhãs logo que me levanto, e, depois de almoçar, saio fora e vou com a roupa que ahi trouxe no verão. Mas quem sabe os humores com que eu estarei em outubro futuro?

. . . .

Deixa-me dizer-te que tenho escripto alguma coisa. Disse ha pouco, em uma carta que escrevi ao Nogueira Lima, que era esse o unico vicio que tinha. E é assim. Ha poucos momentos de mais felicidade para mim hoje, do que aquelles em que me absorve a attenção a composição d'um romance. Consigo ás vezes ver tão distinctos os personagens que creei, que parece-me chegar quasi a convencer-me de que elles existem. E com essa gente dou-me tão bem!

Francamente te confesso que o prazer que me causam os applausos do publico, apezar de não ter a pretenciosa vaidade de dizer que me são indifferentes, é inferior a este de que te fallo. Para mim o dia em que principio a perder o interesse por a gente que figura nos meus livros é aquelle em que os entrego ao publico. Havia de succeder-me o mesmo se educasse uma filha. Procuraria casal-a bem, mas o dia do casamento seria para mim o de um cruel desprestigio.

Tenho algumas esperanças, se não tiver por ahi alguma macacôa, de voltar ao Porto com um novo livro em bom andamento.

Alguma coisa ha de fazer quem nada faz. Agora deixa-me fallar-te de alguns amigos. Que é feito do Teixeira Pinto? Escrevi-lhe d'aqui, não me deu resposta. Paciencia. Ao Luso não escrevo porque não precisa d'isso para ter noticias minhas e porque sei, por experiencia, que não fazia jus a uma carta d'elle. Ora para escrever sem recompensa é que eu não estou, porque ás vezes ha correios em que eu envio doze e treze cartas e isso sempre tira tempo e cansa. Peço-te

por isso que me faças lembrado d'este e do Silva. Já estive para escrever a este, mas lembrei-me de que talvez a carta o vá encontrar em occasião de affazeres e lhe dê trabalho para responder-me. Recommenda-me tambem ao Albuquerque, de quem não tenho tido noticias.

E tu, sempre que possas, escreve-me, porque sabes já que poucas são as cartas que espero mais anciosamente e que leio com maior prazer. Dezesete ou desoito annos de inalteravel amizade dão-me direito a pedir que me dediques alguns momentos, escrevendo-me, sem que forces o humor em que estiveres. Escreve-me como sentires.

Teu velho amigo do coração

Joaquim G. Gomes Coelho.

XLIV

Funchal, 20 de fevereiro de 1870.

Meu caro Passos

Escrevo-te debaixo de impressões pouco agradaveis. Desde o dia 9 em que recebi a correspondencia do Porto, até hoje, conspiraram-se variadas circumstancias para me levarem o espirito áquelle grau de melancholia já de ha muito meu conhecido. A noticia do fallecimento de minha tia abriu este triste periodo, que não sei quando acabará. Não podia ser indifferente áquelle acontecimento, apezar de esperado. Quando não bastasse uma convivencia de muitos annos para me fazer sentir a falta d'aquella pobre senhora, a lem-

brança de que, ha justamente um anno, eu a via de dia e de noite ao lado do meu leito, como incansavel enfermeira, mal pensando em que mais cedo seria victima do que o doente que desveladamente tractava, essa lembrança não podia deixar de despertar-me as mais vivas saudades. Ha em todas as familias umas modestas creaturas que vivem uma existencia obscura no interior das casas e em que nós mal pensamos, quando temos saude e andamos distrahidos por os nossos projectos, mais ou menos ambiciosos, ou sob o dominio de paixões, mais ou menos ardentes. São essas porém aquellas com quem afinal nos achamos, quando cahimos doentes e sentimos que, um por um, nos abandonam aquelles projectos e se amortece o ardor d'aquellas paixões. Os beneficios que então se recebem d'ellas são de tal ordem, que seria uma ingradão esquece-las, quando de novo volta a epocha de podermos prescindir d'elles. Eu, pela minha parte, não os esqueço, porque ainda não perdi de vista esse periodo de provação que, mais tarde ou mais cedo, sei que ha de voltar para mim.

A este motivo de verdadeiro pezar, succedeu um outro. Um dos meus companheiros de casa, que partira do Porto no mesmo dia em que eu, e no mesmo dia aqui chegara, hospedando-se na mesma casa, falleceu na madrugada do dia 12, depois de, por muitos dias, nos apresentar o triste quadro de uma lenta destruição. Como deves imaginar, esse acontecimento não pôde ser impunemente presenciado por quem, como eu, tem a imaginação n'aquella grande susceptibilidade que lhe dá a doença. O que é certo é que me tenho sentido peor, a ponto de uma d'estas manhãs ter o desgosto de ver reproduzido um d'aquelles incommodos, que de quando em quando me visitam, aos quaes ainda não pude habituar-me completamente. Acho-me já um pouco melhor, pelo menos physicamente, porquanto o estado do espirito é pouco satisfatorio. O

tempo que ultimamente aqui tem feito concorre para me manter em taes disposições, obrigando-me, por causa da muita chuva, a conservar-me em casa na mais estupida ociosidade.

Como é natural, n'estas longas horas que vou consumindo sem fazer nada, tem-me passado pela ideia os projectos mais extravagantes. Felizmente porém a descrença que tenho de acertar com o melhor caminho n'este labyrintho da vida traz-me em uma irresolução, que me não deixa pôr em pratica nenhum de aquelles projectos.

Fico por aqui porque nada mais te posso dizer, sem correr o risco de não ter papel para escrever tudo o que penso.

Adeus, crê sempre na sincera amizade do

Teu velho amigo do coração

Joaquim G. G. Coelho.

XLV

Meu caro Passos

Funchal, 20 de março de 1870.

Estarás doente? Ha dois correios que não recebo noticias tuas nem directas, nem indirectas. Com taes cores me pintam o inverno que ahi tem feito que eu, sabendo o mal que te dás com os rigores d'essa estação, algumas apprehensões tenho sentido em vista do teu silencio. Espero porém que breve m'as desvaneças. Aqui mesmo na terra privilegiada do tempo ameno, tem sido este anno o inverno inconstante e chuvoso, como em qualquer lugarejo menos bemquisto de Deus. Graças a essas inconstancias apanhei um tre-

mendo defluxo que ha uma semana me apoquenta devéras. Escrevo te hoje constipado, malacafento... Isto no dia em que me passa á porta a procissão dos Passos!

Ahi já o povo soberano elegeu os seus representantes. O padre Ayres não foi feliz no Porto; em compensação, os povos de Tondella sympathisaram com elle. Gostei que elle sahisse... A comedia principia agora. No Porto, o Souza a pedir constituintes, de companhia com o Rocha Pinto; o Guilherme Braga, a dirigir o movimento republicano, o Vieira de Castro a prégar aos peixinhos, fornecem assumptos para operas comicas, que é pena perderem-se. Isto tudo causa nojo. Pois a ultima do Bispo com o Saldanha? Bem pode ir o Bispo cavar pés de burro que para mim já ficou julgado.

Felizmente a litteratura floresce.

O theatro nacional regenerou-se, dizem as gazetas; o T. de V. escreve uma comedia por dia e descobriu o segredo de extrahir um drama d'aquella coisa que elle publicou intitulada *As duas facadas*. O Gaio inventou a comedia allegorica; o Pinheiro Chagas escreveu a *Judia* de que dizem ter o Herculano dito maravilhas, o que não obsta a que o discipulo querido do mestre, escrevendo-me d'ella, lhe chamasse uma *Judiaria*. O Luciano Cordeiro sahiu se com o seu livro de critica no qual se trata de tudo e se chama ao Garrett ignorante e pateta, ou coisa que o valha. Lês-te este volume? Recommendo-te, sobretudo o programma que vem no fim para annunciar o segundo volume da obra. Está soberbo.

. . . .

Adeus, falla-me de ti e recommenda-me ao Luso, Silva, Alburquerque e Nogueira Lima.

Teu velho amigo

Coelho.

INDICE

Cartas particulares:

ERRATA

Na pagina 356, linha 23, onde se lê *privações* deve ler-se *provações*.

AS·PUPILLAS·DO
SENHOR·REITOR
UMA·FAMILIA·INGLEZA
OS·FIDALGOS·DA·CASA
·MOURISCA
A·MORGADINHA·DOS
·CANNAVIAES
SERÕES·DA·PROVINCIA
INEDITOS
POESIAS







